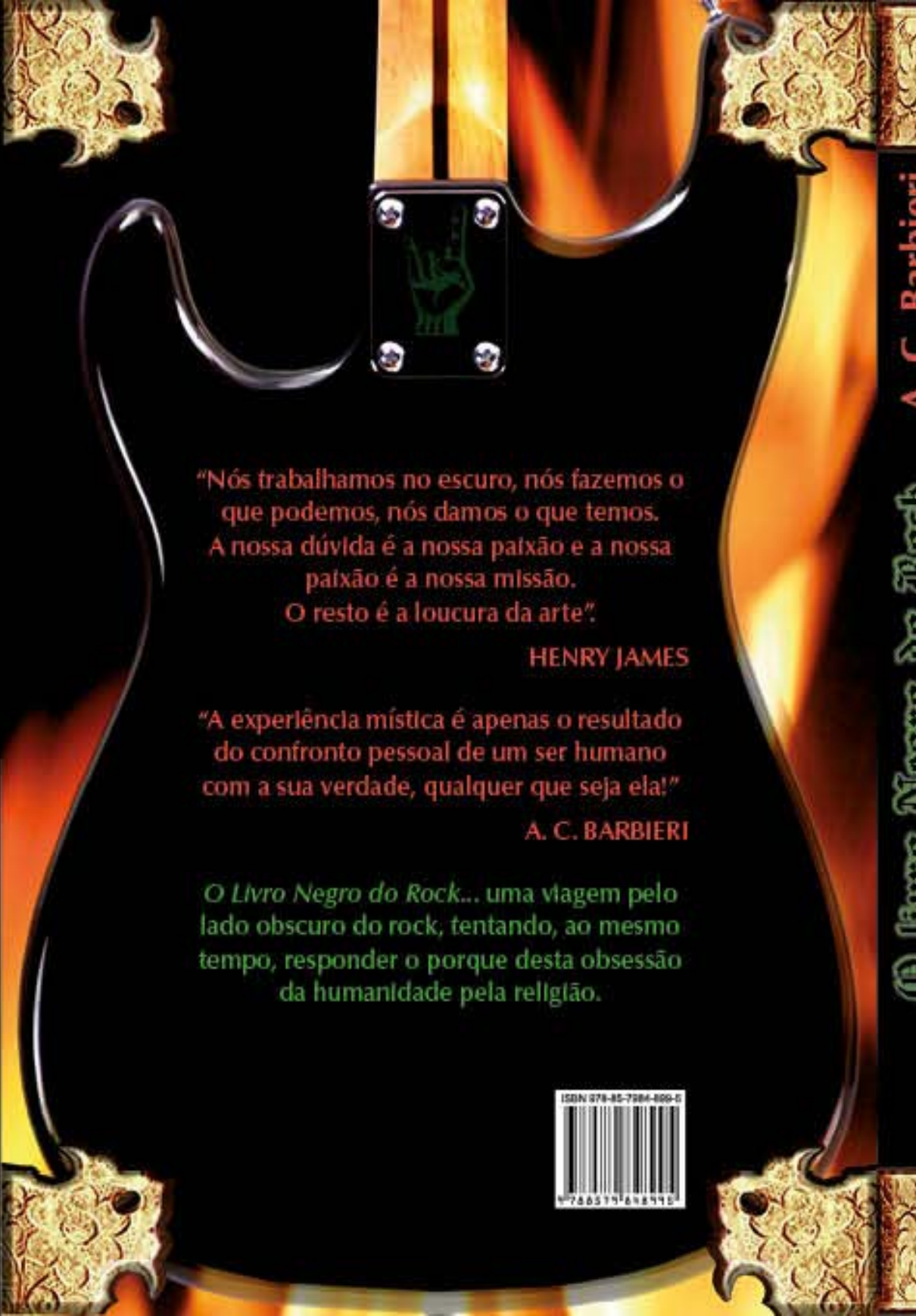


The book cover features a black electric guitar body as the central element. The pickguard is replaced by a detailed illustration of a devil's head with horns and a keyhole for a mouth. The background is a vibrant, swirling flame pattern in shades of orange and yellow. The title is written in a green, gothic-style font with a glowing effect. The author's name is at the bottom in a simple green font. The guitar's headstock and ornate gold-colored fretboard are visible at the top.

Ⓢ Livro
Negro
Do Rock

ANTONIO CELSO BARBIERI



"Nós trabalhamos no escuro, nós fazemos o
que podemos, nós damos o que temos.
A nossa dúvida é a nossa paixão e a nossa
paixão é a nossa missão.
O resto é a loucura da arte".

HENRY JAMES

"A experiência mística é apenas o resultado
do confronto pessoal de um ser humano
com a sua verdade, qualquer que seja ela!"

A. C. BARBIERI

*O Livro Negro do Rock... uma viagem pelo
lado obscuro do rock, tentando, ao mesmo
tempo, responder o porque desta obsessão
da humanidade pela religião.*

ISBN 978-85-7984-809-0



A. C. Barbieri

© 2000 Editora da UFMG

© Livro
Negro do Rock

A. C. Barbieri



Antonio Celso Barbieri

A. C. Barbieri

O livro Negro do Rock

5



“Amor é a lei, amor sob vontade.”.

London | England
Versão Digital 2021

Copyright © 2015 por A. C. Barbieri

O livro negro do rock

A. C. Barbieri

1ª Edição

1ª tiragem – maio de 2015

1ª versão digital – fevereiro de 2021

Coordenação Editorial:

Jefferson Borges

Diagramação:

Cristiano Marques

Capa:

Equipe Livre Expressão

Revisão:

Paloma Nogueira

ISBN 978-85-7984-899-5

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação
Ficha Catalográfica feita na editora

B236l Barbieri, Antonio Celso

O livro negro do rock / Antonio Celso Barbieri . 1 ed. São Paulo :

Rio de Janeiro : Livre Expressão , 2015.

248 p. ; 21 cm (broch.) ; Il. ; Fotos

ISBN 978-85-7984-899-5

CDU 78.01

211.2

235.2

Índice para catálogo sistemático

1. Estética musical 78.01. 2. Sobrenatural 211.2. 3. Diabo 235.2.

4. Rock (gênero musical). 5. História do Rock. 6. Título

Como contatar Antonio Celso Barbieri

E-mail:

- barbieri@2bstar.com
- rock@celsobarbieri.co.uk

Websites:

- www.2bstar.com
- www.celsobarbieri.co.uk

Redes Sociais:

- FaceBook • Twitter • LinkedIn • Instagram • YouTube • SoundCloud



*Para minha querida esposa Andrea pelo seu incentivo,
paciência, amizade, companheirismo e amor.
Sem o seu estímulo nunca teria escrito este livro!*



*Colagem Digital criada para a banda Delinquentes de Saurno
liderada pelo grande Zé Brasil. Arte: A. C. Barbieri*

*“Nós trabalhamos no escuro,
nós fazemos o que podemos,
nós damos o que temos.
A nossa dúvida é a nossa paixão
e a nossa paixão é a nossa missão.
O resto é a loucura da arte.”*

(Henry James)



*Colagem Digital criada para a banda Vulcano
baseada em uma foto que Barbieri
tirou dentro de uma igreja em Londres
Arte: A. C. Barbieri*



Sumário

Introdução	13
Simpatia pelo Diabo	23
Será a Música Malévola?	31
O Intervalo do Demônio	35
As Origens do Oculto no Rock	39
Paganismo, Dionísio e o Diabo	45
Zeitgeist e a Desconstrução do Cristianismo	53
Alquimia: Ciência ou Seita?	67
Eliphas Levi	73
Wicca e a Bruxaria	81
Aleister Crowley	83
Black Sabbath e Ozzy Osborne	89
Led Zeppelin e Jimmy Page	101
Maloik: O Sinal dos Chifres no Heavy Metal	125
Jorge Ben Jor e a Tábua de Esmeralda	135
Raul Seixas e a Sociedade Alternativa	153
Tim Maia e o Universo em Desencanto	179
A História do Black Metal	189
O Brasil e o Black Metal	199
Barbieri e o Oculto	225
O Poder da Palavra	247
O Poder do Ritual	255
Agradecimentos	267



*“Patrulha do Espaço em tempo de pandemia”
Colagem Digital criada para a banda Patrulha do Espaço.
Arte: A. C. Barbieri*

*(clique na foto para ouvir um dos seus álbuns que mais aprecio,
chamado simplesmente “Patrulha”).*



Introdução

*“Ser bom não é ser bobo!
Lembrem-se que até Jesus virou as mesas na frente do templo!”
(um mestre Rosacruciano)*

Este livro foi escrito baseado em entrevistas publicadas na Internet, artigos de jornais, revistas, livros e, também, baseado em minhas memórias acumuladas durante toda uma vida cuja grande parte foi dedicada ao rock brasileiro. Muitos dos meus conceitos, ideias e comentários aqui colocados são resultados de minha própria busca pela verdade.

Escolhi dar a este trabalho o nome *Livro Negro do Rock* não só pelo seu óbvio lado obscuro e metafísico mas, também, referindo-me ao seu lado ovelha negra onde, especificamente no caso do rock brasileiro, este estilo musical, apesar da sua inegável influência na cultura nacional, continua sendo considerado um eterno marginal. Aliás, tenho plena consciência de que o nosso rock sofre de muitas enfermidades, mas acredito que a maior delas é causada pelo desdém e apatia proveniente da grande mídia que, a meu ver, é cega, surda e muda. A imprensa brasileira, infelizmente, peca por omissão.

Como brasileiro nascido dentro de uma crença católica apostólica romana, essa religião esteve sempre, de alguma forma, presente na minha vida. Na cidade de Botucatu no interior de São Paulo, logo depois do meu nascimento, fui batizado, e, para ser batizado, meus pais tiveram que incluir no meu nome um nome de santo. Portanto, meu primeiro nome é Antonio. Mais tarde, já vivendo na capital de São Paulo,

no primário, fui matriculado num colégio de freiras. Lá nesse colégio, não tive escolha, Fiz a Primeira Comunhão. Aos 23 anos, casei-me pela primeira vez. Esse casamento, naturalmente, foi celebrado na igreja. Depois de 3 anos minha filha nasceu. Dessa vez, fui mais democrático. Não a batizei e nem furei a sua orelha. Achei que essas decisões eram muito importantes para serem impostas numa criança.

Nesse período, trabalhava em um banco. Era responsável por todo um andar do prédio onde administrava uns 30 funcionários. Lentamente e de forma irreversível fui chegando à conclusão que não era feliz profissionalmente e nem mesmo no meu casamento.

Então, na busca pela minha verdade, comecei minha revolução particular. Depois de trabalhar 13 anos no banco, fiz um acordo com o mesmo e fui demitido. Desta forma recebi um bom dinheiro. Abri uma loja de discos, mas, no período de um ano, perdi tudo. Pensava estar preparado para enfrentar o mundo lá fora, mas não estava. Muito embora minha primeira esposa não fizesse nenhum comentário negativo, só de olhar para seu rosto sentia a sua crítica que, somada à minha própria autocrítica, tornou a nossa vida conjugal, que já estava difícil, impossível.

Nesse período turbulento, num encontro casual com meu amigo George Romano, fui convidado a fazer uma visita a um encontro da Fraternidade Rosacruziana São Paulo. Segundo George, eu estava sofrendo porque era muito racional e, simplesmente, não acreditava em nada. Minhas razões para aceitar seu convite foram simples: essa ordem não pedia dinheiro nas sessões (doações eram puramente opcionais), como “neófito”, não poderia fazer perguntas por um ano e nem eles me dirigiriam a palavra. Eu só teria que entrar, sentar e escutar uma série de leituras e palestras. A maioria dessas palestras eram feitas pelo mestre principal, um senhor muito idoso que tratava a Bíblia como um livro hermético que só se revela aos iniciados.

Nessa época, a minha situação econômica estava muito ruim, já tinha vendido o carro, sido despejado da minha casa, estava morando de favor no porão da casa da minha mãe e, obviamente, meu casamento estava em fase terminal.

Então, um dia o mestre disse: “Ser bom não é ser bobo! Lembrem-se que até Jesus virou as mesas na frente do templo!”

Lá, numa terça-feira à noite, sentado em silêncio numa pequena sala cheia de gente, essas palavras atingiram-me como um raio e despertaram algo dentro do meu ser.

Ali mesmo, pensei: “Não estou feliz! Casei muito jovem, sem experiência alguma. O meu caminho é inseguro e eu tenho que caminhar sozinho. Só tenho uma vida, quero produzir shows de rock, quero conhecer o mundo, quero viver intensamente, quero ser feliz.”

Sei, fui egocêntrico, seco e cruel, mas, uma vez “acordado”, não havia mais como voltar atrás! Acho importante deixar claro que não estou aqui vendendo minha solução de vida para ninguém! No meu caso, sentia que tinha que colocar-me em primeiro lugar e seguir o meu “destino”. Confesso que minha separação foi muito dura para a minha primeira esposa e, até hoje, afetou minha filha, que na época tinha apenas uns 5 anos. Fui criticado por todos e carregou até hoje o peso dessa decisão.

Certamente, muitos casais, mesmo infelizes, em função dos seus filhos ou também por questões financeiras, ficarão juntos para sempre. Casais que nunca tiveram a coragem de fazer suas revoluções particulares. Obviamente, ninguém é igual e cada um reage de forma diferente aos desafios da vida.

Só posso dizer que, no fundo, sempre busquei intensamente pela minha “verdade”. Entendam que, quando falo “verdade”, estou referindo-me ao entendimento da minha “realidade mental”.

Pela minha experiência, por mais que se queira, a “verdade” será sempre difícil de ser encontrada, e acredito que a metodologia científica é ainda a melhor ferramenta para ser usada nessa busca. Infelizmente, essa “verdade ou realidade absoluta” parece que faz de tudo para não deixar-nos saber quem ela é!

Estamos falando de uma “verdade ou realidade” muito complexa, multifacetada, que, quanto mais nos aprofundamos na busca da sua essência, mais ela nos confunde. Parece-se com uma caixa que dentro dela tem outra e outra e outra até o infinito, sempre nos impedindo de ver o seu conteúdo real.

Então, conforme fui escrevendo este livro, percebi que estava usando o rock, de forma geral, mais como uma desculpa para entender o porquê dessa obsessão dos seres humanos pelo Oculto, pelo sobrenatural e pela religião. Infelizmente, o que encontrei foi apenas “uma cebo-

la” com infinitas cascas, ou níveis. Quando tiramos uma casca, encontramos outra e assim por diante. O que era para ser uma coisa simples e linear, mostrou-se um mosaico, tapeçaria ou colagem formado por um labirinto de ideias.

Portanto, é meu desejo que, depois de lerem todo este material, de uma forma holística, talvez inconsciente, vocês consigam perceber que a experiência mística, na verdade, é uma experiência individual que não tem nada a ver com nenhuma dessas milhares de ordens, seitas, cultos, religiões etc. que existem pelo mundo, e sim, é apenas o resultante do confronto pessoal entre um ser humano e a “verdade”, a sua verdade, a verdade que ele “pensa” que descobriu.

Temos que ser muito cautelosos nessa busca. Eu digo isto porque está claro que, quando uma pessoa “acha” que encontrou a verdade, ela passa por uma transformação. Em muitos casos, essas pessoas que acreditam que foram “tocadas” pela “verdade” acabam mudando radicalmente, perdendo a noção do bom senso, perdendo o respeito pela “verdade” dos outros e até fazendo papéis vergonhosos.

Diante disto, eu mesmo continuamente duvido das minhas próprias descobertas porque, para mim, não existe nada mais trágico do que morrer e descobrir que passei toda a minha vida acreditando numa mentira! O caso do músico Tim Maia e seu envolvimento com a seita Universo em Desencanto foi um caso típico de alguém que pensou que encontrou a verdade e perdeu a cabeça. No final da sua vida, do seu jeito bombástico, ele abandonou tudo, chegando até a envergonhar-se do que fez.

Neste momento as Igrejas Evangélicas estão cheias de devotos bem intencionados que acham que encontraram a “verdade”, mas, na realidade, apenas estão sendo manipulados para o enriquecimento ilícito de seus pastores que não passam de seres humanos corruptos! Percebiam que um ladrão nunca vai pregar a honestidade e, portanto, nunca irá contra a corrupção governamental. Então o governo simplesmente fecha os olhos para o absurdo enriquecimento desses pastores e, esses pastores, em contrapartida, fecham os olhos para a corrupção bilionária governamental — o casamento perfeito!

Quero deixar claro que não escrevi este livro com a intenção de chocar ou ofender ninguém. Infelizmente contra a fé não existe argumento e talvez seja por isso mesmo que o mundo está vivendo este caos absurdo.

Como tudo começou

Dois fatos, aparentemente isolados, levaram-me a escrever sobre este assunto:

1) Uma pesquisa que fazia para levantar a história do rock na cidade de Santos (SP), berço, entre outros, das bandas Vulcano e Santuário, duas bandas importantes da cena roqueira dos anos 80. Aliás, convém lembrar que, mais de 30 anos depois, a banda Vulcano ainda continua ativa, lançando álbuns e fazendo turnês internacionais.

2) Minha busca para levantar mais informações, antes de começar a contar as minhas memórias ligadas ao grande músico Raul Seixas, falecido artista genial e controverso que deixou uma marca indelével na cultura brasileira.

Nessas duas pesquisas, coincidentemente um nome destacou-se: Aleister Crowley.

Quem foi essa pessoa tão controversa a ponto de autointitular-se “A Besta”, e, por isso mesmo, acredito que, erroneamente, tem sido considerado por muitos como um dos grandes propagadores do Satanismo no mundo?

Nas minhas pesquisas subsequentes, logo descobri que este assunto é infinitamente mais complexo do que imaginava.

Entretanto, de uma coisa podem estar certos, todas as grandes religiões nos levam aos continentes árabe, asiático e africano, mas o ocultismo parece mesmo ter suas raízes fincadas na Mesopotâmia e Antigo Egito.

Durante este estudo, o nome do Diabo sempre esteve presente e não pude deixar de perguntar-me:

“Quem ou o que é o Diabo (Demônio, Satã, Lúcifer etc.)?”

Por outro lado, por que o nome “Oculto” está sempre ligado a certas seitas ou grupos de estudo?

É Zhema, um grande estudioso do ocultismo e também o líder e fundador da banda Vulcano, quem explica:

“Satã, Diabo, A Besta etc. simplesmente não existem! Nunca existiram e nunca existirão porque não passam de alegorias criadas pelas religiões judaica, cristã e muçulmana, alegorias estas necessárias para explicar a bondade de um Deus, Cristo ou Alá que se comunica com os homens... Tudo nesse mundo é dual (duas forças opostas), e os opostos

nunca poderão existir um sem o outro!” Ainda segundo Zhema: “Como explicar a existência do tempo se não houver o espaço? Da escuridão sem a luz? Do bem sem o mal?”

A verdade absoluta está acima do bem e do mal e isto explica porque, se Deus existe, esta seja a razão dele tolerar o Diabo. O absoluto não está preocupado com as suas partes e sim com o todo! Entendam que, obviamente, o absoluto também não está interessado em nenhum de nós! Cabe a cada um de nós buscar o nosso próprio caminho, a nossa própria iluminação e assim encontrarmos o absoluto dentro de nós mesmos.

A ideia do Demônio como um rebelde já era bem clara para algumas bandas de rock brasileiras dos anos 80. Por exemplo, em 1985, durante o projeto que organizei no Teatro Sesc Fábrica Pompéia chamado Metal, Rock e Cia., no jornal *Folha da Tarde*, numa matéria escrita pelo jornalista Bruno André e publicada no dia 27 de julho daquele ano, o repórter referindo-se a uma das bandas participantes desse projeto diz:

“A banda Excalibur foi formada em 84 por 4 músicos entre os 22 e 23 anos e se diz influenciada pelos conjuntos “Heavy” ingleses Judas Priest e Iron Maiden. Excalibur se diz inspirar-se, em termos de letras, em textos de poetas malditos do século 19 como Rimbaud, Baudelaire, Lautréamont e Edgar Allan Poe, e suas apresentações acompanham uma concepção teatral baseada nos trabalhos do francês Antonin Artaud. Suas músicas falam de mitologia e da fascinação pela morte e pelo terror em uma realidade sobrenatural.” Excalibur propõem que sua representação do Demônio seja vista como “a de um rebelde que, para libertar-se, luta contra as convenções”. Segundo eles, Lúcifer, em grego, significa: “O portador da luz!”

Conheci muito bem essa banda e sei com certeza que as palavras acima foram proferidas pelo grande Luiz Alberto Machado Cabral, o Beto do Excalibur que mais tarde deixaria a banda para ser substituído pelo baixista e vocalista Anísio Mello Júnior, outro músico tão inteligente e capaz quanto o primeiro.

Na história da humanidade, muitos foram os “inconformistas e rebeldes” que divulgaram a ideia de um “ser” em oposição às religiões dominantes. Por outro lado as religiões dominantes, com destaque no Catolicismo, naturalmente usaram todo o seu poder para estruturar sua própria religião e ao mesmo tempo excluir qualquer tipo de oposição ou texto que oferecesse uma visão diferente da aprovada pelos seus líderes.

A Bíblia, na verdade, é apenas uma coletânea de textos aprovados. Não faz muitos anos, foram encontrados textos creditados a um dos apóstolos que mostra Jesus com uma visão de mundo bem diferente e até pessimista. Num texto ele diz: “Vou botar fogo em tudo e ficar até ver só as cinzas!”. Em outro texto ele diz: “Quem buscar a Terra encontrará só cadáveres!”. Este mesmo apóstolo diz que Jesus dava mais atenção à Maria Madalena do que aos seus apóstolos, e que era muito comum vê-los se beijando na boca. Fica claro que não é intenção dos líderes católicos mostrarem à humanidade Jesus com suas dúvidas, estados de humor e sexualidade. Também sempre foi do interesse deles tirarem o poder da mulher. Portanto nada melhor do que identificá-la com o mal, fazendo-a responsável pelo homem ter sido expulso do paraíso.

Como já disse, por um curto período fui frequentador da Fraternidade Rosacruziana São Paulo. O mestre, já falecido, tinha muita sabedoria e, como disse, acreditava que a Bíblia era um livro hermético cheio de simbolismo que só se abria aos iniciados. Foi assim que ele explicou Adão e Eva:

“Adão e Eva representam o começo da humanidade. No começo o homem primitivo não tinha ideia da natureza. Ele era parte de um todo e não tinha noção disto. Passava os dias buscando comida, colhendo frutas e caçando. Ele formava um todo com a natureza e, como tal, nunca tinha “olhado à sua volta” e parado para pensar. Mas um dia Eva comeu da “fruta do conhecimento”, ela observou a natureza e percebeu que tínhamos um poder sobre ela. Nesse momento, a humanidade não foi expulsa, mas excluiu-se da natureza porque, para observar, você tem que sair do objeto, excluir-se dele, e, assim, nós nos excluímos da natureza a ponto de não termos mais nenhum respeito por ela. Desde então, a humanidade busca voltar para esse paraíso/natureza de onde excluiu-se.”

A realidade é que, quando “despertamos” para uma verdade, mudamos! É como se quiséssemos voltar para o conforto do útero da nossa mãe. Cabe aqui lembrarmos que Eva tanto pode representar o sexo feminino, como o lado sutil e sensível da humanidade. Adão e Eva representam a dualidade em ação!

Assim como Eva, Yoko Ono como parceira de John Lennon foi identificada como a força negativa que destruiu os Beatles. O que Eva e Yoko tiveram em comum? Inteligência!

Não é à toa que a Idade Média ficou conhecida como a Idade das Trevas. A Santa Inquisição, que de santa não tinha nada, destruiu milhares de livros importantes e queimou muita gente na fogueira, a maioria mulheres. A palavra bruxaria virou sinônimo de culto ao Demônio quando, na verdade, bruxos eram na grande maioria curandeiros e curandeiras com profundo conhecimento das ervas e suas propriedades medicinais.

Certamente, a palavra oculto surgiu da necessidade desses sábios antigos, taxados como bruxos, preservarem não só a sua cultura e tradição como também suas próprias vidas. Então, não foi nenhuma surpresa descobrirmos que o nome oculto veio do latim *occultus*, significando clandestino, escondido ou secreto, numa referência clara a um tipo de conhecimento especial. Hoje em dia, de forma genérica, o uso da palavra oculto refere-se ao conhecimento espiritual (ou paranormal) em oposição ao conhecimento analítico ou científico. Esse termo muitas vezes refere-se ao fato de que se trata de um conhecimento reservado apenas para certas pessoas ou um conhecimento que deve ser mantido escondido. Dentro deste contexto, para muitos estudiosos, o termo ocultismo refere-se ao estudo profundo da realidade espiritual que, segundo eles, transcende a ciência e a pura razão. Convém ainda lembrar que os termos exotérico e arcano compartilham com a palavra oculto o mesmo significado.

A meu ver, a busca pela verdade exige, além de coragem, um racionalismo lógico que pede que coloquemos de lado todas as nossas ideias preconcebidas, medos e convenções, para que, com um sentimento de honestidade e justiça, possamos nos colocar acima desta luta sem fim, do bem contra o mal e vice-versa. É só com a superação desse dualismo antagônico que nos cega, que poderemos verdadeiramente enxergar a Verdade Absoluta. Se as pessoas entenderem que Deus, como energia criadora, está acima do bem e do mal, tudo fará sentido.

Acho importante também lembrar que não forneço respostas definitivas e nem ofereço nenhum curso de magia, bruxaria, ocultismo ou o que quer que seja. Acredito que tanto o chamado Paraíso como o Inferno, como um lugar fora da Terra, não existem e, na verdade, estão localizados no nosso planeta, aqui e agora como resultado das nossas próprias ações. Nós somos os únicos responsáveis pelo nosso próprio destino. Acredito realmente no poder da nossa força de vontade, que tudo que desejarmos intensamente, com 100% do nosso

ser, será possível ser alcançado e que, só com o poder da nossa mente, podemos mudar este mundo para melhor ou para pior. Com nossa mente estamos, o tempo todo, construindo a nossa realidade e, portanto, a responsabilidade do que está acontecendo à nossa volta é toda nossa! Para que este mundo avance temos que nos guiar pela ética, respeito mútuo, respeito pelo nosso planeta e todas as formas de vida que ele contém. Simples, não?

Mas, voltando a este livro, solicito-lhes que deixem vossos preconceitos de lado e acompanhem-me nesta jornada exploratória pelo oculto onde tentarei, apenas com o uso do bom senso, sem pretensão, de forma resumida, desenterrar algumas respostas, procurando ajudá-los nas suas próprias buscas a essas questões tão complexas e cheias de tabus.





Colagem Digital intitulada “Colhendo Corações”.
Arte: A. C. Barbieri



Simpatia pelo Diabo

*“Sempre acontece algo meio estranho
toda vez que executamos esta música.”*

(Mick Jagger)

No rock brasileiro, a primeira vez que ouvi uma referência ao demônio foi com a banda Made in Brazil. Aconteceu lá pelo começo dos anos 70 em um grande festival gratuito, ao ar livre no Parque do Ibirapuera, na capital de São Paulo.

Ainda vivíamos a explosão hippie que culminou em 1969 com o *Festival de Woodstock* e, naturalmente, esse festival no Ibirapuera foi um marco histórico para aqueles que tiveram o privilégio de presenciá-lo. O movimento hippie, para muitos jovens dessa época, buscava um novo espiritualismo, uma nova consciência e, para outros, representava uma volta à natureza numa postura tipicamente pagã. De qualquer forma, esse movimento serviria também para abrir os olhos dessa mesma juventude para a cultura milenar do oriente.

Foi dentro deste quadro que a banda Made in Brazil levou para o palco alguns percussionistas de uma escola de samba e, com o lendário Cornélius Lúcifer nos vocais, tocaram um cover da banda Rolling Stones chamado *Sympathy for the Devil* (Simpatia pelo Diabo).



Uma das fotos usadas na promoção do álbum *Beggars Banquet* lançado (1968)

Sympathy for the Devil é a faixa de abertura do álbum *Beggars Banquet* lançado em 1968, e classificada pela Revista *Rolling Stone* em trigésimo segundo lugar entre as 500 grandes canções de todos os tempos!

Esta música é creditada à dupla Mick Jagger e Keith Richards, mas a letra é, na sua maior parte, de autoria de Mick Jagger. O nome inicial para esta música foi “O Diabo é o Meu Nome” e ela é cantada por Mick Jagger na primeira pessoa, do ponto de vista do próprio Lúcifer.

Em 2012, num documentário produzido pela BBC chamado *Crossfire Hurricane*, Jagger disse que sua inspiração saiu de um poema de Baudelaire e também do livro *The Master and Margarita*, do autor russo Mikhail Bulgakov. A tradução inglesa desse livro foi lançada em 1967 e, na época, uma cópia do mesmo foi dada para Jagger pela sua protegida Marianne Faithfull. Antes, em 1995, numa entrevista para a revista *Rolling Stone* ele não estava assim tão certo e disse:

“Eu penso que a inspiração veio de uma velha ideia de Baudelaire, mas posso estar errado porque quando busquei nos meus livros de Baudelaire não consegui encontrá-la. Sei que foram ideias de algum escritor francês. Eu só peguei umas duas linhas e expandi a coisa. Escrevi numa linha meio Bob Dylan e foi Keith Richards que sugeriu

mudar o tempo e usar adicional percussão transformando aquela canção folk num samba.”

Acho que, quando Jagger diz “samba”, na verdade está se referindo a uma “batucada”. Então, suportado por um arranjo de rock com forte percussão, o narrador (Lúcifer), narcisisticamente, reconta sua atuação maligna durante o curso da história humana e avisa o ouvinte:

“Se eu encontrar-me com você, tenha cortesia, mostre alguma simpatia, algum bom gosto e use toda a sua bem aprendida polidez, ou levarei a sua alma.”

Numa entrevista para a *Rolling Stone*, Jagger disse:

“(...) é uma grande figura histórica! Então, trata-se de um tremendo e longo caminho que ele fez, como foi personificado nesta peça.”

Quando o álbum *Beggars Banquet* foi lançado, os Stones já tinham tido alguns problemas com sexo nas letras das suas músicas, como aconteceu no caso da música *Let's Spend the Night Together* e também por alegações de mexerem com satanismo, uma vez que seu álbum anterior, muito embora não tivesse nenhuma referência direta a Satã, chamou-se *Their Satanic Majesties Request*. Então, com a música *Sympathy for the Devil*, essas preocupações da imprensa com satanismo vieram à tona com força total, provocando rumores e receios, no meio de grupos religiosos, de que os Stones eram um bando de influentes adoradores do Diabo capazes de corromper a juventude.

Ainda na entrevista para a revista *Rolling Stone* Mick Jagger diz:

“Trata-se de um ritmo bem hipnótico, um samba com um poder contagiante tremendo, como se fosse uma boa música para dançar. Ela não aumenta ou diminui a velocidade. Tem um ritmo constante. Depois, a verdade é que o ritmo do samba é bom para cantar junto, mas também existem nele outras sugestões pelo fato de tratar-se de um ritmo primitivo. Ele é tão primitivo como o ritmo africano, sul-americano, afro-sul-americano ou o que você quiser chamar, tipo ‘candomblé’. Então, para o homem branco, pode parecer que exista alguma coisa bem sinistra nisto. Mas, esquecendo-se de suas cores culturais, foi um veículo muito bom para produzirmos uma música poderosa.”

A banda nega veementemente que tenha sido a música *Sympathy for the Devil* que estava sendo tocada na frente do palco do *Altmont Free Festival* quando um jovem negro foi assassinado. Aparentemente a

revista *Rolling Stone*, na sua matéria, cometeu um equívoco e noticiou erroneamente, pois, no momento do crime, a música que estava sendo tocada era *Under My Thumb*. Nesse show, *Sympathy for the Devil* já tinha sido tocada antes. Aliás, ela teve que ser interrompida no meio por causa de uma briga. É Mick Jagger quem comenta:

“Sempre acontece algo meio estranho toda vez que executamos esta música.”

Nessa discussão toda, é Keith Richards com seu humor bombástico quem não deixa por menos e declara:

“Eu, Lúcifer? Todo mundo é Lúcifer!”

A música *Sympathy for the Devil* só foi salva de tanta controvérsia porque o single do álbum *Street Fighting Man*, que foi lançado logo depois, criou ainda mais alvoroço em razão dos conflitos raciais e protestos de estudantes que aconteciam, nesse mesmo período, nas maiores cidades europeias e norte-americanas.



Cornélius Lúcifer faleceu no dia 18 de julho de 2013 e, na verdade, foi sempre uma pessoa boa, pacífica e muito profissional. Na minha opinião, Cornélius é uma lenda e será sempre um dos melhores vocalistas brasileiros de rock de todos os tempos!

Mas, voltando ao Parque do Ibirapuera, no comecinho dos anos 70, debaixo de um governo militar e conservador, a presença no palco do já falecido Cornélius Lúcifer, um ser andrógino, irreverente, provocador e por que não dizer maldito, mais parecendo um travesti perigoso, causou-me um choque. Pensei: “Esses caras estão brincando com fogo!”. Essa apresentação parecia bater de frente com o governo que, por sua vez, procurava associar a imagem dos comunistas (e de qualquer oposição) com a imagem do próprio Diabo. Era incrível perceber como essa banda tinha, ao mesmo tempo, esse poder de atrair e repelir. Nos seus shows, sempre havia uma tensão no palco. Com o Made, não havia meio termo, ou o público amava ou odiava.

O Made não escondia que era influenciado pelos Rolling Stones. E os Rolling Stones obviamente sempre apontavam para os seus opostos, os Beatles. Era a dualidade em ação, as duas faces da mesma moeda do rock. Os Stones representando o mal através da rebeldia e oposição aos valores da geração anterior e os Beatles, quase sempre, representando o bem através da conformidade.

Levou algum tempo para que eu entendesse que tanto um grupo como o outro eram extremamente importantes para o rock, e que uma banda nunca realmente poderia ter existido sem a outra. Elas eram parte de um processo.



Banda Peso. Capa do álbum Em Busca do Tempo Perdido.

Em 1975, outra banda brasileira importante do período, chamada Peso (também conhecida como O Peso), lançava no Rio de Janeiro o álbum *Em Busca do Tempo Perdido*. Na sétima faixa desse LP encontra-se a música chamada *Lúcifer*:

Lúcifer

(Peso - Em Busca Do Tempo Perdido)

*Estou no mundo
Mas minha alma está longe daqui
Eu venho do fundo da terra
Mas mesmo assim
Pode deixar comigo
Que eu me encarrego da tua felicidade
Eu vou tirar tuas mágoas
Em troca quero tua alma
Vou espalhar pela água
Água preta do fundo do mar*

*A vida é curta
Mas curta é para curtir
Você irá longe
Mas longe perto de mim
Pode deixar comigo
Que eu tomo conta
De todos os meus amigos
Lúcifer reina no mundo
Lúcifer reina no fundo
Do coração de todos vocês.*

Considero esta letra muito corajosa, principalmente se levarmos em conta que, nesse período, o Brasil era controlado com mão de ferro pelos militares, sendo toda forma de comunicação censurada. Como num pesadelo, posso muito bem imaginar um general discursando a letra desta música para toda a nação! Os militares prometiam segurança em troca da nossa liberdade da mesma forma que Lúcifer prometia o prazer em troca da nossa alma.

Só por uma questão de justiça, quero lembrar que Roberto Carlos, muito antes, já tinha feito muito sucesso com a música *Quero Que Vá Tudo para o Inferno*, mas, apesar do uso da palavra “inferno”, a letra desta música era muito inocente e, assim como outro sucesso seu

chamado *É Proibido Fumar*”, sua aparente rebeldia não representava nenhum perigo sério ao status quo vigente. A música de Roberto Carlos foi apenas uma forma calculada e “permitida” de escapismo para a juventude da época.

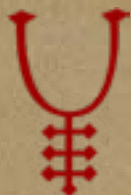
Mas, quando falamos sobre o inferno, o Diabo é a primeira coisa que nos vem à mente. Certamente muita gente já ouviu a afirmação de que “O Diabo é o pai do rock”. Será mesmo?

Muitas vezes perguntei-me: “Será que esse Diabo que dizem que é o pai do rock é a mesma entidade malévola mencionada na Bíblia?”. Se não é, então do que estão falando?





*Colagem Digital intitulada "Arlequim Caracol."
Arte: A. C. Barbieri*



Será a Música Maléuola?

*“Os sábios reuniram-se e descobriram que
todos os ensinamentos são iguais.”*

(Banda Steppenwolf)

Se você estudar música, perceberá que ela é formada essencialmente por dois elementos: o ritmo e a harmonia.

Recordo-me que, lá pelo começo dos anos 80, fui atraído pela música dos chamados compositores Minimalistas nas figuras de Terry Riley, Steve Reich, Phillip Glass e vários outros artistas. Na época, uma coisa que me chamou muito a atenção foi o fato de que Steve Reich e Phillip Glass tenham sido bateristas e pesquisado na África as origens do ritmo. Curiosamente, mais tarde, bateristas como o temperamental e genial Ginger Baker (Cream) e o virtuoso Stewart Copeland (The Police) também buscariam na África as origens do ritmo.

De forma mais humilde, em vez de ir para a África fui para a biblioteca, e descobri que, acredita-se, como era de se esperar, que o ritmo surgiu primeiramente no continente africano, e bem antes da harmonia.

Temos que entender que apenas um único som percussivo não constitui realmente um ritmo. O ritmo implica na repetição de um som a intervalos regulares. Certamente o primeiro ritmo que o homem primitivo ouviu foi o das batidas do coração humano. Não demorou muito para ele perceber que quando o coração parava de bater a vida acabava. Portanto esse ritmo lhe deve ter parecido mágico. No seu próprio corpo, descobriu o ritmo da sua respiração, a repetição do som dos seus pró-

prios passos e certamente as mulheres logo perceberam que seus ciclos menstruais aconteciam a intervalos regulares. Esses homens primitivos logo descobriram outros ritmos, todos vindos da natureza: o ritmo do dia e da noite, das fases da lua, do ano e as suas quatro estações, do som do canto dos pássaros etc.

O ritmo tem embutido nele a repetição e a repetição permite que o cérebro faça a previsão do que está por vir. Quer dizer, depois de ouvirmos um “ta ta tum, ta ta tum, ta ta tum”, não fica difícil adivinhar o que virá depois de “ta ta”, não é mesmo?

Dos ritmos da natureza, sem dúvida o mais importante deles é o “da vida e da morte”. Vida/morte, e o que vem depois? A meu ver, essa pergunta filosófica existencial é o embrião de todas as religiões e seitas.

O ser humano desde que nasce é agredido com essa noção da inevitabilidade da morte. É trágico, mas já somos condenados à morte quando nascemos. Apenas não sabemos exatamente quando isso irá acontecer. Portanto é bem normal imaginar que milhares e milhares de pessoas passaram e ainda passam grande parte de suas existências tentando explicar esse mistério insolúvel. De uma coisa podem estar certos: todos reconhecem a importância da dualidade, da existência de forças opostas em conflito e do lado cíclico das coisas. A vida pulsa e o Universo, a nível subatômico, também.

Acredita-se que os primeiros ritmos criados pelos homens foram tentativas de copiar as batidas, o ritmo do coração humano ou talvez o ritmo do barulho da chuva, da água em movimento nos riachos e rios etc.

Quanto mais gente unida, mais forte é o grupo. Então, o homem primitivo agrupou-se em torno da sua família e mais tarde do seu clã ou tribo. Caçar em grupo e dividir a caça mostrou-se mais eficaz. Assim como dividir as tarefas, com a mulher cuidando dos filhos, da casa e do preparo da comida e o homem responsável por sair e trazer o alimento. Certamente esses homens tiveram muito tempo para olhar para o céu e maravilhar-se com as estrelas. Imaginem só como deveria ser lindo o céu dos nossos primeiros ancestrais sem a poluição dos dias de hoje. Daí para agrupar as estrelas em constelações e associá-las a vários Deuses, cada um controlando uma parte ou força da natureza, foi um pequeno passo óbvio. Maravilha-me pensar nos primeiros *Homo sapiens* curiosos tentando interpretar e dar sentido à sua realidade. Eu, como descendente desses homens, ainda sinto essa mesma curiosidade e ima-

gino que essa necessidade de respostas deve estar programada no meu próprio código genético (DNA).

Costumo dizer que, se Deus existe, a maior crueldade que ele poderia ter feito foi nos dar este cérebro privilegiado para questionarmos o Universo em que vivemos, a nossa realidade e, ao mesmo tempo, impedir-nos de responder as perguntas centrais da filosofia ocidental que, durante vários períodos da história, foram evoluindo. Em diferentes períodos, as perguntas principais foram: “Qual é a natureza da realidade?”, “O que é conhecimento?”, “O que é Deus?” etc. Acredito que hoje em dia a grande pergunta seja “o que é a mente?”.

Por que este interesse na mente? A natureza do “conhecimento” e a natureza da “mente” estão intimamente ligadas e, acredita-se que, se conseguirmos entender a natureza do “conhecimento”, passaremos também a entender a natureza da “mente”. A história da filosofia ocidental está cheia de estudos e pesquisas não conclusivas sobre a natureza da realidade e do conhecimento e, sendo assim, talvez uma mudança no nosso foco de atenção seja necessária e, quem sabe, esta seja justamente a razão por que a pergunta do momento seja “o que é a mente?”.

Imaginemos que, apenas começando nossas perguntas com “o que é...”, nós tivéssemos conseguido responder todas as questões acima satisfatoriamente. Ainda assim, ficaríamos com uma pergunta sem resposta: “Por quê?”.

“Por que” é que tudo isso existe? (incluindo esta pergunta) Em princípio um “o que é...?” geraria sempre um “por quê?” num infinito círculo vicioso. Mas lembre-se que, neste contexto, assumimos que já temos todas as respostas ao “o que é” e, portanto, no final das contas, “por que” refere-se ao total de uma “realidade relativa”, esta realidade que vivemos. “Por que” é que ela existe?

Já foi aceito por muitos que um, apenas um “absoluto” existe, independentemente da existência da realidade relativa e que tudo que sabemos sobre o “absoluto” é que ele existe e é absoluto, imutável, fora da nossa noção espaço temporal etc. Não é um “o que é” que não pode ser descrito em nenhum termo relativo, e sim, seria a pura “existência” da qual depende a “realidade relativa” para existir. Eu sei, é complicado, mas entenda que é o “absoluto” que cria o “o que é...”.

Então a questão filosófica mais importante do momento seria: “O que é que o “absoluto” cria?”. Essa é a pergunta para qual nunca conseguiremos ter uma resposta!

Mas, voltando ao homem primitivo, ele, na sua busca por entender a sua realidade relativa, entendeu que o som do ritmo, para ele, era a “voz da natureza”. Então, para poder comunicar-se com ela, copiou o seu ritmo, aprendeu a falar a mesma língua, a língua da percussão. Com essa língua mágica, puderam agradecer pela boa colheita, puderam pedir por chuva, por sucesso num confronto com outro clã ou tribo, puderam se despedir de um ente querido que faleceu etc.

Apesar da complexidade das ideias que acabei de colocar, acho importante salientar que o passado e o presente estão aqui conosco. Carregamos a mesma sede de conhecimento dos nossos antepassados. Sem essa eterna busca pelo conhecimento não teríamos conseguido chegar até onde chegamos!

A pergunta que iniciou este capítulo foi: Será a música malévola? A resposta é: Depende da sociedade a que ela pertence ou pertenceu. Talvez para o homem primitivo, sendo a música a voz da natureza e uma forma de contato com os Deuses, certamente a música deve ter exercido um papel mágico e cerimonial muito importante (como acontece ainda hoje em algumas seitas ou religiões) e, portanto, não deveria ser usada levianamente e apenas em circunstâncias especiais.



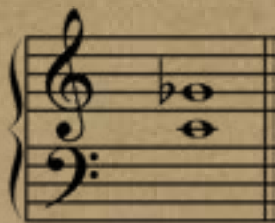


⓪ Intervalo do Demônio

*“Lúcifer prefere as forças da natureza do que as
imposições morais das religiões oficiais.
Ele tem um espírito livre e está mais para sexo, drogas e rock’n’roll!”*
(A. C. Barbieri)

O Diabo na Música (*Diabolus in Musica*) é o nome do misterioso acorde chamado Tríade ou Trítano (*tritonus*), um intervalo de quarta aumentada ou quinta diminuída (também chamados de Trítano de 4ª e Trítano de 5ª) que podem caminhar por 3 tons inteiros. Uma 4ª aumentada (IV+) e 5ª diminuta (V°) são resultados harmônicos para o Trítano. Esses dois intervalos têm o mesmo som, mas são escritos de forma diversa (mais ou menos o que acontece com o nome de algumas notas musicais que podem ser “bemol” ou “sustenido”, dependendo do ponto de vista). É Enny Parejo a responsável por, lá pelo começo dos anos 80, iniciar-me ao piano, quem explica:

“A 4ª aumentada mede três tons e é um Trítano; a 5ª diminuta também mede 3 tons e é igualmente um Trítano. De fato, são intervalos rigorosamente iguais no sistema temperado (mesmo som e que, sim, são escritos de formas diferentes); o que pode diferenciá-los é o seu significado musical dentro de uma estrutura tonal. A definição acima está absolutamente correta, não há o que mudar. O problema é que entender isso não é fácil, trata-se de uma questão teórica da música que refere-se à qualificação dos intervalos. É sempre mais fácil entender este conceito na prática, na frente do teclado, mas, em si só, trata-se de uma grande abstração.” (Enny Parejo, via e-mail, 2014)



O intervalo tão misterioso!

É David Cherubim, um guitarrista, vocalista e compositor de Los Angeles, responsável pela publicação de diversos livros sobre o Oculto incluindo vários sobre Aleister Crowley quem explica o lado exotérico da coisa:

“Em tempos medievais, o Trítono, devido à sua extrema dissonância, foi rejeitado pela Igreja como sendo o intervalo da Santa Trindade e acabou, no final, tornando-se o intervalo do próprio Diabo. Portanto, foi banido da própria Igreja. A Igreja, para evitar que a Tríade fosse usada, chegou ao ponto de sugerir que seu uso chamaria a presença do Diabo fazendo com que muitas superstições diabólicas fossem associadas com o uso deste intervalo na música.”

“Trata-se de um intervalo (a distância em tom entre duas notas) estranho, extremamente tenso por natureza. Ele é o som mais dissonante numa escala. Por isso, foi chamado a dissonância das dissonâncias e, justamente por isto, evitado na teoria da música medieval.”

“Felizmente, hoje em dia, reconhecemos o Trítono (4ª aumentada) como um intervalo muito útil na música. Com a emergência no Século XX do Hard Rock e Heavy Metal, o Trítono deixou sua marca significativa, conjurando o Oculto e mostrando a secreta parte da nossa alma. No esoterismo, Oculto significa “secreto” ou “escondido”, como o espírito ou a alma que os olhos humanos não podem ver, mas que, mesmo assim, são fatos da vida.”

“O Trítono é formado por três tons inteiros (três degraus inteiros acima da raiz da nota), que como já disse era associado pela Igreja com a Santa Trindade e, quando este conceito não funcionou, o Trítono passou a ser associado com o Diabo, que também era associado pela Igreja com o número três (não esqueçamos da Trindade Demoníaca e do Número do Diabo que é feito usando três números 6). Cabalisticamente falando, o Diabo está ligado à terceira Sefhira da Árvore da Vida do Cabala, uma doutrina relacionada ao Judaísmo, chamada Binah (Entendimento) através dos seus deuses Pan, Set e Saturno (Satã), que são formas do Demônio. Então, Binah é a Sefhira de Saturno na Árvore da Vida no

Cabala e, nos tempos medievais, o próprio Trítono tornou-se associado com o planeta Saturno que era considerado o planeta do Diabo.”

“Perceba também que 3 tons inteiros representam 6 semitons, e 6 é outro número que, através do número 666, ficou para sempre associado com a misteriosa figura do Diabo, que também é o número mágico do Sol. Ao contrário do que o povo pensa, não existe nada diabólico com o número 666 ou o Hexagrama (estrela de seis pontas).”

“Na mágica, o Diabo representa o Grande Mistério que nós, sem medo, temos que entender e transcender. O Diabo na Mágica (Magick) não é a figura diabólica da Cristandade, mas sim algo acima desta noção ignorante. Na verdade, quando visto num plano superior de pensamento, ele representa a completa liberdade. Tanto psicologicamente quanto espiritualmente, ter medo do Diabo e evitar o Grande Mistério é restringirmos nossa própria natureza e limitar a nossa própria liberdade. É a mesma coisa que um músico evitar o uso do Trítono restringindo ele mesmo como músico a explorar os limites da sua própria capacidade de expressão artística. Então, o Trítono é realmente a Música do Diabo e, quando incorporada numa peça musical, acrescenta uma tensão espiritual e um som com uma qualidade misteriosa que nunca poderia ser conseguida de outra forma.”

“Assim como o Diabo que representa a metade da natureza do homem, a Tríade é a metade de uma oitava, dividindo a escala em duas partes iguais. É o Som Saturniano que conjura os aspectos ocultos de todo homem e toda mulher, ou então, desta parte mais secreta da nossa alma que não pode ser vista com os olhos; nossa natureza primal!” (David Cherubim, 2004)

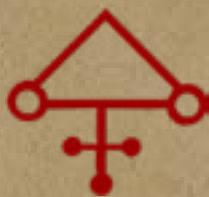
Bom, depois dessa aula dada por David Cherubim, fiquei com a impressão de que Ozzy e sua turma não entenderam muito bem a mensagem ou estão propositadamente espalhando informação errada para vender mais discos. Só posso dizer que, de agora em diante, toda vez que vir ou ouvir algo da banda Delinquentes de Saturno, banda do meu amigo Zé Brasil, não conseguirei evitar “ver” a conotação mística que esse nome esconde.



BARBIERI TAMBÉM É COMPOSITOR!



Não é muita gente que sabe, mas A. C. Barbieri, entre as suas muitas atividades, já vem fazendo música à mais de 30 anos! Com mais de uma dezena de álbuns lançados, alguns no formato CD e outros apenas online, sua música espelha seus múltiplos interesses musicais e basicamente caminha do rock ao clássico. Seus últimos trabalhos podem ser classificados de “progressivos” com uma grande influência de música clássica. De qualquer forma, a música de Barbieri não busca o comercialismo e nem procura agradar algum tipo de público em particular. Para ele, a sua música é apenas o resultado de sua contínua busca para entender o seu universo interior! Entretanto, ele garante o bom gosto na escolha dos timbres e uma excelente qualidade de gravação. Os seus dois últimos álbuns STRANGE ANGEL e MUSIC FROM THE HEART estão com distribuição mundial pela empresa TUNECORE e já podem ser encontrados na forma digital, nas melhores plataformas mundiais incluindo Apple, Amazon, Spotify, YouTube, etc. Cliquem acima, na arte da capa, para escuta-lo!



As Origens do Oculto no Rock

*“Eles devem achar difícil...
Aqueles que confundiram a autoridade pela verdade,
em vez da verdade pela autoridade.”*

(Gerald Massey, egiptólogo)

Desde o seu início, o rock tem sido associado com o ocultismo, e isso aconteceu tanto na realidade como também nas mentes daqueles que controlam a sociedade. Estas duas relações, realidade versus sociedade, muitas vezes foram bem diferentes, mas ambas influenciaram a música produzida, assim como essa mesma sociedade em torno dela.

O estudo da influência que o ocultismo tem no rock é dificultada pelo fato de que tanto o oculto como o rock têm definições nebulosas que variam de uma pessoa para outra. Para os fins deste livro, o rock de uma determinada época vai representar os gêneros de música popular ligados à cultura dos jovens de um dado período de tempo, e ocultismo irá representar a crença ou o uso de quaisquer entidades ou influências sobrenaturais. Assim, a música psicodélica é uma faceta do rock do final dos anos sessenta e início dos anos setenta, e o punk é uma faceta do rock do final dos anos setenta e início dos anos oitenta. Além disso, a crença no destino, no diabo, ou adivinhação, todos apontam para o ocultismo.

As origens do rock'n'roll podem ser encontradas na música tribal africana. Essa música foi originalmente parte do ritual de adoração de uma grande variedade de deuses tribais. Como o ato de adoração a deuses pagãos era geralmente visto com desagrado pelos brancos dominantes, os escravos trazidos para o Novo Mundo rapidamente transformaram a ancestral música ritual tribal em formas mais aceitáveis como, por exemplo, a música das igrejas e o blues. Estes novos tipos de música,

mais tarde, foram combinados e alterados pela influência da música cerimonial Vodou e da música popular do branco, acabando-se por tornarem-se o rock'n'roll.

Desde o início de sua popularidade, o rock'n'roll foi acusado pela sociedade de ser “a música do diabo”. Teria sido muito mais preciso se tivessem rotulado essa música como sendo “a música do Damballah-Wedo” (1) porque, nesse momento no tempo, o culto a esse deus Vodou já tinha tido muito maior impacto no rock do que a adoração ao diabo.

Ao longo dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, conforme o rock'n'roll foi ficando importante e dominando o mundo, a influência do Oculto sobre ele diminuiu. O rock'n'roll ainda era jovem, e durante esse período estabeleceu uma posição mais firme. Era necessário criar bases bem sólidas para poder sobreviver aos próximos anos.

Os anos sessenta foi um período de grande agitação nos Estados Unidos. A cultura jovem procurou um modo de vida diferente, e encontrou-a na maconha e nas drogas recentemente desenvolvidas, como foi o caso do ácido lisérgico, LSD. Cientificamente, essas drogas ainda não eram totalmente compreendidas e era comum acreditar-se que elas poderiam expandir a consciência humana e fornecer a seus usuários experiências místicas que pudessem aumentar a sua compreensão e conhecimento. Muitos dos primeiros experimentadores do LSD (principalmente Timothy Leary) consideravam a droga como um presente para a humanidade. Certamente um presente discutível!

Independentemente de sua origem, o LSD teve um efeito importante sobre o rock. O som e o conteúdo das músicas mudaram visivelmente como resultado do uso do LSD como força criativa por trás do rock que, por sua vez, tornou-se carregado com a força de imagens místicas supostamente geradas pelos alucinógenos, dando origem ao Rock Psicodélico.

Esse movimento em direção à utilização alucinógena teve suas raízes tanto nos próprios músicos como nos empresários dedicados ao rock. Por exemplo, um dos maiores produtores de LSD (uma figura sombria que ainda é conhecida apenas como Owsley), em uma deliberada campanha para promover a ideia de expansão da consciência através do uso de LSD, patrocinou a banda The Grateful Dead.

Com o uso generalizado de LSD e outras drogas alucinógenas veio um novo interesse pelas religiões orientais, particularmente o Hinduísmo e o Budismo Zen. Esse interesse não só causou mudanças percep-

tíveis no que estava sendo tocado, como, numa pequena medida, causou também uma mudança nos instrumentos sendo tocados. Enquanto aprendia sobre o pensamento religioso oriental, George Harrison “descobriu” o citar indiano e como resultado a canção *Within You Without You* foi lançada no álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* da sua banda The Beatles. Também é interessante notar que a capa deste álbum contém fotos de alguns gurus indianos, bem como Aleister Crowley, o grande e controverso mago e mestre Ocultista.

O crescimento da música psicodélica foi bem complementada com o desenvolvimento do sintetizador Moog, um instrumento capaz de fazer sons verdadeiramente bizarros que eram, aparentemente, a coisa certa para ouvir quando o ouvinte estava fazendo uma “viagem” alucinógena induzida para expansão da consciência.

Canções como a música *Daily Nightly* dos Monkees, onde usam o Moog para invocar imagens confusas, parecem ter sido criadas para alguém que deseja estar num estado alterado de consciência:

*Perdido em sonhos cheios de cenas esfumaçadas,
Encontro perguntas, mas não respostas.
Faíscas vão subir e, por vezes, ver
Um esplendor fantasmagórico.*

Foi também durante esse período que uma das maiores preocupações da sociedade tornou-se uma realidade.

Quando Mick Jagger, o vocalista dos Rolling Stones, escreveu a canção *Sympathy for the Devil*, o Satanismo teve seu primeiro grande efeito sobre o rock.

À medida que os anos setenta tomaram conta, pareceu existir uma infinidade de pequenas influências ocultas, e uma influência dominante: a unidade da religião. Ou seja, o conceito de que todos os ensinamentos religiosos são apenas maneiras diferentes de expressarmos essencialmente as mesmas ideias. Bandas e artistas de rock tão diversos como Steppenwolf e Cat Stevens produziram músicas com letras refletindo isso. A música *Spiritual Fantasy* (Fantasia Espiritual) da banda Steppenwolf diz:

(...) os sábios reuniram-se e descobriram que todos os ensinamentos são iguais.

A canção de Stevens Cat chamada *Jesus* equipara os ensinamentos de Jesus com o de Gautama Buda.

Havia outras influências também. A ideia de um “Deus da Natureza” é uma delas. O flautista mencionado na música *Stairway to Heaven* da banda Led Zeppelin refere-se provavelmente a um Deus desse tipo.

O uso de criaturas sobrenaturais foi outra influência, como podemos encontrar na canção *Roland the Headless Thompson Gunner* escrita por Warren Zevon. A música *Hotel California* da banda Eagles faz várias referências indiretas a satanismo.

Eventualmente, o satanismo passaria a tornar-se uma força oculta dominante no rock e, francamente, continua até hoje.

Uma vez que todos os escritos originais satanistas foram perdidos, Satanismo, como deveria ser, não é tanto uma religião, mas um conjunto de ideias individuais. Assim, a influência satanista no rock tende a manifestar-se numa atitude negativa para com as religiões estabelecidas, especialmente o Cristianismo e, em menor escala, às outras religiões onde incluímos notadamente a fé Wicca.

Pode não ser imediatamente claro por que o Oculto tem qualquer influência sobre o rock, mas podemos encontrar, pelo menos, quatro razões:

A primeira (e mais importante na última década) é o valor de choque. O rock sempre esteve em desacordo com o sistema, e muitas vezes o músico mais bem-sucedido é aquele que mais se destaca claramente em oposição com a sociedade estabelecida. Assim, adotando ideais satanistas e todas as suas conotações negativas, um músico de rock pode definir-se automaticamente à parte da sociedade e ficar livre. (Exemplo: Black Sabbath e algumas bandas de Black Metal.)

A segunda razão é o valor artístico. Os mesmos motivos para a inclusão de referências aos temas ocultos na literatura clássica também são válidos para música popular.

A terceira razão é a busca do artista de rock por uma identidade individual. Isto está relacionado com a primeira razão, mas não é tão forte. Ao invés de tentar chocar o público com um quadro oculto negativo como do Satanismo, um músico pode apenas querer garantir à sua audiência que Satanás é a sua influência, porém, apenas adotando imagens ocultas, passivas e sem pregação.. (Exemplo: Led Zeppelin.)

A quarta razão pode ser o aumento da popularidade da literatura de fantasia, horror e ficção científica independente. Esses livros podem estar alimentando um apetite crescente para o Oculto na sociedade. Talvez a razão mais profunda para a influência ocultista no rock é o que

está expressado numa música da banda Kansas chamada *Sparks of the Tempest* (Faíscas da Tempestade).

Corra buscando por proteção,
O milênio está aqui
Trazendo o padrão
De confusão e medo.

A razão subjacente para a influência do Ocultismo no rock pode ter sido o efeito da chegada do milênio. Se partirmos da presunção de que a mudança do milênio sempre causa os mesmos efeitos causados na passagem anterior, então um aumento geral no Ocultismo na sociedade era naturalmente esperado, e obviamente poderíamos esperar que esse efeito também afetasse o rock.

O rock foi ao longo de toda a sua história influenciado pelo Oculto, e as causas dessa influência são tanto parte desta sociedade como são parte do próprio rock.

Enquanto escrevo este texto, ao fundo no meu sistema de som a música *When The Levee Breaks* (Led Zeppelin) está “bombando” nos alto-falantes e, a bateria de John Boham, brutalmente pesada, vai derrubando tudo por onde passa, um exército de tambores que me conduzem até a ancestral África fonte da energia primal da Terra, local onde o homem pela primeira vez encontrou-se com as poderosas forças da Natureza. Lembro-me também do comentário do mestre Zhema (banda Vulcano):

“Agora, porque Crowley e o Rock são tão “íntimos”? Acho difícil explicar. Talvez seja porque assim como Crowley, o Rock gosta de amedrontar e polemizar. Curiosamente, ambos não pertencem à mesma época. Talvez a resposta estaria lá nos Estados Unidos por volta de 1945 com os Negros, seu Blues e o Diabo, cuja música caminhou para o Rock 'n' Roll e, depois, como um camaleão, mudou para Hard Rock e Heavy Metal, indo parar lá no Black Metal e continua mudando. Eu, pessoalmente acho que tudo veio daí. Tipo: “eu sou diferente, eu toco uma música repudiada por todos e, o Diabo esta do meu lado, então eu sou muito diferente!”. Como seria se o rock tivesse nascido hoje, no Brasil, nos anos 2.000? Uma época totalmente permissiva! Seria o Funk Carioca, é claro!”

(1) Damballah-Wedo é retratado como uma serpente, e seus “veves” refletem esse aspecto dele. Quando um ser humano é possuído pelo

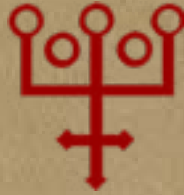
espírito de Damballah-Wedo, ele não fala, mas, em vez disso, apenas chia e assobia. Seus movimentos são também de cobra e pode inclusive deslizar pelo chão, mexendo sua língua e escalando objetos altos.

Damballah-Wedo está associado à criação e é visto como um pai amoroso para o mundo. Sua presença traz paz e harmonia. Como fonte de vida, ele também é fortemente associado com a água e a chuva. Ele está fortemente associado com os antepassados. Essa divindade também pode receber os nomes: Damballa, Damballah Weddo, Da, Papa Damballa, Obatalá.

Damballah e sua companheira Ayida-Wedo são os mais antigos sábios do “loa”. Ayida-Wedo também está associada com as cobras e é parceira de Damballah na criação. Como o processo criativo é visto como compartilhada entre homens e mulheres, as “veves” de Damballah-Wedo geralmente retratam duas cobras em vez de apenas uma.

Na religião católica, Damballah é associado com o São Patrício (que expulsou as cobras da Irlanda). O dia de São Patrício é comemorado no dia 17 de março. Às vezes Damballah também é associado a Moisés, que transformou o seu cajado em uma cobra para provar o poder de Deus sobre os sacerdotes egípcios.





Paganismo, Dionísio e o Diabo

*“Eu te faço jurar por Mercúrio e por Anúbis,
pelo rugido do dragão Kerkorubos e
pelo latido do cão de três cabeças, Cérbero, guardião do inferno.”*

(Parte do juramento de um alquimista)

Muito embora tenha sido a religião católica que vitoriosamente definiu como “pagão” todo aquele que pertence a alguma religião primitiva (basicamente, todo aquele que não tenha sido batizado pela igreja), a palavra “pagão” é, na verdade, um termo complexo, com uma longa história que remonta até a Grécia antiga.

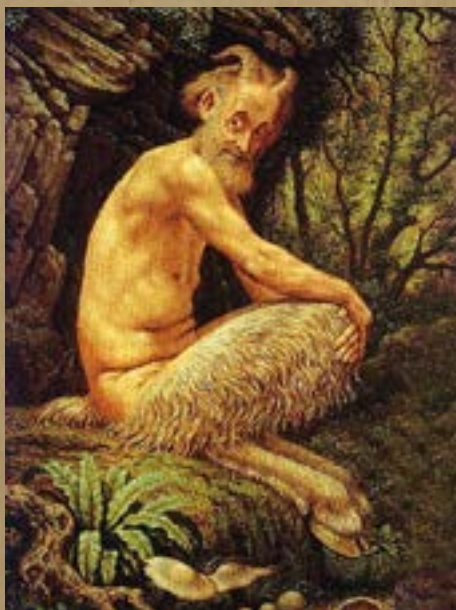
Acho importantíssimo esclarecer que geralmente quando, nos dias de hoje, nos referimos ao paganismo, na verdade, quase sempre, estamos falando do moderno paganismo contemporâneo também chamado neopaganismo, que não passa de um grupo de movimentos religiosos modernos que se dizem influenciados ou derivados de várias históricas crenças pagãs surgidas na Europa pré-moderna. Os movimentos e religiões pagãs atuais são muito diversos, não acreditam nas mesmas divindades e textos e nenhuma se coloca como a definitiva autoridade no assunto. No entanto, muitas delas possuem similaridades com outros movimentos pagãos onde incluem-se a crença geral de que a divindade pode ser encontrada tanto na mente como na natureza.

Na música, o ritmo, a meu ver, está intimamente ligado com a natureza e é intrinsecamente pagão. Com o som ritmado da percussão

vem a dança que, com a ajuda do álcool e das drogas, leva os participantes a um estado de êxtase que os colocará em contato com a divindade, qualquer que ela seja.

No balé a dualidade está representada pelo movimento “apolíneo” e o movimento “dionisiaco”, onde o primeiro presa pela suavidade, leveza e controle dos movimentos enquanto o segundo é físico, emocional e às vezes até violento e tribal. “Apolíneo” versus “dionisiaco” também podem ser interpretados como a mente (apolíneo) controlando o corpo (dionisiaco). Isto me fez lembrar da bailarina Isadora Duncan, considerada por muitos como a criadora do balé moderno e muito inspirada na cultura da Grécia antiga. Ela negou o rígido ensino do balé clássico para optar por uma dança que buscava conectar o “movimento” com a “emoção” e, a meu ver, afastando-se do ideal “apolíneo” do ensino clássico.

No rock, do confronto entre Apolo e Dionísio surgiu a música progressiva, representando uma tendência na direção do apolíneo enquanto que o rock pesado preferiu priorizar mais o ritmo caminhando na direção do dionisiaco. O punk foi a resposta dionisiaca, radical e rebelde, ao rock progressivo apolíneo. Quer dizer, na música em geral, sempre existirá uma tensão entre o apolíneo e o dionisiaco e é dessa luta que surgirá o novo. Então, se você é roqueiro, tenha em mente que, fisicamente, um headbanger geralmente interpreta o rock de forma dionisiaca!



Uma representação de Bacus

De qualquer forma, essa rapidíssima incursão pelo balé foi usada principalmente para apresentar o nosso amigo Dionísio. Ele, que é também conhecido pelos romanos como Bacus, logo deixará claro de onde os católicos foram buscar muito da inspiração para a sua criação do Demônio (até os dois nomes começam com D). As lendas dizem que Dionísio foi o último Deus a ser aceito no Olympus. Dizem também que sua mãe era humana e portanto o chamavam de “um Deus que está morrendo”. Também dizem que ele foi um estrangeiro asiático ou que ele veio da Etiópia. Uma coisa é certa, ele foi o “Deus do Vinho”. Muitas esculturas e pinturas antigas representam Bacus metade homem, metade animal, com chifres e patas. Ele foi representado como um protetor daqueles que não pertenciam à sociedade normal e simboliza tudo que é caótico, perigoso e inesperado, representando tudo que foge à razão e é atribuído a alguma ação totalmente inesperada dos Deuses. Além disso, Dionísio ou Bacus também é conhecido como Eleutério (O Libertador), cujo vinho, música e êxtase da dança liberta seus seguidores da autoconsciência da dor e do medo, liberando-os das restrições opressivas criadas pelo sistema. Diziam que, aqueles que participassem dos seus mistérios, ficariam possuídos pelos poderes do próprio Deus. Seu culto era também “um culto das almas”, onde as suas seguidoras conhecidas como “maenads” alimentavam os mortos com o oferecimento de sangue e, depois, Eleutério atuava como um divino comunicador entre os vivos e os mortos.

Seria Dionísio o Lúcifer da Bíblia? Bom, ele é associado com a cor vermelha (sangue, vinho e fogo) e é muito representado como um humano com chifres e patas de animal. Ele prefere as forças da natureza às imposições morais das religiões oficiais. Ele tem um espírito livre e está mais para sexo, drogas e rock 'n' roll!

Se fôssemos atribuir causas sobrenaturais para todos os maremotos, furacões e terremotos deste planeta, tenho certeza, descobriríamos que essas catástrofes não foram causadas por Lúcifer, que apenas gosta mesmo é de “curtir” os seus cinco sentidos e o único mal que faz é empurrar-nos para que, na criação do novo, rompamos com o pré-estabelecido. Não posso deixar de lembrá-los que, na criação do novo, todo ato de “criação” é, ao mesmo tempo, um ato de “destruição” de antigos valores! Vejam só a dualidade “criação/destruição” em ação! Mas quem é esse tal de Satanás, Lúcifer, Diabo, de que tanto falam?

Satanás em hebreu significa “adversário”, e é um personagem que aparece na religião católica e em muitas outras. O Diabo, por outro lado,

vem do grego e também pode ser lido como “*diabolos*” que significa “acusador ou adversário”. Na religião católica geralmente Deus e o Diabo aparecem numa eterna luta pelas almas dos seres humanos. Outra vez! Vejam só a dualidade “Deus/Diabo”, “bem/mal” em ação!

Satanás personifica o mal e a tentação, onde ele aparece como o trapaceiro que pretende levar a humanidade à perdição. O termo é geralmente usado para descrever um anjo que perdeu a graça de Deus quando levou a humanidade ao pecado e, agora, controla o submundo. No Novo Testamento, Satanás refere-se diretamente a uma entidade malévola com poderes demoníacos (Demônio) e que possui poderes similares ao de um Deus. No Satanismo Teístico ele é considerado uma força positiva e uma entidade que deve ser adorada e reverenciada, e no Satanismo LaVeyano ele é considerado um ser virtuoso. Por último, temos Lúcifer, cujo nome recebe várias traduções. No latim vulgar significa “estrela da manhã”, o Planeta Vênus ou como adjetivo “aquele que traz a luz” ou “o portador da luz!”. Já no grego significa “aquele que traz o amanhecer”, “o portador da luz!” ou “estrela da manhã”.

Aparentemente essa história toda do Diabo foi criada por Isaías (Isaías 14:12) quando, numa passagem para o Rei da Babilônia, coloca a imagem de uma estrela da manhã caindo do céu. Essa história, muitos estudiosos acreditam que foi “emprestada” de uma lenda da Mitologia Canaanita. Nesta ancestral mitologia, a estrela da manhã é representada por um Deus chamado “Attar” que tenta ocupar o trono do Deus “Ba'al” e, descobrindo que não é capaz de fazê-lo, desce para controlar o submundo. Na verdade, o mito original deve ter sido sobre uma entidade não tão poderosa chamada “Helel” tentando derrubar do trono “El”, um alto Deus Canaanita que vivia numa montanha no norte. A reconstrução desse mito feito por Hermann Gunkel, um famoso estudante do Velho Testamento, conta a história de um poderoso guerreiro chamado “Hêlal” cuja ambição era subir mais alto do que todas as outras divindades estelares, mas que acaba descendo para as profundezas. Hermann Gunkel descreve essa batalha como um processo em que a forte luz da estrela da manhã falha em chegar ao ponto mais alto do céu porque desaparece perante a força da luz do Sol que surge.

Satanás, Lúcifer, Diabo etc., todos esses nomes aparentemente são sinônimos do mal; mas o que é o mal?

Genericamente o mal é a ausência do bem! Geralmente o mal denota uma profunda imoralidade e, no contexto de certas religiões, é descrito como uma força sobrenatural. Definições do que é o mal existem

aos montes, mas variam de acordo com suas raízes, motivos e causas. Entretanto, os elementos mais comuns associados a ele são o comportamento desequilibrado, a conveniência, a mesquinha, a ignorância ou o abandono. Nas culturas controladas por religiões tipo católicas, o “mal” é percebido como uma força dualista sempre em oposição ao “bem”, onde o bem deve prevalecer e o mal sempre deve ser derrotado.



O carnaval é uma festa pagã! Uma máscara veneziana.

Foto: A. C. Barbieri.

Quando falamos sobre o mal, é comum entrarmos em questões filosóficas do tipo: “será a moralidade uma coisa absoluta, relativa ou ilusória?”. Estas questões sobre a natureza do mal geram visões que podem cair numa destas quatro categorias opostas: absolutismo moral, amoralismo, relativismo moral e moralidade universal.

Nas culturas com influência espiritual budista, tanto o bem como o mal são entendidos como parte de um dualismo antagônico que devem ser “os dois” superados, onde aquele que busca a verdade alcançará assim o estado conhecido como “Śūnyatā”, significando um estado onde todo o nosso sentimento de sermos bons ou sermos ruins é esvaziado por serem dois princípios opostos que não representam a realidade. Portanto, devemos superar esta dualidade para conseguirmos um sentimento de todo, ou um sentimento de harmonia com o todo.

Agora que desmistificamos o Diabo, que sabemos que ele na verdade é, assim como Deus, uma criação do homem e não o inverso, agora que sabemos que Deus e o Diabo são os dois lados da mesma moeda, que descobrimos que devemos superar esta dualidade nefasta para que realmente possamos harmonizar verdadeiramente com o Universo, vamos deixar de lado essas religiões mentirosas, responsáveis por intermináveis guerras que causaram e continuam causando milhões de mortes e muito sofrimento para a humanidade, para voltarmos a olhar para o poder da nossa mente, para o poder da natureza e para aqueles pensadores que tiveram coragem de questionar essas religiões seculares tão poderosas.

A relação entre Apolíneo e Dionisíaco em Nietzsche

Escrito por Cristina G. Machado de Oliveira

Nietzsche resolveu estabelecer uma distinção entre o Apolíneo e o Dionisíaco, pois “A tragédia grega”, depois de ter atingido sua perfeição pela reconciliação da “embriaguez e da forma”, de Dionísio e Apolo, começou a declinar quando, aos poucos, foi invadida pelo racionalismo. Desse modo, publicou a obra *O nascimento da tragédia*, onde estabelece a dualidade dos dois princípios, visando uma síntese. Essa obra vai representar a união desses dois elementos, onde Nietzsche vai encontrar a unidade. Apolo não é o contrário de Dionísio, mas sim uma unidade, onde um é uma parte distinta do outro. Ele concebe de maneira bem diversa a natureza e o destino helênicos. Não vê aí uma harmonia, mas um complexo contínuo de luta; distingue no gênio grego estes dois elementos: o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco.

Distinguindo-os mitologicamente, temos: Apolo, para os gregos, como sendo o “Deus brilhante da claridade do dia, revelava-se no Sol. Zeus, seu pai, era o Céu de onde nos vem a luz, e sua mãe, Latona, personificava a Noite de onde nasce a Aurora, anunciadora do soberano senhor das horas douradas do dia. (...) Apolo, soberano da luz, era o Deus cujo raio fazia aparecer e desaparecer as flores, queimava ou aquecia a Terra, era considerado como o pai do entusiasmo, da Música e da Poesia. (...) Deus da Música e da Lira, Apolo tornou-se, como consequência natural, o Deus da Dança, da Poesia e da Inspiração.” (MEUNIER, *Nova Mitologia Clássica*, p. 31 e 38).

E como Heráclito de Éfeso já afirmara (fr.51) que “a harmonia é resultante da tensão entre contrários, como a do arco e lira”, Apolo foi

o grande harmonizador dos contrários, por ele assumidos e integrados num aspecto novo. A serenidade apolínea torna-se, para o homem grego, o emblema da perfeição espiritual e, portanto, do espírito.

Dionísio era o filho da união de Zeus com Sêmele, personificação da Terra em todo o esplendor primaveril da sua magnificência. “De um ponto de vista simbólico, o deus da mania e da orgia configura a ruptura das inibições, das repressões e dos recalques. Dionísio simboliza as forças obscuras que emergem do inconsciente, pois que se trata de uma divindade que preside à liberação provocada pela embriaguez, por todas as formas de embriaguez, a que se apossa dos que bebem, a que se apodera das multidões arrastadas pelo fascínio da dança e da música e até mesmo a embriaguez da loucura com que o deus pune aqueles que lhe desprezam o culto. Desse modo, Dionísio retrataria as forças de dissolução da personalidade: às forças caóticas e primordiais da vida, provocadas pela orgia e a submersão da consciência no magma do inconsciente.” (*Mitologia Grega*, p. 140)

Nietzsche emprega uma linguagem simbólica e metafórica na apresentação de suas obras de arte. Ele se impregna do primitivo espírito grego, reconhecendo no tornar-se, no fluxo das coisas, a verdadeira dimensão dos fatos; a vida é um jogo constante atirada ao destino de suas forças. O *pathos* trágico se nutre do saber que tudo é uno. A vida e a morte são irmãs gêmeas arrastadas num ciclo misterioso. O caminho para o alto e o caminho para baixo, segundo se lê em Heráclito, é o mesmo. O *pathos* trágico conhece Apolo e Dionísio como idênticos. Nietzsche descobre na tragédia grega a oposição da forma e da corrente amorfa. A essa oposição, Nietzsche chama oposição entre o Apolíneo e o Dionisiaco. Servindo-se ainda dessa diferença, evolui seu pensamento e integra o apolíneo no dionisiaco. Assim, a verdadeira dimensão da realidade está num recriar, numa renovação constante; os valores estão em jogo permanente, os valores estão sempre criando novos valores de acordo com a diversificação e a intensidade de sua força. Ora, não é outro o espírito da estética nietzschiana que se encontra centrada na embriaguez, isto é, na capacidade de se introduzir nos atos humanos mais acréscimos de força, mais movimentação, mais criatividade, pois é a vontade de potência que dá ao homem o sentido ativo da arte. Desse modo, o que Nietzsche institui é a formação do apolíneo e do dionisiaco como princípios de natureza estética e inconscientes, porém, sem deixar de ter como base as suas origens mitológicas referidas anteriormente.

A relação entre Apolo e Dionísio será de criação, pois a incessante luta entre eles cria sempre coisas novas, por isso a identificação com a arte.

A arte vai ser a maneira pela qual o homem poderá ultrapassar o devir do cotidiano. Um dos meios para se ultrapassar os “obstáculos” do cotidiano é através da experiência apolínea, através do prazer e da eternidade. Sem a produção da bela aparência a vida se desqualifica, pois a bela aparência é uma verdade superior. Em suma, o apolíneo e o dionisíaco são apresentados como saídas estéticas.

Nietzsche pensa a vida como devir e este como beleza, assim pode através do dualismo Apolo/Dionisíaco ultrapassar a realidade cotidiana.





Zeitgeist e a desconstrução do Cristianismo

Escrito por Peter Joseph para o filme [Zeitgeist](#)

*“A religião Cristã é uma paródia à adoração do Sol,
onde colocaram um homem chamado Jesus Cristo em seu lugar e
começaram dar a este personagem a devoção que davam ao Sol.”*

(Thomas Paine)

A espiritualidade é um termo específico que na verdade significa lidar com a intuição. Na tradição teísta, há a noção de apego a um conceito. Um certo ato é considerado como aceitável ou não para um princípio divino. Na tradição do não teísmo, no entanto, o ato é bastante direto e os casos da história não são particularmente importantes.

O que é realmente importante é o aqui e o agora. O agora é definitivamente agora. Nós tentamos viver o que está disponível ali no momento. Não faz sentido pensar que existe um passado que poderíamos ter agora. Isto é agora. Este precioso momento. Nada místico, apenas o “agora”, muito simples, direto.

E desse “agora”, contudo, emerge sempre um sentido de inteligência, de que estamos constantemente em interação com a realidade um por um. Lugar por lugar. Constantemente. Nós na realidade vivemos uma fantástica precisão, constantemente.

Mas nós sentimo-nos ameaçados pelo “agora” e saltamos para o passado ou o futuro prestando atenção aos bens materiais que existem

na nossa vida. Nesta vida rica que nós levamos, muitas escolhas acontecem a todo o momento, mas nenhuma delas é considerada boa ou má. Porque, se todas as coisas que vivemos são experiências incondicionais, elas não vêm com uma etiqueta dizendo “isto é considerado mau” ou “isto é considerado bom”...

Então, nós vivemos essas experiências sem darmos a atenção devida a elas. Nós não nos damos conta de que estamos indo a algum lugar. Nós consideramos isso um incômodo. Esperar pela morte.

Isso é um problema. É o não confiar propriamente no “agora” que aquilo que vivemos agora possui muitas coisas poderosas. É tão poderoso que nós somos incapazes de enfrentá-lo. Consequentemente, temos que emprestar do passado e convidar o futuro a todo o momento. E talvez seja por isso que procuramos a religião. Talvez seja por isso que andamos na rua. Talvez seja por isso que nos queixamos à sociedade. Talvez seja por isso que votamos nos presidentes. É bastante irônico e, na verdade, muito engraçado.

Zeitgeist significa algo como “Espírito do Tempo”. Termo alemão que exprime o avanço intelectual e cultural do mundo numa época. Quanto mais você começa a investigar aquilo que pensamos conhecer, de onde viemos, aquilo que pensamos estar fazendo, mais começamos a perceber como estamos sendo controlados. Somos controlados por todas as instituições.

O que te faz pensar por um minuto na razão pela qual a Religião foi a única instituição que até hoje nunca foi “tocada”? As instituições religiosas sempre estiveram na base de toda a “porcaria deste mundo”. As instituições religiosas foram postas neste mundo pelas mesmas pessoas que governam a sua vida e a sua educação corrupta e que controlam os cartéis de bancos internacionais.

Porque nossos “Mestres” não dão a mínima para você ou sua família. Tudo com que eles se preocupam é com o que sempre se preocuparam, que é controlar esse mundo inteiro.

Nós fomos desviados da verdadeira e divina presença no universo que os homens têm chamado de “Deus”. Eu não sei o que Deus é, mas tenho certeza do que ele não é!

Quanto mais você educa sua mente, mais você compreende as origens de tudo, mais óbvios tornam-se os fatos e as mentiras surgem por todos os lados. Você tem que saber a “verdade”, procurar a verdade e ela te libertará.

“Eles devem achar difícil...
Aqueles que confundiram a autoridade pela verdade,
em vez da verdade pela autoridade.”
(Gerald Massey, egiptólogo)

Vejam bem, o campeão de todos os tempos no que diz respeito a falsas promessas e exageros é a Religião.

Pensem um pouco, a Religião definitivamente convenceu as pessoas de que há um homem invisível que mora no céu, que vigia tudo o que você faz todos os minutos do seu dia, e que esse homem invisível tem uma lista especial de dez coisas que ele não quer que você faça e que, se você fizer quaisquer dessas dez coisas, ele tem um lugar especial cheio de fogo, fumaça, queimaduras, torturas e sofrimento, para o qual vai te mandar para viver, sofrer, arder, sufocar, gritar e chorar para todo o sempre até o fim da eternidade!

Mas ele te ama! :-)

Ele te ama, e precisa de dinheiro! Ele sempre precisa de dinheiro! Ele é o todo-poderoso, sabe tudo e tem tudo, mas de alguma forma...
PRECISA DE DINHEIRO!

A Religião lida com bilhões de dólares, não paga impostos e precisa sempre de um pouco mais. Agora, contem-me uma enganação maior que essa?



A maior história já contada

Vamos falar da estrela do nosso Sistema Solar, vamos falar do Sol. Desde o ano 10.000 antes de Cristo, a história abunda em pinturas e escritos que refletem o respeito e a adoração dos povos pelo Sol. E é simples entender o porquê, pois, com o seu aparecimento todas as manhãs, o Sol traz a visão, calor e segurança, sempre salvando-nos do frio e do breu da noite repleto de predadores.

Sem ele, todas as culturas perceberam que não haveria colheitas nem vida no planeta. Essas realidades fizeram do Sol o objeto mais ado-

rado de todos. Todavia, os povos estavam também muito atentos às estrelas. As estrelas formavam padrões que lhes permitiram reconhecer e antecipar eventos que ocorrem de tempos em tempos, tais como Eclipses e Luas Cheias. Catalogaram grupos celestiais naquilo que conhecemos hoje como constelações.

A cruz do Zodíaco representa uma das mais antigas imagens da humanidade. Representa o trajeto do Sol através das doze maiores constelações no decorrer de um ano. Também representa os doze meses do ano, as quatro estações, solstícios e equinócios. O termo Zodíaco está relacionado com o fato de as constelações serem antropomorfismos ou personificações, de pessoas ou animais. As primeiras civilizações não só seguiam o Sol e as estrelas, como também as personificavam através de mitos envolvendo os seus movimentos e relações.

O Sol, com o seu poder criador e salvador, também foi personificado à semelhança de um Deus todo poderoso. Conhecido como o “Filho de Deus”, luz do mundo, salvador da humanidade etc.

As doze constelações representaram lugares de viagem para o Filho de Deus e foram nomeados e normalmente representados por elementos da natureza importantes nesses períodos de tempo. Por exemplo, Aquarius é o portador da água que traz as chuvas da primavera.

Por volta do ano 3.000 antes Cristo, no Egito antigo, Hórus era o Deus Sol. Ele era o Sol antropomorfizado e a sua vida era uma série de mitos alegóricos que envolviam o movimento do sol no céu. Dos antigos hieróglifos Egípcios, muito foi descoberto sobre esse Messias solar. Por exemplo, Hórus, sendo o Sol, ou a Luz, tinha como inimigo o Deus “Set” e Set era a personificação das trevas ou noite e, metaforicamente falando, todas as manhãs Hórus ganhava a batalha contra Set, quando, ao fim da tarde, Set conquistava Hórus e o enviava para o mundo das trevas. É importante frisar que “as Trevas contra a Luz” ou “o Bem contra o Mal” tem sido uma dualidade mitológica onipresente e que ainda hoje é utilizada em muitos aspectos.

No geral, a história de Hórus é a seguinte: Hórus nasceu da virgem Isis-Meri no dia 25 de dezembro do ano 3.000 antes de Cristo. O seu nascimento foi acompanhado por uma estrela ao Leste, que, por sua vez, foi seguida por reis em busca do salvador recém-nascido. Aos 12 anos, Hórus era uma criança prodígio, aos 30 foi batizado por uma figura conhecida por Anup e foi assim que começou o seu reinado. Hórus teve doze discípulos e viajou com eles, fez milagres tais como curar

os enfermos e andar sobre a água. Também foi conhecido por vários nomes como “A Verdade”, “A Luz”, “O Filho Adorado de Deus”, “Bom Pastor”, “Cordeiro de Deus”, entre muitos outros.

Depois de traído por Tifão, foi crucificado, morreu e depois de 3 dias ressuscitou. Esses atributos de Hórus, originais ou não, parecem influenciar várias culturas mundiais e muitos outros deuses encontrados com a mesma estrutura mitológica.

Attis, da Phyrigia, nasceu da virgem Nana em 25 de dezembro do ano 1.200 a.C., foi crucificado, colocado no túmulo e 3 dias depois ressuscitou.

Krishina, Índia, nasceu da virgem Devaki no ano 900 a.C. com uma estrela no Ocidente assinalando a sua chegada. Fez milagres em conjunto com seus doze discípulos e após a morte ressuscitou.

Dionísio da Grécia nasceu de uma virgem em 25 de dezembro do ano 500 a.C., foi um peregrino que praticou milagres como transformar a água em vinho e é referido como o “Rei dos Reis”, “Filho pródigo de Deus”, “Alpha e Ômega”, entre muitas outras coisas. Após sua morte, ressuscitou.

Mitra, da Pérsia, nasceu de uma virgem em 25 de dezembro do ano 1.200 a.C., teve doze discípulos, praticou milagres e após a sua morte foi enterrado e 3 dias depois ressuscitou. Também era referido como “A Verdade”, “A Luz”, entre muitos outros. Curiosamente, o dia sagrado de sua adoração era domingo, que em inglês é chamado “Sunday”, que é a união das palavras “Sun” (Sol) com “Day” (Dia), significando “Dia do Sol”.

É importante salientar que em vários períodos da humanidade “existiram” inúmeros salvadores que possuíram essas mesmas características. A questão que se faz é: por que esses atributos?

Por que um nascimento, de uma virgem, no dia 25 de dezembro? Por que a morte e a ressurreição após 3 dias? Por que os doze discípulos ou seguidores?

Para descobrir respostas a essas perguntas, vamos examinar o mais recente dos Messias Solares: Jesus Cristo.

Jesus Cristo nasceu da virgem Maria no dia 25 de dezembro em Belém (Bethlem), anunciado por uma estrela no Ocidente, seguida por 3 reis para adorar o Salvador. Tornou-se pregador aos 12 anos, aos 30 foi batizado por João Batista e assim começou o seu reinado. Jesus teve

doze discípulos com quem viajou praticando milagres como curar pessoas, andar na água, ressuscitar os mortos, e também ficou conhecido como “Rei dos Reis”, “Filho de Deus”, “Luz do Mundo”, “Alpha e Ômega”, “Cordeiro de Deus” etc. Depois de traído pelo seu discípulo Judas, foi vendido por 30 pratas, foi crucificado, colocado num túmulo e 3 dias depois ressuscitou, ascendendo aos céus.

Primeiro de tudo, a sequência do nascimento é completamente astrológica. A estrela no ocidente é Sirius, estrela mais brilhante no céu noturno que, em 24 de dezembro, alinha-se com as 3 estrelas mais brilhantes do cinturão de Órion. Essas estrelas são chamadas hoje, e que também eram chamadas naquele tempo, de “3 Reis” (que conhecemos no Brasil como as “3 Marias”).

Os 3 Reis e Sirius, a estrela mais brilhante, todas apontam para o nascer do sol no dia 25 de dezembro. Essa é a razão pela qual os Três Reis “seguem” a estrela ao Leste, numa ordem para direcionarem-se ao surgir do Sol. O nascer do Sol. A Virgem Maria é a constelação de Virgo. Também conhecida como Virgo a virgem. Virgo em latim é Virgem. Virgo também é referido como a “Casa do Pão”. A representação para Virgo é uma virgem segurando um galho de trigo. Essa “Casa do Pão” com galho de trigo representa agosto e setembro, tempo de colheita. De fato, traduzindo Bethlem, ao pé da letra temos a “Casa do Pão”. Bethlem refere-se à constelação de Virgo. Lugar no céu, não na Terra.

Outro fenômeno muito interessante que ocorre em 25 de dezembro é o Solstício de Inverno. Do Solstício de Verão ao de Inverno, os dias tornam-se mais curtos e frios. Na perspectiva de quem está no Hemisfério Norte, o Sol parece mover-se para o sul aparentando ficar menor e mais fraco. O encurtar dos dias e o fim das colheitas conforme se aproxima o Solstício de Inverno simboliza a morte. É morte do Sol. Pelo vigésimo segundo dia de dezembro, o falecimento do Sol estava realizado. Na verdade o Sol, tendo-se movido continuamente para o sul durante meses, faz com que atinja o seu ponto mais baixo no céu. Aqui ocorre uma coisa curiosa, o Sol deixa, aparentemente, de se movimentar para o sul, durante dias. Durante esses dias de pausa, o Sol reside nas redondezas da Constelação do Cruzeiro do Sul, Constelação de Crux ou Alpha Crucis. Depois desse período, em 25 de dezembro, o Sol move-se 1 grau, dessa vez para o norte, perspectivando dias maiores, calor e a primavera. E assim se diz que o Sol morreu na Cruz (cruzeiro), esteve morto por 3 dias, apenas para ressuscitar ou nascer mais uma vez. Esta

é a razão pela qual Jesus e muitos outros Deuses do Sol partilham a ideia da crucificação, morte de 3 dias e o conceito da ressurreição.

É o período de transição do Sol antes de mudar na direção contrária no Hemisfério Norte, trazendo a primavera e, assim, a salvação. Todavia, não celebram a ressurreição do Sol até o Equinócio da Primavera ou Páscoa. Isto porque, no Equinócio da Primavera, o Sol domina oficialmente o Mal, as Trevas, assim como o período diurno se torna maior que o noturno, e o revitalizar da vida que na primavera emerge.

Provavelmente a analogia mais óbvia de todas nesse simbolismo astrológico são os doze discípulos de Jesus. Eles são simplesmente as 12 constelações do Zodíaco, com quem Jesus, sendo o Sol, viaja junto. De fato, o número 12 está sempre presente ao longo da Bíblia.



Mas, voltando à Cruz do Zodíaco onde o elemento figurativo da vida é o Sol. A Cruz do Zodíaco não é apenas uma mera representação artística ou ferramenta para seguir seus movimentos. Ela é também um símbolo espiritual pagão. Similar a um logo, isto não é um símbolo do Cristianismo. A cruz da religião católica é uma adaptação pagã da cruz do Zodíaco. Cabe lembrar que o Paganismo é um termo referente às diversas formas de religiosidade não judaico-cristãs.

A razão para as primeiras representações da cruz mostrando Jesus com a sua cabeça na cruz é que “Jesus é o Sol”, “Filho de Deus”, a “Luz do Mundo”, o Salvador a erguer-se, que “renascerá”, assim como o faz todas as manhãs, a Glória de Deus contra as Trevas, assim como “renasce” a cada manhã, e que pode ser “visto através das nuvens”, “lá em cima no céu”, com a sua “coroa de espinhos” ou raios de sol.

Agora, das muitas das referências astrológicas ou astronômicas encontradas na Bíblia, uma das mais importantes tem a ver com o conceito de “Eras”. Através das escrituras existem inúmeras referências a essa “Era”. Para compreender isto, precisamos primeiro nos familiarizar com o fenômeno da Precessão dos Equinócios.

Os antigos egípcios e outras culturas anteriores reconheceram que, por volta de cada 2.150 anos, o nascer do Sol, durante Equinócio da Primavera, ocorria num diferente signo do Zodíaco. Isto tem a ver com a lenta oscilação angular da Terra quando roda sobre seu eixo.

É chamado de precessão porque as constelações vão para trás, em vez de permanecerem no seu ciclo anual normal. O tempo que demora cada precessão através dos 12 Signos é de 25.765 anos. Esse ciclo completo é também chamado “O Grande Ano” e algumas civilizações ancestrais sabiam disso. Referiam-se a cada ciclo de 2.150 anos como uma “Era”. De 4.300 a.C. a 2.150 a.C., foi a “Era do Touro”. De 2.150 a.C. a 1 d.C., foi a “Era de Áries”, e de 1 d.C. a 2.150 d.C. é a “Era de Peixes”, a Era em que permanecemos nos dias de hoje. Portanto, por volta do ano 2.150, entraremos numa nova Era, a Era de Aquário.

Agora, a Bíblia refere-se, por alto, ao movimento simbólico durante Eras, quando se vislumbra já uma quarta Era. No Velho Testamento, quando Moisés desce o Monte Sinai com os Mandamentos, ele fica perturbado ao ver a sua gente adorando um bezerro dourado. De fato, ele até partiu as pedras dos mandamentos e disse a todos para se matarem uns aos outros para se purificarem.

A maior parte dos estudiosos da Bíblia atribui essa ira de Moisés ao fato de os israelitas estarem a adorar um falso ídolo, ou algo semelhante. A realidade é que o Bezerro Dourado é Taurus (Touro), e Moisés representa a nova Era de Áries. Esta é razão pela qual os judeus ainda hoje assopram o Chifre do Carneiro. Moisés representa a nova Era de Áries, e, perante esta, todos têm de largar a velha. Outras divindades tais como Mitra marcam esta transição também, sendo um Deus pré-cristão que mata o Touro, na mesma linha simbólica.

Agora, Jesus é a figura portadora da Era seguinte à de Áries, a Era de Peixes, ou dos 2 peixes. O simbolismo de Peixes é abundante no Novo Testamento, assim como Jesus alimenta 5.000 pessoas com pão e “2 peixes”. No início, enquanto caminhava pela Galileia, conhece 2 pescadores que o seguem. Agora reflita se voltar a ver um adesivo mostrando um peixe escrito o nome Jesus na traseira de algum automóvel. Poucas pessoas sabem o que aquilo no fundo representa. É um simbolismo astrológico pagão para o Reinado do Sol durante a Era de Peixes. Jesus assumiu que a data do seu nascimento é a data do início desta Era. Em Lucas 22:10 quando Jesus é questionado pelos discípulos que querem saber quando será a sua próxima passagem depois que ele se for, Jesus responde: “Eis

que quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água, segui-o até a casa em que ele entrar.”

Essa escritura é de longe a mais reveladora de todas as referências astrológicas. O homem que leva um cântaro de água é Aquarius, o portador da água, que é sempre representado por um homem despejando uma quantidade de água. Ele representa a Era depois de Peixes e, quando o Sol, Filho de Deus, sair da Era de Peixes, Jesus entrará na Casa de Aquarius, e Aquário é posterior a Peixes na precessão dos equinócios. Tudo o que Jesus “diz” é que depois da Era de Peixes chegará a Era de Aquário.

Agora, todos já ouvimos falar sobre o fim do mundo. Esquecendo o lado cartunista explícito no Livro do Apocalipse, a espinha dorsal desta ideia surge em Mateus 28:20, onde Jesus diz: “Eu estarei convosco até o fim do mundo” (dos séculos, em português); contudo, na tradução inglesa da Bíblia, a palavra “world” está mal traduzida — no meio de outras más traduções, a palavra realmente usada era “Aeon”, que significa “Era”. Eu estarei convosco até o fim da era.

O que no fundo é verdade, Jesus como personificação solar de Peixes irá acabar quando o Sol entrar na Era de Aquário. Este conceito de fim dos tempos e do fim do mundo é uma má interpretação dessa alegoria astrológica. Infelizmente, existem, só nos Estados Unidos, aproximadamente 100 milhões de pessoas que acreditam que o fim do mundo está próximo. Além disso, o fato de Jesus ser literal e astrológicamente um híbrido só demonstra o quão plágio do Deus-Sol Hórus do Egito, Jesus é.

Por exemplo, inscrito há 3.000 anos nas paredes do Templo de Luxor no Egito, estão imagens da enunciação, da imaculada concepção, nascimento e adoração a Hórus. Começam com o anúncio à virgem Isis de que ela irá gerar Hórus, que Nef, o Espírito Santo, irá engravidar a Virgem, e depois o parto e a adoração. A mesma história do milagre da concepção de Jesus. Na verdade, as semelhanças entre a Religião Egípcia e o Cristianismo são intrigantes e o plágio continua.

A história de Noé e da sua Arca é tirada diretamente das tradições. O conceito de dilúvio é comum em todas as antigas civilizações, em mais de 200 diferentes citações em diferentes períodos e tempos. Contudo, não será preciso ir muito além da fonte pré-cristã para encontrarmos a Epopeia de Gilgamesh, escrita em 2.600 a.C. Ela fala sobre grandes inundações mandadas por Deus, uma Arca com animais salvos

e o libertar e o retornar da pomba. Entre muitas outras semelhanças, essas descrições entram em concordância com a história bíblica.

E depois, há também a história plagiada de Moisés. Sobre o nascimento de Moisés, diz-se que ele foi colocado numa cesta de cana e lançado ao rio para evitar um infanticídio. Ele foi mais tarde salvo pela filha de um rei e criado por ela como um príncipe. Esse bebê numa cesta foi retirada do mito de Sargão de Akkad. Sargão nasceu, foi posto numa cesta de rede para evitar um infanticídio e lançado ao rio, foi salvo e criado por Akki, uma esposa da realeza Acádia.

Moisés é conhecido como legislador, portador dos Mandamentos e da Lei Mosaica. A ideia de a lei ser passada de um Deus para um profeta numa montanha é antiga. Moisés é somente um legislador numa longa linha de legisladores na história mitológica. Na Índia, Manou foi o grande legislador. Na ilha de Creta, Minos ascendeu ao Monte Ida, onde Zeus lhe deu as Leis Sagradas. Enquanto que no Egito, Moisés tinha nas suas pedras tudo o que Deus lhe disse. Manou, Minos, Mises, Moisés?

No que diz respeito a essas Dez Ordens, elas foram retiradas do “Feitiço 125 do Livro dos Mortos” do Antigo Egito. O que é que o Livro dos Mortos dizia? “Eu nunca roubei” tornou-se “não roubarás”, “Eu nunca matei” tornou-se “não matarás”, “Eu nunca menti” tornou-se “nunca levantarás falsos testemunhos” e por aí vai. A religião egípcia é no fundo a base fundamental para a teologia judaico-cristã. Batismo, vida após morte, Julgamento Final, Imaculada Conceção, Ressurreição, Crucificação, A arca da Aliança, circuncisão, salvadores, comunhão sagrada, dilúvio, Páscoa, Natal, a Passagem, e muitas outras coisas e atributos são ideias egípcias nascidas muito antes do Cristianismo ou Judaísmo. Justin Martyr, um dos primeiros historiadores e defensores cristãos, escreveu:

“Quando nós dizemos que Jesus Cristo, nosso mestre, foi produzido sem união sexual, morreu, ressuscitou e ascendeu aos Céus, nós não propomos nada de muito diferente do que aqueles que propõem e acreditam tal como nós, nos Filhos de Júpiter.” E, em outro texto, esse mesmo historiador diz: “Ele nasceu de uma virgem, aceite isto como o que você acredita dos Perseus.”

É óbvio que Justin e outros cristãos cedo perceberam como o Cristianismo era semelhante às outras religiões pagãs. Então o mesmo Justin Martyr encontrou uma solução barata: “Para além de tudo o que sabemos, o Diabo era quem mandava nessas ideias.”

Vejam bem, o Diabo teve a malícia de chegar primeiro que Cristo, e criar essas características para o mundo pagão com a pura intenção de confundir! O Cristianismo fundamentalista é fascinante! Eles pensam realmente que este mundo tem apenas 12.000 anos. Eu perguntei: “Tudo bem! Então como é que você explica os fósseis dos dinossauros?”. A resposta simplista: “Fósseis de dinossauro? Deus colocou-os lá para testar a nossa fé!”. Desculpe-me, mas acho que Deus te colocou aqui para testar a minha fé! :-)

A Bíblia não é nada mais do que um híbrido literário astro-teológico, tal como todos os mitos religiosos que os antecederam. De fato, o aspecto da transferência de atributos de uma personagem para outra é facilmente reconhecida no próprio livro em si.

No Antigo Testamento há a história de Josué. Josué era um protótipo de Jesus. Josué (note a semelhança do nome!) nasceu de um milagre. Josué tinha doze irmãos, Jesus tinha doze discípulos. Josué foi vendido por 30 peças de prata, Jesus foi vendido por 30 peças de prata. O irmão “Judá” sugere a venda de Josué, o discípulo “Judas” sugere a venda de Jesus. Josué começa os seus trabalhos aos 30 anos, Jesus começa aos 30 também. Bom, os paralelismos continuam.

Haverá algum registro não bíblico da existência de mais alguém chamado Jesus, filho de Maria, que viajou com seguidores e curou pessoas? Existiram muitos historiadores que viveram no Mediterrâneo durante esse mesmo período e até mesmo após a presumível morte de Jesus. Quantos desses historiadores fizeram relatos sobre a sua figura? Nenhum. Porém, para sermos justos, não significa que os defensores da existência de Jesus nunca tenham reclamado o contrário.

Quatro são particularmente referidos como pioneiros sobre a teoria da existência de Jesus. Plínio, “o Jovem”, Suetônio e Tácito foram os primeiros. Cada uma das suas máximas consiste apenas em algumas frases em que na melhor das hipóteses refere-se a Christus ou Cristo, o que na realidade não é um nome, mas sim uma titulação. Significa “Escolhido”. A quarta fonte é Josefo, cujos documentos, ficou provado terem sido falsificados séculos atrás e, para infortúnio da humanidade, ainda são vistos como verdadeiros.

Nós não queremos ser indelicados, mas temos que dar atenção aos fatos. Não queremos magoar sentimentos, queremos ser academicamente corretos naquilo que compreendemos e sabemos ser verdadeiro. O Cristianismo simplesmente não é baseado em verdades. Considera-

mos que o Cristianismo foi apenas uma história romana, desenvolvida politicamente.

A realidade consiste em que Jesus foi a divindade Solar do setor Agnosticista Cristão, e tal como outros Deuses Pagãos, uma figura mítica. Foi sempre o poder político que procurou monopolizar a figura de Jesus para controle social. Por decreto de Roma, o Imperador Constantino reuniu o “Concílio Ecumênico de Niceia”. E foi durante essa reunião que as doutrinas políticas com motivação cristã foram estabelecidas e assim começou uma longa história de derramamento de sangue e fraude espiritual. E, nos anos que se seguiram, o Vaticano com mão de ferro dominou politicamente toda a Europa, conduzindo-a a um período de obscurantismo através de eventos como as Cruzadas e a Santa Inquisição. O Cristianismo, bem como todas as crenças teístas, são a fraude desta Era. Serviu para afastar os seres humanos uns dos outros bem como do seu meio natural. Sustenta a submissão cega do ser humano à autoridade. Reduz a responsabilidade humana sob a premissa de que “Deus” controla tudo e que, por sua vez, os crimes mais terríveis podem ser justificados em nome da perseguição Divina. E, o mais importante, dá o poder àqueles que sabem a verdade e usam o mito para manipular e controlar sociedades.

O mito religioso é o mais poderoso dispositivo já criado, e serve como base psicológica para que outros mitos floresçam ou o justifiquem. Um mito é uma falsa ideia que é amplamente seguida. Num contexto profundo e religioso, opera como uma história que guia e mobiliza os povos. O foco não está na história, nem na relação com a realidade, mas sim na forma como funciona.

Uma história não funciona se não tiver uma comunidade ou nação que acredite nela. Nunca será matéria de debate, muitas pessoas podem irritar-se ao questionar a veracidade da história sagrada. Os guardiães dessa fé nunca participarão num debate com eles. Os questionadores serão ignorados ou denunciados como blasfemos.

Peter Joseph e Zeitgeist

O texto que deu origem a este capítulo foi traduzido e retirado literalmente do famoso documentário chamado *Zeitgeist: The Movie*, e representa apenas a parte do mesmo que refere-se à “criação” da religião católica baseada no deus egípcio Hórus e suas referências astronômicas.

Zeitgeist: The Movie faz parte de três documentários de muito sucesso escritos, dirigidos, narrados, musicados e produzidos por Peter Joseph, um diretor de cinema independente e ativista social norte-americano. Esses documentários chamam-se: *Zeitgeist: The Movie* (2007), *Zeitgeist: Addendum* (2008) e *Zeitgeist: Moving Forward* (2011). Naturalmente, devido à sua temática, esses vídeos transformaram-se rapidamente em fonte de grande controvérsia, recebendo muitos elogios e também muitas críticas.



Peter Joseph

Quando *Zeitgeist: The Movie* foi colocado no Youtube, em apenas 6 meses chegou a 50 milhões de visualizações. Depois disso, por razões inexplicáveis, o Google zerou a sua contagem. Hoje calcula-se que o número de visitantes deve ter ultrapassado os 200 milhões. Esses documentários, apesar de terem sido ignorados por algumas redes de TVs, foram mostrados em festivais de cinema pelo mundo, ganharam inúmeras premiações. O filme já foi traduzido para 35 línguas e transmitido para 70 países, e é considerado um dos maiores fenômenos de todos os tempos. Peter Joseph também escreve e produz uma série na web chamada *Culture in Decline* (Cultura em Declínio).

Peter Joseph e Black Sabbath

Em 2013 Peter Joseph dirigiu o vídeo para a música [*God Is Dead?*](#) (Deus Está Morto?), gravado pela banda Black Sabbath e lançada no seu álbum chamado simplesmente *13*. Esse vídeo altamente controverso foi lançado no dia 6 junho de 2013 no Harmony Gold Preview Center em Hollywood e foi, na sua maior parte, composto usando imagens extraídas de sua trilogia [*Zeitgeist*](#) com o acréscimo de imagens de arquivo, da banda tocando ao vivo.

Zeitgeist e Volkana

Usei imagens retiradas do filme *Zeitgeist: The Movie* para a edição do vídeo para a música *That's My Victory*, gravado pela banda Volkana ao vivo no Dama Xoc (SP) em 1992. Por incrível que pareça em 2020, usando imagens coletadas desta mesma plataforma, depois deste vídeo já estar rolando no YouTube por muitos anos, ele foi vetado pelo Youtube. com alegação de ser violento. Apelei desta decisão, alegando que todas as imagens já vinham sendo postadas pelo próprio Youtube por vários anos e mesmo assim não consegui reverter o veto!





Alquimia: Ciência ou Seita?

Escrito por Luís Antônio Silva e Daniel Dias Gato

*“Acho que fui um dos primeiros a falar e
cantar sobre os alquimistas no Brasil.”*

(Jorge Ben Jor)

História da alquimia

A palavra alquimia, Al-Khemy, vem do árabe e quer dizer “a química”. Esta ciência começou a desenvolver-se por volta do século III a.C. em Alexandria, o centro de convergência da época e de recriação das tradições gregas, pitagóricas, platônicas, estoicas, egípcias e orientais. A alquimia deve sua existência à mistura de três correntes: a filosofia grega, o misticismo oriental e a tecnologia egípcia. Obteve grande êxito na metalurgia, na produção de papiros e na aparelhagem de laboratório, mas não conseguiu seu principal objetivo: a Pedra Filosofal.

Os preceitos e axiomas alquímicos encontram-se condensados na misteriosa “Tábua Esmeraldina” (a esmeralda era considerada como a pedra preciosa mais formosa e mais cheia de simbolismo: a flor do céu), um dos quarenta e dois livros da doutrina hermética atribuídos a Hermes Trismegisto.

Hermes “Trismegisto” (três vezes maior) é identificado como sendo o deus egípcio Toth, que é uma representação do poder intelectual. Referências a ele já existiam nos tempos do filósofo Platão, por volta do

ano 400 a.C. Diz a lenda, que os preceitos de Hermes foram gravados em uma esmeralda, o que deu origem ao nome “Tábua de Esmeralda”. Os preceitos e ensinamentos de Hermes pautaram o trabalho dos alquimistas, que em suas obras faziam referências à Tábua de Esmeralda pelo seu nome latinizado, “Tábula Smaragdia”. São preceitos metafísicos bastante avançados e complexos, de forma que só eram compreendidos pelos iniciados. Do nome de Hermes derivou o termo “hermético” e o “hermetismo”, que significam “aquilo que é fechado, restrito”. Algo que é hermeticamente fechado significa inacessível. Ensinamentos herméticos são restritos aos iniciados e pessoas comprometidas com determinada área do ocultismo.

Os sábios que dedicaram sua vida inteira à pesquisa alquímica pretendiam transformar os materiais opacos em metais brilhantes e nobres. Em seus laboratórios realizaram valiosas pesquisas e idealizaram uma linguagem cheia de símbolos indecifráveis para, deste modo, burlar a vigilância a que estavam submetidos por parte daqueles regulamentos sociais, que em todos os tempos tem considerado como tarefa prioritária a perseguição, ou desqualificação daqueles que se atrevem a discordar e não compartilhar dos convencionalismos. Os grandes personagens do pensamento hermético e esotérico anotavam suas investigações em códigos e as chaves decifradoras só eram conhecidas pelos iniciados. Com isso muitos alquimistas se separavam da sociedade, formando seitas secretas e seu engajamento era feito através de juramentos:

“Eu te faço jurar pelos céus, pela terra, pela luz e pela trevas; Eu te faço jurar pelo fogo, pelo ar, pela terra e pela água; Eu te faço jurar pelo mais alto dos céus, pelas profundezas da terra e pelo abismo do tártaro; Eu te faço jurar por Mercúrio e por Anúbis, pelo rugido do dragão Kerkorubos e pelo latido do cão de três cabeças, Cérbero, guardião do inferno; Eu te conjuro pelas três Parcas, pelas três fúrias e pela espada a não revelar a pessoa alguma nossas teorias e técnicas.”

Devido às suas origens, a alquimia apresentou um caráter místico, pois absorveu as ciências ocultas da Mesopotâmia, Pérsia, Caldéia, Egito e Síria. A arte hermética da alquimia já nasceu em lenda e mistério. Os alquimistas usavam fórmulas e recitações mágicas destinadas a invocar deuses e demônios favoráveis às operações químicas. Por isso muitos eram acusados de pacto com o demônio, presos, excomungados e queimados vivos pela Inquisição da Igreja Católica. Por questão de sobrevivência, os manuscritos alquímicos foram elaborados em for-

mas de poemas alegóricos, incompreensíveis aos não iniciados. Mais de dois mil anos antes do início da nossa era, os babilônios e os egípcios procuravam obter ouro artificialmente, e já se interessavam pela transformação dos metais em ouro. Nessa época, a prática da alquimia era realizada sob o mais absoluto dos segredos, pois era considerada uma ciência oculta. Sob a influência das ciências advindas do Oriente Médio, os alquimistas passaram a atribuir propriedades sobrenaturais às plantas, letras, pedras, figuras geométricas e os números eram usados como amuletos, como o 3, o 4 e o 7.

Em função das condenações proclamadas pela Igreja Católica aos alquimistas, durante a Idade Média, o cheiro de enxofre passou a ser associado ao diabo. Os alquimistas faziam suas experiências com enxofre comum, sendo denunciados pelos fortes cheiros emanados de suas casas ou laboratórios, o que permitia que fossem facilmente detectados e acusados de bruxaria e pacto com o demônio, pondo fim aos seus trabalhos. É também digno de registro a criação de Drácula, o vampiro, acusado de obter longevidade à custa do sangue humano. Seu surgimento não passou de uma bem-sucedida tentativa para desmoralizar uma ordem mística alquimista, surgida na Idade Média, que trabalhava na obtenção do elixir da longevidade. Importante, também, é enumerar as muitas descobertas feitas por alquimistas em seus laboratórios, nas suas tentativas para atingir a Pedra Filosofal: água-régia (mistura de ácido nítrico e clorídrico), arsênico, nitrato de prata (que produz ulcerações no tecido animal), acetato de chumbo, bicarbonato de potássio, ácidos sulfúrico, clorídrico, canfórico, benzoico e nítrico, sulfato de sódio e de amônia, fósforo, a potassa cáustica (hidróxido de potássio, que permitia a fabricação de sabões), entre muitas outras coisas que possibilitaram a evolução da humanidade. O sucesso da alquimia na Europa se deve aos árabes, que introduziram ideias místicas acompanhadas por avanços práticos no procedimento químico como a destilação e a descoberta de novos metais e componentes.

Um antigo desenho de Henri Khunrath mostra um laboratório oratório. Nos frascos que se alinham sobre a bancada da chaminé se guardam certas substâncias alquímicas. No desenho podemos ver o alquimista que, de joelhos, diante da tenda-oratória, implora a graça divina para o consumação do feito. A palavra Laboratório tem a seguinte origem: Labor = trabalho; Oratório = local de orações.

A partir das obscuras etimologias, através de uma leitura intrincada, enigmática e carregada de símbolos dos escritos alquimistas, o que podemos perceber claramente é que os objetivos que esses estudiosos perseguiram podem ser resumidos em três fundamentos:

1. Transformar os metais chamados inferiores (principalmente o mercúrio e o chumbo) em ouro e prata, metais tidos como superiores;
2. Preparar uma panaceia que cure as enfermidades humanas, conserve e devolva a juventude e prolongue a vida — a Medicina Universal ou o Elixir da Longa Vida;
3. Conseguir a transformação espiritual do alquimista, de homem caído em criatura perfeita.

As Culturas Alquímicas

A alquimia árabe

A Europa entrou em contato com a alquimia através das invasões árabes na Península Ibérica. Os árabes fundaram universidades e ricas bibliotecas (que entre os séculos VIII e XIII emitiram as bases teóricas da alquimia), as quais foram destruídas nas Cruzadas. A química árabe aperfeiçoou as artes de destilação e de extração por gorduras, a fabricação de sabão, as ligas metálicas e a medicina farmacêutica.

Os primeiros textos traduzidos do grego para o árabe foram os textos de alquimia, dizia o sábio Ibn Al Nadim, no século X. Al Nazi é o primeiro alquimista cuja obra e vida foram descritas por outros autores credíveis.

Dispositivos novos ou aperfeiçoados são introduzidos: o “banho-maria”, os cadinhos perfurados permitindo a separação por fusão, as diferentes retortas de destilação, de sublimação. A classificação das substâncias é variável de um autor para outro. Exemplos:

- Ouro é nobre, pois resiste ao fogo, à umidade e ao enterramento sob a terra;
- Cânfora, enxofre, arsênico, mercúrio e amoníaco fazem parte dos espíritos, pois são voláteis;
- O vidro se enquadra nos metais, pois é susceptível de fusão.

As operações alquímicas eram longas, duravam horas e até dias, mas tratava-se de reproduzir no laboratório, na “matriz artificial” que constitui um alambique bem fechado, um processo que, na natureza, se mede em séculos.

A alquimia cristã

No mundo islâmico, os alquimistas eram alvos de gracejos já que os escritos alquímicos eram cheios de símbolos e era impossível saber se um autor compreendia o que ele escrevia. Quando os textos foram traduzidos em latim, por volta do século XII, os sábios cristãos estavam divididos entre o nobre desejo de melhor combater o inimigo infiel e a curiosidade devoradora pelos saberes.

A alquimia cristã, como a alquimia árabe, toma questão de avaliação. Saber quem era alquimista medieval era a primeira dificuldade presente na alquimia cristã devido à sua situação anônima.

Enquanto os árabes possuíam apenas ácidos fracos e soluções de sais corrosivos, os alquimistas europeus aprenderam a preparar e condensar ácidos fortes, no século XVI. Primeiro o ácido nítrico, depois o ácido clorídrico, em seguida o ácido sulfúrico até chegar à água-régia que dissolve até o ouro.

A alquimia chinesa

Para os alquimistas chineses, o principal objetivo era atingir a imortalidade. Para eles, a não reatividade do ouro mostrava que ele era inalterável e, por isso, imortal. Tentavam manufaturar o ouro e esperavam que, dessa forma, poderiam preparar uma “pílula da imortalidade”. Acreditava-se também que, ingerindo os alimentos em pratos feitos com esse ouro, seria possível alcançar a tão sonhada longevidade.

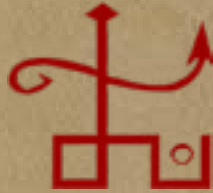
Os alquimistas chineses criaram elixires à base de enxofre, arsênico, mercúrio, e não obtiveram sucesso em sua busca. Joseph Needham fez uma lista de imperadores cuja morte se pode pensar ter sido causada pelo envenenamento causado pelo consumo desses elixires. Dessa forma, a alquimia chinesa foi perdendo força e acabando desaparecendo com a ascensão do Budismo.



BARBIERI TAMBÉM É COMPOSITOR!



**MUSIC FROM DE HEART É O NOME NOVO ÁLBUM DE
A. C. BARBIERI, LANÇADO EM JANEIRO DE 2021 E
JÁ À VENDA ONLINE NAS MELHORES PLATAFORMAS
COM DISTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL PELA TUNECORE!**



Eliphas Levi

“O homem é o Deus do mundo e Deus é o homem do paraíso.”

(Eliphas Levi)

Num filme, o mágico, de suas mãos, atira uma bola de fogo azul e a plateia fica toda maravilhada pelos efeitos especiais. Nos livros, em um duelo entre dois magos, uma jovem bruxa profere alguma palavra estranha e a varinha mágica do seu oponente escapa de sua mão, voa no ar e vai parar exatamente na mão dela. Desta forma, através de livros e filmes, o mago, num eterno jogo de “faz de contas”, transformou-se em um símbolo cultural contemporâneo similar ao dos mágicos profissionais que, apenas usando a velocidade de suas mãos, criam ilusões com suas cartas de baralho.

No cinema, atrás do gênero “fantasia” todo um estilo ganhou forma, incorporando ideias ancestrais e arquetípicos encontrados em contos muito antigos que, por sua vez, são registros de tradições orais transmitidas de pai para filho, através de muitas e muitas gerações desde o começo dos tempos. Desde *A Branca de Neve e os Sete Anões* até as Lendas do Rei Arthur passando por *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter* a figura do Mágico tem marcado presença constante no inconsciente coletivo das novas gerações. Hoje em dia, a magia, no cinema, compete de igual para igual com a ficção científica, e nunca esteve tão presente. Então, é obvio que este tema também ocupe espaço no mundo do rock. Desde o Hard Rock até o Rock Extremo, passando pelo Heavy Metal e Black Metal, a magia e o cultismo sempre estiveram presentes.

A verdade é que as pessoas gostam do conceito de mágica porque sabem de antemão que é algo seguro. É apenas um truque sem perigo algum! Eles sabem muito bem que não ficarão feridos se um mágico tirar uma moeda de trás de suas orelhas! Não é mesmo?

Entretanto, o que aconteceria se mágica realmente existisse fora do campo da ficção? O que aconteceria se mágicos e bruxas, alguns com a verdadeira intenção de fazerem o mal, caminhassem na Terra, arduamente praticando e espalhando seus poderes de influência naqueles que os rodeiam?

De antemão, já posso afirmar que muita gente negará a existência desse tipo de coisa alegando tratar-se de pura besteira, fantasias sem nenhuma base científica. Entretanto, também é verdade que quase todo mundo já ouviu falar de Satanismo, Bruxaria ou Wicca.

Apesar de muita gente não acreditar no oculto e no paranormal, mesmo assim, muitas costumam dizer: "... não acredito, mas acho que com essas coisas não se brincam!".

Certamente repetirão Shakespeare dizendo: "... que existem mais mistérios entre o céu e a terra do que poderá imaginar a nossa vã filosofia!".

O caro Micka, guitarrista da banda Santuário, preferiu com humor dizer:

"... no creo en fantasmas, pero de que los hay... los hay."

E como dizem:

"... onde há fumaça há fogo!"



Eliphas Levi

Eliphas Levi

Confesso que nunca tinha ouvido falar desse mestre do oculto até que, durante minha pesquisa para este trabalho, entrevistei Uruka Angel Vokills, ou simplesmente Angel, como é conhecido o lendário ex-vocalista da banda Vulcano. Nas suas respostas às minhas perguntas ele informou-me que “estava mais para Eliphas Levi do que para Aliester Crowley”, e continuou explicando que, segundo ele, sobre Crowley, “pouco sabia pois nunca havia se interessado sobre a vida dele”. Segundo Angel, “o ocultismo feito por Crowley, para ele, vai contra algumas leis naturais como a do Tríplice Retorno.” Na Moralidade Wiccan, a Lei do Tríplice Retorno prega que não importa o que você faça para alguma pessoa ou coisa (bem ou mal), isso retornará para você com uma força tripla!

Angel também comentou que no início da década de oitenta “participou de algumas reuniões da Gnose e teve algum conhecimento através de livros publicados pelo Círculo da Comunhão do Pensamento.”

Quando perguntado sobre como via o Demônio, respondeu que para ele “o Demônio é o Yang que junto com o Yin movimentam o Universo.” Outra vez, notem que Yin/Yang é uma outra face da dualidade em ação!

Já Jack Santiago, o não menos lendário ex-vocalista da banda Harppia, respondendo às mesmas perguntas, dessa vez feita pelo Paulão Atitude, não mostraria o mesmo respeito a Eliphas Levi dizendo: “Cheguei a levar vários anos de minha vida para conseguir concatenar e estruturar todo um sistema mágico eficaz e verdadeiro e não uma balela histórica... baseada em livros como o Dogma e Ritual de Alta Magia escrito por Eliphas Levi (que infelizmente de praticidade quase nada o tem)”.

Então, diante desses dois comentários, resolvi pesquisar melhor para tentar saber um pouco mais quem foi Eliphas Levi:

Eliphas Levi (08/02/1810 – 31/05/1875) nasceu em Paris com o nome Alphonse Louis Constant, e usando o nome Eliphas Levi publicou vários livros sobre o oculto. Além disso, ele também foi um mago especializado em cerimônias rituais. Muito embora ele não fosse judeu, seu nome Eliphas Levi indica que foi resultado de uma tentativa de tradução ou adaptação de seu nome real Alphonse Louis para o hebreu. Sua segunda esposa foi a escultora Marie-Noémi Cadot.

Levi foi filho de um sapateiro parisiense. Ele entrou para o Seminário de Saint Sulpice e pretendia tornar-se um padre católico romano, mas acabou apaixonando-se e largou o seminário antes de ser ordenado. Antes de deixar o seminário, escreveu em 1839 *Des Moeurs et des Doctrines du Rationalisme en France* (Sobre Costumes Morais e Doutrinas do Racionalismo na França) e em 1844 *La Mère de Dieu* (A Mãe de Deus) seguido, depois de deixar o seminário, por dois trabalhos mais radicais, um em 1840 chamado *L'Evangile du Peuple* (O Gospel do Povo) e em 1848 que foi, na França, um ano bem revolucionário, publicou *Le Testament de la Liberté* (O Testamento da Liberdade), que resultou em duas breves passagens pela prisão.

Em 1853 Eliphas Levi visitou a Inglaterra onde encontrou-se com o novelista Edward Bulwer-Lytton que era interessado no Rosacrucianismo como tema literário e era presidente de uma pequena ordem Rosacruciana.

O primeiro tratado de magia escrito por Eliphas Levi apareceu em 1854 com o nome *Dogme de la Haute Magie* (Dogma de Alta Magia), seguido em 1856 por *Ritual de la Haute Magie* (Ritual de Alta Magia). Esses dois livros mais tarde seriam combinados em um único livro cha-

mado *Dogme et Rituel de la Haute Magie* (Dogma e Ritual de Alta Magia). Esse livro seria, mais tarde, em 1910 traduzido para o inglês com o nome *Transcendental Magic, Its Doctrine and Ritual* (Mágica Transcendental, Sua Doutrina e Ritual).

Eliphas Levi no seu famoso texto de abertura apresenta de forma profunda e impactante o Ocultismo como um tema essencial e único e, para o leitor, dá o sabor e a atmosfera do que está por vir:

“Atrás do véu de toda mística e de toda sagrada alegoria encontrada nas doutrinas da Antiguidade, atrás da escuridão e das estranhas dificuldades de toda iniciação, debaixo do selo de todas as escrituras sagradas encontradas dentro das ruínas de Nineveh ou Tebas, sobre as pedras desfazendo dos templos e diante da visão obscurecida de uma Sphinx assíria ou egípcia, nas monstruosas e maravilhosas pinturas que inspiradas interpretam as páginas do Vedas na Índia para aqueles homens de fé, dentro de emblemas crípticos dos nossos antigos livros de alquimia, nas cerimônias praticadas nas recepções por todas as sociedades secretas, existem indicações encontradas de que a doutrina cuidadosamente escondida está por todos os lugares e em tudo.” Muito embora essa introdução tenha ficado muito famosa, ela só foi escrita em 1861 depois do sucesso da primeira edição.

Eliphas Levi na sequência escreveu em 1860 *Historie de la Magie* (História da Magia), em 1861 a continuação *Dogme et Rituel, La Clef des Grands Mystères* (Dogma e Ritual, a Chave dos Grandes Mistérios), em 1862 lançou *Fables et Symboles* (Fábulas e Símbolos), em 1865 *Le Sorciere de Meudon* (O Bruxo de Meudon) e *La Science des Esprits* (A Ciência dos Espíritos) e, em 1868, *Le Grand Arcane*, ou *L'Occultisme Dévoilé* (O Grande Segredo, ou O Ocultismo Revelado), este último na verdade apenas publicado após a sua morte em 1898.

A visão mágica de Eliphas Levi tornou-se um grande sucesso, especialmente depois da sua morte. Outro fato que contribuiu muito para o seu sucesso foi a popularização, lá pelo meio de 1800, do Espiritualismo pela Europa e Estados Unidos. Apesar de seus ensinamentos mágicos parecerem meio nebulosos, eles distanciavam-se dos fanatismos óbvios, não pretendia vender nada e nem propagava a imagem de que fazia parte de alguma antiga e fictícia sociedade secreta. Eliphas Levi incorporou as cartas do Tarô no seu sistema mágico e, como consequência, o Tarô passou a ser uma parte importante da parafernália dos mágicos ocidentais.



O Pentagrama com uma ponta para cima significa o “bem”, e com duas pontas para cima significa o “mal”!

Eliphas Levi causou um grande impacto na magia da Hermetic Order of the Golden Dawn (Ordem Hermética do Amanhecer Dourado) e, mais tarde, também em Aleister Crowley, um dos seus ex-membros. Ele foi um dos primeiros a declarar que o pentagrama, ou estrela de cinco pontas, com uma ponta para baixo e duas para cima significa o Demônio enquanto que, o contrário, um pentagrama com apenas uma ponta para cima e duas pontas para baixo significa o bem. Foi através dos muitos mágicos que ele inspirou que esse mestre é hoje lembrado como um dos fundadores-chaves do renascimento da magia no século XX.

Definindo a magia

Os trabalhos de Eliphas Levi estão cheios de definições do que ele entendia tanto por “Mágica” quanto pelo papel do “Mágico”.

Sobre a magia ele disse:

“Praticar a magia é ser um charlatão, saber magia é ser um sábio.”

“A magia é a divindade do homem conseguida em união com a fé.”

Sobre o mágico ele disse:

“Ele olha para aquele que é moralmente corrupto como um inválido do qual ele precisa ter pena e achar uma cura. O mundo com seus erros e corrupções é para ele o hospital de Deus, onde ele deseja servi-lo.”

“Eles existem sem medo e sem desejos, sem falsidade, sem compartilhar o erro, vivendo sem ilusão, sofrendo sem serem impacientes, repousando na quietude do pensamento eterno... um Mago não pode ser ignorante, porque magia implica superioridade, ser um mestre, ser maior, e ser maior significa emancipar-se pelo conhecimento. Mágicos acham bem-vindo o prazer, aceitam o poder econômico e merecem ser honrados, mas nunca são escravos dessas comodidades. Ele sabe

como ser pobre, como abster-se e como sofrer. Ele aceita calmamente o pior porque sabe que ele é o mestre da sua própria felicidade, e não espera nada e não tem medo de nada que possa vir do capricho da fortuna. Ele pode amar sem ser amado. Ele pode criar tesouros indestrutíveis e exaltar ele mesmo acima do nível das honras e dos prêmios da loteria. Ele possui exatamente o que ele busca: profunda paz. Ele não se arrepende de nada que terá um fim, mas lembra-se com satisfação de que ele recebeu tudo com prazer. Sua esperança é uma certeza porque sabe que o bem é eterno e o mal transitório. Ele adora a solidão, mas não foge da companhia do homem. Ele é uma criança junto de uma criança, vivaz com o jovem, respeitoso com um idoso, paciente com o tolo, feliz com o sábio. Ele sorri para todos que sorriem, sussurra para os que choram, aplaude a força, indulgente com a fraqueza e não ofende ninguém. Ele não precisa de perdão, porque ele nunca se sente ofendido. Ele tem dó daqueles que o entenderam mal e busca uma oportunidade para servi-los. Só com a força de sua bondade é que ele busca vingar-se do mal-agradecido.”

“O mágico não julga, nunca fala duro. Ele ama e atua.”



A Teoria da Mágica

Eliphas Levi identificou na mágica três princípios fundamentais:

1. O Universo Material é apenas uma pequena parte da realidade total que inclui muitos outros planos e modos de consciência. O total conhecimento e poder do Universo só poderão ser obtidos através da percepção desses outros aspectos da realidade. Um dos mais importantes níveis ou aspectos da realidade é o da “Luz Astral”, um fluido cósmico que pode ser modelado em formas físicas.

- Só podemos definir o “desconhecido” pelas supostas relações com o “conhecido”.
- O ideal divino da Antiguidade criou esta civilização que está acabando e nós não podemos nos desesperar em ver o Deus dos

nossos pais bárbaros tornando-se o Demônio das nossas crianças iluminadas.

- O poder do desejo humano é a força real, capaz de conseguir absolutamente qualquer coisa, do mundano até o miraculoso.
- **AXIOMA 01:** A nada pode resistir o desejo de um homem quando ele sabe que seu desejo é verdadeiro e bom.
- **AXIOMA 09:** O desejo de um homem justo é o desejo do próprio Deus e das leis da natureza.
- **AXIOMA 20:** Uma corrente de flores é mais difícil de quebrar do que uma corrente de ferro.
- **AXIOMA 21:** O sucesso em não ter medo do leão resultará no leão tendo medo de você. Diga para o sofrimento: “Eu desejo que você vire prazer e meu poder será tanto que será mais do que prazer, será uma bênção.”
- O ser humano é um microcosmo, uma miniatura do Universo macrocósmico, e os dois estão fundamentalmente ligados. As causas colocadas em movimento em um nível afetarão igualmente o outro.
- O homem é o Deus do mundo e Deus é o homem do paraíso.





Wicca e a Bruxaria

“Não fira ninguém, faça o que desejar.”

(ditado Wiccan)

Wicca é uma seita moderna pagã baseada em bruxaria, que apareceu na Inglaterra na primeira metade do século XX. Ela chegou ao público em 1954 através de um funcionário público aposentado chamado Gerald Gardner. Este culto, para a sua prática ritual e estrutura teológica, inspirou-se em diversas tendências ancestrais pagãs e também em temas herméticos do século XX.

A palavra inglesa “witch” (bruxa) derivou da palavra medieval inglesa “wicche”, que no inglês antigo passou a ser “wicce” para finalmente transformar-se, para as mulheres, na palavra “witch” ou “wicca” e para os homens na palavra “wizzard” (bruxo).

Wicca é uma religião muito diferente porque não possui uma figura central de autoridade. Ela é dividida em muitas linhagens e denominações referidas como “tradições”, cada uma com seu próprio tipo de estrutura organizacional e nível de centralização. Naturalmente, tendo em vista sua natureza descentralizada existe certa discórdia sobre qual é exatamente a natureza da Wicca. Algumas “tradições ou linhagens” coletivamente seguem es-



tritamente o “Tradicional Wicca Britânico” como pregado por Gerald Gardner, e consideram que o nome Wicca só pode ser usado por eles enquanto outras “tradições” mais ecléticas obviamente não concordam com esse postulado.

Tipicamente, trata-se de uma seita duoteísta, adorando um deus e uma deusa tradicionalmente vistos como a “Deusa Mãe” e o “Deus de Chifre”. Essas duas entidades geralmente são vistas como as duas faces da panteística “Cabeça de Deus”. Entretanto, dependendo da “tradição”, a seita pode ser tanto politeísta como monoteísta.

As celebrações da seita Wicca compreendem aproximadamente 8 festivais anuais chamados “Sabbats” (o nome da banda Black Sabbath justamente refere-se a um “sabbat negro”). A moralidade tradicional Wicca é resumida através do “Wiccan Rede”, cujo lema é “An it harm none, do what ye will” (Não fira ninguém, faça o que desejar). Muito embora não seja obrigatoriamente necessário, a seita Wicca geralmente envolve a prática da magia.



Achei importante citar a Wicca porque seu lema “Não fira ninguém, faça o que desejar” mostra como ficará claro no próximo capítulo que Aleister Crowley não só parece ter sido influenciado pela Wicca como também por Eliphas Levi e muitos outros.





Aleister Crowley

“Faze o que tu queres que há de ser o todo da lei.”

(Aleister Crowley)

Em minhas pesquisas, descobri que a Internet contém vários websites religiosos cuja única função parece ser atacar a imagem deste mago controverso, colocando-o como um homem degenerado, imoral e corrupto, um verdadeiro emissário de Satã. Será tudo isso verdade?

De uma coisa estou certo, Aleister Crowley foi um homem culto que pesquisou muito e, naturalmente na sua busca para entender o Oculto, foi influenciado pelos que o antecederam. Ele foi reconhecidamente influenciado por Eliphas Levi e certamente tinha conhecimento do pensamento Wicca. Crowley viajou muito, e nas suas buscas foi parar até no Egito.

Por outro lado, ele foi também uma figura muito complexa, muito controversa e até extravagante, que parecia ter prazer em causar polêmica.

Magic ou Magick?

Antes de entrar em maiores detalhes sobre a pessoa deste Mago poderoso, deixem-me explicar porque ele preferia usar a palavra inglesa “magic” acrescentando um “k” no final.

Segundo Crowley, a palavra “magick” contém 6 letras, mas, quando falada, soa como se tivesse apenas 5. Então, $5+6=11$, e 11 é a metáfora matemática para a representação do símbolo mágico conhecido como



Aleister Crowley na juventude

hexagrama (um círculo contendo uma estrela de 6 pontas).

O hexagrama é um símbolo muito usado em contextos históricos, religiosos e culturais como, por exemplo, na identidade judia, no Hinduísmo e Ocultismo. Ele também é conhecido como a “Estrela de David”.

No Ocultismo, tanto o hexagrama quanto o pentagrama (um círculo contendo uma estrela de 5 pontas) são símbolos usados nas suas práticas e cerimônias mágicas. A estrela de 6 pontas geralmente é usada como um talismã e também para conjurar os espíritos

nas práticas de bruxaria. No livro *A História da Mágica*, Volume II, a estrela de seis pontas é chamada “Talismã de Saturno” e também recebe o nome de “O Selo de Salomão”.

“Na maçonaria (*Freemasonry*), o enlaçamento de dois triângulos ou deltas simboliza a união de dois princípios ou forças, a ativa e a passiva, a masculina e a feminina, forças estas que permeiam o Universo. Os dois triângulos, um branco e outro negro, interlaçados, mostra o inter-relacionamento dos opostos na natureza (escuridão e luz, mentira e verdade, ignorância e sabedoria, o mal e o bem) através da humanidade.” (Albert G. Mackey)

Mas, voltando a Aleister Crowley, a história geralmente suprimida do Oculto de repente explode de forma clara e vibrante no final do século XIX quando, em 1875, nasce na cidade de Leamington (Warwickshire), na Inglaterra, Edward Alexander Crowley.

Provavelmente não é de se surpreender que este garoto que, no futuro, iria referir-se a si mesmo como A Besta, apelido dado ao anticristo

no livro bíblico das revelações, cresceu dentro de uma família católica ultraconservadora. Ele se tornaria contra a religião já aos 11 anos de idade, quando seu pai morreu, deixando-o à mercê de sua mãe supercontroladora que costumava chamá-lo frequentemente de “a pequena besta”. No Brasil, ouvi várias pessoas referirem-se a alguma criança como ela sendo “um diabinho”. Imaginem esta criança crescendo e dizendo para todos que ela é o Diabo. Foi o que aconteceu com Aleister Crowley.

Conta-se que Aleister Crowley foi expulso da escola católica de Tonbridge por testar a teoria de que os gatos possuem nove vidas, executando-os de várias formas. Tonbridge é um internato para rapazes caríssimo, mais caro do que o Eton onde estudou William e Harry, os filhos da Princesa Diana. Sua mudança radical aconteceu quando estudava em Cambridge. Foi lá que ele recebeu a notícia de que sua mãe tinha falecido e deixado para ele toda a fortuna da família, £40.000 libras (5 milhões de libras nos dias de hoje). A partir desse momento, Aleister Crowley abandonaria totalmente a escola e sua vida passaria a ser escandalosa.

Por exemplo, ele nunca perdia a oportunidade de usar algum apelido, incluindo números como o infame 666. Ele gostava de ver a reação que causava nas pessoas quando se apresentava usando alguns desses apelidos. Ele foi um escritor prolífico, mas com frequência escreveu críticas ferozes ao seu próprio trabalho usando outros nomes. Seu caráter travesso e malandro levou-o até a publicar livros usando nomes de pessoas que ele odiava só para, depois, poder criticá-las.

Ao mesmo tempo, ele faria parte ou criaria ordens mágicas incluindo Hermetic Order of the Golden Dawn (Ordem Hermética do Amanhecer Dourado), o Ordo Templi Orientis ou simplesmente OTO. Mais tarde, em 1907, quando ele deixou a Hermetic Order of the Golden Dawn, junto com George Cecil Jones criou A.'.A.'. que é uma fraternidade mística Thelêmica cujos objetivos eram a busca da luz e do conhecimento. Seu lema era: “o método científico, o objetivo da religião”. O livro sagrado desta ordem é o AL vel Legis (O Livro da Lei).

Durante a Primeira Guerra Mundial, foi considerado pelo governo britânico um traidor por ter mudado de residência para a cidade de Nova York, onde costumava ir até a Estátua da Liberdade para fazer discursos a favor da Alemanha.

Não demoraria muito tempo para ele ficar sem dinheiro, deixar os Estados Unidos e por alguns anos viajar pelo norte da África antes de

aparecer na Itália, onde, na Sicília, ele se estabeleceria e criaria a Abadia ou Convento de Thelema, onde Crowley passaria a envolver-se com a prática da magia, acabando por receber da revista *John Bull* o título de “O Homem Mais Perverso do Mundo”. Suas ações explícitas e incontroláveis acabaram chamando a atenção do então ditador Mussolini que, mais tarde, ordenaria pessoalmente sua saída da Itália.



Hermetic Order of the Golden Dawn ou Ordo Templi Orientis (OTO)

Crowley então trocou um regime fascista por outro. Ele foi para a Alemanha onde ajudaria a criar a ordem do OTO. Crowley ficaria lá até que, um pouco antes da chegada de Hitler ao poder, acontecesse um incidente muito desagradável. Depois de verem Crowley dar um tapa numa garota, alguns nazistas da SA o espancaram quase até a morte. Crowley sairia da Alemanha no momento certo porque logo os nazistas acabariam com todos os grupos de ocultismo e passariam a perseguir qualquer grupo que ousasse desafiarlos. Entretanto, quando perguntado, Hitler disse que, muito embora eles nunca tivessem se encontrado, Aleister Crowley foi o único inglês que ele gostaria de ter conhecido.

Aleister Crowley outra vez abandonaria a Europa em direção à América do Norte e continuaria a atuar como um traidor, publicando em Nova York uma pequena revista pró-germânica chamada *The Fatherland*, que significa literalmente algo como “A terra de nossos pais”, mas é também uma forma de referir-se à “pátria”, dentro de um contexto nacionalista. Mais tarde, quando perguntado, Crowley declararia que, na verdade, o tempo todo, ele estava trabalhando como um agente “oculto” do governo britânico, atividade que nunca foi confirmada ou desmentida pelos ingleses. O que é sabido é que um agente inglês que trabalhou para a marinha cujo nome era Ian Fleming mais tarde usaria Crowley como fonte de inspiração para criar o personagem Blofeld, que foi o mais perigoso adversário de James Bond.



Aleister Crowley

Tempos depois, durante o meio da Segunda Guerra Mundial ele retornaria para a Inglaterra. Crowley passou a maior parte dos seus últimos dias lutando contra a sua imagem de mágico envolvido com magia negra a serviço de Satã. Ele tinha 72 anos quando morreu de uma infecção respiratória na cidade de Hastings, na Inglaterra.

Conta-se que, no seu leito de morte, Crowley implorou por morfina para aliviar a sua dor, mas o doutor negou-se a fornecê-la. Crowley em desespero amaldiçoou-o prometendo que o médico morreria nas próximas 24 horas. Mesmo assim o médico não lhe deu morfina e Crowley passou suas últimas horas chorando de dor. Suas últimas palavras foram: “Às vezes eu me odeio!”. Dezoito horas depois o doutor também morreu!

Aleister Crowley escreveu 100 livros sobre magia (ou magick, como ele preferia dizer). Crowley também foi um bom pintor e um alpinista de sucesso, chegando até a acumular alguns recordes. Seu lema “Do what thou wilt be the whole of the law” (Faze o que tu queres que há de ser o todo da lei) teria uma forte influência nas próximas gerações.

Importante: Nos capítulos “Raul Seixas e a Sociedade Alternativa” e “Jimmy Page e Led Zeppelin” retornaremos a falar sobre este grande e controverso mestre do oculto.





Black Sabbath e Ozzy Osbourne

*“Eu não sei se tenho mediunidade para alguma força externa.
Francamente, o que seja, espero que não seja o que estou pensando... Satã.”*
(Ozzy Osbourne)

Quando falamos do oculto no rock, a banda Black Sabbath é uma das primeiras que nos vem à mente, mas fiquem certos de que não é a única!

Agora, quando falamos da banda Black Sabbath, a figura de Ozzy Osbourne aparece soberana. Então, vamos começar falando dele...

Durante os últimos anos, a imagem de Ozzy Osbourne transformou-se numa figura folclórica, apenas uma caricatura patética de um *rock star*. Para os roqueiros antigos, verdadeiros apreciadores do rock pesado, sua mudança de imagem foi nada mais nada menos do que um deboche e uma tentativa de ridicularizar o próprio Heavy Metal, um estilo de rock que considera a banda Black Sabbath como seminal e importantíssima na sua criação e desenvolvimento.

Muito dessa mudança de imagem foi devida ao programa *The Osbournes* criado pela MTV, onde Ozzy aparece como uma figura triste, um sobrevivente do uso excessivo de drogas, com vários problemas, mostrando desde sua dificuldade de locomoção e fala até um simples raciocínio lógico.

Essa imagem vendida pela MTV foi um grande sucesso porque, a cada programa, de 6 a 8 milhões de pessoas ficavam grudadas na frente de suas TVs.

Muita gente disse gostar do programa porque, vendo Ozzy e sua família disfuncional, em meio a situações totalmente absurdas, fazendo suas loucuras, lhes faziam sentirem-se melhores a respeito de suas próprias vidas. Outros disseram que ver um ex-drogado, na sua própria casa, rastejando, murmurando besteiras, vociferando palavras obscenas e geralmente lutando para entender como funcionava o controle remoto da sua TV era sempre muito divertido. A verdade é que esse programa de TV transformou-se em um dos programas de celebridades de mais sucesso na história da TV mundial.

No entanto, se pararmos para pensar seriamente, descobriremos que Ozzy é muito mais do que mostraram na MTV. Ele é muito mais esperto, sinistro e obscuro.

Quando Ozzy foi incluído no “Hollywood Walk of Fame”, quem o introduziu foi Marilyn Manson. Esta outra figura estranha, referindo-se a Ozzy, disse: “Ozzy, esta estrela aqui do lado, provou que, mesmo cometendo vários crimes contra Deus e a natureza, consegue-se o sucesso.”

E, falando em sucesso, não deixa de ser curioso o fato de que Ozzy como parte da banda Black Sabbath tenha obtido sucesso e vendido milhões de cópias, mas, quando expulso da banda, partiu para a carreira solo e, sozinho, apenas usando o nome Ozzy Osbourne, acabou vendendo mais de 70 milhões de cópias.

Na verdade, na época, não causou nenhuma surpresa ver George Bush, o presidente dos Estados Unidos, convidando Ozzy para lhe fazer uma homenagem num jantar na Casa Branca, onde declarou:

“(...) Uma coisa sobre Ozzy que tenho que destacar é que ele fez um grande número de gravações de sucesso: *Party with the Animals* (Festa com os Animais), *Sabbath Bloody Sabbath* (Sabbath Maldito Sabbath), *Facing Hell* (Enfrentando o Inferno) e *Bloodbath in Paradise* (Banho de Sangue no Paraíso) etc. Ozzy, mamãe ama as suas coisas.”

Para um Presidente que será sempre lembrado pela invasão, usando falsos pretextos, do Iraque e Afeganistão, e que carrega nas suas costas a responsabilidade por milhares e milhares de mortes, mais parecia o Diabo congratulando um de seus discípulos!

É claro que para os religiosos e moralistas de plantão foi como colocar mel para atrair as formigas. Um deles, um tal de Josefh Farah, num show declarou em 2002: “Letras satânicas, uma visão diabólica do mundo, boca suja, sem habilidade musical, consumidor de drogas! Este

é Ozzy! Ele é um depravado moral terrorista, seduzindo essa garotada jovem que não tem o que fazer a não ser viver esses estilos de vida mortais. O presidente Bush sabia disso, mas, ainda assim, em um jantar de gala na semana passada achou apropriado reconhecê-lo e dar-lhe especial atenção.”

O significado atrás das músicas que o Presidente elogiou em si só já são alarmantes. A música *Festa com os Animais* já sugere bestialidade, *Sabbath Maldito Sabbath* fala de um homem possuído por poderes demoníacos no seu caminho para o inferno. Na verdade, a própria capa do álbum de mesmo nome, mostra um homem deitado numa cama, contendo o número 666 incrustado na sua cabeceira, sendo aterrorizado por demônios. A música *Banho de Sangue no Paraíso* inspirou-se nos assassinatos de Charles Manson. E, na música *Enfrentando o Inferno*, Ozzy fala dele mesmo no Julgamento Final, já no inferno:

“O Diabo está vindo e ele está batendo na sua porta porque hoje é seu dia de pagar... e estou rezando para que você (Diabo) nunca saiba que eu estou na frente do inferno.”

Ozzy é um grande admirador do ocultista Aleister Crowley e, segundo a revista *Spin*, até possui um dos seus livros autografados. Sua admiração chegou ao ponto de compor uma música para ele chamada *Mr. Crowley*, onde diz que Crowley “está esperando o chamado de Satã”. Quanto a Crowley, Ozzy declarou: “Eu realmente aprendi a acreditar no Diabo. Eu dediquei o álbum *The Blizzard of Oz* a Aleister Crowley (Publicado em *Rock to Rock*, Eric Barger, p.133).

Ozzy Osbourne abandonou a escola e foi um adolescente cheio de problemas, chegando até a ser preso por furto. Ele mesmo declarou que foi atraído pelo Diabo desde quando ainda era criança:

“(...) Desde que era pequeno sempre tive esta coisa com Satã... O demônio está com a gente o tempo todo.” (Revista *Circus*, Aug. 26, 1980, p. 26)

No pique do seu sucesso com a banda Black Sabbath, Ozzy admitiu que acreditava que era um médium para forças maiores do que ele mesmo, forças estas, responsáveis pela sua fama e sucesso. Mais tarde, ele mesmo diria:

“Eu não sei se tenho mediunidade para alguma força externa. Francamente, o que seja, espero que não seja o que estou pensando... Satã.” (Revista *Hit Parader*, Feb. 1975, p. 24)



Existe muita lenda e folclore sobre a banda Black Sabbath e nunca saberemos a verdade sobre muito do que é contado aqui, mas circula por aí a versão de que o nome Black Sabbath foi dado para a banda inspirado numa satânica aparição surgida aos pés da cama do baixista Terry “Geezer” Butler. Butler enveredou-se pelo ocultismo a ponto de transformar sua casa num templo para veneração. É ele mesmo quem admite:

“Li uma revista (sobre magia negra) e pensei: ah sim! Nunca tinha pensado assim, sobre o ponto de vista de Satã. Então, comecei a ler mais e mais... Desde quando era criança, vinha tendo muitas experiências e até enfim, estava lendo coisas que explicavam tudo isso. Isto me levou a ler sobre a coisa toda, sobre magia negra, magia branca e todo tipo de mágica. Eu descobri que Satanismo estava por aqui antes de tudo e comecei a colocar cruzes invertidas nas minhas paredes e desenhos do Satã por todos os lados. Eu pintei meu apartamento todo de preto, acabei envolvendo-me na coisa e, então, todas estas coisas horríveis começaram a acontecer para mim. Você passa daquele ponto, segue totalmente a coisa e esquece-se totalmente de Jesus e Deus.” (*Seconds Magazine*, 1996, Issue 39, p. 64)

A situação para Butler já não estava fácil quando Ozzy Osbourne veio e lhe deu para ler mais um livro sobre magia negra. Aparentemente esse presente precipitou em Butler uma experiência mística e também uma transformação de consciência. Foi aí que Butler recebeu a visita de uma poderosa entidade diabólica que informou-lhe que a banda tinha sido escolhida e deveria chamar-se Black Sabbath. Butler explica:

“Eu senti essa vibração realmente estranha sobre o livro e guardei-o no armário do apartamento em que vivia. Então, naquela noite, acordei de repente com essa forma escura nos pés da minha cama... No outro dia, contei o ocorrido para Ozzy, e três dias depois já tínhamos composto a primeira música chamada *Black Sabbath*, onde Ozzy tinha transferido toda a minha experiência para a letra da música.” (Terry Butler, video entrevista). A letra da música *Black Sabbath* fala:

*O que é isto em pé na minha frente?
 Esta figura negra que aponta para mim
 Vire-se de lado rapidamente e comece a correr
 Descobri que sou O Escolhido
 Grande forma negra com olhos de fogo
 Contando para o povo o seu desejo
 Satã está sentado ali, ele está sorrindo.*

Não muito tempo depois dessa visita do além, a banda lançaria seu primeiro álbum e seria catapultada ao sucesso mundial. Tommy Iommi, que um dia disse “Às vezes eu sinto que Satã é Deus”, olhando para trás no seu sucesso admitiu:

“Nós da banda sempre achamos que temos um quinto elemento na banda, um membro místico. Que existe alguém que olha por nós.” (Ibid.)

Houve momentos que a banda achou que forças ocultas os estavam usando:

“Um dia, enquanto a banda ensaiava compondo novo material, a banda cujo nome anterior era Earth (Terra) teve uma experiência estranha. Terry ‘Geezer’ Butler e Tommy Iommi estavam tocando riffs para Ozzy e Bill quando, para surpresa de todo mundo, os dois tocaram juntos os mesmos acordes várias vezes e ao mesmo tempo. Nenhum deles tinha visto o outro tocar aquilo antes!” (*Black Sabbath: The Ozzy Osbourne Years*, p. 8)

“Os encontros de Terry “Geezer” Butler com o sobrenatural continuaram. Durante as gravações do álbum *Sabbath Bloody Sabbath* em Bel Air, o baixista sentiu uma forte presença no seu quarto. Ele olhou para cima e viu vários espectros olhando lá de cima para ele, criando um efeito poderoso. Pálido de medo ele correu e acordou Bill, Tony e Ozzy. Ele então contou para os seus companheiros de banda o sucedido só para descobrir que todos eles estavam tendo experiências similares. Para a banda era óbvio que uma escura e estranha nuvem pairava sobre eles.” (Ibid., p. 19)

É Bill Ward, o baterista, quem comenta:

“A única forma que posso descrever, talvez a melhor forma para mim, é dizer que quando nós estávamos juntos tocando nossas primeiras canções, especialmente durante os primeiros três álbuns, nós chegávamos na sala e era quase como se as canções já tivessem sido escritas antes. É por isso que prefiro chamar Black Sabbath ‘um fe-

nômeno' em vez de 'uma banda'. Muito embora sejamos uma banda de Rock 'n' Roll, acontece esse fenômeno onde a criação parece vir de algum lugar. Acontece que é justamente nós que estamos lá para receber essas ideias." (They Sold Their Souls for Rock and Roll, video entrevista)

Enquanto a banda gozava grande sucesso com seu primeiro álbum, seus membros queimavam as Bíblias dos hotéis:

"Eu quero dizer, este negócio de queimar Bíblias... Nós ficávamos bêbados e (sem explicação) queimávamos as Bíblias que encontrávamos nos quartos dos hotéis." (Harry Shaw, *Ozzy Talking*, p. 114)



Black Sabbath

No encarte do álbum *Reunion* está escrito:

"O álbum *Black Sabbath* foi lançado em USA, com uma festa em São Francisco e foi Anton LaVey, a figura central da Igreja de Satã, que comandou a coisa... de repente Sabbath era o braço direito de Satã."

A banda deixou bem claro quando deu o nome *We Sold Our Soul for Rock 'n' Roll!* (Nós vendemos nossa alma para o Rock 'n' Roll) para uma coletânea sua lançada em dezembro de 1975, e uma música do Ozzy chamada *Selling My Soul* (Vendendo Minha Alma) completava a maldição:

O homem da loucura que vive na minha cabeça
 Mantendo-me acordado durante a noite,
 Senta-se na minha cama, me deixa louco, não vai embora...
 Pensamentos suicidas implorando por um pouco de sono
 Atentar você é o que eu faço...
 Eu não leio os livros sagrados porque
 Eles não me levam a lugar nenhum...
 Agora paguei o preço por vender minha alma,
 vender minha alma. Sim, vender minha alma...
 Sim, vender minha alma...

Aparentemente, de tempos em tempos Ozzy fica fora de si, parece possuído e apronta alguma. Ele não só tentou matar sua esposa como também foi encontrado por ela segurando uma faca depois de ter matado os 17 gatos dela. (17 gatos! Eu também teria ficado louco! — comentário do Barbieri). Ozzy comenta:

“Eu realmente gostaria de saber por que no passado eu fiz certas coisas. Às vezes eu penso que estou possuído por algum espírito. Alguns anos atrás, fiquei convencido, pensei que verdadeiramente estava possuído pelo Diabo. Recordo-me que assisti o filme *O Exorcista* dúzias de vezes falando para mim mesmo ‘Sim, eu posso sentir empatia por isto.’” (*Hit Parader*, Nov., 1984, p. 49)

Em outra entrevista ele fala:

“Eu tenho muitos, muitos demônios que afetam-me em muitos e muitos níveis...” (Harry Shaw, *Ozzy Talking*, p. 126)

Sua esposa Sharon descreve um desses momentos difíceis:

“Eu estava no sofá lendo. Ele foi descendo do quarto só de cuecas e disse ‘Nós chegamos a uma decisão’. Eu disse ‘Nós chegamos?’, e ele disse ‘Você tem que morrer!’, e simplesmente mergulhou na minha direção, derrubou-me e começou a me estrangular. Seus olhos estavam vidrados, ele não estava ali, ele tinha sumido, aquele não era Ozzy. Ele tem esse demônio dentro dele. Ele não consegue se livrar dessas pessoas pequenas que vivem dentro da sua cabeça.” (20/20 Magazine, Barbara Walters, Nov. 6, 2002)

Numa outra entrevista, Sharon desabafa:

“(...) É como estar vivendo com muitas pessoas diferentes, ele é como Jekyll e Hyde (o médico e o monstro). Eu nunca sei com quem é que eu vou acordar!” (*People Magazine*, July, 10, 1989, p. 94)

A letra da música *N.I.B.* não deixa dúvidas:

*Algumas pessoas dizem que o meu amor não pode ser verdadeiro
Por favor, acredite no meu amor e eu lhe mostrarei
Eu lhe darei aquelas coisas que você pensava impossíveis
O Sol, a Lua e as estrelas, todas têm a minha marca
Siga-me agora e você não se arrependerá
Deixando a vida que você levava antes de nos encontrarmos
Você é o primeiro a receber o meu amor
Para sempre comigo até o final dos tempos*

Olhe dentro dos meus olhos, e você descobrirá quem sou
 Meu nome é Lúcifer, por favor pegue na minha mão
 Agora eu tenho você comigo, debaixo do meu poder
 Agora, a cada hora, nosso amor cresce forte
 Olhe dentro dos meus olhos, e você descobrirá quem sou
 Meu nome é Lúcifer, por favor, pegue na minha mão.

Ozzy comenta:

“(...) os garotos estão vindo para mim e falando ‘Oi Ozzy, Satã comanda!’” (Harry Shaw, *Ozzy Talking*, p. 87)

Veja, então, a letra da música *Master of Reality*:

Sua alma está doente, mas você não encontrará a cura
 O seu mundo foi criado para você por alguém de cima
 Mas você escolheu o caminho do Diabo em vez do caminho do amor
 Você (Satã) me fez mestre do mundo onde você existe
 A alma que eu tirei de você não foi nem lembrada
 O Senhor deste mundo... Diabo possuidor...
 Ele é o seu confessor agora!

Vejam a solução de Ozzy para o suicídio na sua música *Suicide Solution* (Solução Suicida):

Pensamentos demoníacos e práticas diabólicas
 Gelado, sozinho enforcado nas ruínas
 Pensou que você poderia escapar do ceifador
 Você não pode escapar do controle do Mestre...
 Onde se esconder, suicídio é a única saída!

Um rapaz de 19 anos chamado John McCollum suicidou-se com um tiro na cabeça e quando tiraram o seu fone de ouvido ainda estava tocando a música *Suicide Solution*. O advogado da família McCollum declarou que recebeu pelo menos 20 telefonemas de famílias dizendo que seus filhos tinham cometido suicídio enquanto ouviam especificamente Ozzy Osbourne.

Ozzy descartou as acusações dizendo:

“(...) os familiares estão me chamando para dizer que ‘Quando meu filho morreu de overdose, seu álbum estava no toca-discos’. Eu não posso ajudar! Esse povo, de qualquer forma, eram loucos que precisavam de um veículo para soltar a sua loucura.”

Bom, eu poderia ficar aqui escrevendo mais 200 páginas sobre as loucuras diabólicas de Ozzy Osbourne e, acredito, nunca chegaríamos

nem próximo de entender essa figura tão complexa. De uma coisa podem estar certos, atrás desse homem, que mais parece um personagem de histórias em quadrinhos, existe um ser muito inteligente que sabe exatamente o que está fazendo. Recordo-me de, não faz muito tempo, ter assistido a um vídeo de um show de Ozzy onde o câmara o seguiu o tempo todo. Fiquei surpreso em vê-lo fazendo aquecimento vocal antes do show. Muito embora ele tenha sido criticado por muita gente pela qualidade do seu vocal, ficou claro que ele estudou canto e domina muito bem a sua técnica. Por outro lado, apesar de muitas de suas letras lidarem com temas demoníacos, elas deixam claro que Ozzy pesquisou e leu muito a respeito. O que estou querendo dizer é que Ozzy é muito mais inteligente do que se pensa.



Tony Iommi

Com a palavra, Tony Iommi!

Outro membro da banda que possui uma imagem muito forte é Tony Iommi. Em junho de 2013, o lendário guitarrista compareceu ao programa *HARDtalk* produzido pela BBC, e numa conversa com o jornalista Shaun Ley falou um pouco sobre suas ligações com o Oculto e também sobre seu envolvimento com drogas.

Iommi, com muita cautela e educação, num visual rock elegante, todo vestido de preto, ostentando no pescoço uma corrente terminando numa enorme cruz prateada, na maior parte do tempo procurou distanciar-se do Ocultismo, assim como tentou afastar-se de sua respon-

sabilidade, juntamente com Ozzy Osbourne, da criação de um estilo de rock profundamente calcado no sobrenatural. Estilo este, que, como já mencionei antes, sua influência no mundo do rock é reconhecidamente monstruosa e incomensurável!

O momento para essa entrevista não poderia ter sido mais oportuno porque Black Sabbath, com o lançamento do seu álbum chamado *13*, depois de 43 anos, conseguira chegar ao primeiro lugar das paradas de sucesso inglesas.

Tony Iommi: “Nós mexemos com o oculto no começo porque éramos jovens e realmente curiosos, mas nunca sacrificamos ninguém no palco ou fizemos nada deste tipo. Esta imagem foi basicamente construída quando lançamos nosso primeiro álbum e a gravadora fez a capa do disco e, dentro dessa capa, havia um desenho de uma cruz invertida. Isso foi o que criou a imagem e deu partida a tudo.”

Shaun Ley: “Estou vendo que hoje você está ostentando a cruz na posição correta...”

Tony Iommi: “Sim, sempre na posição correta...”

Shaun Ley: (interrompendo Tony) “Me pergunto se isso não é uma falsidade, estar do lado escuro apenas para passar uma emoção barata para a audiência.”

Tony Iommi: “Não concordo, nós acreditamos em tudo que fazemos. Toda vez que tocamos, temos que sentir e acreditar. A nossa audiência... quero dizer, estamos atuantes por 43 anos! Isto já responde a sua pergunta!”

Shaun Ley: “E a respeito do ‘Intervalo do Demônio’? Fale-me sobre a ‘Quinta Menor’?”

Tony Iommi: “Bom, para ser honesto, quando comecei, era apenas uma coisa que eu gostava de tocar, nunca tinha pensado e não sabia nada a respeito. E, mais tarde, começaram a falar que eu não deveria tocar essas notas. Por quê? Eu não entendia a razão de tudo isso, eu tinha apenas 19 anos...”

Shaun Ley: “Você pode explicar para o povo o que existia atrás desse som?”

Tony Iommi: “A música *Black Sabbath* foi a primeira música onde usei essas notas que aparentemente nunca deveriam ser usadas, mas que nós usamos. Eu não sabia nada disso e para mim nós estáva-

mos só fazendo música. Só estou aqui para fazer música. A única coisa que faço é música. Eu não estou aqui para destruir ninguém ou deixar ninguém chateado. Tem mais gente que diz que nossa música os ajudou do que gente que diz que somos Satanistas, o que certamente não somos!”

Shaun Ley: “Mas essas coisas trazem consequências, não trazem? Para alguns, realmente horríveis consequências. Na sua autobiografia, você conta o caso de uma enfermeira que suicidou-se enquanto ouvia *Paranoid* no toca-discos.”

Tony Iommi: “É verdade, e nós nunca saberemos por que ela fez isso; sempre haverá alguma coisa que encontrarão...”

Shaun Ley: “Isso te chateia?”

Tony Iommi: “Claro, alguém se matou! O que não quer dizer que nós sejamos os responsáveis porque encontraram a música *Paranoid* rodando no toca-discos!”

Shaun Ley: “Ozzy declarou em 2004: ‘Lembra aquele cara que andou matando um monte de garotas e, quando chegaram no quarto dele, estava escrito a letra da música *After Forever* pelas paredes, eu pensei, será que estamos indo longe demais?’. Você também pensou isso?”

Tony Iommi: “Não, eu nunca achei porque as letras falam de coisas que acontecem no mundo. Quanto às letras, você tem que falar com Terry “Geezer” Butler, eu sou responsável apenas por toda a música. Geezer escreveu sobre o que ele viu e o que ele sentiu, e sobre o que nós estávamos vivendo e o tipo de gente com quem estávamos nos encontrando naquele momento.”

Shaun Ley: “Obviamente, você refere-se à letra que ele escreveu, mas você era parte daquilo, parte daquela atmosfera, parte construtor daquele ambiente, daquela imagem, do som que foi tão importante. Isso criou alguma responsabilidade, não criou?”

Tony Iommi: “Sim, se você olhar em profundidade. Nós olhamos e vimos apenas música. Geezer disse para mim que ele precisava escrever uma letra poderosa ao nível da música poderosa que eu estava fazendo.”

Shaun Ley: “Então a culpa deve ser sua mesmo?”

Tony Iommi: (sorrindo) “Então provavelmente é minha culpa mesmo!”

Shaun Ley: “Desde esse começo, pelo que você escreveu, você conseguiu um grande estilo de vida. Você podia ter o que quisesse, Rolls-Royces, Lamborghinis, mulheres, drogas. Uma vida em grande estilo. É um tipo de vida que você olha para trás com afeição ou desapontamento?”

Tony Iommi: “Bom, eu não posso mudar o meu passado, mas tem algumas coisas que eu gostaria de ter feito de outro jeito. O lado das drogas, por exemplo, se eu soubesse naquele tempo o que sei hoje, certamente não teria me envolvido tão profundamente. Eu penso que ninguém da banda teria!

Shaun Ley: “Ozzy disse que a cocaína foi o câncer da banda...”

Tony Iommi: “Absolutamente! Foi mesmo ! Inicialmente, nós achamos que era legal, ajudava na criação, mas, no fim, quando tivemos que substituir Ozzy, estávamos num caminho ruim. Certamente Ozzy estava. Nós tivemos que despedi-lo. Foi uma coisa terrível que tivemos que fazer, mas Ozzy tinha chegado num ponto em que ele não estava mais interessado em nada e ele estava metido demais na coisa. Nós todos estávamos metidos na droga, mas ele estava muito mais enterrado nela, estava vários estágios mais à frente. Eu não tomava ácido ou nada similar, eu usava cocaína e outras drogas que estavam na moda naquele período.”





Led Zeppelin e Jimmy Page

“O Paraíso está cheio de bons e maus, os mortais nunca sabem.”

(“The Battle of Evermore”, Led Zeppelin)

Desde histórias ancestrais falando de negócios feitos com espíritos que vão de Fausto (1) a Dorian Gray (2), a ideia de pactos com o Diabo sempre estiveram presentes. Dizem que Niccolo Paganini esteve em contato com o Diabo, com quem ele trocou a sua alma pela sua técnica extraordinária no violino. Tommy Johnson, um cantor de blues, disse que seu irmão LeDell vendeu sua alma para o Diabo em troca de tornar-se um mestre na guitarra. Já o famoso Robert Johnson, dizem que vendeu sua alma para o Diabo numa encruzilhada à meia-noite. Nesta troca, o Demônio afinou sua guitarra e Robert Johnson tornou-se o maior *bluesman* de todos os tempos. A associação do Diabo com a música vem de longa data, mas nunca ficou tão evidente como com a chegada do Rock 'n' Roll que logo foi batizado como sendo a música do Diabo. No rock, de todos os grupos que admitiram terem conexões ocultas ou místicas, nenhum se compara com a fama da banda Led Zeppelin.

LED-ZEPPELIN

Durante toda a sua história eles passaram uma aura mitológica. As letras das suas canções combinam histórias folclóricas, referências ao oculto e até ao conto *O Senhor dos Anéis*. *The Immigrant Song* (Canção do Imigrante) é um clássico exemplo cuja letra fala do Martelo dos Deuses (Hammer of the Gods), dos Vikings e seus tesouros.

Seus álbuns, através de imagens, possuem uma estranha simbologia. A capa do álbum *Houses of the Holy* (Casas do Divino), por exemplo, foi inspirada pelo livro *Childhood's End* (O Fim da Infância), uma história de ficção científica escrita por Arthur C. Clarke, e, no desenho interno da capa, mostra uma criança pouco antes de ser sacrificada.



Pintura de William Rimmer chamada Evening – The Fall of Day

No famoso selo da banda, chamado *Swan Song* (“Canto do Cisne”, que fora o significado literal também pode significar “a última ação, respiração ou gemido antes da morte”), a gravadora usou um logo que foi interpretado como um anjo caído ou Lúcifer. Esse logo foi baseado numa pintura de William Rimmer chamada *Evening – The Fall of Day* (Anoitecer – A caída ‘ou morte’ do Dia). Rimmer, o pintor, nunca claramente explicou na sua pintura quem é o anjo, mas muita gente pensa

que trata-se de Apollo. Outras sugestões são de que trata-se ou da figura de Ícaro ou Dédalos. Na verdade, para a banda Led Zeppelin esse logo representa Lúcifer mesmo. “Eu sempre gostei muito desse logo e sempre vi nele o próprio ser humano caindo ao peso de sua falência espiritual”, declarou Jimmy Page.



A arte do selo Swan Song da banda Led Zeppelin

Logo depois da formação da banda, rumores surgiram de que o grupo teria vendido suas almas ao Diabo em troca de habilidades musicais e sucesso. Mais para frente, foi dito que um dos membros da banda não teria concordado em fazer parte desse pacto e que esse músico foi o único que escapou do pior que aconteceria para seus membros. (3)

O guitarrista Jimmy Page é conhecido como sendo um sério estudante do oculto, sendo particularmente um grande admirador de Aleister Crowley. Tão admirador, que até comprou a casa Boleskine, a residência que pertenceu a Crowley. Essa casa fica localizada perto do

Loch Ness (aquele lago na Escócia onde dizem que vive um monstro pré-histórico). Ele também associou-se com Kenneth Anger, um diretor de cinema “Thelêmico” deixando Anger usar sua residência em Londres enquanto ele filmava *Lucifer Rising* (Lúcifer está vindo), um filme em que supostamente Page deveria contribuir com a trilha sonora, mas nunca conseguiu terminá-la. (4)



Capa do álbum conhecido popularmente como Led IV

De todas as suas referências místicas e ocultas, nenhuma é mais complexa do que a que produziram em 1971. Em novembro daquele ano, um novo álbum apareceu nas lojas de discos. A capa mostrava uma pintura num papel de parede. Nessa pintura via-se um homem muito velho carregando nas costas um grande feixe de lenha, formado por galhos finos. Quando abrimos a capa do álbum, a frente e o fundo se juntam para revelar que a pintura do homem muito velho está montada na parede de um prédio em demolição. Ao fundo vemos outras casas e prédios caídos. O lado de fora da capa não tem título, nome da banda ou logo corporativo. Quando olhamos para o lado interno dessa capa, vemos um eremita, personagem das cartas do tarô, no topo de uma montanha. Abaixo podemos ver uma figura de cabelos longos que parece estar subindo a montanha. Um cenário com castelos e cidades pode ser visto a distância. Só quando retiramos a capa interna do álbum é que temos alguma indicação dos responsáveis por ela. Quatro símbolos aparecem no todo da capa e a listagem com o nome das músicas é dada.



Sandy Denny em 1972. Foto: David Bailey.

O nome Sandy Denny (5) é listado próximo a um grupo de triângulos. Sandy Denny foi a única pessoa convidada como vocalista para participar de um álbum do Led Zeppelin fazendo um dueto com Robert Plant na música *The Battle of Evermore* (A Batalha de Sempre) — este quarto álbum sem nome, lançado em 1971, cuja capa estamos agora comentando.

Led Zeppelin
The Battle of Evermore
 (A Batalha de Sempre)

Letra: Page, James Patrick (Jimmy), Robert Plant, Robert Anthony
 Copyright: © Warner/Chappell Music, Inc.

A Rainha da Luz tirou seu arco e, em seguida, virou-se para sair
O Príncipe da Paz abraçou a tristeza e caminhou pela noite sozinho

Oh dance na escuridão da noite, cante para a luz da manhã
O Senhor das Trevas passeia com vigor esta noite e
o tempo vai nos dizer tudo

Oh derrube o seu arado e sua enxada,
a corrida agora é para o meu arco
Lado a lado, vamos esperar o poder do mais escuro deles todos

*Eu ouço os cavalos trovejando lá no vale abaixo
Estou esperando pelos anjos de Avalon,
esperando pelo brilho oriental*

*As maçãs do vale contêm as sementes de felicidade
O solo está rico pelo afetuoso cuidado, pague,
não se esqueça, não, não*

*Dance na noite escura, cante para a luz da manhã
As maçãs ficam marrom e preto, o rosto do tirano é vermelho*

*Oh a guerra é o grito comum, pegue suas espadas e voe
O Paraíso está cheio de bons e maus, os mortais nunca sabem*

*Oh bem, a noite é longa, as contas do tempo passam lentamente
Olhos cansados sobre o nascer do sol, esperando pelo brilho oriental
A dor da guerra não pode exceder o infortúnio do resultado*

*Os tambores vão balançar as muralhas do castelo, os Espectros do Anel
(6) cavalgam em preto (cavalgue)*

*Cante ao mesmo tempo que você levantar o seu arco, (cavalgue) atirar
mais certo do que antes*

Nenhum conforto tem o fogo à noite que ilumina um rosto tão frio

*Oh dance na escuridão da noite, cante para a luz da manhã
As runas mágicas estão escritas em ouro para trazer o equilíbrio de
volta, traga de volta*

*Por fim, o sol está brilhando, as nuvens azuis passam
Com chamas do dragão das trevas, a luz do sol cega os seus olhos*

Oh traga ele de volta, traga ele de volta...

Mas, voltando à capa do *Led IV*, como ficou conhecido no Brasil, lendo mais para frente, dois nomes aparecem dando uma forte indicação de quem são os responsáveis por esse projeto. A lista dos créditos diz “Produzido por Jimmy Page” e “Produtor Executivo Peter Grant”. Na época, o pessoal do rock já sabia que esses dois nomes tinham sido associados com a banda The Yardbirds e agora eram associados com a banda Led Zeppelin. Mas só mesmo quando o álbum é retirado do seu envelope é que fica claro que trata-se de Led Zeppelin. Nenhum nome aparece nesse álbum que normalmente é chamado simplesmente *Led Zeppelin IV*. Na verdade, o nome do álbum está lá para todo mundo ver, o nome é:



Na época, o fato da banda querer lançar um álbum “sem nome” foi considerado um suicídio comercial, e o grupo, para manter o controle artístico do design da capa, teve que brigar contra os desejos da diretoria da gravadora Atlantic Records.

Esse álbum desde então é lendário na história da música principalmente pela inclusão da música *Stairway to Heaven* (Escada para o Paraíso), que, até hoje, é a música mais pedida nas rádios. Uma vez que sua letra está impressa na parte interna da capa, Led Zeppelin deixou claro que esta música era muito importante para eles.

Led Zeppelin

Stairway To Heaven

(Escada para o Paraíso)

Letra: James Patrick e Robert Plant

Copyright: Flames of Albion Music Inc.

*Há uma senhora que tem certeza que tudo que reluz é ouro,
E ela está comprando uma escada para o Paraíso.
Quando ela chegar lá ela saberá, se as lojas estão todas fechadas,
Com uma palavra ela conseguirá o que veio buscar.*

Ooh , ooh, e ela está comprando uma escada para o Paraíso.

*Há um sinal na parede, mas ela quer ter certeza,
Porque você sabe que às vezes as palavras têm dois significados.
Em uma árvore perto do riacho, há um pássaro que canta,
Às vezes todos os nossos pensamentos são cheios de dúvidas.*

*Ooh, isso me faz pensar,
Ooh, isso me faz pensar.*

*Há um sentimento que eu tenho quando olho para o oeste
E o meu espírito está implorando para sair.
Em meus pensamentos eu tenho visto anéis de fumaça
através das árvores,
E as vozes daqueles que ficam olhando.*

*Ooh, isso me faz pensar,
Ooh, isso realmente me faz pensar.*

*E está sendo sussurrado que logo, se nós todos chamarmos a música,
Então o flautista nos guiará para a razão.
E um novo dia amanhecerá para aqueles que esperarem o suficiente,
E as florestas irão ecoar com risos.*

*Se há um alvoroço na sua horta não se assuste agora,
É apenas a limpeza da primavera para a Rainha de Maio.*

*Sim, há dois caminhos que você pode seguir, mas no final das contas
Ainda há tempo de mudar o caminho que você está seguindo,
E isso me faz pensar.*

*Sua cabeça está zunindo e não para, no caso de que você não saiba,
O flautista está te chamando para juntar-se a ele,
Cara senhora, podes ouvir o vento soprar? E você sabia?
Sua escadaria repousa no sussurro do vento?*

*E como sopramos lá embaixo na estrada,
Nossas sombras são mais altas do que nossas almas.
Ali caminha uma senhora que todos nós conhecemos,
Que brilha uma luz branca e quer mostrar
Como tudo ainda vira ouro.*

*E se você ouvir com bastante atenção,
A melodia chegará até você finalmente
Quando tudo é um e um é tudo,
Ser uma pedra e não rolar.*

E ela está comprando uma escada para o Paraíso...

Se você ouvir de trás para adiante a parte desta música que diz:

*“If there’s a bustle in your hedgerow, don’t be alarmed now,
It’s just a spring clean for the May queen.
Yes, there are two paths you can go by, but in the long run
There’s still time to change the road you’re on.”*

Você ouvirá:

*“Oh, here’s to my sweet Satan.
The one whose little path would make me sad, whose power is Satan.
He’ll give those with him 666.
There was a little tool shed where he made us suffer, sad Satan.”*

Tradução:

“Oh, aqui está para meu doce Satanás.

Aquele cujo pequeno caminho me faria triste, cujo poder é Satanás.

Ele lhe dará aqueles com seu 666.

Houve um pequeno barracão de ferramentas onde ele nos fez sofrer,
triste Satanás.” (7)

Mas, voltando aos quatro símbolos, Jimmy Page declarou que cada símbolo tinha sido escolhido por um dos membros da banda como forma de representarem a si mesmos. Page disse que esses símbolos eram tradicionais símbolos encontrados no oculto especificamente referindo-se ao *The Book of Signs* (Livro dos Signos) escrito por Rudolf Koch. Os símbolos conforme são mostrados, da esquerda para a direita, representam: Jimmy Page (guitarra), John Paul Jones (baixo e teclados), John Bonham (bateria) e Robert Plant (vocal).

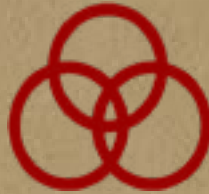
Existe também, como foi mencionado antes, o símbolo de um triângulo triplo que foi dado para a vocalista Sandy Denny, honrando sua contribuição vocal na música *The Battle of Evermore*. Esse símbolo aparece no livro de Rudolf Koch e foi dito que refere-se à “The Godhead” (A Cabeça de Deus). Rudolf Koch diz não saber muito mais a respeito desse símbolo, mas que ele é claramente um símbolo de trindade e provavelmente refere-se à trindade feminina, sendo que o formato do V é usado para denotar o feminino. Quer dizer, um símbolo apropriado para a beleza feminina de Sandy Denny.



O símbolo de Robert Plant

Mas, examinando os símbolos da banda, começando com Robert Plant, encontramos uma pena dentro de um círculo e, à primeira vista, pode ser interpretada com uma antiga pena usada, como caneta para escrever, e é a marca do escriba ou compositor. O símbolo mostrado é especificamente a pena de Ma'at, a deusa egípcia da justiça. Essa pena é a mesma que, na crença egípcia, quando uma pessoa morre, é usada por Anúbis, aquela figura com cabeça de chacal que guarda o submundo para ser comparada com o peso do coração humano. O dono de um

coração pesado de pecado será condenado a juntar-se a Osíris no sub-mundo. Robert Plant disse que seu símbolo “(...) foi retirado de uma civilização Mu muito antiga que existiu uns 15.000 anos atrás”. Esse símbolo pode ser visto no livro *The Sacred Symbols of Mu* (Os Símbolos Sagrados de Mu). Plant disse que, para ele, naquele símbolo a pena representava “escrevendo a verdade”.



O símbolo de John Bonham

O símbolo de John Bonham mostra três círculos interlaçados e, assim como o símbolo de Plant, foi escolhido baseado na sua função na banda, pois, nesse caso, como baterista, os tambores e os pratos são, naturalmente, circulares. Jason, o filho de Bonham, disse que seu pai escolheu esse símbolo porque ele sentiu que representava o homem, a mulher e a criança. Esse símbolo pode ser visto em muitas religiões e textos espirituais representando várias trindades e também é mostrado nas cartas do Tarô de Hierofante onde a carta Thoth representa Isis, Osíris e Hórus.



O símbolo de John Paul Jones

Um símbolo similar é usado por John Paul Jones. Esse símbolo, assim como o de Bonham, também foi retirado do livro dos Signos escrito por Rudolf Koch. Esse círculo contém três “Vesica Pisces” (peixes vesicos) representado pela intersecção de três círculos com o mesmo diâmetro. O nome em latim significa literalmente “Bexiga do Peixe”. Esse formato também é chamado “mandorla” (“amêndoa” em italiano). Um círculo com “peixes vesicos” intersectados também é conhecido como Triquetra. Esse símbolo é encontrado nas moedas antigas germânicas e Pedras Runas do norte da Europa. É também comum encontrarmos

esse símbolo na arte Celta e mais tarde foi usada pelos Cristãos como um símbolo da Trindade. Outro lugar onde esse símbolo aparece é nos textos Rosacruzianos e nas Escolas de Mistério. Nos tempos modernos ficou mais conhecido como um símbolo Pagão ou Wiccan, usado para denotar a trindade do “Virgem, Mulher e Bruxa”. A popular série de TV chamada *Charmed*, que mostra as peripécias de três irmãs bruxas, usa este símbolo como logo do programa e, na série, também pode ser visto na capa do *Book of Shadows* (Livro das Sombras) usado no show.



O símbolo de Jimmy Page

O último símbolo, o que representa Jimmy Page, é o mais difícil de decifrar. Ele não aparece no *Livro dos Signos* escrito por Rudolf Koch e não é muito conhecido fora do contexto usado por Jimmy Page. Page usou esse símbolo no seu equipamento, roupas e também no seu material impresso. Bom, não é de se surpreender que esse seja o símbolo mais difícil de encontrarmos um significado. Page é bem conhecido como ocultista, tendo financiado no começo dos anos 70 a criação de uma livraria no bairro de Kensington, especializada na venda de vários livros antigos e raros sobre o oculto. Livros que Page costumava pesquisar e comprava ele mesmo nas suas viagens até vendedores de livros raros. Page deu o nome “The Equinox” para a loja, inspirado no nome de uma revista de Aleister Crowley (8). Jimmy Page também é conhecido por ter uma das maiores coleções de livros originais de Aleister Crowley. Page, então, teve acesso a uma grande biblioteca sobre o Oculto, e obviamente não iria escolher para ele um símbolo muito conhecido.

Muito embora esse símbolo seja incomum, ele não foi inventado pelo próprio Page. O livro *Le Triple Vocabulaire Infernal Manuel du Demonomane* escrito em 1844 por Frinellan mostra, entre outros, esse símbolo nas suas páginas. Uma cópia desse símbolo também aparece no livro *Grimoires et Rituels Magiques* de Dumas publicado em 1972. Neste livro, esse símbolo é associado com o planeta Saturno, e como Saturno comanda o signo de Capricórnio, que é o signo de nascimento de Page, parece-nos uma escolha apropriada. No livro de Dumas esse símbolo

também é listado num capítulo a que ele se refere ao “Le Dragon Rouge” (O Dragão Vermelho).

Uma das roupas mais famosas de Page é conhecida como “o traje do Dragão”, que é decorado com símbolos do Oculto. Não é possível que Page tenha tirado essas ideias de Dumas porque seu livro foi publicado depois do lançamento do álbum. No entanto, é bem possível que ele tenha pegado essas ideias de Frinellan ou de alguma outra fonte. Existem muitos textos sobre o Dragão Vermelho. Em 1850 foi feita uma reimpressão de um texto de 1521 chamado “O Dragão Vermelho e a Galinha Preta”, onde mostra esse símbolo relacionado com o planeta Saturno. Aparentemente esse texto é o originador de todos os outros textos que aparecem por aí e, tudo indica, foi de onde Page tirou a sua ideia.

Page sempre mostrou sua fascinação pela carta nove do Tarô mostrando O Eremita. No filme *The Song Remains the Same* (A Canção Continua a Mesma), Page aparece numa sequência em que ele se transforma no Eremita subindo uma montanha. A ilustração que aparece na capa do *Led IV* mostra claramente que ela foi baseada na imagem mostrada no jogo de cartas conhecido como “Rider-Waite”. Convém esclarecer que o Rider-Waite é o jogo de cartas de Tarô mais popular usado pelo povo de língua inglesa e o Tarô de Marselha é o jogo de cartas mais popular dos países de língua latina.

Dizem que o design do jogo de cartas Rider-Waite foi baseado na pintura de William Holman Hunt chamada *The Light of the World* (A Luz do Mundo). A carta do Eremita é normalmente associada com a de um guia, reflexão e busca por sabedoria interior ou conhecimento escondido. A cor amarela refere-se ao intelecto e a sabedoria e podem ser vistas no cajado e na luz. A cor cinza significa humildade. Na Cabala o Eremita está associado com o caminho entre a Beleza (Tiphareth) e a Misericórdia (Chesed) e está associada com a letra “Yod” em hebraico.

Essa ilustração também é chamada “View in Half” ou “Varying Light” (Vista pela Metade ou Luz Variante), porque produz um efeito interessante quando refletida.

Cabe lembrar que *Led IV* foi obviamente o quarto álbum da banda, gravado por uma banda formada por quatro músicos. No LP existem 4 músicas de cada lado do disco. Quatro, o Tétrade, é considerado um número divino e quase todos os ancestrais davam nomes com 4 letras para as suas divindades.

Como estamos falando de um número elementar, podemos entender que os quatro elementos da banda juntaram-se para criar uma magia moderna assim como um álbum. Todo o “pacote” foi embalado como se fosse uma Escola Moderna de Mistério usando a música para atrair os iniciantes. Através do questionamento e do estudo das várias pistas exotéricas fornecidas, muitos poderão progredir para graus superiores. Outros simplesmente ouvirão a música apenas como arte. Como uma Escola de Mistério, Led Zeppelin certamente conseguiu alcançar um sucesso muito mais além das outras Ordens Ocultas modernas. A Banda vendeu mais de 100 milhões de cópias pelo mundo e esse álbum vendeu só nos Estados Unidos mais que 23 milhões de unidades.

Notas:

(1) Fausto é o protagonista de uma lenda germânica clássica. Ele é um estudioso de muito sucesso, mas que não está satisfeito com sua vida. Então, ele faz um pacto com o Diabo, trocando sua alma por conhecimento ilimitado e prazeres mundanos. A lenda de Fausto tem sido durante muitos e muitos anos a base para a criação de muitos trabalhos literários, artísticos, cinematográficos e musicais. Fausto virou um adjetivo para definir uma pessoa ambiciosa que abdica da sua integridade moral em troca de poder e sucesso por um tempo limitado (Nossa! Então, todos os nossos políticos são Faustos!).

(2) *The Picture of Dorian Gray* (A Pintura de Dorian Gray) é a única novela escrita e publicada por Oscar Wilde e conta a história um de um jovem chamado Dorian Gray, que é um modelo sendo pintado pelo pintor Basil Hallward. Este pintor fica impressionado pela beleza do rapaz, e Dorian Gray, por sua vez, percebendo que um dia a sua beleza vai desaparecer e desejando que o quadro pintado por Basil envelheça antes dele, vende sua alma ao Diabo. *A Pintura de Dorian Gray* é considerada um trabalho clássico de ficção gótica que usa uma forte influência da lenda de Fausto.

(3) A “maldição do Led Zeppelin”, dizem que afetou três dos membros. Robert Plant e sua família envolveram-se em um sério acidente automobilístico que deixou Plant sem poder andar por um bom tempo. Mais tarde, Karac, um dos filhos de Plant, morreu por causa de um vírus estomacal desconhecido. Ele tinha apenas 6 anos de idade. Page quase se perde no vício com heroína e Bonham entrou em um coma alcoólico e morreu em 1980, acabando efetivamente com a banda.

Jones, segundo dizem, foi o único que não fez o pacto; quando a banda cessou suas atividades, escapou relativamente sem problemas.

(4) Kenneth Anger foi autorizado por Jimmy Page a usar o seu porão e equipamento de edição enquanto ele trabalhava no seu filme chamado *Lucifer Rising*. Page concordou em escrever a trilha sonora para o filme e produziu uma estranha coleção de sons/mantras eletrônicos que Kenneth Anger achou impossível de serem usados. Isso arrastou-se por três anos até que Anger perdeu a paciência e o despediu porque ele só tinha composto 25 minutos de música. Anger então, para compor a trilha sonora, usou os serviços de Bobby Beausoleil, um membro da família maçônica. Beausoleil estava preso, e gravou e produziu a trilha sonora desde a sua cela. Anger, por sua vez, referindo-se ao seu vício com a heroína, acusou Page de “ter um caso com a dama branca”. A música gravada por Page mais tarde foi acrescentada no filme por um membro da OTO. Anger, revoltado, entrou com processo contra essa trilha sonora.



Anjo Gabriel. Capa do álbum chamado *Lucifer Rising* (2013).

Curiosamente, em 2013, uma banda pernambucana chamada Anjo Gabriel, no seu segundo álbum chamado *Lucifer Rising*, também lançaria uma proposta de trilha sonora para esse mesmo filme. A ideia para esse projeto surgiu em 2010, na mostra Play the Movie, realizada durante o festival *No Ar Coquetel Molotov*, em Recife, onde bandas foram convidadas a imaginar uma trilha sonora para determinados filmes. Muito embora esse álbum seja obviamente uma trilha sonora, nos seus 30 minutos, divididos em duas faixas instrumentais (Part I e Part II), ele sobrevive muito bem sozinho e vale a pena ser conferido.

(5) Alexandra Elene MacLean “Sandy” Denny (06/01/1947 – 21/04/1978) foi uma cantora e compositora inglesa mais conhecida como a vocalista da banda folk rock Fairport Convention. Ela é considerada umas das primeiras cantoras folk britânicas. Depois de curta participação na banda Strawbs ela juntou-se em 1968 à banda Fairport Convention, ficando na banda até o fim de 1969. Em 1970 ela formou a banda Fotheringay e, logo depois, partiu para a sua carreira solo chegando a lançar 4 álbuns.

(6) Referência aos nove personagens fictícios criados por J. R. R. Tolkien no livro *O Senhor dos Anéis*. Eles são os nove homens que sucumbiram ao poder de Sauron e conseguiram quase a imortalidade.

(7) Essa gravação está na Internet para quem quiser ouvir, e devo admitir que é algo bem sinistro porque não se trata de simplesmente uma gravação invertida, mas a própria voz de Robert Plant invertida, portanto certamente trata-se de uma “coincidência” muito estranha que, para muitos, apontará para o sobrenatural.

(8) The Equinox Booksellers and Publishers (Equinox Livraria e Editora) era localizada em Londres em Kensington High Street. A intenção de Page era fornecer livros para colecionadores sérios e também republicar alguns textos do Oculto. A Equinox produziu e publicou uma coleção das revistas de Aleister Crowley, com destaque para a publicação chamada *The Goetia*, publicada por Crowley em 1904. Essa edição foi cuidadosamente preparada por insistência de Page usando o mesmo delicado “papel de cabelo de camelo” usado na edição original. Mais tarde, Page, alegando não ter mais tempo para cuidar da Equinox, fechou o negócio.



Led Zeppelin: lendas vivas do rock mundial!

Aleister Crowley, Jimmy Page e a casa Boleskine, uma história misteriosa

Não existe nenhuma razão para compararmos “Nessie”, o famoso animal pré-histórico que supostamente reside lá na Escócia no lago conhecido como Loch Ness, com o lendário ocultista Aleister Crowley, a não ser que desejemos adjetivar os dois como sendo “monstros”. Certamente seria um exagero, mas Nessie e Crowley talvez tenham mais coisas em comum do que possamos imaginar.

Na verdade, se acreditarmos em alguns místicos e caçadores de monstros, Crowley e os estranhos eventos acontecidos na casa situada a sudeste do lago no começo de 1900 podem ser responsáveis pela aparição da lendária besta.



Aleister Crowley

Aleister Crowley interessou-se por alquimia ainda jovem e seu interesse levou-o a fazer parte como membro da Hermetic Order of the Golden Dawn (Ordem Hermética do Amanhecer Dourado), uma ordem mágica da Inglaterra responsável por, no século XX, fomentar e estruturar a crença do Oculto no Mundo Ocidental. Crowley, através do seu líder Samuel Lidell MacGregor Mathers, rapidamente foi iniciado nessa sociedade. Tendo a sorte de ter nascido dentro de uma família rica, Crowley tinha o tempo e os recursos para dedicar-se à sua busca pela iluminação através da mágica. Sua busca acabou levando-o até o Loch Ness para tentar contatar-se com um espírito que ele chamava “Holy Guardian Angel” (Anjo Guardião Sagrado), ou “Higher Self” (Eu Superior). O que Crowley não sabia (talvez soubesse, mas não deu atenção) é que essa sua eminente tentativa de contatar esse espírito, há muito tempo, era considerada, por qualquer mágico praticante sério, do ponto de vista do Oculto, um grande desastre.

Em 1889, buscando por um lugar adequado onde ele pudesse fazer os rituais de convocação encontrados no livro *The Book of Sacred*

Magick (O Livro de Mágica Sagrada) escrito por Abra-Melin, “O Mago”, Crowley comprou a Boleskine House, uma casa próxima ao Loch Ness. A casa era mais ou menos escondida e perfeita para a realização dessas cerimônias. O próprio Aleister Crowley é quem explica:

“Temos que ter uma casa onde as precauções contra distúrbios tenham sido tomadas. Quando temos o lugar certo, não temos realmente mais nada para fazer do que desejar, por seis meses, com crescente fervor e concentração direcionados para a obtenção de ‘conhecimento’ e ‘comunicação’ com o ‘O Sagrado Anjo Guardião’.”

A casa também tinha a necessária entrada pelo lado norte, onde Crowley construiu um terraço adornado com uma fina areia do rio, um lugar onde, como prova do progresso do ritual, as pegadas dos espíritos apareceriam.

Crowley considerava essa casa um Kiblah Thelêmico, um tipo de Mecca exotérico ou um ponto focal para a energia mística, fazendo dela um centro para a realização de intensos rituais mágicos.

Quando a casa e todas as preparações terminaram, Crowley começou o seu ritual, escrevendo no seu diário que ele prometia não ofender Deus e não fazer nenhum trabalho maligno contra os seus vizinhos.

Suas intenções para essa cerimônia, apesar de terem sido mal entendidas por muitos, eram simples. Crowley pretendia convocar, durante um meticuloso ritual que duraria seis meses, o que ele chamava de “Os Senhores da Escuridão” para forçá-los a servir as forças do Bem. Sua esperança era a de que esse processo culminaria com um contato com o “Eu Superior”, um tipo de “Anjo Guardião Sagrado” que guiaria Crowley até a “Iluminação”. Como já podemos imaginar, “Os Senhores da Escuridão” não gostam nada de alguém que quer empurrá-los para a luz, e certamente iam oferecer muita resistência. No seu diário, Crowley descreve alguns dos efeitos negativos que o ritual começa a causar na casa:

“Um dia saí para caçar uns coelhos na colina e, quando voltei, encontrei um padre na minha sala. Ele veio me dizer que Rosher, o homem que tomava conta da casa, uma pessoa que não bebia por mais de 20 anos, há 3 dias estava bêbado e havia tentado matar a sua esposa e seus filhos. Convidei um conhecido de Cambridge para ficar do lugar de Rosher, mas ele também começou a mostrar sintomas de medo e pânico.”

Crowley comenta também sobre um homem da localidade que ele contratou para realizar uns serviços gerais na casa que acabou ficando louco e até tentou matá-lo. Ele conta que mandou um bilhete para o açougueiro e, enquanto o açougueiro lia, ele cortou a própria mão. Mesmo depois desses “sinais”, Crowley assim mesmo continuou com seus rituais, chegando ao ponto, temendo pela segurança dos amigos, de proibir suas visitas a casa.

Enquanto isso, em Londres, os membros da Ordem Hermética do Amanhecer Dourado estavam ficando cada vez mais insatisfeitos com a liderança de Samuel Lidell MacGregor Mathers e sua crescente amizade com Crowley. Aparentemente, os adeptos estavam cansados de dependerem de Mathers para contatarem os Chefes Secretos, as autoridades cósmicas ancestrais que comandam o Universo. Os membros dessa ordem estavam ansiosos para contatar, eles mesmos, esses seres, para formar seus próprios templos e livrarem-se do domínio autocrático de seu líder. Sentindo a pressão crescendo, Mathers pediu a ajuda de Crowley, que anteriormente havia prometido ajudá-lo financeiramente ou através de seus contatos sociais se uma situação assim aparecesse.

Mesmo contra o seu próprio julgamento, Crowley abandonou o demorado ritual e viajou para Paris para encontrar-se com seu amigo e mentor. Interromper essa cerimônia mágica provaria mais tarde ter sido um grande erro.

Logo depois que Crowley viajou para Paris, o pessoal da localidade começou a murmurar a respeito das nuvens negras que ficavam sempre aparecendo nas proximidades da casa Boleskine. Alguns residentes até faziam caminhos mais longos só para não passar perto dela. Quando Crowley voltou para a casa, ele imediatamente sentiu as mudanças, até os caseiros tinham abandonado a casa. Novamente ele escreveu em seu diário:

“Fora esses efeitos comparativamente explicáveis na mente humana, existem um grande número de fenômenos físicos que são difíceis de explicar. Enquanto eu estava preparando os talismãs, pergaminhos quadrados escritos com tinta indiana, uma tarefa que eu fiz no quarto mais iluminado da casa, tive que usar luz artificial até nos dias mais luminosos. Era uma escuridão que até dava para ser sentida. Além disso, os dormitórios e o terraço logo ficaram povoados por figuras, sombras que pareciam suficientemente substanciais e quase opacas. É um fenômeno difícil de explicar. É como se a capacidade de visão sofresse alguma interferência, é como se os objetos que estão sendo vistos não são na verdade objetos. É como se eles pertencessem a um tipo de matéria que afeta a visão sem que fiquemos sabendo.”

O começo do fim

Crowley não ficou muito tempo na casa, logo ele viajaria para Nova York e depois para o Egito, onde ele novamente tentaria contatar o seu Anjo Guardião Sagrado. Dessa vez, ele disse que teve sucesso.

A casa Boleskine acabou mudando de mão várias vezes com seus novos donos sempre alegando uma série de acontecimentos de má sorte. Um famoso dono, o ator de cinema britânico George Sanders, tentou criar porcos na propriedade. O projeto falhou, seu sócio foi preso e os animais morreram de fome. Outro dono, um major do exército aposentado, cometeu suicídio no antigo quarto de Crowley.

Anna MacLaren, sua antiga governanta, descreveu a cena:

“De manhã, quando levantei-me fui até a porta da frente. Lá, no chão encontrei um pequeno pedaço de osso. O major tinha um cachorrinho chamado Pickiwig. Como sabia que ele tinha um enorme refrigerador sempre vazio, eu disse: ‘Pickiwig, onde você conseguiu isto?’. Eu peguei o ossinho e atirei-o. Entrei na casa e encontrei o major na frente de um enorme espelho quase sem cabeça. Fiquei tão assustada que corri bastante, uma longa distância gritando: ‘O major deu um tiro em si mesmo!’. Bom, contei esta história para os detetives e eles disseram que o ossinho era do seu crânio.”

Esse tipo de coisas estranhas continuou acontecendo por anos, levando os místicos e aqueles que acreditam nessas coisas a acreditarem que essa casa transformou-se num portal que, através de uma cerimônia inacabada, deixou as portas de um mundo desconhecido abertas, espalhando suas atividades para muito além da própria casa até as áreas próximas. Foi por volta desse período em 1933 que o monstro do lago começou a mostrar a sua cabeça e longo pescoço reptiliano.

Frederick William Holiday, um dos mais conhecidos investigadores desse monstro, sendo responsável pela publicação de dois livros sobre o assunto fez um interessante comentário nos anos 70, dizendo que o monstro agia como uma criatura sobrenatural, levando-o a repensar a sua origem. Holiday propôs que esse fenômeno onde o monstro aparentemente se esconde era evidência de que ele poderia estar conectado com a inacabada prática ritual de Aleister Crowley.

Curiosamente a primeira aparição documentada do monstro do Loch Ness coincide com o fim do legado de Crowley.

Em 1934, Crowley pediu falência. Isto aconteceu depois de uma tentativa frustrada de processar um artista que declarou que ele praticava Magia Negra. Durante a conversa com o júri, o juiz disse que “nunca tinha ouvido umas coisas tão terríveis, horríveis, blasfêmias e abomináveis como essas que foram produzidas por um homem (Crowley) que descreveu ele mesmo como o maior poeta vivo.”

Na década que se seguiu, Crowley tornou-se um viciado em heroína. Ele morreu de uma doença respiratória com 72 anos de idade. Sua enfermeira e outras testemunhas dizem que suas últimas palavras foram “Às vezes eu odeio a mim mesmo”.



Jimmy Page na frente da casa Boleskine

O legado

Os acontecimentos paranormais na casa não terminaram com a morte de Crowley. Na verdade, a fama da casa Boleskine espalhou-se como fogo.

Jimmy Page, o guitarrista da banda Led Zeppelin, é um dos mais famosos admiradores de Aleister Crowley e, sabendo da importância da casa na formação da carreira do mágico, comprou-a no começo dos anos 70.

Em 1975, numa entrevista para a revista *Rolling Stone*, Page descreveu algumas das vibrações negativas que sentiu na propriedade:

“(...) Houve dois ou três donos antes que Crowley mudasse para lá. Também tinha tido aquela igreja que queimou com todo mundo dentro antes de construírem a casa. Muita coisa estranha, que não tem nada a ver com Crowley, aconteceu naquela casa. As más vibrações já estavam lá. Um homem foi praticamente decapitado lá e às vezes você pode ouvir a sua cabeça rolando escada abaixo. Eu não escutei, mas um amigo meu que é muito sério e não sabe nada dessas coisas, ouviu. Ele pensou que fossem gatos, à noite, correndo na casa. Nessa época, eu não estava lá, e meu amigo chamou o caseiro e falou: ‘Por que você não prende os gatos durante a noite? Eles fazem uma barulheira terrível, rolando pelas paredes.’ O caseiro explicou que os gatos ficavam presos todas as noites e já aproveitou para contar a história da casa. Então, esse tipo de coisa já acontecia antes do Crowley lá chegar. É claro que depois de Crowley aconteceram uns suicídios e teve gente internada em hospitais para doentes mentais...”

Quando o entrevistador tentou esclarecer melhor dizendo que Page nunca tinha tido contato com os espíritos, ele interrompeu-o dizendo que “ele não tinha dito isso e que apenas tinha dito que ele não tinha ouvido a cabeça rolar”, e cortou o assunto dizendo que ele preferia não falar mais sobre esse assunto.

Muito embora Page nunca tenha, por longos períodos, morado nessa casa, ele permitiu que Malcom Dent, seu amigo desde os tempos de escola, lá vivesse. Malcom descreveu que viver nessa casa foi como viver num lugar onde existe “um sentimento definitivo da existência de uma presença tentando entrar dentro de você”. Mesmo assim, ignorando não só as estranhas atividades sobrenaturais da casa como também evitando os grupos de estranhos devotos de Aleister Crowley que costumavam aparecer nas altas horas da noite, Malcom formou família e viveu lá por um bom tempo.

Depois que, em 1992, Jimmy Page vendeu a casa, ela foi usada por um tempo como uma pensão. Aparentemente, ou essas estranhas ocorrências paranormais diminuíram ou seus donos subsequentes preferiram ficar em silêncio a respeito dessas atividades.

Da mesma forma, as visões do monstro diminuíram muito desde o começo dos anos 90, e culminou com um programa da BBC em 2003 que, com convicção, declarou que esse monstro não existe.





Colagem Digital chamada "Meteoro Impossível". Foto: Andrea Falcao com arte de A. C. Barbieri



Maloik: O Sinal dos Chifres no Heavy Metal

*“Duvido muito que eu tenha sido a primeira pessoa
que alguma vez fez este gesto. Isso é como dizer que
fui eu quem inventou a roda!”*

(Ronnie James Dio)

Maloik, o sinal de mão parecendo mostrar dois chifres que foi popularizado pelo público do Heavy Metal, é, na verdade, um gesto de mão com uma variedade de significados e usos em várias culturas. Ele é formado pela extensão dos dedos indicador e mínimo, mantendo os outros três dedos restantes fechados.

Na Itália e algumas culturas do Mediterrâneo, quando confrontado com acontecimentos infelizes, ou simplesmente quando esses eventos são mencionados, o sinal dos chifres pode ser dado para afastar a má sorte. Ele também é usado tradicionalmente para combater ou afastar o “mau-olhado”. O termo *maloik* surgiu do italiano “malocchio” que significa exatamente “mau-olhado”.

O maloik apontado para baixo significa uma forma de proteção contra situações infelizes e é quase o equivalente ao tradicional “bate na madeira”, que, segundo dizem, também é de origem mediterrânea. Por exemplo, o Presidente da República Italiana, Giovanni Leone, chocou o país quando em Nápoles, durante um surto de cólera, apertou as mãos dos pacientes com uma mão enquanto, ao mesmo tempo, com a outra

por atrás das costas, fazia um maloik. Esse ato foi bem documentado pelos jornalistas e fotógrafos que estavam bem atrás dele. Na Itália, em vez do maloik, também pode-se “tocar ferro” ou tocar-se o seu próprio nariz. Os homens na Itália e alguns outros países podem agarrar seus próprios testículos quando confrontado por má sorte, no entanto, evidentemente esse sinal é considerado vulgar. Em vários países latinos, o maloik quando endereçado a um homem, movimentando-se a mão para frente e para trás, significa que esse homem está sendo chamado de “cornudo”. Durante uma reunião da União Europeia em fevereiro de 2002, o ex-primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi foi fotografado realizando esse gesto atrás das costas do ministro das Relações Exteriores espanhol. Quando questionado sobre o incidente, ele respondeu: “Eu estava só brincando!”.



Banda Coven.

Capa do álbum Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls (1969).

Maloik no rock

A capa do álbum da banda de rock psicodélico/ocultista Coven, chamado *Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls*, lançado em 1969 e liderada pela cantora Jinx Dawson, retrata os membros da banda Coven dando o “sinal dos chifres” corretamente e inclui um cartaz de Missa Negra que mostra os membros da banda em um ritual fazendo o mesmo sinal. No início de 1968, os concertos dessa banda de Chicago (USA) sempre começavam e terminavam com Jinx fazendo um maloik no palco.



Beatles – Detalhe da capa do álbum *Yellow Submarine* (1969)

Na capa do álbum *Yellow Submarine*, dos Beatles (1969), o desenho mostra a mão direita de John Lennon fazendo esse sinal acima da cabeça de Paul McCartney. Algumas pessoas até pensam que é possível que o cartunista deturpou o sinal de “paz e amor”, que é muito semelhante e era mais de acordo com a imagem e mensagem pública da banda.



John Lennon fazendo o controverso sinal de mão em 1967.

No entanto, esse desenho de 1969 é baseado em muitas fotos de John Lennon fazendo esse sinal da mão em 1967. Pouco depois, uma dessas fotos de Lennon fazendo um malloik apareceria na capa de um compacto dos Beatles tornando-se a primeira vez que um sinal malloik apareceu no rock.



Bootsy Collins fazendo o sinal malloik

No início de 1970, o sinal maloik ficou conhecido para os fãs das bandas Parliament e Funkadelic como o “sinal P-Funk”. O maloik também foi usado por George Clinton e Bootsy Collins como senha para o *Mothership* (Nave Mãe), um elemento central da mitologia e ficção científica criada pela banda Parliament. Naturalmente, os fãs, em retorno, usavam o gesto maloik para mostrar seu entusiasmo para com a banda. Collins é retratado mostrando o sinal P-Funk na capa do seu álbum chamado *Ahh... The Name Is Bootsy, Baby!*, lançado em 1977. Frank Zappa pode ser visto brincando, fazendo esse gesto no filme *Baby Snakes* lançado em 1979.

Em 1977 uma pintura animada de Gene Simmons, da banda Kiss, apresenta o sinal na capa do seu sexto álbum de estúdio chamado *Love Gun*. Simmons é a pessoa que exibiu esse sinal e ainda o faz tanto no palco como fora dele.



Ronnie James Dio. Um dos melhores vocalistas do Heavy Metal mundial!

O sinal Maloik no Heavy Metal

O lendário vocalista Ronnie James Dio ficou conhecido por popularizar o maloik no Heavy Metal. Ele alegou que sua avó italiana usava esse sinal para afastar o “malocchio”. Dio começou a usar o maloik em 1979, depois de entrar na banda Black Sabbath. Na época, Ozzy Osbourne, o antigo vocalista, era bastante conhecido por usar, nos shows, o sinal de “paz” fazendo um “V” com a mão. Dio queria comunicar-se com seus fãs, mas não queria copiar Ozzy e, então, preferiu usar o sinal que sua avó sempre fazia, fazendo com que, logo após a primeira turnê do Black Sabbath, o maloik ficasse famoso em shows de Metal com Dio. Depois disso, com o nome “maloik”, uma corruptela da palavra “malocchio” original, o sinal mais tarde seria apropriado pelos fãs de Heavy Metal do mundo todo.

Apesar de tudo que se fala, no rock pesado, tudo indica, foi Terry “Geezer” Butler, baixista do Black Sabbath, quem primeiro usou o sinal maloik.

Numa entrevista feita em 2001 para metal-rules.com, Ronnie James Dio, de forma humilde, nos deu maiores informações:

Metal-Rules.com: “Gostaria de saber se você foi o primeiro a introduzir o maloik no Heavy Metal e o que esse símbolo representa para você?”

Ronnie James Dio: “Duvido muito que eu tenha sido a primeira pessoa que alguma vez fez esse gesto. Isso é como dizer que fui eu quem inventou a roda! Tenho certeza que alguém fez isso em algum momento. Acho que fui eu quem tornou a coisa mais popular. Eu usei esse sinal o tempo todo, usei-o tanto que o mesmo acabou tornando-se minha marca registrada. Isso aconteceu até que a audiência de Britney Spears decidiu fazê-lo também. Então, acho que com isso o símbolo perdeu um pouco do seu significado. Mas foi usado no Black Sabbath por um bom tempo. Foi um símbolo que eu achava que era o reflexo do que a banda era. Não é o sinal do diabo, tipo como se estivéssemos aqui com Satanás. É uma coisa italiana que recebi de minha avó, chamada *Malocchio*. É para afastar o mau-olhado ou para dar o mau-olhado, dependendo de como você o faz. É apenas um símbolo, mas ele tinha encantamentos e atitudes mágicas. Senti que funcionou muito bem com o Black Sabbath. Tornei-me muito conhecido por isso e, em seguida, todo mundo começou usar o maloik e a coisa acabou caminhando por si só. Mas eu nunca tentaria levar o crédito por ter sido o primeiro a fazê-lo. Só digo que usei tanto o maloik que ele se tornou um tipo de símbolo para o Rock 'n' Roll”.



O maloik numa pintura muito antiga

Entendendo o “mau-olhado” do ponto de vista espiritual

O “mau-olhado” é conhecido em inglês como “evil eye” (olho diabólico). Temos os nossos corpos astrais que são a nossa energia. Esta energia, enquanto estamos vivos, flui para todas as áreas do nosso corpo e também podemos canalizá-la (como fazemos na magia). A energia canalizada pode ser usada para qualquer fim, em qualquer nível e existem momentos em que fazemos isso sem saber. Por exemplo, quando as pessoas estão preocupadas que algo possa dar errado, muitas vezes dizem algo como “Não vai dar certo!”, “Está prestes a acontecer” ou “Algo está destinado a dar errado”. Essas pessoas pouco sabem que é como se elas estivessem rezando para que algo ruim acontecesse. Esse é um tipo de feitiço em que estamos buscando que algo aconteça. Durante esse momento, você está enviando uma explosão de energia que vai realizar os seus desejos e as coisas certamente vão dar errado.

Nós podemos canalizar a energia para qualquer lugar, coisa ou tempo através de várias formas. Nós podemos captar a energia e canalizá-la do nosso plexo solar para as nossas mãos, e dela para outra pessoa. Nós podemos captar a energia da Terra ou do Universo e canalizá-la para um amuleto de proteção. Podemos até mesmo olhar para a foto de uma pessoa e, quando olharmos para ela, imaginá-la sorrindo e feliz e, assim, desejar que ela seja feliz. Então, às vezes, mesmo não sabendo que estamos transmitindo energia através dos nossos olhos podemos estar desejando o bem ou o mal para alguém. Quer dizer, da mesma forma que só com um olhar podemos enviar mensagens uns para os outros, também podemos enviar energia (positiva ou negativa).

O “mau-olhado” é o envio de energia nociva através dos olhos. Essa energia pode sair enquanto você, por exemplo, olha para alguém que acaba de comprar um carro novo e isso lhe causa inveja. Você, na verdade, não quer fazer mal, mas isso acontece e, muitas vezes, a verdade é que nem percebemos o que estamos sentindo ou fazendo. Durante a nossa existência certamente nos depararemos com pessoas invejosas e com “um olhar muito forte”, os famosos “seca-pimenta”, e, portanto, é comum evitarmos contar para certas pessoas os nossos planos para o futuro. Na verdade, também é comum notarmos, atenciosamente, como certas pessoas olham para nós ou nossos pertences e, assim, perceber a “secada” em ação.

Muita gente acredita no mau-olhado, mas a verdade é que isso varia de pessoa para pessoa. Alguns acreditam que só algum latino pode lhe dar mau-olhado. Outros dizem que ele só pode ser dado por alguém de sua própria raça. Mas a verdade é que o “poder da inveja” não tem cor, raça ou sexo.

O que fazer, se você sente que jogaram uma energia negativa em você ou no seu projeto? Abaixo, segue uma bruxaria feita por uma bruxa italiana para quebrar o “encanto” e remover o “malocchio” (mau-olhado). Se a palavra “bruxaria” é muito pesada para você, pode chamá-la de “simpatia”:

1. Prepare um copo de água com três gotas de azeite e três pitadas de sal.
2. Coloque a ponta de uma agulha no olho de outra agulha dizendo: “Meus olhos contra a pupila dos seus olhos, destrua seu poder e mate a sua inveja.”
3. Jogar as duas agulhas dentro do copo e deixar lá por três dias.
4. Imediatamente após jogar as duas agulhas dentro do copo, espetar

uma tesoura na água através do óleo três vezes e cortar o ar acima da taça três vezes. Puff! O feitiço foi feito!

Importante: Lembre-se que, se depois disso, a sua dor no corpo ou a sua dor de cabeça finalmente desaparecer, pode ter sido apenas o comprimido que você tomou que fez efeito. Portanto, nada contra uma “simpatia” de vez em quando, mas, nas questões de saúde, uma visita ao médico é sempre fundamental.







Jorge Ben Jor e a Tábua de Esmeralda

Jorge Ben Jor, se não foi o primeiro, foi um dos primeiros músicos a falar sobre os alquimistas na Música Brasileira. Seu álbum “A Tábua de Esmeralda” lançado em 1974, é uns dos grandes clássicos da musica popular brasileira de todos os tempos. Trabalho único, concebido por um Jorge Ben Jor no auge de sua criatividade. A revista brasileira Rolling Stone classificou-o no sexto lugar entre os maiores álbuns brasileiros já lançados.

No começo dos anos setenta, época da sua produção, os artistas no Brasil andavam às voltas com temas esotéricos, seitas e doutrinas religiosas que acabavam refletindo em seus trabalhos. Isso aconteceu com Tim Maia envolvido com a seita Universo em Desencanto, um pouco antes com Raul Seixas com a Sociedade Alternativa. Jorge Ben Jor também fez sua parte, de forma muito mais elaborada e bem mais discreta, abordando neste álbum questões filosóficas e alquímicas, temas que desde a infância o fascinavam e sobre o qual ele pesquisou com ávida curiosidade.

O resultado final é sonoramente impecável, quase inimaginável. A inclusão de grandes textos alquímicos, citações do faraó egípcio Hermes Trismegisto, homenagem a Paracelsus e Deuses Celestes ao som da batida truncada de seu violão merecem ser ouvidas de joelhos e com

alegria nos olhos (“eu pretendo que minha música traga alegria para quem a escuta”, Jorge Ben Jor).

A genialidade do artista fica clara quando percebemos que entre temas sérios, presentes em faixas como “Os Alquimistas Estão Chegando” e “Herrare Humanun Est”, surgem suas deliciosas musas, como em “Magnólia” e “Menina Mulher da Pele Preta”, assim como a não menos simbólica “O Homem da Gravata Florida”. Essa mistura inusitada é uma grata surpresa e a cada faixa, a cada citação e achado poético, todas as faixas são igualmente clássicas e únicas.

A capa é um espetáculo à parte ao reproduzir telas encontradas por Nicolas Flamel no livro de Abraão. Para o bom entendimento me sinto na obrigação de citar que a música “O Namorado da Viúva” é uma homenagem do autor à seu ídolo Nicolas Flamel, cientista e alquimista francês nascido no século XIV, e que Paracelsus foi um cientista e biólogo sueco nascido em 1493.

O interesse de Jorge Ben Jor pelo oculto, aparentemente continua até hoje mas, depois do lançamento do Tábu de Esmeralda, muitos ál-



buns se seguiram e em 2004 ele lançou o álbum chamado Reactivus Amor Est (Turba Philosophorum), o seu vigésimo sexto álbum de estúdio. Desde seu álbum chamado Homo Sapiens, Jorge Ben Jor tinha estado parado por 9 anos. Então neste novo álbum o Rei do Swing incluiu a música O Rei é Rosa Cruz:

O Rei é Rosa Cruz
Jorge Ben Jor

Mandou avisar que vai chegar o rei
Mandou avisar que vai ter festa para o rei
Que Deus conserve a sabedoria e a bondade do rei
Que Deus salve o rei, vida longa para o rei
Eu fui convidado para nela tomar parte
Agradeço a Deus por essa alegria
Eu vou ao castelo com bons pensamentos
Pois nesse grande curto espaço de tempo
Eu poderei testemunhar belos acontecimentos

Vou me cuidar e me tratar
Pensar, refletir, examinar meu dia a dia
Com objetividade, amor e confiança
Pois o rei e sua corte, podem não gostar

Se eu negligenciar
Se eu não me aprimorar

Infeliz daquele que é demasiado fútil
Infeliz daquele que chega sempre por último
Não saberá, não saberá
Que no manto sagrado do rei
Tem uma rosa e uma Cruz

Ô Nena, Nena, Nena Pendragon
O Rei é Rosa Cruz, o Rei é Rosa Cruz
O Rei é Rosa Cruz, o Rei é Rosa Cruz

Camelot, Camelot, Camelot
Ô Nena, Nena, Nena Pendragon

Com esta música percebemos que o alquimista Jorge Ben Jor nunca saiu de cena e, desde que começou sua longa carreira em 1963 com o lançamento do álbum Samba Esquema Novo, o homem que transformou a música com seu gingado de samba mas que, dialoga com o funk e a soul music e tem casamento marcado com o rock não parou de criar e recriar.

Tábua de Esmeralda

Mas, de que se trata esta tal de Tábua de Esmeralda? A Tábua de Esmeralda (ou Tábua Esmeraldina) é o texto que deu origem à Alquimia islâmica e ocidental.

Existe uma certa discrepância sobre a sua origem onde na Wikipédia, a enciclopédia livre, somos informados de que este texto surgiu primeiramente nos textos: Kitab Sirr al-Khaliqa wa Sanat al-Tabia (c. 650 d.C.), Kitab Sirr al-Asar (c. 800 d.C.), Kitab Ustuqus al-Uss al-Thani (século XII) e Secretum Secretorum (c. 1140).

Já a Fraternidade Rosacruz através do texto de António Monteiro, um filósofo e escritor português membro do The Rosicrucian Fellowship nos dá outros detalhes:

“Nada há que permita estabelecer, com alguma segurança, a origem real, não da tábua propriamente dita - que, de resto, ninguém jamais viu - mas do texto que se diz ter sido ali gravado. Tudo quanto se sabe é que a referência mais antiga que se conhece, encontra-se num escrito árabe dos fins do século VIII, atribuído a Geber (ou Jabir) ibn Hayyan; no mundo cristão, Santo Alberto Magno (1200-1280) conhecia a sua versão em latim. Segundo o professor Georg Luck, a versão árabe pode reflectir um original grego que se perdeu, e a versão latina poderá ter sido feita a partir da árabe.”

“Desde então, a Tábua de Esmeralda ou, para ser mais preciso, o seu texto, tornou-se famoso nos meios ocultistas em geral e nos alqui-

mistas em particular, por ser considerado, essencialmente, uma fórmula alquímica relativa, busca à transmutação dos metais básicos, busca à divina regeneração humana. Daí que, com o correr dos tempos, a versão inicial em latim foi sendo substituída por sucessivas traduções em línguas modernas, algumas das quais da autoria de nomes famosos como Isaac Newton, H.P.Blavatsky e Fulcanelli.”

“Há, no entanto, duas versões e dois autores que, por serem aceitas pela maioria dos estudiosos, iremos apresentar: a primeira – e que reúne o maior consenso - afirma que o texto foi escrito, em caracteres fenícios, por Hermes Trismegisto; a segunda, cuja defesa está quase confinada à Maçonaria, pretende que o texto - que, aliás, pouco difere do anterior - foi escrito, em caracteres caldaicos, por Chiram, ou Hiram, ou ainda Hiram Abiff, o construtor do Templo de Salomão.”

“Há, ainda, uma terceira e inevitável opinião sobre textos, caracteres e autores, a dos críticos materialistas para os quais tudo não passa de uma fraude dos primeiros tempos da Idade Média; não percamos mais tempo com ela...”

A versão de Hermes Trismegisto

“Na versão mais consensual, o texto começa com a frase Palavras secretas de Hermes, e antes de terminar diz ... por isso sou chamado Hermes Trismegisto, porque possui as três partes da sabedoria de todo o mundo; daí que se atribua a sua autoria a Hermes Trismegisto, embora não se saiba, com um mínimo de segurança, quem foi este personagem, nem se existiu, sequer.”

“Hermes, como a personificação da Sabedoria Universal é representado com o pé sobre o dorso de Typhon, o dragão da ignorância e da perversão. Para os Iniciados Egípcios, vencer o dragão devorador das almas era libertar-se da necessidade de renascer.”



Hermes sobre Typhon

“Na mitologia grega, Hermes, filho de Zeus e da ninfa Maia, era o mensageiro dos deuses; calçava sandálias com asas e usava um capacete também com asas; empunhava, sempre, o célebre caduceu, uma vara onde se entrelaçavam duas serpentes, encimada por um par de asas. Mas Hermes era mais do que isto: era o condutor das almas dos mortos ao mundo subterrâneo e tinha poderes mágicos sobre o sono e os sonhos; era o deus do comércio e o protetor dos negociantes e dos rebanhos; era o deus dos atletas e o protetor de ginásios e estádios; e era, ainda, o responsável pela boa sorte e riqueza. Apesar destas virtuosas características, era velhaco, impostor e ladrão; logo no dia em que nasceu roubou o gado do seu irmão Apolo e ocultou o rasto fazendo com que os animais andassem para trás; ao ser confrontado, negou tudo. Os irmãos acabaram por se reconciliar quando Hermes ofereceu a Apolo um seu novo invento, a lira.”

“Hermes Trismegisto será o aspecto humano do deus grego, Thoth (ou Toth) o seu equivalente egípcio; Thoth significa Serpente, e a serpente era o símbolo do Conhecimento, da Sabedoria; o epíteto Trismegisto, Três Vezes Grande, vem do facto de Thoth ser o maior filósofo, o maior sacerdote e o maior rei.”

“A Hermes Trismegisto é atribuída, também, a autoria de tratados ecléticos do século I D.C, sobre a filosofia mística do helenismo, onde se fundem elementos platónicos, estoicos, órficos e neopitagóricos, e que defendem a salvação através do conhecimento de Deus, cuja manifestação visível é o Sol. Estes tratados, transmitidos sob o nome de Hermética, exerceram grande influência na Idade Média e no Renascimento, nomeadamente nos domínios da alquimia e magia.”

“Há uma outra versão, deveras curiosa, da autoria de Doreal, uma personagem que se diz relacionada com a Grande Loja Branca e que em 1925 foi autorizada a ir à Grande Pirâmide buscar, não a Tábua, mas as doze Tábuas de Esmeralda, copiá-las e voltar a colocá-las no mesmo sítio; acrescenta que só agora teve autorização de tornar público parte do seu conteúdo, para o que se serve ... da Internet.”

“Para Doreal, Thoth, o seu autor, era um rei-sacerdote atlante que, cerca do ano 50.000 a.C. e antes da Atlântida desaparecer no mar, fundou uma colónia no antigo Egipto que governou até 36.000 a.C. Quando chegou o tempo de partir, construiu a Grande Pirâmide sobre a entrada dos Grandes Vestíbulos (por onde as almas passam a caminho do jul-

gamento), onde guardou as doze Tábuas de esmeralda verde, uma substância criada por transmutação alquímica, imperecível e indestrutível.”



O Texto da Tábua de Esmeralda

A maioria das traduções em línguas ocidentais apresentam algumas diferenças, pelo que achei por bem integrá-las na versão que se segue:

Palavras secretas de Hermes:

É verdade, sem mentira, certamente é muito óbvio.

Aquilo que está em baixo corresponde ao que está em cima
e aquilo que está em cima corresponde ao que está em baixo
para cumprir os milagres do supremo.

E tal como todas as coisas procedem deste Grande Ser

através mediação de uma única mente
também todas as coisas criadas tem origem neste Grande Ser
através da Transformação.

O seu pai é o Sol
e a Lua é a sua mãe.
e o vento leva-lhe no seu ventre.
A sua alma é Terra.
E a origem de tudo é
a consagração do Universo.
Se aplicada na Terra
a sua grande força é perfeita.

Separa gentilmente a Terra do Céu
e com uma boa dose de ingenuidade
o sutil do grosso.
Ergue-se da Terra ao Céu
e desce de novo à Terra.
Combinando assim os poderes
do superior e do inferior.

Assim obterá a Glória de todo o Universo.
Toda a escuridão se tornará clara para ti.
Esta será a maior força de todos os poderes,
porque se elevará acima de todas as coisas
e penetrará até a coisa mais sólida.

Assim foi o universo criado.
e por causa deste padrão,
à partir disto surgirão inúmeras aplicações,

é por isso, que sou chamado o Grande Hermes

é porque tenho todas as três partes da sabedoria de todo o Universo.

desta forma, expliquei completamente toda a operação do Sol.

Traduzido e adaptado por AlfaUniverso.com (com pequenos acertos, para dar mais fluidez ao texto, feitos por Barbieri)

Abaixo segue uma breve explicação deste texto

No 2º parágrafo: O seu ser irá reflectir-se nos resultados e produto da sua vida. O seu ser inclui as suas escolhas, pensamentos, sentimentos, atitudes e acções.

No 3º parágrafo: O Ser Humano é divino e está conectado com o Universo. Ele move a energia com o Grande Ser, transformando e transformando-se.

No 4º parágrafo: O Ser Humano é do Pai Divino e da Mãe Divina. A Terra é o seu lar, mas apenas temporário. Quando o Ser Humano aplica a sua Força Divina na Terra, grande é o seu efeito.

No 5º parágrafo: Ao aplicar a Força Divina, separará o bom do mau. A boa aplicação é observada no “Céu” gerando mais Força na “Terra” criando o seu mundo na união do “Superior” e o “Inferior”.

No 6º parágrafo: Desta maneira concretiza o seu propósito e manifesta os seus sonhos. Todos os problemas do Ser Humano encontram luz.

No 7º parágrafo: Desta Força, tudo surge.

No 8º parágrafo: Hermes é o Deus da Mitologia Grega reconhecido por ser o mensageiro dos Deuses. A Tábua Esmeralda é, assim, por conclusão, uma mensagem dos Deuses.

Traduzido e adaptado por AlfaUniverso.com (com pequenos acertos, para dar mais fluidez ao texto, feitos por Barbieri)

“O que está em baixo é como o que está em cima”

Este é, sem dúvida, o axioma mais citado nas obras ocultistas, principalmente as que versam temas alquímicos, reportando-se os seus autores à Tábua de Esmeralda ou a Hermes Trismegisto, porém pouco ou nada mais adiantando sobre estas origens. Nestas condições, parece curial perguntar:

- O que é a Tábua de Esmeralda?
- O que está ali escrito?
- Quem é, ou foi, Hermes Trismegisto?

São as respostas possíveis a estas perguntas que vou procurar dar, uma vez dizerem respeito a matérias que se situam no campo da Filosofia Rosacruz e o axioma em causa ser frequentemente lembrado por Max Heindel; são as respostas possíveis, disse, pois tudo está envolto em mitos e símbolos, o que dá origem a diversas versões do texto e a opiniões divergentes sobre o seu autor.

As Origens

Nada há que permita estabelecer, com alguma segurança, a origem real, não da tábua propriamente dita - que, de resto, ninguém jamais viu - mas do texto que se diz ter sido ali gravado. Tudo quanto se sabe é que a referência mais antiga que se conhece, encontra-se num escrito árabe dos fins do século VIII, atribuído a Geber (ou Jabir) ibn Hayyan; no mundo cristão, Santo Alberto Magno (1200-1280) conhecia a sua versão em latim. Segundo o professor Georg Luck, a versão árabe pode reflectir um original grego que se perdeu, e a versão latina poderá ter sido feita a partir da árabe [1].

Desde então a Tábua de Esmeralda ou, para ser mais preciso, o seu texto, tornou-se famoso nos meios ocultistas em geral e nos alquimistas em particular, por ser considerado, essencialmente, uma fórmula alquímica relativa, quer à transmutação dos metais básicos, quer à divina

regeneração humana. Daí que, com o correr dos tempos, a versão inicial em latim fosse sendo substituída por sucessivas traduções em línguas modernas, algumas das quais da autoria de nomes famosos como Isaac Newton, H.P.Blavatsky e Fulcanelli.

Há, no entanto, duas versões e dois autores que, por serem aceitas pela maioria dos estudiosos, iremos apresentar: a primeira – e que reúne o maior consenso – afirma que o texto foi escrito, em caracteres fenícios, por Hermes Trismegisto; a segunda, cuja defesa está quase confinada à Maçonaria, pretende que o texto – que, aliás, pouco difere do anterior – foi escrito, em caracteres caldaicos, por Chiram, ou Hiram, ou ainda Hiram Abiff, o construtor do Templo de Salomão.

Há, ainda, uma terceira e inevitável opinião sobre textos, caracteres e autores, a dos críticos materialistas para os quais tudo não passa de uma fraude dos primeiros tempos da Idade Média; não percamos mais tempo com ela ...

Jorge Ben Jor entrevistado por Barbieri em Cannes (1998)

Em 1998, lá pelo começo ano aconteceu em Cannes, como todo ano, o Midem que é um grande encontro da indústria fonográfica mundial. Neste ano, quem marcou presença como convidado especial foi o lendário Jorge Ben Jor para, na noite reservada ao Brasil, num grande show mostrar porque é que a nossa música brasileira é tão bem conceituada fora do país.

No mesmo dia do show, à tarde, numa das salas de imprensa, no topo do próprio edifício da feira, o mestre do swing compareceu para um papo informal com a imprensa. Como tudo o que ele dizia era traduzido em voz alta para o francês e inglês, a coletiva mais pareceu uma Torre de Babel.

A entrevista

Barbieri: Diga-nos algo sobre sua música?

Jorge Ben Jor: (meio sem jeito) A minha música desde “Mais Que Nada”, “País Tropical”, “Taj Mahal”, Filho Maravilha”, eu faço dentro do meu estilo urbano e suburbano. Eu me considero um poeta urbano e suburbano. E este é meu jeito de compor.

Barbieri: Como você explica este pessoal novo regravando suas músicas (Paralamas do Sucesso, Biquini Cavadão, Skank, Barão Vermelho)?

Ben Jor: Eu queria dizer que a minha geração, a de 1945, do pós guerra, não entendeu muito a minha mensagem. Esta geração de agora, que eu acho linda, de 1970 para cá, entende melhor o meu trabalho, e é por isso que todos eles estão regravando minhas músicas antigas.

Barbieri: Qual foi o ponto alto da sua carreira?

Ben Jor: Hoje está sendo um bom momento. Ontem no show de Paris foi um bom momento. Eu tenho grandes momentos musicais e grandes momentos de shows como, por exemplo, o Hollywood Rock com 150 mil pessoas no Sambódromo do Rio. Tenho também um show que eu fiz no Rio onde compareceram 1 milhão e 500 mil pessoas, todas vestidas de branco. Eu espero que hoje à noite aqui também seja um bom momento para mim e meus músicos.

Barbieri: A crítica brasileira considera “Tábua de Esmeraldas” seu melhor disco, mas eu gostaria de saber na sua opinião qual é o seu melhor trabalho.

Ben Jor: Pela primeira vez eu concordo com a crítica (risos). A “Tábua..” foi um trabalho muito bom onde eu falei de um tema muito desconhecido, muito hermético. Eu acho que eu fui um dos primeiros a falar e cantar sobre os alquimistas no Brasil.

Barbieri: Você está sempre ocupado. Você nunca pensou em parar um pouco por alguns anos e ir joga bola.

Ben Jor: Eu continuo fazendo tudo. Eu joga bola, danço, canto e faço música. Quanto eu estou no palco cantando e tocando é a mesma coisa como que se eu tivesse jogando futebol na praia ou nos campos com meus amigos. Eu ainda quero fazer muito mais... Eu tenho um contrato, que diz que eu e a banda Zé Pretinho tocaremos até o ano 2035. (risos)

Barbieri: O que você pode falar sobre o seu último disco?

Ben Jor: O meu álbum mais recente chama-se “Músicas Para Tocar m Elevador”, onde participa esta geração nova de músicos. Cada

banda escolheu uma música antiga minha, fizeram seu próprio arranjo e eu canto junto com eles.



Jorge Ben Jor en Cannes. Foto: A. C. Barbieri

Barbieri: Você não acha que o público está mais preocupado com o ritmo em si do que com a sua mensagem, porque apesar da sua música ser altamente dançante, nas letras o conteúdo é bem cru e potente, tocando nos problemas da realidade?

Ben Jor: Eu me considero um poeta urbano e suburbano. As minhas canções refletem o dia-a-dia que eu vivo. Eu trabalho muito com as notícias dos jornais e com o que vejo na TV. Eu gosto muito de mexer com isto. Mas, realmente o forte da minha música é o ritmo. Eu faço músicas alegres que é para as pessoas ouvirem e ficarem felizes mas, todas as minhas músicas têm uma mensagem, simples mas forte. Eu acho que as pessoas entendem minha mensagem justamente por isso.

Barbieri: Nos últimos anos a música brasileira, mais precisamente nossos ritmos, tem sido mais reconhecidos mundialmente. Paul Simon, Michael Jackson, Pet Shop Boys, David Byrne todos usaram nossos músicos e ritmos. David Byrne inclusive até lançou em Londres uma coletânea só de bandas brasileiras, incluindo música sua. Você acha que nós estamos conseguindo espalhar a nossa mensagem musical?

Ben Jor: Eu acho que este povo todo está aprendendo com a música brasileira porque a nossa música é forte, ela é grande. Eu acho também que música não tem fronteira desde que sejam respeitados os di-

reitos autorais. O Beck ligou para mim e disse que gostaria de fazer um trabalho comigo. Eu disse para ele que eu estou aberto para qualquer coisa e que gostaria muito também de trabalhar com ele...

Barbieri: Como você define a sua música?

Ben Jor: A minha música é uma mistura de ritmos. Tem Samba. Maracatu, Baião, um pouco de Funk.. é uma mistura.



Jorge Ben Jor en Cannes. Foto: A. C. Barbieri

Barbieri: Afinal porque você mudou de nome?

Ben Jor: Houve dois probleminhas. Primeiro foi porque eu troquei de gravadora. Eu era da Polygram e quando eu fui para a Warner, o presidente da gravadora José Midani achou que eu deveria fazer algo como que se eu estivesse recomeçando. Então, propus usar meu nome de família que é Benzabel. O sobrenome da minha mãe é de origem etíope. Inclusive, no começo da minha carreira, a Polygram não achou Benzabel um nome artístico e por isso ficou só Ben. Bom, no fim acrescentamos somente o Jor porque em casa todo mundo me chama de Jor. O outro problema era que aqui na Europa o povo pensava que a música “Mais Que Nada” não era do Jorge Ben e sim do George Benson. Coincidência ou não, eu conquistei uma geração nova com minhas músicas e de fato tripliquei a minha audiência.

Barbieri: Você fica surpreso com as interpretações que fazem das suas músicas?

Ben Jor: Eu gosto de ouvir e para mim é muito bom que todo mundo cante as minhas canções, da maneira que gostem. Às vezes eu fico surpreso quando ouço uma música minha cantada em francês, inglês e até em japonês. “Mais Que Nada” cantando em japonês é totalmente.. (ele faz um careta engraçada e não completa a frase).. Para mim é muito positivo

Terminada a entrevista eu fui cumprimentá-lo:

Barbieri: A última vez que eu apertei a sua mão fazem uns 15 anos!

Ben Jor: Onde? (curioso)

Barbieri: Foi num festival de rock lá no Estádio do Cruzeiro em Minas. Além de você tocou um monte de gente boa: Raul Seixas, Made Brazil, Zé Ramalho, Roupas Nova, Diana Pequeno, etc..

Ben Jor: Não me diga! Eu lembro o nome.. deixa ver.. ha! Rock Horizontal!

Barbieri: É mesmo! Eu nem lembrava mais.. Que você vai fazer agora?

Ben Jor: Vou direto passar o som.

Barbieri: Boa sorte hoje à noite.

Ben Jor: Obrigado!

Esta entrevista foi originalmente escrita para a Revista Dynamite, publicação para qual, na época, trabalhei em Londres na função de UK Correspondente e foi publicada na sua edição de fevereiro/março em 1999.



Revista Dynamite - número 35.

À meu ver, na história do Rock Brasileiro Jorge Ben Jor assim com Tim Maia sempre foram esquecidos. Acredito que geralmente estes dois músicos são sempre erroneamente classificados com sendo músicos da MPB. Se Roberto Carlos recebeu indevidamente o título de “Rei do Rock” que sempre achei que caberia à Erasmo Carlos por ele ter sido sempre um músico underground, humilde e verdadeiramente rock, Tim Maia, por sua vez deveria ter recebido o título de “Rei do Funk” (não me refiro à este lixo musical do momento) e Jorge Ben Jor o de “Rei do Swing”. É curioso que uma banda como Os Novos Baianos conseguiu ser aceita por grande parte da comunidade roqueira mas não Jorge Ben Jor e Tim Maia. Obviamente o motivo principal é que no caso de Jorge Ben e Tim Maia, os dois são mais conhecidos por seus sucessos comerciais, quase sempre beirando a MPB, do que pelas suas faixas mais obscuras, mais experimentais e mais funk rock. Acho importante frisar que a história artística destes dois músicos sempre foi consistente e verdadeiramente ligada as suas raízes negras e culturais. Eles sempre foram honestos no seu trabalho, seguindo tendências muito claras e definidas. Apesar do sucesso, eles sempre foram de alguma forma marginais, tanto que em diversos momentos da sua carreira, tiveram vários problemas com a imprensa.

Recordo-me claramente que, na época do primeiro “Rock in Rio” fui entrevistado por uma emissora de TV à respeito do que eu achava do evento. Aproveitei a deixa e critiquei severamente a seleção dos artistas nacionais. Pois, entre os muitos nomes ausentes, destacava-se Jorge Ben, Tim Maia e Raul Seixas.

Certamente num evento deste porte, o primeiro grande festival brasileiro de nível internacional, seria o momento adequado para homenagear estes três ícones nacionais. Independentemente do nosso gosto pessoal, estes 3 artistas já tinham na época uma grande história e mereciam o direito de estar participando daquele evento tão importante. Em 1998 tive a honra de entrevistar Jorge Ben em Cannes. Foi a segunda vez que eu o encontrava.

Importante:

Muito do que escrevi aqui, tanto neste capítulo como nos outros, foi, durante anos, coletado de várias fontes. Se omiti o nome ou, pior, infringi os direitos autorais algum dos autor, peço-lhe que me desculpe!

Gostaria que soubesse que este capítulo não foi acrescentado na edição impressa e, portanto pode ser rapidamente corrigido ou omitido. Fiquem certos de que todos os créditos à mim fornecidos serão acrescidos à este texto! Desde já agradeço a amizade e confiança!

Portanto, até onde me recordo este texto conta, nas partes escritas sobre Jorge Ben Jor, com a participação de “Jaime Leme” assim como textos extraídos dos sites “Alfa Universo”, “Wikipédia” (a enciclopédia livre), “Fraternidade Rosacruz” e “Portal Virgula”, sendo os textos deste último site de autoria de “Luiz Filipe Tavares” e “Stefanie Gaspar”. Agradeço de coração, a colaboração de todos!

Finalmente, acho importante salientar que este texto deve ser considerado apenas um resumo deste assunto porque, certamente poderíamos escrever todo um livro, com muito mais profundidade, só sobre o pensamento de Hermes Trismegisto.





Raul Seixas e a Sociedade Alternativa

Escrito por Jay Vaquer

*“As pessoas são todas diferentes umas das outras,
mas se equilibram dentro do mesmo valor.
Porque é necessário haver o sim, para poder haver o não.
É aquele velho equilíbrio cósmico das coisas.”*

(Raul Seixas)

No começo dos anos setenta, os músicos Tim Maia, Jorge Ben Jor e Raul Seixas andavam às voltas com temas esotéricos, seitas e doutrinas religiosas que acabavam refletindo nos seus trabalhos.

Como ficarão sabendo no próximo capítulo, Tim Maia foi seduzido por uma seita obscura com cara de New Age Tupiniquim chamada Universo em Desencanto, a ponto de colocar em risco sua própria carreira artística. Depois de perder um tempo precioso, esse mestre do verdadeiro funk brasileiro acordou e, do seu jeito bombástico, jogou tudo pro ar, acusou todo mundo menos a si mesmo e acabou terminando seus dias envergonhado por ter feito papel de bobó.

Como perceberam do capítulo anterior, Jorge Ben Jor, o nosso mestre do swing, de forma um pouco mais elaborada e discreta, abordou no seu álbum *A Tábua de Esmeralda* questões filosóficas e alquímicas, temas que, desde sua infância, o fascinavam, e sobre o qual ele pesquisou bastante.



Raul Seixas. Foto: Thereza Eugenia. Arte: A. C. Barbieri

Mas foi Raul Seixas que juntamente com o hoje escritor Paulo Coelho, profundamente influenciados pelo controverso ocultista Aleister Crowley, realmente deixaram uma marca indelével na música brasileira.

Então, antes de enveredarmos pela história do Black Metal, acho importante conhecermos um pouco melhor o trabalho de Raul Seixas.

Raul Seixas e a Sociedade Alternativa

Na sexta-feira, dia 20 de março de 1981, Paulo Coelho e Edenilton Lampião (então editor da revista *Planeta*) estavam promovendo o *I Encontro da Nova Cultura Brasileira*, no Instituto Bennet, no Rio de Janeiro. Eles haviam criado mais uma Ordem Iniciativa (a Ordem da Estrela Bailarina) e procuravam reorganizar o movimento alternativo no Brasil.

Uma ordem iniciativa, mística e esotérica, era também uma forma alternativa de reunir pessoas com novas ideias. Juntas, elas passavam e geravam um campo de energia. Não é por acaso que o segundo LP da carreira de Raul Seixas lançado pela gravadora CBS em 1971 chamou-se *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista*.

Paulo Coelho era filiado à Sociedade Secreta da Besta do Apocalipse e também dirigia uma revista alternativa chamada *2001*. Um dia,

Raul entrou em contato com ele para comentar sobre um artigo que falava de discos voadores. Da fusão entre a Grã-Ordem Kavernista e a Sociedade Secreta da Besta do Apocalipse nasceu um produto altamente explosivo: a Sociedade Alternativa.

A Sociedade Alternativa foi fundada em setembro de 1973 por Raul Seixas, Paulo Coelho, Adalgisa Halada e Salomé Nadine. Em fevereiro do mesmo ano, participaram de um congresso reunindo as principais sociedades alternativas do mundo, apresentando sua declaração de direitos (baseada em Aleister Crowley, um mago inglês que se auto-denominou A Besta do Apocalipse). A Sociedade Alternativa de Raul Seixas e Paulo Coelho foi reconhecida mundialmente em 17 de fevereiro de 1974, mesmo ano do lançamento do LP *Gita*.

Gostaria de esclarecer alguns detalhes sobre os símbolos que foram escolhidos para identificar a obra dele. Já falamos sobre os discos voadores. Agora falaremos sobre o Selo da Sociedade Alternativa:



Raul Seixas e Paulo Coelho

Houve um tempo em que o poder eclesiástico era tão forte que nada poderia ser publicado sem que tivesse o *Imprimatur* da Igreja. *Imprimatur* em latim quer dizer *imprima-se* (ou seja: pode ser impresso, divulgado). Existem ainda religiões onde isso acontece nos dias de hoje. De vez em quando livros ainda são queimados em praça pública e pessoas proibidas de falar. Mas, no passado, bibliotecas inteiras como a de Alexandria foram torradas nas fogueiras da intolerância. E milhões de pessoas também. O tipo de letra que a cultura utilizava, sob a influência eclesiástica, era evidentemente o tipo Uncial (escritas à mão pelos monges copistas nos mosteiros) ou o tipo Gótico. *Imprimatur* - Sociedade Alternativa está no tipo gótico, assim como todos os dizeres das capas do *Krig-Ha*, *Bandolo!*, *Gita*, *Novo Aeon* e *Há 10 Mil Anos Atrás*. É para lembrar um velho tempo, mas hoje como uma nova mensagem que diz:

todo homem tem o direito de pensar o que quiser, de dizer, de escrever, moldar, esboçar, esculpir, o que ele quiser...

No centro do selo temos uma adaptação da Cruz Ansata. A cruz Ansata (ou ANKH) é um dos hieróglifos egípcios e pode ser facilmente encontrada em toda a literatura que mostra a pictografia egípcia. Para eles, era a Cruz da Vida. Representava ainda o Laço da Sandália do peregrino, do buscador, daquele que quer evoluir, aprender, crescer. Em muitas pinturas egípcias, o deus Rá (o Sol) está com seus braços colocando essa cruz no nariz das pessoas. Corresponde ao Sopro da Vida (uma ideia semelhante à criação de Adão, na Cosmogonia Cristã). É também um símbolo da unidade entre o Ser Masculino e Feminino no Cosmos. No selo da Sociedade Alternativa, a cruz Ansata aparece embaixo, com dois pequenos degraus simbolizando tanto os degraus da iniciação quanto dando a forma de uma chave. Evidentemente a chave de todas as portas. A chave da Sociedade Alternativa. A chave da Vida.

Naquele tempo, Galileu Galilei foi humilhado, seus textos desacreditados e morreu sozinho, em prisão domiciliar. Seu crime: haver definitivamente provado que mais de dois mil anos de cultura religiosa estavam baseados em coisas falsas. Giordano Bruno escreveu sobre a pluralidade dos mundos habitados, aventando a possibilidade de vida em outros planetas. Mas não teve a mesma sorte: morreu na fogueira. Ambos receberam apenas o *Imprimatur* de suas sentenças de prisão e de morte, assinadas pelos bispos regionais (na realidade talvez o Ocidente tenha sido tolerante demais com a intolerância).

Mas em 1974 alguém edita um novo trabalho selado, registrado, carimbado, avaliado e querendo voar. Assinavam Don Raulzito e Don Paulo Coelho, dois super-heróis numa aventura na cidade de Thor. E começaram a brincar de pular fogueira.



Aleister Crowley

Aleister Crowley

O poder da igreja cresceu tanto no mundo, que todas as pessoas que tinham qualquer contato com essas informações esotéricas tiveram que se recolher ao anonimato. Dessa forma, surgiram muitas Ordens Iniciativas e Sociedades Esotéricas para manter essa tradição (na verdade, o poder da Igreja cresceu tanto que a sua própria sede foi instalada no lugar onde era antigamente o maior império do mundo: Roma. Quero dizer, a Igreja acabou tomando o lugar do Império Romano).

Em 1973, Raul Seixas (da Grã-Ordem Kavernista) e Paulo Coelho (da Sociedade da Besta do Apocalipse) juntam-se e fundam a Sociedade Alternativa, e, como filósofo de referência, escolhem a figura mais poderosa e mais polêmica da história do ocultismo mundial, o homem que popularizou o ocultismo, conseguiu abalar a estrutura das principais sociedades esotéricas de sua época: Aleister Crowley. Crowley usava dentro das Ordens às quais pertencia o nome de Baphomet (o mesmo do nosso bode simpático) e chamava a si mesmo de A Besta 666 (A Besta do

Apocalipse). Crowley deixou como legado uma obra imensa na história da magia, e no processo procurou redefinir o termo “magic” (magia) referindo-se a ele como “magick”. Ele fez isso talvez para diferenciá-la de tudo que havia de ocultismo até então, uma vez que, para muitos, até aquele momento todos os ensinamentos não passavam de uma confusão fantástica, profundamente infiltrados pela religião. Dizemos isso porque a magia busca o conhecimento, e a religião como nós conhecemos baseia-se em dogmas. E dogmas devem ser aceitos sem discussão. Naquele período, os religiosos também já haviam conseguido entrar nas Ordens Esotéricas e lá instalar a confusão. Crowley lutou contra isso durante toda a sua vida. Morreu em 1947.

Em abril de 1904, Crowley escreveu sua obra mais importante, o chamado *Livro da Lei*. Ao que tudo indica, nós estaríamos numa época com todas as características do que Jung chamou de Transição dos Aeons. E esse livro seria então para o Novo Aeon. Evidentemente surgiram muitos livros que pretendiam e pretendem ser a Obra do Novo Aeon. Mas, para Raul Seixas e Paulo Coelho, o livro escolhido foi o *Livro da Lei*, de Crowley.

Tecnicamente, o livro é dividido em três partes. As duas primeiras com 22 páginas (ou lâminas) cada e a última com 21. Cremos que é evidente a relação com as 22 lâminas ou trunfos principais do Tarô. Na primeira parte fala (ou se manifesta) Nuit. Na segunda Hadit e na terceira Ra-Hoor-Kuit. Respectivamente a Mãe, o Pai e o Filho (divindades do Panteão Egípcio). Até aí tudo bem. O problema é o que falam essas entidades.

Para simplificar nossa narrativa, a música *Sociedade Alternativa* tem algumas frases do *Livro da Lei*. Por exemplo, a famosa “Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei. A lei do forte, essa é nossa lei e a alegria do mundo. Todo homem e toda mulher é uma estrela”. E assim Raul colocou em sua obra, até o final de sua vida, referências ao *Livro da Lei*. Tanto é que no último LP (*A Panela do Diabo*) tem uma música chamada *Nuit*, que é a deusa que no *Livro da Lei* disse a frase “Faze o que tu queres...”.

O *Livro da Lei* foi publicado apenas uma vez no Brasil, em 1976, mas foi misteriosamente retirado de circulação. Hoje só encontramos publicações em inglês e espanhol, em livrarias especializadas em esoterismo. Normalmente os círculos de pessoas interessadas em misticismo têm certo receio da obra de Crowley. Isso se justifica: essa profunda

identificação de Crowley com a Verdadeira Tradição não deixa margem a que as correntes ligadas ao obscurantismo absorvessem e neutralizassem sua força. Como no caso da figura do diabo, Crowley foi identificado ao longo desse século com o maligno, o destruidor, o perigoso etc. (na verdade, parece que ele próprio induziu a que tudo isso acontecesse para que o escândalo divulgasse sua obra).

No entanto, utilizando publicamente esses símbolos era inevitável que Crowley atraísse os adoradores do diabo anteriormente citados. O próprio Paulo Coelho tem citado uma Noite Negra de 1974 (época da fundação da Sociedade Alternativa e profundo envolvimento com a obra de Crowley), onde foram invocadas forças malignas e eles se deram muito mal. E Paulo hoje faz questão de não recomendar Crowley. Mas por que Raul Seixas continuou divulgando o *Livro da Lei* até o final de seus dias?

Aqui gostaríamos de aventar uma hipótese. Neste breve estudo analítico da obra de Raul Seixas, podemos verificar que a obra dele é acima de tudo filosófica. E como sempre fazemos questão de ressaltar, Raul tem sempre muito pouco de misticismo e religião, por incrível que pareça (somente 10% de sua obra).

E observe-se como é profundamente filosófica uma música como *Maluco Beleza* ou *Metamorfose Ambulante*. Já Paulo Coelho sempre foi muito mais religioso, muito mais místico e na verdade com um Cristianismo potencial, que só agora está aparecendo em sua totalidade. Na verdade, parece que Paulo realmente encontrou o seu caminho.

LIBER LXXVII OZ:

“A lei do forte: esta é a nossa lei e alegria do mundo.” - AL II. 21

“Faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei.” - AL I. 40

“Tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não.” - AL I. 3

Não existe Deus senão o homem.

1. O homem tem direito de viver pela sua própria lei;
 - de viver da maneira que ele quer viver;
 - de trabalhar como quiser;
 - de brincar como quiser;
 - de descansar como quiser;

- de morrer quando e como ele quiser.
2. O homem tem o direito de comer o que ele quiser;
de beber o que ele quiser;
de viver onde ele quiser;
de mover-se como ele quiser sobre a face da Terra.
 3. O homem tem o direito de pensar o que quiser;
de dizer o que quiser;
de escrever o que ele quiser;
de desenhar, pintar, esculpir, esboçar, moldar, construir o que quiser;
de vestir-se como quiser.
 4. O homem tem o direito de amar como ele quiser:
“Tomai a vossa fartura e vontade de amor como quiserdes, onde, quando e com quem quiserdes”. - AL I. 51
 5. O homem tem o direito de matar esses que queiram contrariar estes direitos.

“Os escravos servirão”. - AL II. 58

“Amor é a lei, amor sob vontade”. - AL I. 57

Aleister Crowley

Esse texto é a introdução clássica ao famoso *Livro da Lei* de Aleister Crowley. Foi escrito em 1904.

Importante: no item 5 o verbo diz *quereriam*. Ou seja: *poderiam querer*. Na verdade, ninguém pode ou consegue contrariar o direito de quem exerce sua verdadeira Vontade. Tudo se refere a um processo de Crescimento interior. No entanto, o próprio Raul Seixas recitava o texto de forma errada, gravando-o inclusive na música *A Lei* (do álbum *A Pedra do Gênesis*) dizendo: Todo homem tem o direito de matar todos aqueles que contrariarem esses direitos. Isso dá margem a perigosas interpretações para quem desconhece esses detalhes.



Manifesto da Sociedade Alternativa

1. O espaço é livre. Todos têm direito de ocupar seu espaço.
2. O tempo é livre. Todos têm que viver em seu tempo, e fazer jus às promessas, esperanças e armadilhas.
3. A colheita é livre. Todos têm direito de colher e se alimentar do trigo da criação.
4. A semente é livre. Todos têm o direito de semear suas ideias sem qualquer correção da inteligência ou da burrice.
5. Não existe mais a classe dos artistas. Todos nós somos capazes de plantar e de colher. Todos nós vamos mostrar ao mundo e ao Mundo a nossa capacidade de criação.
6. “Todos nós” somos escritores, donas-de-casa, patrões e empregados, clandestinos e caretas, sábios e loucos.
7. E o grande milagre não será mais ser capaz de andar nas nuvens ou caminhar sobre as águas. O grande milagre será o fato de que todo dia, de manhã até a noite, seremos capazes de caminhar sobre a Terra.

Sucesso a quem ler e guardar este manifesto. Porque nós somos capazes. Todos nós, todos nós somos capazes.

...Raul Seixas
Paulo Coelho
Sylvio Passos
Toninho Buda
Ed Cavalcanti
Christina Oiticica

Esse texto sobre Sociedade Alternativa foi escrito por **Jay Vaquer** para o website **Krig-Ha Bandolo!**

Paulo Coelho

Raul Seixas conheceu Paulo Coelho através de um artigo que este escreveu sobre discos voadores na revista underground *A Pomba*. O artigo chamou a atenção de Raul, que procurou Paulo Coelho para levar um papo. Desse encontro surge um relacionamento marcado por choques de personalidades: “Se estivéssemos de pleno acordo o tempo todo, nosso trabalho resultaria numa coisa babaca, e ficaríamos um escovando os dentes do outro”, declararia Raul.



*A capa do álbum Krig-Ha, Bandolo! cheia de simbolismo!
 Reparem no medalhão pagão!*

Paulo foi parceiro de Raul nos álbuns *Krig-Ha*, *Bandolo!*, *Gita*, *Novo Aeon* e *Há 10 Mil Anos Atrás*, que vão de 73 a 76. Tentam novamente a parceria no álbum *Mata Virgem*, em 78, e chegam à conclusão de que esse é um casamento que já não tem mais como dar certo. Com Coelho, Raul vive a fase da Sociedade Alternativa e o exílio político.

A intenção de Raul sempre foi atingir a todos os públicos. Paulo Coelho tinha um “bom papo”, um “bom nível” e transmitia informações interessantes a Raul, principalmente sobre a magia e o misticismo, que era o grande lance dele na época. Paulo Coelho também fazia parte de uma “panela” de intelectuais que acreditava que a música não tinha nada a ver com seus ideais e que ela nunca poderia ser um veículo para eles. “*Caroço de Manga* foi a primeira música que fiz com Raul; minto, não fiz — ele fez e colocou meu nome só para me incentivar”, declararia Paulo Coelho anos mais tarde.

Sobre seu relacionamento com Paulo Coelho, Raul definiu: “Eu digo que tive uma briga cultural com ele, pra ver quem ganhava. Eu era o melhor amigo do inimigo e vice-versa. Com o passar dos anos, houve um desgaste. Mas sempre foi uma boa parceria que, com afincos, resultaram em obras lindíssimas como *Canto para Minha Morte*, *Ave Maria de Rua*, *Meu Amigo Pedro*, *Tente Outra Vez*...

Sobre a separação, quase nada foi dito por nenhum dos dois. Raul continuou sua música. Paulo Coelho, após a fase negra da Sociedade Alternativa, aderiu ao sistema, vestiu terno e gravata e foi trabalhar como produtor na Polygram, transformando-se depois no escritor “fenômeno” que conhecemos.

Raul, Paulo e o Disco Voador

Já contamos como foi realmente o encontro de Raul e Paulo, mas quando a dupla apareceu em público, trouxeram com eles a história de um disco voador. Vamos reproduzir aqui mais ou menos como foi a história:

O Pasquim: “Como foi que você conheceu Paulo Coelho?”

Raul Seixas: “Foi na Barra da Tijuca, às cinco horas, numa tarde em que eu estava lá meditando. Paulo também estava meditando, mas eu não o conhecia. Foi no dia que nós vimos o disco voador.”

O Pasquim: “Você sabe dizer quando foi isso?”

Raul Seixas: “Foi depois que me apresentei no FIC.”

O Pasquim: “Dá para descrever o disco?”

Raul Seixas: “Dá sim. Foi... era meio assim.. prateado. Mas não dava para ver nitidamente o prateado porque tinha uma aura alaranjada, bem forte. Mas ele era enorme... Ele estava lá parado, enorme. O Paulo veio correndo, eu não o conhecia, mas ele disse: ‘Cê tá vendo o que eu tô vendo?’. Nós nos sentamos e depois o disco sumiu num ziguezague incrível.”

O Pasquim: “Quanto tempo durou, mais ou menos?”

Raul Seixas: “Uns dez minutos e aí ele foi embora. Paulo chegou e nós começamos a conversar, sentados. Foi como se nós tivéssemos feito uma viagem no próprio disco. E vendo toda a problemática do planeta... Não foi alucinação, ou resultado da meditação. Ele estava lá, palpável.”

Fonte: Reprodução baseada numa entrevista concedida por Raul, em novembro de 73, ao jornal O Pasquim.

A história, sem dúvida alguma, é fantástica e a imprensa adorou. Divulgaram até de uma forma maldosa, colocando Raul como uma espécie de místico, abordando o lado sensacionalista da coisa: o cara que viu um disco voador, “O Profeta do Apocalipse”.

Cláudio Roberto

Cláudio Roberto é um cara verdadeiramente “maluco beleza”. Mora em Miguel Pereira, no Rio de Janeiro, longe da suposta civilização, criando gato, cachorro, galinha... Raul Seixas já o conheceu nesse contexto, com um porém: Cláudio Roberto tinha pilhas e pilhas de coisas escritas. Porém, quem conheceu Cláudio afirma que são pilhas de poemas, sem parar nunca... sem estrofe, sem nada; escreve tudo em versos com a rima certa e coisa e tal... Para Raul, aquilo foi um “choque”. Ele começou a ler e virou: “Isso aqui dá música”, e Cláudio Roberto: “Então pega o violão e põe a melodia aí”.

Um ponto interessante sobre essa parceria é a canção *Maluco Beleza*, um dos hinos “raulseixinianos”, mas que foi escrito por Cláudio Roberto e não por Raul. Sylvio Passos nos conta a história: O Cláudio Roberto tinha um texto já escrito que era mais ou menos a letra do *Maluco Beleza*. Quando Raul viu aquilo, ouve uma identificação muito grande entre Raul e aquele texto: “Pô, você está falando de mim aqui...”. Raul viu, mexeu aqui, tirou ali, acrescentou lá, misturou e finalmente

salpicou uma pimentinha baiana, pegou a viola, pôs a melodia e fez uma das suas músicas de mais sucesso.

Marcelo Nova

Marcelo Nova fala de sua relação com Raul Seixas e da polêmica na qual dizem que ele é o herdeiro de Raul:

“Eu vejo muitos pontos em comum entre minha obra e a de Raul, mesmo porque ele foi o único artista brasileiro que me influenciou. Agora, herdeiro de Raul Seixas, bicho... A capacidade que ele tinha de comunicar-se com todas as classes sociais, a dimensão de sua obra registrada em vinte e tantos LPs, não deixam herdeiro. É o mesmo que perguntar se Muddy Waters tem herdeiro. Johnny Winter tocou, produziu um disco com Muddy, foi guitarrista solo de sua banda, participou de turnê com ele, mas é outra coisa. Existem certos artistas que, pelo tempo que surgiram e agiram, se tornaram únicos (...). Com os grandes não tem esse papo de herdeiro (...). É talento, e talento não se dimensiona. Tenho por Raul a maior admiração, o maior respeito e sinto que, devido à influência que ele exerceu sobre mim, temos vários pontos em comum, embora eu seja um existencialista e ele um místico (...). Quem se declarar herdeiro de Raul Seixas é picareta, aproveitador e oportunista. Sempre vou gravar músicas de Raul Seixas, é uma parte da minha vida (...). Essas afinidades e influências existem e vão continuar existindo, enquanto eu estiver vivo. Agora, declarar ser o representante na Terra de Raulzito, é muito oportunismo. Respeito Raul demais para dizer isto.”

Fonte: Entrevista a Luiz Cláudio Garrido, revista Bizz, publicada em dezembro de 89.

O primeiro contato

“Isso foi na Bahia. Quer dizer, naquela época eu ouvia Beatles, Rolling Stones, vinha tudo de outro continente, né? Aí eu descobri que existia um tal de Raulzito e uma banda, Os Panteras. Eu fui lá ver e aí me apareceu essa figura vestida de couro e de topete. Eu olhei e disse: um dia quero ter uma banda. Foi esse o primeiro contato ao vivo. Eu ia ver os shows dele na Bahia, na época de Raulzito e Os Panteras e depois das apresentações ia até o palco apertar a mão dele, ele nem me conhecia.”, lembra Marcelo Nova. Mais tarde, quando ele e a banda Camisa de Vênus estavam tocando no Circo Voador (Rio de Janeiro), Raul Seixas foi ver a apresentação. “Chamei Raul para o palco e nós tocamos, na base do improviso, um medley de Rock 'n' Roll misturando *Long Tall*

Sally com *Be-Bop-a-Lula* e *Tutti Frutti*. Eu estava tão emocionado que não conseguia cantar nada, só fiquei olhando.” Novo contato é feito em 84, quando Marcelo foi assistir ao último espetáculo de Raul em São Paulo, na danceteria Raio Laser. No final do show, Marcelo foi cumprimentar Raul e se aproximaram, trocando endereços. “Para minha surpresa, num domingo, às onze horas da manhã, Raul, Toni Osanah e suas respectivas esposas batem na minha porta. Eu fiquei sem acreditar.” Já em 86, o Camisa de Vênus regrava a música *Ouro de Tolo* e, no dia seguinte, Raul participa do álbum *Duplo Sentido* do Camisa de Vênus, dividindo vocais e parceria com Marcelo Nova, na canção *Muita Estrela pra Pouca Constelação*. “Eu compus a letra e ele a música. Aí não parou mais, até chegar setembro do ano passado, quando ele teve mais uma crise de saúde e estava em uma situação financeira muito ruim, pelo fato de estar cinco anos sem trabalhar.” (Entrevista juntamente com Raul Seixas a Jô Soares, em 89)

Começam os shows juntos

“Nesse panorama, Marcelo Nova convida Raul a fazer uma apresentação na Bahia. Ele gostou do resultado, eu também e combinamos de fazer mais dois ou três espetáculos, que acabaram virando cinquenta.”

O processo de composição entre eles

“Era misturado, ele interferia na minha composição e eu na dele, não tinha esse de dizer: tenho uma letra, bote a música. Foi um trabalho feito em parceria mesmo. Eu o definiria como um disco de Rock ‘n’ Roll (*A Panela do Diabo*). Dois homens de meia-idade não poderiam fazer de conta a essa altura do campeonato”.

A Panela do Diabo

“Este é um disco absolutamente dentro da minha discografia. Ele é mais do que nunca um disco meu, embora ele não tenha sido só meu. É um trabalho de Marcelo Nova com alguém que muito determinou em sua carreira musical. É um trabalho do qual sou muito orgulhoso. Primeiro pela concretização de um sonho pessoal. Depois, porque Raul Seixas nunca gravou um disco com ninguém, tá certo? Eu estou falando de Raul Seixas... Sinto-me privilegiado”.



Raul Seixas ao vivo

Entrevista de Raul Seixas concedida a Carlos Camarez e publicada na Revista *Pop* em março de 1975.

POP: “Você ainda não conseguiu se acertar com nenhum empresário. Como é que fica o seu esquema de trabalho?”

Raul Seixas: “Agora estou trabalhando comigo mesmo. Decidi ser meu próprio empresário. Abri meu boteco, que se chama R. S. Noveon Ltda., onde trabalham pessoas que não são empresários nem homens de negócios. São pessoas que sabem que a técnica já mudou, que os negócios hoje são uma guerra de inteligência, e não aquela coisa velha de guerra de capitais. Tudo é um grande jogo de xadrez. É assim que funciona o meu boteco: todo mundo é partidário de uma mesma concepção e todo mundo está a fim de uma mesma coisa. As pessoas são todas diferentes umas das outras, mas se equilibram dentro do mesmo valor. Porque é necessário haver o sim, para poder haver o não. Aquele velho equilíbrio cósmico das coisas.”

POP: “Seu parceiro Paulo Coelho não trabalha mais com você. O que houve?”

Raul Seixas: “Nada. Acontece que minha língua agora é o egoísmo, ou “raulseixismo”. Tenho meus próprios valores, sou meu próprio país. Não sou melhor nem pior do que ninguém porque sou único. Às vezes, Paulo e eu começávamos a fazer uma letra, e as ideias se chocavam. Então, saiu um para cada lado...”

POP: “E a Sociedade Alternativa, em que pé está?”

Raul Seixas: “Ela existe, mas não é palpável. Ela está aí, no ar, dentro deste momento.”

POP: “Mas ela pode crescer sem ter nada palpável, visível? Vivendo só dentro da cabeça de cada um?”

Raul Seixas: “Eu tenho recebido cartas que nem consigo responder. Gente que pergunta quanto deve pagar para fazer parte da Sociedade Alternativa. É o maior barato! Cartas de sociólogos, convites para palestras. Uma vez fui contratado por uma universidade pensando que ia fazer um show; cheguei lá, era uma palestra sobre sociologia para quinhentos estudantes — o tema era Sociedade Alternativa. Adorei.”

POP: “Você viaja muito para os Estados Unidos. Quais são suas perspectivas profissionais por lá?”

Raul Seixas: “Talvez eu grave na Warner Bros., com a ajuda de John Lennon, que está me ajudando muito. Ele é um cara fantástico, está dentro do mesmo esquema nosso, na base do “não adianta lutar com guarda”. Mas nosso relacionamento é extramusical. Ele é um egoísta incrível, um grande individualista alternativo, social, coletivo. Ele é muito lúcido e gostou da explanação das minhas ideias, das minhas letras. É um cara que sabe escutar, não fala muito e quer saber tudo o que está acontecendo no mundo.”

POP: “Dá para comparar a Sociedade Alternativa com as outras que estão espalhadas pelo mundo?”

Raul Seixas: “Não há comparação, porque o Brasil é uma outra cultura, todo um processo civilizatório diferente. Então, temos aqui uma Sociedade Alternativa brasileira, dentro do campo e do limite em que ela pode se estender. E quando ela pintar como realidade, obviamente o Brasil vai entrar nessa, porque não tem saída.”

POP: “A música e os compositores são os principais responsáveis por muitas mudanças que ocorrem no mundo?”

Raul Seixas: “São. Antes, o maior valor era do intérprete. Mas a arte está morrendo e cedendo seu lugar à expressão. Quer dizer: a arte é o espelho social de uma época, de um momento. Então, não existe arte, e sim a própria pessoa se expressando.”

POP: “Assim, não há distinção de público para você. Todos os públicos são seu público...”

Raul Seixas: “Eu faço boleros, tangos e canto para quem curte isso também. Minha música é para todo mundo. Não é hermética, porque não complico.”

POP: “Você está meio sozinho no panorama artístico brasileiro. Isso não pode prejudicar o seu trabalho? Quer dizer: você só se alimenta de você mesmo?”

Raul Seixas: “A verdade é prenúncio de um momento, o caos é prenúncio de um momento. Quando eu digo que sou a luz das estrelas, não estou falando de mim. O pedreiro lá da frente de casa, que está construindo um edifício, canta essa música como se fosse ele. Isso porque nós somos o verbo ser. É isso, nós somos o verbo ser. Sendo o que você tem vontade de ser, não existe mais nada. Nós somos, e está acabado. Tudo é. Então, o eu é fortíssimo. Você tem que ter primeiro a consciência do eu para poder respeitar terceiros e então fazer o que você quer, que é tudo da lei. Da sua lei.”

POP: “E sobre novos shows ou um novo disco, o que é que há de novo?”

Raul Seixas: “Vamos fazer muitos shows por aí, e já estou gravando um novo LP para lançar em maio. O disco vai se chamar *Eu*. De músicas novas, tem *Noveon*, *Para Cada Buraco uma Rolha*, *Eu Sou um Egoísta*, *Não me Pergunte Por quê...* É um disco muito legal, estou apaixonado por ele.”

Agradeço de coração a Jay Vaquer (*Krig-Ha Bandolo!*), Vagninho Bueno e a todas as fontes por eles citadas no decorrer deste texto – A. C. Barbieri.



O inesquecível Raul Seixas

A. C. Barbieri relembra seus encontros com Raul Seixas

Rock Horizonte

Rock Horizonte foi um festival que aconteceu lá pelo começo dos anos 80 no Estádio do Cruzeiro em Belo Horizonte (MG). Nesse festival participaram Jorge Ben Jor, Zé Ramalho, Raul Seixas, Made in Brazil, Roupas Nova, Diana Pequeno e vários outros artistas.

Na época, trabalhava de vez em quando fazendo a iluminação para a banda Made in Brazil e, como tinha desenvolvido uma técnica para acender, no palco, eletronicamente fogos de artifícios, fui convidado pela banda para criar os efeitos nesse show. Eu usava os conhecidos “vulcões”, que não passavam de uns pequenos cones que, quando acesos, geravam um chafariz de luzes multicoloridas. Além disso, também preparei umas explosões de pólvora que criavam grandes clarões e levantavam enormes bolas de fumaça.

Esse show foi, em muitos aspectos, uma experiência nova, pois foi a primeira vez que viajei de avião, a primeira vez que fiquei hospedado em um hotel 5 estrelas e a primeira vez que participei de um evento

dessa magnitude. Quando chegamos a Belo Horizonte, um motorista da produção já nos esperava e fomos transportados para um dos melhores hotéis da cidade, onde ficamos hospedados juntamente com todos os músicos do festival.

No hotel, logo na chegada, ficamos sabendo que à noite haveria uma coletiva com a imprensa onde todas as bandas e artistas estavam convidados. Seria uma noite para não se perder porque teria a oportunidade de conhecer muita gente famosa.

À noite, quando cheguei à área reservada para a coletiva, imediatamente notei a ausência de Raul Seixas. Aliás, parecia que toda a imprensa só estava interessada nele. Na falta de assunto, até eu dei uma entrevista para uma rádio que me apresentou como “o especialista em detonação de explosivos”, procurando mostrar que estava preocupada com as minhas explosões...

A coletiva já estava quase para acabar quando Raul Seixas, ajudado por algumas pessoas, chegou claramente já totalmente embriagado. Ele foi imediatamente cercado por microfones e desapareceu no meio do pessoal da imprensa e curiosos. Não deu nem para ouvir o que ele falava.

No outro dia, bem cedo, corri para o restaurante para aproveitar o café da manhã que, segundo comentavam no hotel, era maravilhoso. Quando cheguei, várias mesas já estavam ocupadas por músicos. Cada banda ocupando uma mesa. Todos pareciam não muito interessados uns com os outros. Havia certa competição no ar. Meio frustrado com a reação das bandas, fiz meu prato e fui sentar-me, juntamente com Oswaldo Vecchione na mesa do Made in Brazil.

Mal comecei a tomar meu café quando, na entrada do restaurante, apareceu Jorge Ben Jor. Ele, vestido muito simplesmente, parou, rapidamente deu uma olhada geral no salão e, começando pela mesa mais próxima, foi chegando perto dos músicos ali sentados, esticando sua mão e com um sorriso simpático apresentando-se: “Jorge Ben, bom dia!”. Ele apertou a minha mão e a de todos os presentes, músicos ou não músicos!

Confesso que fiquei surpreso, pois, se tinha uma pessoa que, devido à sua longa história, poderia ser arrogante, era ele. Nas voltas do destino, 15 anos depois eu apertaria sua mão novamente na França, em Cannes.

Bom, estava buscando com os olhos Raul Seixas em alguma mesa quando ouvi um garçom comentar com o outro: “Você não vai acreditar! Sabe o que o Raul pediu logo cedo, às 8 da manhã? Uma garrafa de vodca! Incrível!”.

É claro que ele não desceu para o café da manhã e, como esse dia já era o dia do show, assim que terminei o café, pedi para o motorista à disposição levar-me para o estádio onde preparei o palco para as explosões e efeitos. Depois, voltei para o hotel, onde almocei e fiquei junto com a banda esperando nosso horário para sermos levados ao estádio.

Na hora de irmos para o show, ficou decidido que na nossa perua, além do Made in Brazil, também iria Raul Seixas e sua banda, que era o grupo que faria seu show imediatamente depois do show do Made.

Raul Seixas chegou pálido, com o rosto suado, meio “anfetamínico” e usando um colete todo feito de cabelos humanos. Era como se alguém, em vez de, com cabelos humanos, ter tricotado uma peruca, tivesse tricotado todo um colete. O efeito visual era “neandertal”! Raul cabeludo e barbudo, sem camisa só usando aquele colete parecia mesmo um ser primitivo e seu rosto quase branco e suado passava até uma sensação de desconforto.

Quando chegamos à entrada especial para os artistas, o lugar estava cheio de fãs e curiosos. Centenas e centenas de pessoas, como um enxame de abelhas, rodearam a perua. Pela primeira vez senti esse medo, quase pânico que muitos artistas provavelmente devem ter sentido. A perua até balançava. Com dificuldade a segurança criou um corredor apertado e fomos todos saindo rapidamente. O público nem sabia quem eu era, mas mesmo assim queria tocar no meu corpo. Eu estava logo atrás de Raul Seixas e vi quando, de repente, na frente de Raul, uma jovem levantou um bebezinho no ar e ficou gritando: “Raul, veja o seu filho! Veja o seu filho! Veja o seu filho!”. Ele ignorou e passou direto como um relâmpago.

O show do Made in Brazil foi muito bom, e ainda recordo-me de que, quando o show do Made começou, a agitação na frente do palco foi tão grande que até pude ver um par de muletas voando no ar junto com outros objetos. Depois do show do Made, fiquei no palco para ver o de Raul Seixas.

Raul Seixas obviamente tinha muito mais fãs e parecia até que todo o estádio estava lá só por causa dele. Ele fez todo o show segurando uma guitarra desligada. Percebia-se que no palco ele parecia tentar

emular uma mistura de John Lennon com Elvis Presley. Cantando, a postura era de John Lennon, mas em todo final de música ele separava bem as pernas e com o braço esquerdo segurando o braço da guitarra levantava seu braço direito fazendo uma posição modelo Elvis. Aliás, hoje pensando bem, parecia também um pouco com Roberto Carlos, no programa da Jovem Guarda quando apresentava dizendo “com vocês o meu amigo Erasmo Carlos!”. Nesse período Raul Seixas já estava começando a ficar meio errático e imprevisível e, quando ele começou a interpretar a música *Gita* que, para muita gente, era um verdadeiro hino, o estádio literalmente entrou em êxtase só para, em menos de 30 segundos, receber um balde de água fria porque, inesperadamente, Raul parou de cantar e disse:

“Sabem de uma coisa, estou com o saco cheio de cantar esta música! Vamos para outra!”

Raul então tirou do bolso da calça uma pequena bisnaga, levantou os óculos escuros e disse:

“Os homens falaram que eu não posso cantar esta música aqui, mas quero que se danem!”

E, pingando colírio nos olhos, começou a cantar:

“Quem não tem colírio usa óculos escuros!”

Quem sabe, talvez Raul tenha esquecido a letra da música *Gita* e, de momento, improvisou uma desculpa.

A minha memória é vaga em alguns pontos, mas recordo-me bem que a banda de Raul era muito boa, muito rock mesmo! Os músicos tocavam muito e estavam sempre atentos para acompanhar as loucuras do seu líder.

A verdade é que o comportamento errático e imprevisível de Raul já estava comprometendo a sua carreira artística. Algum tempo depois em um show numa pequena cidade, sua atitude no palco foi tão irresponsável que ele foi preso e o delegado até lhe deu uns tapas porque acreditava que aquele homem ali na sua frente, bêbado e com uma aparência terrível, era um impostor.



Raul Seixas, o símbolo e novamente o medalhão pagão.

Raul Seixas, Luiz Lennon e Cavern Club

Lá pelo finalzinho dos anos 70, Raul trocou de gravadora e foi parar na WEA. Lá ele gravou o álbum *Por Quem os Sinos Dobram*, cujo título foi inspirado no filme homônimo baseado no livro de Ernest Hemingway. As más bocas diziam que ele tinha sido despedido de sua gravadora anterior. Segundo a Wikipédia, Raul assinou todas as músicas desse álbum com um novo parceiro, o argentino Oscar Rasmussen. *Por Quem Os Sinos Dobram* foi composto numa época conturbada da vida do cantor, depois do fim de seu segundo casamento, e após um episódio que lhe rendeu aparições nas páginas policiais, depois que um homem foi encontrado assassinado em seu apartamento. Esse álbum, assim como o anterior, não fez muito sucesso na época. Por conta disso, Raul Seixas deixa a gravadora WEA e parte para a CBS Records.

Então, como parte do lançamento do álbum *Por Quem Os Sinos Dobram*, foi anunciado que Raul Seixas compareceria aos escritórios da gravadora WEA para uma coletiva com a imprensa.

Luiz Lennon, conhecido pelos amigos mais íntimos apenas por “John”, e o fundador do Cavern Club, um dos primeiros fã-clubes dos Beatles criados no Brasil, convidou-me para ir com ele nessa coletiva. Eu já conhecia John há muitos anos e era responsável pela criação das camisetas do seu fã-club.

Munidos com um pequeno gravador cassete, fomos para a gravadora. Quando chegamos lá, pouco mais de meia dúzia de repórteres, de forma bem informal, revezavam-se, fazendo perguntas para Raul que, sentado atrás de uma mesa que continha além de um telefone apenas um copo e uma garrafa de whisky já pela metade, esvaziando-se rapidamente, parecia meio desinteressado.

Ele já estava pálido e com o seu típico rosto suado e “anfetamínico”. O homem parecia meio elétrico, teve uma conversa telefônica com alguém da sua família falando em inglês, desligou o telefone e continuou falando com os repórteres na mesma língua. Depois de ter sido alertado, assim mesmo continuou falando frases misturando os dois idiomas. Raul parecia realmente não estar muito interessado em falar sobre seu novo álbum. Foi aí que Luiz Lennon, aproveitando a deixa, apresentou-se e presenteou-o com uma camiseta do fã-club. Raul Seixas pareceu acordar, ficou todo empolgado e, levantando-se, na frente de todo mundo, tirou sua camiseta expondo toda a sua magreza onde todos os presentes puderam claramente contar todas as costelas do seu corpo. Raul colocou sua camiseta branca do fã-club e praticamente esqueceu-se que estava dando uma coletiva com a imprensa para divulgar seu novo álbum.

Daquele momento em diante ele ignorou a imprensa e praticamente deu toda a sua atenção só para nós. Depois disso, os repórteres um a um foram se retirando e nós acabamos ficando sozinhos com o “Maluco Beleza”.

Luiz Lennon estava muito curioso para saber exatamente como é que tinha sido o encontro dele com John Lennon em Nova York. Aparentemente John Lennon já conhecia Raul Seixas por correspondência, onde tinham discutido seus projetos para a criação de uma nova sociedade. Raul Seixas juntamente com o hoje famoso escritor Paulo Coelho havia criado a Sociedade Alternativa, e John Lennon a Newtopia (também chamada Nutopia). Enquanto a Sociedade Alternativa tinha raízes fincadas nos pensamentos do controverso mago e místico Alex Crowley, John Lennon em resposta ao anúncio da sua eminente deportação dos Estados Unidos criou juntamente com Yoko Ono um país imaginário, chamado Newtopia onde, numa coletiva com a imprensa, publicamente declararam:

“Nós anunciamos o nascimento de um país conceitual chamado Newtopia. A nacionalidade deste país pode ser obtida com o reconhecimento da sua existência. Newtopia não tem terras, fronteiras, passapor-

tes, somente gente. Newtopia não tem nenhuma lei a não ser a cósmica. Todas as pessoas de Newtopia são embaixadores deste país. Como dois embaixadores de Newtopia, nós pedimos imunidade diplomática e reconhecimento do nosso país e seu povo nas Nações Unidas.” (John e Yoko Ono Lennon)

Acontece que, numa discussão, Yoko tinha dito para John que, caso ele fosse deportado, como de fato aconteceu, ela ficaria em Nova York porque ela estava buscando pela sua filha Kyoko, que tinha sido trazida para Los Angeles em 1971 pelo seu ex-companheiro Tony Cox, um promotor de arte norte-americano. Kyoko tinha apenas 7 anos e foi registrada por Tony Cox numa escola com nome falso. Aparentemente Tony Cox tinha medo que Yoko e John Lennon lhe retirassem a posse da filha. Tony Cox então preferiu raptá-la. Diante da insistência de John Lennon, segundo a lenda, Yoko respondeu que, se tivesse que escolher entre sua filha e ele, ela optaria pela filha. Os dois brigaram e se separaram. Yoko só conseguiu encontrar Kyoko quando ela já tinha 31 anos.

Foi nesse período tormentoso para John Lennon que Raul Seixas foi visitá-lo. Segundo Raul, ele tinha abandonado o famoso Edifício Dakota e estava morando em outro lugar. Raul foi para a casa de John juntamente com um repórter da antiga revista *O Cruzeiro* que, infelizmente, logo na chegada foi fazendo várias perguntas sobre a briga dele com Yoko, o que resultou em John chamando a segurança e imediatamente pondo o jornalista na rua.

Ficaram apenas Raul Seixas e John Lennon. Segundo Raul, conforme comentou numa entrevista, ele passou 3 dias na casa do John e nesse período discutiram sobre grandes personalidades que marcaram o mundo. Recordo-me que Raul disse que John estava totalmente desinformado sobre a América do Sul e o Brasil em particular. Ele era fã do Che Guevara e achava que o revolucionário era brasileiro. Disse que John interrogou-o querendo saber quem eram as figuras importantes do Brasil e que ele ficou perdido não sabendo o que dizer.

Lamentavelmente a gravação dessa conversa na gravadora WEA perdeu-se no tempo e infelizmente não temos nenhuma foto desse encontro. Quando pesquisava para escrever este livro, em conversa telefônica com Luiz Lennon, o John brasileiro, ele me disse que não se recordava do que aconteceu com essa fita e que, na época, infelizmente certamente não dava a importância que ele dá hoje para esse tipo de material.

Raul Seixas e o poncho colorido

Um dia andando pelo centro de São Paulo, não muito longe do bairro do Bixiga, vi Raul Seixas, numa faixa de pedestres, esperando para atravessar a rua. Ele usava sandálias e um pesado e bem colorido poncho mexicano. Debaixo de um sol infernal, tipo meio-dia, sua figura suada destacava-se do povo à sua volta já a um quilômetro de distância. Eu estava do outro lado da faixa de pedestres. Então, nos cruzamos no meio da rua e lá foi ele, meio perdido, alheio a tudo, uma completa mosca na sopa do mundo!

O fã-club de Raul Seixas

Na Galeria do Rock existia uma lojinha que sediava o fã-club de Raul Seixas. Lá, certa vez ouvi esta conversa: “A mulher de Raul sempre que interna-o numa clínica, somos nós que vamos retirá-lo de lá! Raul liga pra gente pedindo socorro e nós vamos lá tirar o cara!”



Raul Seixas. Outra vez usando o mesmo medalhão pagão!

A morte

A história que ouvi na época foi que Raul Seixas sofria de diabetes e tinha que constantemente tomar insulina. Um dia, estava só e bebeu todas. Dormiu, entrou em crise, não tomou a sua dose e faleceu. A Wikipédia é mais precisa: “Na manhã do dia 21 de agosto, Raul Seixas foi encontrado morto sobre a cama, por volta das oito horas da manhã em seu apartamento em São Paulo, vítima de uma parada cardíaca: seu alcoolismo, agravado pelo fato de ser diabético, e por não ter tomado insulina na noite anterior, causaram-lhe uma pancreatite aguda fulminante.”





Tim Maia e o Universo em Desencanto

Talvez as novas gerações, já não saibam quem foi Tim Maia. Este excelente músico que, com um pé fincado no Funk e Soul Norte Americano e outro na Musica Brasileira, deixou um legado musical muito bom mas que, infelizmente, devido à sua natureza bombástica, seu comportamento pessoal foi colocado acima da sua música. Tim Maia, foi um ser controverso, maior do que ele mesmo e sem papas na língua e, justamente por isso mesmo, foi mal entendido e teve vários problemas com a mídia.

Mas, se nos afastarmos das aparências, o que encontraremos é um ser humano normal, em busca da sua “verdade” espiritual. Um homem que um dia, como muitos, iludiu-se pensando que tinha achado aquilo que buscava. Tim Maia, infelizmente, inocentemente, sem grande exercício crítico, mergulhou-se de cabeça nesta descoberta e, esta decisão acabou lhe custando caro.

Este texto abaixo, indispensável, que foi publicado no “Blog do Titan”, mostra claramente o que aconteceu com Tim Maia e serve de alerta à todos aqueles que, como eu, estão buscando pela “última verdade”, a “verdade absoluta”.



(Clique na foto para ouvir os grandes sucessos de Tim Maia!)

O Tim Maia Racional

“Eu tive que subir
Lá no alto
Para ver
Energia Racional
A verdadeira luz da humanidade”

Os versos acima são a letra de “Energia Racional”, quarta faixa do disco Tim Maia Racional Vol. 1. À capella, Tim Maia canta um pequeno pedaço de sua experiência com a Cultura Racional. Todas as outras letras do disco(e do volume 2) seguem o mesmo teor de pregação e divulgação da “seita”(que se dizia não ser nem religião, nem filosofia, nem culto, nem nada...).

Em julho de 1974 Tim Maia estava em fase de produção de seu novo disco. As músicas estavam prontas, quase todas as bases gravadas. Faltavam apenas as letras. Tim tomou uma mesalina e resolveu visitar seu amigo Tibério Gaspar.

Ao chegar em sua casa, teve que esperar até que saísse do banho. Pra matar o tempo, Tim Maia pegou um livro que estava em cima da mesa e começou a dar uma folheada. Quando Tibério saiu do banho, Tim quis saber mais detalhes sobre o que acabara de ler. Tim pegou o livro e levou pra casa.

Dois dias depois, Tim Maia chamou seu guitarrista-amigo-secre-tário Paulinho e lhe disse que precisava dizer coisas importantíssimas. Queria dividir o que tinha aprendido com o livro de Tibério, que se chamava Universo em Desencanto:

“Nós somos originários de um planeta distante e perfeito e es-tamos na Terra exilados. Aqui, nós vivemos na animalidade, sujos e magnetizados, sofrendo nesse vale de lágrimas. A única salvação é a imunização racional, que se conquista lendo o livro e seguindo seus en-sinamentos. Só assim podemos nos purificar e ser resgatados pelos dis-cos voadores de volta a nosso planeta de origem: o Racional Superior”

Após ser conquistado pela leitura de Universo em Desencanto, Ti-bério levou Tim à Baixada Fluminense para conhecer o mestre Manoel Jacintho Coelho, sumo sacerdote do Racional Superior, que psicogra-fava os livros do Universo em Desencanto e comandava os rituais de leitura, doutrina e purificação.

Manoel Jacintho era um mulato grande e forte, que parecia bem mais jovem do que seus 70 anos e tinha quase 2 metros de altura. Tim Maia conversou com “o maior homem do mundo” e juntos leram um trecho do livro. Após o longo período de doutrinação na casa de Ma-noel, Tim Maia estava completamente tomado pelo Racional Superior. A Cultura Racional mudaria sua vida e sua música.

Tim ficou alguns dias sumido, sem dar explicação, na casa da Bai-xada Fluminense, se convertendo ao Universo em Desencanto. Participa-va de leituras do livro em coro, vestido completamente de branco, sob a inspiração do Racional Superior encarnado em Seu Manoel Jacintho.

Quando voltou, Tim Maia reuniu a banda e partiu pra São Paulo para fazer, ao lado de artistas como Rita Lee, Chico Buarque e Elis Re-gina, o show de abertura do Teatro Bandeirantes.

No final do show, antes da última música, Tim Maia – que nem havia reclamado muito do horroroso som da casa – agradeceu a todos e disse, falando muito sério:

“Eu estou lendo um livro muito importante que queria recomendar a todos vocês. Se chama Uni-ver-so em – de-sen-can-to e nele vocês vão saber a verdade sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos.” E mandou:

“Uh, uh, uh, que beleza
Que beleza é sentir
A natureza...”

Tim Maia voltou para casa um novo homem. Limpou o visual, raspando o bigode e cortando o cabelo. Passou a se vestir apenas de branco. Abdicou também de seus prazeres preferidos, drogas, bebidas e sexo por se tratarem de “coisa do demônio” e adotou uma dieta rigorosa que não incluía carne vermelha.

A perda de peso e a interrupção de hábitos nada saudáveis fizeram com que Tim Maia atingisse sua melhor forma em anos. Não apenas estava mais magro como estava cantando melhor do que nunca. Após arrumar a letra de “Que Beleza” para que os versos tivessem normas do Universo Racional, Tim levou a fita para seu Manoel Jacintho. Enxergando a grande visibilidade que a canção traria para a Cultura Racional, seu Manoel incentivou Tim Maia a mudar todas as letras do disco, pregando pesado em todas as faixas. Nascia ali o disco renegado de Tim Maia.

Todas as músicas de Tim Maia Racional contém elementos de Universo em Desencanto. Algumas dizem que o livro é a resposta, a grande maioria tem a frase “leia os livros” e a melhor faixa dos dois volumes mostra a mea culpa de Tim Maia e o descobrimento da Cultura Racional. A letra de “Bom Senso” é a mais biográfica do disco:

“Ja senti saudade
Já fiz muita coisa errada
Já pedi ajuda
Já dormi na rua
Mas lendo atingi o bom senso
Mas lendo atingi o bom senso
A imunização

Racional”

Mas a personalidade forte de Tim Maia não iria deixar as coisas da forma como estavam. Se ele era Racional, todo mundo da banda tinha que ser também. Senão, estava fora. Ele não precisava de nenhum magnético obstruindo seu caminho de purificação. Dessa forma, os discos voadores nunca viriam buscá-lo. Assim, todos os membros da banda estavam proibidos de beber, fumar e de fazer sexo, a não ser que fosse com o propósito de procriação.



A capa do livro controverso

Mas aí tinha um problema: nem a pau que a RCA, gravadora de Tim, iria lançar no mercado um disco sobre Cultura Racional. Era uma época de perigosa repressão política e ninguém queria correr o risco de ver o risco censurado, causando um prejuízo incalculável.

Nascia assim a Seroma Discos, fundada pelo próprio Tim e batizada com seu nome (Sebastião Rodrigues Maia). Para que o disco fosse lançado, Tim Maia pediu a gravadora que cancelasse o contrato. Ele compraria as dez fitas gravadas e se encarregaria de pensar, distribuir e vender o álbum.

Manoel Jacintho explicou a Tim que as cores vivas – e especialmente os metais – atraíam magnetismo negativo. Tim mandou que todos na banda se vestissem de branco e ordenou que fossem compradas duas latas de tinta esmalte branco e, junto com os músicos, pintou todo o equipamento da banda. Nem o saxofone escapou.

Quando seu filho nasceu em janeiro de 1975, foi a realização de seu maior sonho. O garoto seria criado dentro dos preceitos da Cultura Racional. Tim foi perguntar a seu Jacintho qual era o nome que o Racional Superior indicava para que o garoto crescesse feliz e imunizado. “Robson, Telmo ou Carmelo”, foi a resposta. A caminho do cartório de Registro Civil, Tim ficou em dúvida entre Telmo e Carmelo, e quando

chegou lá registrou o filho como Carmelo. Entretanto, a dúvida continuou em sua cabeça e quando chegou em casa, anunciou:

“O nome do muleque é Telmo, foi o seu Manoel Jacintho que recomendou”

O fato gerou muita confusão para o garoto, principalmente quando entrou na escola. Afinal de contas, enquanto todos os familiares o chamavam de Telmo, a professora fazia a chamada e perguntava “Carmelo Maia?” para não ouvir resposta...

Tim Maia passou a buscar adeptos para a seita. Quando não iam voluntariamente, ele tentava à força.

Quando algum conhecido chegava na casa de Tim Maia, era recebido de forma calorosa:

“E aí meu... pô, mas tu tá muito magnético, mermão. Vamos dar um jeito nisso. Que número tu calça?”

E entravam no carro, para depois voltar e entrar numa salinha, saindo de lá com camisa, calça, sapatos brancos, muitos livros e uma enorme conta para pagar.



Com Raul Seixas, seu vizinho na Figueiredo Magalhães, foi pior: Tim tentou convertê-lo e acabaram em uma discussão acalorada sobre drogas, com Raul ligado defendendo a cocaína e Tim advertindo:

“Tu toma cuidado, hein, magrelo. Nego cheira cocaína e fica logo com vontade de dar o cu, cocaína afrouxa o brioco, mermão!”

Os músicos sofriam com a conversão de Tim, já que não partilhavam do mesmo entusiasmo que o chefe pela Cultura Racional. Além de ler chatíssimos livros, também tinham que ficar horas com Tim olhando fixamente para uma folha de papel em branco, conforme instruções do mestre, para ver a Luz Racional. De vez em quando ele se excitava com um pontinho de luz que aparecia nas retinas cansadas:

“Estou vendo um pinguinho! Estou vendo a Luz Racional!”

Os tempos de Tim Maia Racional resultaram em pouquíssimas apresentações. A banda praticamente só tocava para os participantes do culto, que eram também basicamente quem consumia os discos. Quando acontecia algum show “pra fora” quase sempre era de graça ou com cachê resumidíssimo.

Tim Maia anunciou que mandaria livros para James Brown e Curtis Mayfield:

“Em português mesmo. O Racional Superior se encarregará de fazer com que eles entendam.”

Ou não. Tim acabou mandando também LP e livro para John Lennon, mas recebeu como resposta uma foto do ex-Beatle inteiramente nu, com um bilhete:

“Dear freak, (Caro maluco)

I don’t understand Portuguese. What about LISTEN to this photo? (Eu não entendo português. Porque não ESCUTAR esta foto?) - John Lennon”

Tim ficou puto. Disse no jornal que o Racional Superior tinha dado só mais nove anos de vida a Lennon, que estava marcado para morrer em 1984. Só esqueceu de avisar Mark Chapman.

(Nota Barbieri: Infelizmente Tim Maia não entendeu a brincadeira. Não foi uma coisa proposital contra ele pois, nesta época, John estava fazendo a mesma coisa para todo mundo)

Quando os discos chegaram à imprensa e às rádios, ninguém entendeu nada. “Que Beleza” ainda tocou um pouquinho, mas o resto foi sumariamente ignorado. A crítica malhou o disco e as lojas não queriam ficar com nenhuma cópia.

No dia 25 de setembro de 1975, Tim Maia acordou com uma vontade louca de comer uma carne vermelha sangrenta, tomar um goró e fumar um baseado. Se fudia trabalhando que nem um desgraçado, tocava quase de graça e só para racionais, vendia disco nas ruas. Teve uma desiluminação e abandonou a seita no seu velho estilo, quebrando tudo. Voltou para o apartamento que tinha na Figueiredo Magalhães, tirou e queimou a roupa branca e, nu e furioso, foi para a janela e começou a gritar para a rua, em volume máximo, que seu Manoel Jacintho era um pilantra, um ladrão e um tarado que comia todo mundo. E convocou a imprensa para dizer que tinha sido enganado e roubado pelo ex-guru:

“Logo vi que o negócio dele era umbanda e espiritismo (...) era dono de uma propriedade enorme em Nova Iguaçu, que tinha até motel pra extraterrenos. Ele tomava guiné-tatu, uma raiz que deixa a pessoa querendo sexo três dias sem parar (...) ele era o rei da guiné-tatu e comia todas as garotinhas”

Depois da desilusão, Tim Maia sempre pareceu sentir muita vergonha do período Racional, renegando os dois volumes lançados em 1975. Não importava que as músicas fossem maravilhosas, que ele estava em sua melhor forma técnica. Aquele era um episódio de sua vida que não deveria nunca mais ser revisitado.

Hoje em dia o disco é facilmente encontrado, embora uma versão original em vinil seja raríssima e muito valiosa. A audição deste álbum é obrigatória. Nenhum brasileiro deveria ser resgatado pelos discos voadores antes de ouvir os dois discos. A faixa mais famosa talvez seja “O Caminho do Bem”, presente no filme de grande sucesso Cidade de Deus.

Hoje em dia as letras Racionais soam curiosas e divertidas, principalmente se você conhece um pouco sobre a figura cheia de excessos de Tim Maia.

Agradecimentos a Nelson Motta, que escreveu o excelente livro “Tim Maia: Vale Tudo” de onde tirei as informações para esta matéria, incluindo alguns parágrafos inteiros. (Gostou? Não deixe de comprar o livro de Nelson Motta!)



Tim Maia Racional Vol.1

1. Imunização Racional
2. O Grão Mestre Varonil
3. Bom Senso
4. Energia Racional
5. Leia o Livro Universo em Desencanto
6. Contato com o Mundo Racional
7. Universo em Desencanto
8. You Don't Know What I Know
9. Racional Culture
10. Ela Partiu
11. Meus Inimigos

Tim Maia Racional Vol. 2

1. Quer Queira Quer Não Queira
2. Paz Interior
3. O Caminho do Bem
4. Energia Racional
5. Que Legal
6. Cultura Racional
7. O Dever de Fazer Propaganda Desse Conhecimento
8. Guiné Bissau, Moçambique e Angola
9. Imunização Racional(Que Beleza)





“A Bruxa”. Colagem Digital feita para a banda Vulcano. Arte: A. C. Barbieri

Cliquem na “Bruxa” para assistirem um excelente e histórico show da banda Vulcano no The Underworld em Londres em 2010. Este vídeo foi produzido, gravado e editado por A. C. Barbieri usando, para a época, camera e sistema de edição de primeira qualidade. O som recebeu tratamento especial e foi, para melhor qualidade, totalmente remasterado.. Nenhuma parte do show foi cortada e as músicas obedecem a ordem que foram tocadas respeitando assim seu próprio dinamismo. Desta forma, vocês poderão sentir o delírio que foi este evento inesquecível.

Tenham um bom show! Longa vida ao Vulcano!!!



A História do Black Metal

“Nós somos os originais pecadores tocando a música do Diabo na mais alta intensidade, a maior banda de rock do Universo, Venom, inferno yeah!”

(Venom)

A história do Black Metal, um fenômeno global que caminha pelo lado obscuro do Rock, teve suas origens lá pelo final dos anos 60 em Birmingham, na Inglaterra, e está ligado ao nascimento do próprio Heavy Metal.

Foi em Birmingham que uma banda chamada Earth resolveu mudar seu nome para Black Sabbath e deu início à lenda. Lá nessa cidade, em 1968, os músicos Tony Iommi (guitarra), Geezer Butler (Baixo), Ozzy Osbourne (vocal) e Bill Ward (bateria), inspirados por filmes de horror e histórias sobre o sobrenatural, criaram um estilo que era pesado em todos os sentidos. Nada poderia exemplificar melhor isso do que a música que deu nome à banda, uma música baseada numa visão demoníaca que apareceu, à noite, aos pés da cama de Geezer Butler. Geezer pode muito bem ser considerado o bisavô do Black Metal.

Se Black Sabbath tinha um lado sombrio, foi outra banda inglesa chamada Black Widow (Viúva Negra), da cidade de Leicester, que realmente assumiu a coisa, ficando famosa por incluir, nos seus shows, claras referências ao oculto. Black Widow, na verdade, assim como Black Sabbath, começou com outro nome. Em 1966 eles chamavam-se “Pesky

Geel!", mas, em 1969, depois da saída de um de seus membros, mudaram de nome para Black Widow. Já em 1970, Black Widow lançaria o seu primeiro álbum chamado *Sacrifice*. Na época, essa banda causou muita polêmica pelo fato de terem consultado os serviços de Alex Sanders, um famoso bruxo pagão, um Wicca, para ajudar nas preparações de seus rituais de palco que, nos shows, culminavam com a simulação do sacrifício de uma mulher nua. Em entrevistas, os membros da banda sempre defenderam que Black Widow foi a primeira banda a praticar Magia Negra no palco e que, nos shows, seus rituais foram sempre muito fiéis ao Oculto.

Essas performances, para a época, foram muito chocantes, mas acabariam tornando-se comuns na cena underground do Black Metal.

Não podemos deixar de citar a banda Coven originária de Chicago (USA), que em 1968 fazia um rock psicodélico de teor ocultista onde era comum a vocalista Jinx fazer o gesto maloik no palco.

Lá por volta de 1982, o Black Metal já tinha criado certa substância e até tinha sido batizado devido ao surgimento, em 1979, na cidade de Newcastle, também na Inglaterra, de um trio poderoso chamado Venom. O seu website oficial presunçosamente não deixa dúvidas e chama para si mesmo todos os créditos:

"Venom, os originais fundadores do Black Metal, os criadores do Thrash Metal, Speed Metal e Power Metal, a maior força destrutiva a atingir a cena musical, os originais pecadores tocando a música do Diabo na mais alta intensidade, a maior banda de rock do Universo, Venom, inferno yeah!"

Venom surgiu no finalzinho do New Wave of British Heavy Metal, e seu primeiro álbum, lançado em 1981, chamou-se *Welcome to Hell* (Bem-vindos ao Inferno). Já o segundo álbum foi tão influente no Metal que acabou virando o nome de um de seus subgêneros. Esse álbum lançado em 1982 chamou-se *Black Metal*.

Newcastle, considerada a terra natal do Black Metal, é uma cidade industrial, cinza e feia. Estive lá muitos anos atrás, durante uns workshops preparados pela fábrica de baterias Premier, onde fiz, no palco, a tradução simultânea para a baterista brasileira Vera Figueiredo. Na época, estivemos "on tour" por mais de 10 cidades e nosso tempo era muito limitado, mas, sinceramente, o que vi da cidade me deu a impressão de que o lugar não era recomendável para andarmos sozinhos depois da meia-noite. Hoje, pensando bem, acho que Newcastle combina muito bem com o Black Metal. É Mantas, um dos membros fundadores do Venom, quem explica:

“Newcastle é o típico norte industrial onde a vida é dura. Não é muito diferente do ambiente em que surgiu Black Sabbath. Escrever sobre o quê aqui? Falar de flores e amor? Não existem muitas flores e amor aqui. No começo, não falávamos apenas sobre o Demônio. Fizemos também músicas falando sobre sexo, drogas, assassinos seriais, esse tipo de coisas... Procurávamos incorporar na nossa música os elementos mais obscuros da vida.”

Quando o álbum *Black Metal* foi lançado, criou-se um marco na história do Rock porque foi a primeira vez que o nome de um álbum virou o nome de um movimento. Mantas:

“É irrefutável, o nome do álbum é *Black Metal* e nós temos uma música nele chamada *Black Metal*. Na época Heavy Metal estava forte e nós com a nossa música acabamos ficando alienados, mas, justamente por isso, viramos sucesso. No fundo, tudo teve a ver com a nossa busca por uma identidade buscando nos distanciar do comercialismo. Não queríamos simplesmente parecer com as outras bandas. Naquela época era só ter cabelo comprido e tocar uma guitarra para ser chamado de Heavy Metal. O nosso som não tinha nada a ver com o das outras bandas. Nós sempre tivemos um interesse pelo oculto e também por filmes de horror e, com Venom, nós conseguimos levar o nosso rock mais para frente do que qualquer outra banda. Então, na nossa busca acabamos criando um estilo próprio!”

Venom deu a partida, mas, durante os anos que se seguiram, outras bandas ajudaram a aperfeiçoar o gênero. Na Suíça a banda Hellhammer, antes de tornar-se a banda Celtic Frost, introduziu os primeiros tipos de maquiagens extremas, mas Celtic Frost levou o som do Black Metal para um lado mais experimental deixando muita gente sem saber que estilo a banda estava tocando. Nos seus primeiros trabalhos a banda foi classificada como Thrash Metal, Black Metal e até Death Metal. O nível de experimentalismo em álbuns como *Into the Pandemonium* (Dentro do Pandemônio) levou alguns jornalistas a classificarem o trabalho da banda como indo na direção do Avant-garde Metal.

Da Suécia surgiu o peso da banda Battery. Esta banda, fundada em 83, acrescentou mais uns toques na fórmula do Black Metal, e seus primeiros 4 álbuns criaram um modelo padrão para o Black Metal escandinavo. Battery baseou seu nome no da Condessa Elizabeth Báthory de Ecsed (8/08/1560 - 21/08/1614). A “Condessa Sanguinária”, como ficou conhecida, é considerada a maior assassina serial da história, e seus assassinatos envolveram tortura, mutilação e vampirismo. Como sua

família era muito poderosa, apesar das provas e inúmeros testemunhos, ela nunca foi julgada ou condenada.

Enquanto isso, na Dinamarca, Mercyful Fate, uma banda de Heavy Metal de Copenhague, formada em 1981 pelo vocalista King Diamond e guitarrista Hank Shermann, fazia o seu rock influenciada pelo Rock Progressivo e Hard Rock, com letras que falavam de Satanás e de ocultismo. Nos primórdios do Black Metal, Mercyful Fate seria outra banda referência obrigatória.

Já na Inglaterra, a banda Sabbath estava explorando crenças ancestrais pagãs e religiões que pré-datavam o surgimento do Cristianismo e Satanismo. A influência do Paganismo no Black Metal geralmente é subestimada, mas a verdade é que, através da banda Sabbath, o Paganismo teve um grande impacto no Black Metal. Quanto ao Oculto, é Martin Walkyier, o vocalista do Sabbath, quem fala:

“Algumas das letras escrevi quando tinha somente 15 anos e foi dentro de uma biblioteca. Na verdade, muitas dessas músicas são bem inteligentes porque, se você realmente quiser saber sobre o Oculto, geralmente você terá que começar através da leitura de um livro. Esse povo do Pop acho que não sabe mais nem ler!”

Andy Sneap, o guitarrista, acrescenta:

“Do ponto de vista da música, para mim, com o Thrash Metal buscamos fazer um som mais agressivo, mais pesado do que o do Judas Priest ou do Iron Maiden. Agora, o pessoal do Black Metal está fazendo um som ainda mais radical. É sempre assim! As bandas mais novas sempre buscam algo mais extremo.”

Martin Walkyier o vocalista, conclui a conversa:

“O que sei de Satanás é que ele não diz: “Vamos sair lá fora e matar as pessoas!”. Trata-se apenas de olharmos o mundo com uma visão mais individualista. Se você ler a Bíblia Satânica, perceberá que ela não tem nada a ver com sacrifícios humanos. Satanismo é um tipo de rebelião contra a religião Ortodoxa Cristã que foi forçada no povo do mundo ocidental. Conforme fui lendo, cada vez mais comecei a perceber que, de muitas formas, o Diabo ou Satanás foram inventados pela religião para assustar, como se houvesse uma punição reservada para aqueles que não seguem as suas ordens e desejos. Então, comecei a olhar para as antigas religiões da Europa, religiões que o povo acreditou por milhares e milhares de anos, e é nessas crenças que agora estou colocando minha atenção.”

Mas, falando de bandas importantes, temos que fazer justiça e lembrar que, durante todo esse período, havia uma banda bem underground que, sem grande alarde, corria paralela e não deve e nem pode ser esquecida: Motörhead.

Motörhead é uma banda inglesa formada em junho de 1975 pelo baixista, vocalista e compositor Ian Fraser Kilmister, mais conhecido afetuosamente como Lemmy.

Lemmy é o único membro da banda que permanece desde a sua formação. Na verdade, Lemmy e Motörhead são uma coisa só, inseparáveis! Essa banda teve uma influência enorme no Rock mundial.

Ela sempre conseguiu transmitir ao mesmo tempo a energia do Rock 'n' Roll, a velocidade do Speed Metal e a violência do Punk. Tudo sem excessos, tudo cru e verdadeiro. Seu som, no meio do movimento Heavy Metal, apontou para novos caminhos e, se Black Sabbath influenciou todo mundo, Motörhead é referência obrigatória para o Rock Extremo.

Mas, voltando ao Oculto, olhando para trás, descobrimos como Black Sabbath, Black Widow, Venom e Sabbat receberam suas influências tanto do Oculto como de religiões alternativas, mas, se estudarmos com profundidade, veremos que nenhuma dessas bandas foram realmente, para os padrões de hoje, bandas de Black Metal. Todas elas estavam categorizadas dentro do mesmo estilo como sendo Heavy Metal. Todas essas subcategorias que conhecemos hoje eram ainda muito pouco ou quase totalmente desconhecidas do grande público.

Na verdade, foi só com a chegada lá pelo meio dos anos 80 do Thrash Metal de bandas como Metallica, Slayer, Possessed e Testament que foi criada a faísca que causaria a explosão do metal extremo. Explosão esta que acabou fazendo esse estilo de Rock ser aceito como mais do que simplesmente barulho.

Surgiram então, no Reino Unido, revistas como a *Metal Forces* e *Mega Metal Kerrang*, criadas especificamente para dar respeito e exposição para esse movimento underground que estava crescendo e ganhando força. Então, conforme mais e mais bandas tiveram oportunidade de falar sobre a sua música, os estilos Speed Metal, Black Metal e Death Metal foram tornando-se cada vez mais populares.

Outro detalhe interessante foi que, pela primeira vez no Rock, ouve uma demanda do público e das próprias bandas por um som cada vez mais extremo.

Quando surgiu a banda Slayer, pensou-se que nada poderia ser mais extremo do que isso, mas, surpreendentemente Napalm Death surgiu com o Grind Metal para mostrar que esse camaleão ainda tinha muitas cores para mostrar.

Foi só no final dos anos 80 que o Black Metal realmente chegou! Ele veio lá da Noruega, um país sem tradição com o Metal. Um país sem uma referência que limitasse os seus jovens a criar um som que ultrapassasse as barreiras do que já havia sido feito antes. Foi na Noruega que surgiria um som extremo e satânico que dominaria o mundo.

Com vocês: Mayhem (1984), Darkthrone (1986), Burzum (1988) e Emperor (1991)

Cada uma dessas bandas carregava um desejo por sangue que levaria o mundo do rock para uma escuridão extrema ainda maior. Uma escuridão capaz de fazer até o próprio Venom parecer anêmico em comparação.

Mayhem surgiu na cidade de Oslo em 1984 e é considerada uma banda importantíssima para o Black Metal, pois poderíamos dizer que seu líder Euronymous foi realmente o responsável pela criação desse gênero musical. Quer dizer, o Black Metal passou por uma fase embrionária indo de Black Sabbath a Venom, mas foi com a banda Mayhem que ele realmente definiu-se como estilo.

Todas essas 4 bandas são realmente fundamentais para o Black Metal porque trouxeram, além do Satanismo, uma rebelião violenta e direta contra o Cristianismo. Essas bandas também foram as responsáveis pela introdução do “Corpse Paint” (Pintura Cadáver), uma pintura facial que lembra a dos membros da banda Kiss se tivessem virado Zombies de filme de terror. Essa pintura é, normalmente, rusticamente feita e, às vezes, apenas em branco ou em branco e preto. Esse tipo de pintura facial, de uma forma inconsciente, nos transporta para uma representação gótica da própria morte.

A grande diferença do Black Metal norueguês desse período para com o resto das bandas mundiais foi que o Black Metal norueguês levou muito a sério o que muitas bandas fizeram em shows apenas para se mostrarem, apenas para manterem uma imagem. As principais bandas norueguesas, principalmente Mayhem e Burzum, praticaram realmente o que pregaram.

Infelizmente a realidade brutal vivida por alguns dos seus músicos, suas tragédias pessoais, o grotesco de certas situações acabaram por ofuscar a própria música por eles produzida.

A carreira da banda Mayhem foi a mais controversa, principalmente devido às suas performances de palco violentas, seguida mais tarde pelo suicídio, em 1991, do seu vocalista Dead (Morto) cujo nome real era Per Yngve Ohlin e culminando em 1993, com o assassinato do seu líder, o guitarrista Euronymous (Øystein Aarseth) pelo ex-membro Varg Vikernes da banda Burzum.



Foto de Per Yngve Ohlin, mais conhecido por “Dead”, o vocalista sueco da lendária banda norueguesa de Black/Death Metal “Mayhem”. Notem na jaqueta de Dead um patch da banda brasileira Vulcano.

Por um período, todos os membros da banda Mayhem (desordem ou caos) moraram juntos. O vocalista Dead era o mais estranho de todos. Vivia dentro dele mesmo e costumava dizer que estava insatisfeito, pois achava que não era um ser deste planeta. Dizia que ele estava no lugar errado e que não deveria ter nascido aqui na Terra. Ele tinha o hábito de enterrar a sua roupa de show e só desenterrá-la e vesti-la antes de

subir no palco. Subia no palco com uma roupa em decomposição, com a cara pintada tipo Corpse Paint e completava o visual derramando um copo de sangue de animal na cabeça. Mais estranho ainda, era o fato de que um dia ele encontrou um corvo morto. Pegou a ave e colocou-a dentro de um saco plástico. Dizem que Dead antes de subir no palco abria o saco plástico, enfiava a cabeça lá dentro do saco e dava uma boa cheirada que era para começar o show com o sentimento da morte dentro dele. Ele era realmente, literalmente Dead (morto).

Certo dia, numa atitude suspeita ou no mínimo muito irresponsável, sabendo de antemão que Dead tinha tendências suicidas, Euronymous saiu de casa e deixou na sala a sua carabina carregada.

Quando Euronymous retornou, encontrou Dead no chão, caído numa poça de sangue, com a cabeça explodida. Pedacos do seu crânio estavam espalhados pelo chão. Dead havia deixado um bilhete dizendo "... desculpe-me pelo sangue!".

O que Euronymous fez? Abandonou a casa correndo em busca de uma câmera fotográfica. Retornou, tirou fotos e depois recolheu e guardou os pedaços do crânio do rapaz.

A foto que ele tirou, mais tarde foi usada para a capa do seu novo álbum e os pedacinhos de ossos do crânio de Dead foram usados para a confecção de alguns colares, tipo amuletos, que foram enviados para algumas das bandas de Black Metal norueguesas que, segundo Euronymous disse, "mereciam".

Nesse período, Euronymous tinha aberto uma loja de discos e gravadora chamada Deathlike Silence. A banda Burzum era praticamente o projeto de um homem só; Varg Vikernes, um músico e escritor. Muito embora Vikernes já estivesse fazendo música desde 1988, foi só em 1991 que Burzum oficialmente começou suas atividades. Em 1992, ele tomou parte no incêndio de 3 igrejas católicas na Noruega e, em 1993, Vikernes já havia gravado 4 álbuns como Burzum e outro com Mayhem e a banda de Euronymous.

Euronymous também foi responsável por mais de 40 incêndios de igrejas católicas.

Segundo seus líderes, aparentemente, o Black Metal norueguês tinha como filosofia buscar retornar seu país para as verdadeiras crenças pagãs originais. Eles consideravam o Cristianismo uma invasão da sua cultura Viking. Durante o processo dessa luta, um confronto de egos

surgiu, foi crescendo e culminou com um dia, Varg Vikernes visitando Euronymous para premeditadamente assassiná-lo, esfaqueando-o pelas costas e pescoço repetidamente. No julgamento, Vikernes alegou inocência, dizendo que tinha agido apenas em defesa própria, mas a evidência foi muito maior e ele acabou sendo condenado a 21 anos de prisão.

Durante seu tempo na prisão, Vikernes afiliou-se ao Heathen Front, uma organização internacional neonazista oficialmente conhecida como Allgermanische Heidnische Front (AHF), e teve várias matérias publicadas sobre Paganismo Germânico. Vikernes também lançou, com o nome Burzum, dois álbuns no estilo “Dark Ambient”. Depois de servir 15 anos de cadeia, no começo de 2009 Vikernes foi libertado antecipadamente por bom comportamento e mudou-se para a França, onde vive com sua esposa e filho. Vikernes continua gravando e escrevendo e, em julho de 2013, mudou seu nome para Louis Cachet.

Esse lado violento e sombrio do Black Metal norueguês colocou uma sombra nefasta sobre esse estilo que persiste até hoje. O Metal, por sua vez, como estilo, continuou o seu caminho, sofrendo contínuas mutações e transformações a ponto de, hoje em dia, ficar difícil classificarmos certas bandas. Sabemos que, no fundo, tudo é Rock, mas, quero deixar claro que, hoje em dia, nem tudo que é Rock é Rock 'n' Roll! Prefiro enquadrar toda banda que passou do Heavy Metal e tem um pé fincado no Hardcore, Industrial ou faz apenas um som brutal, como simplesmente pertencente à categoria do “Rock Extremo”.

Importante: Tenho plena consciência de que existem centenas e centenas de bandas extremas que poderiam ser classificadas como Black Metal, Doon etc. Perdoe-me por não citá-las. Isto não quer dizer que não as respeito! Minha intenção foi apenas ir ao começo, à raiz do assunto e fazer a conexão do Black Metal brasileiro com o Black Metal norueguês!





Banda Vulcano: O vocalista Angel segurando o controverso fêmur humano num show em 1985.



⓪ Brasil e o Black Metal

“Com a morte do baterista Zema e vários outros acontecimentos pesados e negativos, brincar com o desconhecido não foi uma boa pedida.”

(Dick Siebert - Korzus)

Poucos sabem que duas bandas brasileiras tiveram um papel importante no desenvolvimento do Black Metal norueguês: **Sarcófago** e **Vulcano**.

Korzus

Mas, antes de chegar nessas bandas, gostaria de lembrar que a primeira vez que ouvi uma banda brasileira de Black Metal foi com a banda Korzus. Lá por 1983, Korzus participou de um festival de bandas no CERET (Centro Educativo, Recreativo e Esportivo do Trabalhador) que fica no bairro do Tatuapé na capital de São Paulo. Confesso que ainda não conhecia esse estilo, e só fui a esse show porque a banda Avenger, da qual eu era o empresário, também participava desse festival.

Não houve como não prestar atenção no show do Korzus. Eles foram viscerais, tocaram fazendo um ritmo muito rápido e as letras de suas músicas passavam certo Satanismo. Korzus obviamente já tinha um público cativo e anárquico que criava o maior caos na frente do palco. Senti a tensão no ar e o clima de perigo, um perigo controlado, mas sempre querendo explodir. Um dos seus clássicos chamava-se *Anjos do Mal* e, quando o tocaram, a plateia literalmente enlouqueceu. A impor-

tância dessa banda no cenário paulista era inegável e senti imediatamente que, de alguma forma, tinha que produzir um show da mesma.

Foi só em 1985, quando criei o *Projeto SP Metal* no lendário Teatro Lira Paulistana que, até que enfim, tive a oportunidade de produzir um show dessa banda num lugar pequeno e, assim, realmente apreciar o seu poder de fogo.



Korzus. Capa do álbum Korzus Live criada por Barbieri e lançado pela Devil Discos. Este álbum foi produzido por A. C. Barbieri e Chicão em 1985.

Em recente conversa com Dick Siebert, o baixista dessa banda, ele me disse que no começo a banda fazia Speed Metal e que, na verdade, nem conheciam Black Metal. E que, até quando produzi o seu álbum *Korzus Ao Vivo* pela Devil Discos a banda ainda fazia Speed Metal. Bom, só posso dizer que desde o princípio conheci Korzus como uma banda de Black Metal.

Aliás, no mesmo período, conheci Cérbero, outra banda paulista excelente, esta sim realmente fazendo Speed Metal. Os músicos do

Korzus já traziam em si, na sua postura de palco e atitude, essa aura negra e obscura onde referências ao “mal” abundavam.

Segundo Dick Siebert, foi só no álbum *Sonho Maníaco* que houve uma queda na direção do Black Metal, mas, ele insiste, essa mudança no estilo não aconteceu por serem Satanistas ou adoradores do mal, e explica:

“É que, para ser uma banda nervosa e irada, na época, tínhamos que falar do mal, do capeta e essas coisas. Usávamos isso tudo como metáfora. Para nós foi uma época conturbada! Com a morte de Zema, nosso baterista e vários outros acontecimentos pesados e negativos, brincar com o desconhecido não foi uma boa pedida.”



Korzus em Londres em 1992, próximo ao The Marquee Club.

Foto: Ana Maria Lemos.

Zema, na época, o baterista da banda, suicidou-se e, segundo se fala, foi encontrado enforcado no banheiro. Korzus em respeito ao ex-baterista não gosta de comentar sobre a natureza da sua morte. Dick Siebert continua:

“A partir do álbum *Pay For Your Lies* e *Mass Illusion*, o nosso caminho foi o do Thrash Metal, pois era a tendência do momento, principalmente pelos riffs e palhetadas. O álbum KZS já teve uma pitada do Hardcore de Nova York, não pelo Biohazard, mas pela camaradagem que tivemos com a rapaziada do Agnostic Front no tour que fizemos pela Europa e também pelo “groove” do nosso baterista. Os

álbuns *Ties of Blood* e *Discipline of Hate* foram totalmente Thrash Metal de raiz. Quanto a esta questão do demônio, não tenho nada contra o Black Metal, aliás ouço várias bandas e adoro Venom, sem dúvida uma das bandas precursoras do estilo. Não participo de grupos ou seitas, não sigo dogmas. Minha religião é a do bom senso à natureza. Vejo o demônio no ser humano, na sua ignorância, na sua falta de respeito, na sua ganância e por aí vai...”

Quanto ao significado do nome Korzus, fui informado por Dick Siebert que “antes de a banda chamar-se Korzus, a banda inscreveu-se em um festival de escola com o nome ‘Mão do Destino’, influenciada pelo nome da música *Hands of Doom* da banda Black Sabbath”. Disse que, na verdade, o nome Korzus foi retirado do apelido de um amigo chamado “Marcos Korzus”, que por sua vez tocava em uma banda chamada Ethan. Ele assistiu a um filme de terror onde o guardião das portas do inferno chamava-se, em latim, Korozum. Ele achou o nome legal e deu-lhe um toque pessoal mudando para Korzus. Então, um dia, Pompeu, o vocalista do Korzus, viu esse nome escrito no armário do ensaio da banda Ethan, achou-o o máximo, correu de volta à escola e trocou o nome da banda de Mão do Destino para Korzus. O resto é lenda!

Em 1992, em um dos pontos altos de minha carreira, produzi um show dessa banda no lendário The Marquee Club em Londres.

Sepultura e Sarcófago

Lá pelo meio dos anos 80, enquanto as coisas borbulhavam na capital de São Paulo, transformando-a no ponto focal do underground do Rock brasileiro e, por que não dizer da América do Sul, em Minas Gerais, na época, um obscuro selo, chamado Cogumelo Records, lançava um vinil “split” chamado *Bestial Devastation*, contendo de um lado a banda Sepultura e de outro a banda Overdose. O álbum que em agosto de 1985, dizem, foi gravado em 8 canais em apenas dois dias no J.G. Estúdios em Belo Horizonte, transformou-se em um sucesso, vendendo rapidamente 15.000 cópias, um número bem expressivo para a época. Esse álbum deu a partida inicial para a banda Sepultura, com Max nos controles, conquistar o mundo.

Muito embora Sepultura não comente muito, nesse “split” com o Overdose, a sua terceira música chamada *Antichrist* na verdade foi composta não por Max, mas sim por Wagner Lamounier, no tempo em que ele ainda era o vocalista da banda.

Wagner Lamounier saiu do Sepultura brigado e, até onde sei, nunca resolveu esse problema. Aliás, o sucesso posterior de Max e Sepultura, acredito, só serviu para agravar a situação.

Em março de 1985, Wagner Lamounier foi convidado para participar da banda Sarcófago de Uberlândia (MG). A banda era influenciada pelas primeiras bandas extremas que surgiam como Bathory, Celtic Frost, Slayer e também pelo hardcore punk finlandês. Sem dúvida a desavença de Wagner Lamounier com Sepultura despertou nele uma competição onde Wagner não queria ser apenas mais agressivo do que Sepultura, e sim ser a banda mais agressiva do planeta.

O primeiro lançamento de Sarcófago foi através de uma coletânea chamada *Warfare Noise*, lançada também pela gravadora Cogumelo onde a banda contribuiu com três petardos: *Recrucify*, *The Black Vomit* e *Satanás*. Na época, suas músicas e letras foram consideradas chocantes, blasfêmicas e chamaram bastante atenção. A formação do Sarcófago era: Butcher (guitarra), Antichrist (Lamounier - vocal), Incubus (Geraldo Minelli - baixo) e “Leprous” (Armando Sampaio - bateria).

Em julho de 1987, já com o novo baterista D.D. Crazy, a banda lançou o seu primeiro álbum chamado *I.N.R.I.*, que fora uma visão “blasfema” e controversa de Jesus Cristo na capa do álbum; ele também mostra a banda usando “corpse paint”, jaquetas de couro e cinturões cheios de balas. Esse visual da banda é considerado como um dos primeiros e definitivos visuais de Black Metal. A sua música foi igualmente influente, um marco no desenvolvimento do Black Metal mundial.

Apesar de esse álbum ser considerado mundialmente lendário, aparentemente Wagner Lamounier ficou muito insatisfeito com os resultados finais, expressando reclamações sobre a qualidade das sessões de gravação e que a banda vivia sempre sendo atormentada por conflitos internos. Após o lançamento de *I.N.R.I.*, Sarcófago dissolveu-se brevemente. Lamounier mudou-se para Uberlândia para estudar economia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), enquanto Butcher e seu irmão D.D. Crazy deixaram o grupo para tempos depois, em 1989, D.D. Crazy voltar tocando a bateria no álbum de estreia da banda Sextrash chamado *Sexual Carnage*.

Mais tarde, Sarcófago lançaria seu segundo álbum chamado *The Laws of Scourge*, que foi considerado um dos primeiros álbuns de Death Metal lançados no mundo. Com relação ao Demônio e o Oculto, acredito que Sarcófago foi apenas uma banda de garotos querendo provocar

polêmica e revolta contra o sistema, mas sem nenhuma filosofia mística ou satânica por trás!

Conforme declaração do próprio Euronymous, o assassinado líder da banda norueguesa Mayhem, Sarcófago e Vulcano foram influências realmente muito importantes para o Black Metal norueguês. Como ficarão sabendo mais para a frente, a banda Vulcano foi mais influente na Noruega do que vocês jamais poderíamos imaginar!

Vulcano - Projeto SP Metal (1985)

Eu não conhecia o som do Vulcano. Sabia que esta banda, assim como uma outra chamada Santuário, eram originárias da cidade de Santos. Sabia também que tratava-se de uma banda do tipo extrema e imaginava que o som deveria ser mais ou menos na linha da banda paulista Korzus. Naturalmente estava curioso. No dia do show os músicos chegaram meio calados, sinistros. Eu me comunicava apenas com Zhema que, além de ser o líder da banda, era um tipo bem organizado e profissional. Portanto, não dei muita atenção aos outros músicos.

Minha memória é meio vaga, mas lembro-me dessa pessoa, antes do show, à meia-luz, andando pelo palco. Ele era um tipo escuro, meio arcado, parecia corcunda, sem camisa e com grandes cicatrizes parecendo queimaduras pelo corpo. Carregava um saco nas costas, parecia que carregava ossos humanos. No final espalhou-os pelo chão. Coisa bem macabra. Nessa noite o Teatro Lira Paulistana pela primeira vez estava com um clima bem carregado, pesado mesmo.

Quando a banda entrou no palco, o guitarrista usava um traje vermelho com capuz parecendo um monge satânico e diabólico, e o vocalista Angel, um músico alto, magro e ameaçador, usando duas enormes pulseiras cheias de pregos pontudos, já veio do camarim com o seu microfone Shure preso a um grande osso velho e amarelado parecendo um fêmur humano.

Curiosamente o instrumental da banda variava de Hard Rock com pitadas de Heavy Metal a Black Metal com o vocal gutural o tempo todo. Muito embora o som da banda variasse em estilo, ele foi brutal e extremo do começo ao final do show. A guitarra era bem pronunciada com distorções que fundiam-se com microfonia intermináveis criando, tirado as devidas proporções, até certo clima psicodélico.

O show da banda foi diferente, único. O show do Korzus era mais direto e o do Vulcano parecia que escondia algum segredo, alguma coi-

sa hermética. Na verdade, confesso que fiquei mais preocupado foi com a possibilidade da presença surpresa da polícia porque, até explicar de onde tinham surgido aqueles ossos humanos, como responsável pelo projeto, já até podia imaginar-me entrando na delegacia de polícia.

Ideologia satânica ou simplesmente marketing?

Quando o show acabou, como responsável pelo projeto tive que ficar no teatro até que todos os músicos se retirassem. Estava na porta do teatro supervisionando a retirada do equipamento quando notei esse rapaz jovem, de rosto meio gordinho e saudável, cabelos bem curtos e expressão relaxada. Ele não usava nenhum adereço de rock e mais parecia um músico de alguma banda pop. Saía tranquilo puxando um amplificador. Fiquei curioso e, incrédulo, perguntei-lhe se ele era o guitarrista da banda. Com um sorriso amigo ele confirmou. Então, fiquei sabendo que o nome dele era Hansen e que ele era também o guitarrista da banda eletrônica santista Harry. Ele mostrou-se uma pessoa bem inteligente e esclarecida. Explicou que a proposta da banda era simples. Ser a mais radical possível. “Se o público quer o demônio então damos o demônio!”, foram suas últimas palavras...

Quanto aos ossos humanos, se minha memória não me engana, parece que algum tempo depois foi noticiado em algum jornal que a banda tinha tido problemas com a polícia por terem invadido túmulos em um cemitério.

Quase 30 anos mais tarde, Zhema, o líder da banda, confirmou-me que a banda realmente tinha tido problemas com os ossos humanos e que, segundo ele, na verdade esses ossos tinham vindo de uma Faculdade de Medicina. Aparentemente, o baterista, quando entrevistado, só para criar um clima, disse que os ossos tinham sido roubados de um cemitério, o que causou uma série de problemas para a banda.

Se é verdade ou não, nunca saberemos. Aliás, o começo do Vulcano está ligado a um grupo de teatro chamado Satanic.

Satanic

Esse grupo foi criado e liderado por Jasper Lopes Bastos. Seu trabalho envolvia música e teatro e tinha a vaga aparência de uma missa pagã. Num certo momento da peça, ao som da banda de apoio tocando, um grupo de pessoas vestidas com trajes e capuzes vermelhos entrava

no palco carregando um caixão de defunto de verdade, contendo o nosso amigo Jasper dentro.

Muito embora o grupo Satanic não tenha influenciado Vulcano em termos esotéricos e nem mesmo em termos de som, esse grupo foi o celeiro de onde saíam vários músicos para tocar no Vulcano. Isso aconteceu pela simples razão de Satanic, na Praia Grande (SP), ser um projeto que aglomerava o pessoal mais artístico e roqueiro do lugar.

O vocalista Angel era apenas um ator nessa peça onde Hansen também teve uma breve participação. Aliás, segundo Hansen, a vestimenta vermelha que ele usou no show do Teatro Lira Paulistana em 85 foi justamente uma das que foram usadas para carregar o caixão na peça. Ainda, segundo Hansen, havia nessa peça uma mesa com um furo no meio onde a cabeça de Angel aparecia, criando a ilusão de que tinha sido decepada. Hansen também disse que foi do Satanic de onde vieram os ossos humanos. Do Satanic ainda saíria o baterista José Piloni que participaria do compacto *On Pushne Namah* e seu irmão Laudir Piloni que viria a tocar bateria nos álbuns *Live!* e *Bloody Vengeance*. Sobre o oculto, Jasper comenta:

“Interessei-me sim! Li algumas biografias de Aliester Crowley, até porque, Raul Seixas e Paulo Coelho seguiam seus passos e Jimmy Page comprou uma mansão que lhe pertencia. Mas minhas preferências eram por Gurdjieff, Rasputin e Nikolai Roerich. Quanto ao nome Satanic, por coincidência, foi algo parecido ao que ocorreu com o Black Sabbath, que ficou com aquela marca de Satanista por causa do nome mas que originalmente chamava-se Earth, e, convenhamos, a música *War Pigs* é um grande libelo antibélico. Na verdade, antes de adotarmos o nome Satanic, por pouquíssimo tempo e muitíssimo antes do surgimento da banda Titãs, nosso nome foi Titanic (estou falando de 1975 ou até antes). Mas todos nós éramos muito místicos sim. Eu e alguns poucos lemos bastante, e meio que por casualidade. Tanto no Brasil como na Argentina e no México, cheguei a ter vários “Encontros com Homens Notáveis” (para citar o título da mais famosa obra de Gurdjieff). Participei e participo seriamente de círculos místicos, mas sou radicalmente contra mistificação barata. Sou fã da física quântica e do pensamento holístico ou sistêmico. Apesar de ter tido experiências pessoais sérias pelas quais, cientificamente, não possa negar que existam realmente outras realidades ou dimensões paralelas, sempre gostamos também de brincar com o assunto, aliás, como fez Alice Cooper, Marilyn Manson e

mesmo o genial cineasta espanhol Alex de La Iglesia no filme *O Dia da Besta*, um filme bem Crowley, por sinal...”

Gurdjieff

George Ivanovich Gurdjieff (13/01/1866 – 29/10/1949) foi um mestre espiritual influente do início a meados do século 20 que ensinou que a maioria dos seres humanos vivem suas vidas em um estado hipnótico, literalmente “caminhando dormindo”. Ele achava que era possível transcender a um estado superior de consciência e alcançar pleno potencial humano. Gurdjieff desenvolveu um método para fazê-lo chamando “O Trabalho”, referindo-se ao trabalho sobre si mesmo. Ele também referia-se ao seu método como simplesmente “O Método”. De acordo com os seus princípios e instruções, o método de Gurdjieff usado para despertar a própria consciência é diferente daquele do faquir, do monge ou do iogue, por isso a sua disciplina também originalmente foi chamada “Quarto Caminho”. Num certo período, ele descreveu seu ensino como sendo um “Cristianismo Esotérico”. Em diferentes momentos de sua vida, para ensinar o seu método Gurdjieff abriu e fechou várias escolas pelo mundo. Esse mestre alegou que seus ensinamentos trouxeram para o Ocidente, a partir de suas próprias experiências e primeiras viagens, a verdadeira expressão da verdade encontrada em antigas religiões e ensinamentos de sabedoria relativos ao autoconhecimento no cotidiano e ajudou a humanidade a encontrar o seu lugar no universo. O título de sua terceira série de escritos é *A Vida Só É Real Quando Eu Sou*, e expressa a essência de seus ensinamentos. Sua série completa de livros é chamada *Tudo e Todos*.

Rasputin

A figura de Rasputin é muito controversa. Centenas de livros foram escritos sobre ele, mas tudo parece ser apenas invenção. Poucas são as fontes de confiança. O russo Grigori Yefimovich Rasputin foi batizado em 22 de janeiro de 1869 e assassinado em 30 de dezembro de 1916, mas até essas datas são discutíveis.

Rasputin não foi nem um monge nem um santo, ele nunca pertenceu a qualquer ordem ou seita religiosa. Ele era considerado um peregrino, vagando de um lugar a outro. Sabemos que ele foi obcecado por religião e impressionou muitas pessoas com o seu conhecimento e habilidade para explicar a Bíblia de uma forma descomplicada. Acredita-se

que Rasputin tinha o dom para curar doenças. Em 1907, Rasputin foi convidado pelo Nicholas e Alexandra Feodorovna, o Czar do império russo e sua esposa, para curar o seu único filho, Alexei, que sofria de hemofilia.

Como disse, há muita incerteza sobre a vida e a influência de Rasputin, e tudo que se fala dele são muitas vezes baseados em memórias duvidosas, boatos e lendas. Rasputin discordava, mas foi considerado como um dos “antigos” (sábio) por seus seguidores. Rasputin falava um dialeto da Sibéria quase incompreensível e nunca pregou ou falou em público. A czarina Alexandra Feodorovna viu Rasputin como um clarividente, um “homem de Deus”, mas seus inimigos o viam como um charlatão religioso debochado e devasso. Seus críticos o tratavam com ironia. Brian Moynahan descreveu-o como “uma figura complexa, inteligente, ambiciosa, vagabunda, generosa até o excesso, espiritual e muito imoral”. Ele foi definitivamente uma pessoa incomum, tido como profeta por uns e charlatão por outros.

Nikolai Roerich

Nicholas Roerich (09/10/1874 - 13/12/1947) foi um pintor russo, escritor, arqueólogo, teólogo, iluminador, filósofo e figura pública. Ele nasceu em São Petersburgo na Rússia, mas viveu em vários lugares ao redor do mundo até sua morte em Naggar, Himachal Pradesh, na Índia. Treinado como um artista e um advogado, seus principais interesses foram literatura, filosofia, arqueologia e especialmente arte. Roerich foi um ativista dedicado à causa da preservação da arte e da arquitetura em tempos de guerra. Durante 1929, Nicholas Roerich foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz pela Universidade de Paris. Ele recebeu mais duas indicações, durante 1932 e 1935. Sua preocupação pela paz resultou na sua criação do *Pax Cultura*, a “Cruz Vermelha” da arte e da cultura. Seu trabalho para essa causa culminou com os Estados Unidos e os outras vinte nações da União Pan-Americana assinando em 15 de abril de 1935, na Casa Branca, o Pacto Roerich. O Pacto Roerich foi um dos primeiros instrumentos internacionais para proteção da propriedade cultural. A história de Roerich é grande, e não cabe ao propósito deste livro entrarmos em mais detalhes. Entretanto, gostaria de lembrar que Nikolai Roerich juntamente com sua esposa Helena Roerich lançaram a ideia da União Sagrada do Oriente, uma utopia espiritual e geopolítica que os dois desejavam estabelecer no coração da Ásia. Com base em

ideias espirituais que o casal alegava ter recebido de mestres do outro mundo, a função dessa utopia seria mostrar para a humanidade um modelo ideal de sociedade.



Zhema Rodero. Foto: Fabio Headbanger.

Vulcano

Bom, depois desta pincelada rápida, mas necessária, nas vidas de Gurdjieff, Rasputin e Roerich, vamos voltar ao Vulcano. A ligação de Zhema com Euronymous, o assassinado líder da banda norueguesa Mayhem, já vinha de longa data. É Zhema quem conta maiores detalhes:

“Eu trocava cartas com o Euronymous. Suas cartas eram muito longas, coisa de páginas. Éramos amigos dessa forma. Fui eu quem o ensinou a passar sabão de coco nos selos para serem devolvidos dentro das cartas-respostas, pois assim eu limpava o carimbo que ficava em cima da película de sabão e usava a estampa novamente (não tínhamos dinheiro nem para selos). Havia produzido o álbum *Live* do Vulcano e, então, sabia como funcionava lançar um disco aqui no Brasil e ele sabia fazer o mesmo lá na Noruega. Ele queria lançar o Vulcano no seu selo Deathlike Silence, e falávamos de uma turnê pela então Cortina

de Ferro tipo Polônia, Tchecoslováquia, Rússia... ele tinha penetração nessa área...



A assinatura de Eurononymous fornecida por Zhema

... tanto que a assinatura dele tinha uma foice e um martelo desenhada! Em suma, se Eurononymous não tivesse sido assassinado, certamente teria sido o maior empresário de Black Metal do mundo... Ele tinha apenas uns 22 anos, mas era “cabeça”. Eu penso que ele tinha duas identidades, ele era o Eurononymous e também o empresário e inteligente Oysten... Comigo ele sempre foi o Oysten. Por essas razões, nossa conversa era centrada em lançar os álbuns do Vulcano na Noruega e lançar o EP *Deathcrush* aqui no Brasil. A banda Sarcófago surgiu depois do Vulcano e trouxe o mesmo visual agressivo e fotos no cemitério como fazíamos também. Nunca tocamos junto com eles. Mas sei que Sarcófago sempre respeitou muito o Vulcano, pois éramos tão “undergrounds” quanto eles. O respeito sempre foi recíproco. Não tivemos nenhum contato mais próximo exceto muito tempo depois quando Fabio, um amigo, que tocava na banda Skullcrusher de Osasco (SP), foi tocar no Sarcófago. Bom, Sarcófago e Vulcano, com crédito ao pioneirismo do Vulcano, influenciaram o Metal Escandinavo. Por exemplo, em 1984, não me lembro de nenhuma outra banda ter escrito uma letra tão explícita como a nossa *Guerreiros de Satã*. Até onde eu sei, o Mayhem surgiu em 1984, com uma *demo* contendo um cover do Venom e, na mesma época, Vulcano lançou a *demo Devil on My Roof*. Sarcófago apareceu para o público em 1986 na coletânea *Warfare Noise*, e só em 1987 gravou seu primeiro álbum. Nesse período, Vulcano já estava no seu terceiro álbum. Eu suponho que o visual deles foi inspirado pelo nosso por conta

das correntes, cintos de balas, fotos em cemitérios etc. Nós só não pintávamos o rosto. Lembrando que a Internet ainda não existia, e acho muito importante reconhecer que nosso álbum *Bloody Vengeance* chegou na Escandinávia em 1986, antes de qualquer outro, e foi um fenômeno para o “underground” local. Em 1989, Vulcano deu uma parada e, só mais tarde, através dos amigos que ainda estavam na cena, foi que fiquei sabendo da importância da nossa banda na história do Black Metal mundial. Gostaria também de lembrar que Fenriz, o líder da banda norueguesa Darkthrone, admitiu terem sido influenciados pelo Vulcano e, mais tarde, pelo Sarcófago. Fenriz apareceu inúmeras vezes vestido com a camiseta do Vulcano e declarava-se fã.”



Vulcano.

Capa do álbum Bloody Vengeance influencia ataques a igrejas na Noruega!

Depois dessas palavras do Zhema, quis saber mais alguns detalhes:

Barbieri: “Quando Vulcano lançou o álbum *Bloody Vengeance*, que mostrava uma igreja em chamas, os noruegueses já tinham começado a botar fogo nas igrejas deles?”

Zhema: “Não! É fato que essa capa influenciou as principais bandas do Black Metal norueguês. Curiosamente, fui entrevistado muito tempo atrás e fiquei abismado com a pergunta: “Como você se vê sendo o influenciador dos ataques às igrejas da Noruega?”. Anos mais tarde, na Escandinávia muitos me falaram sobre isto e como a capa daquele álbum chegou lá de forma avassaladora!”

Barbieri: “Uma banda europeia veio visitá-lo. Era norueguesa? Quem era o músico, de que banda e quando foi? Dá para você expandir essa passagem, incluindo também aquele ocorrido sobre a capa de uma revista que, segundo um dos músicos de uma banda norueguesa, vocês é que deveriam ter saído na capa.”

Zhema: “Foi o Infernus, da banda Gorgoroth. Claudio é amigo dele e um dia ele veio de férias para o Brasil e quis me conhecer em Santos. Claudio ligou e depois trouxe Infernus para Santos. Infernus mostrou-se uma pessoa muito estranha. Ele veio acompanhado de um segurança, tipo careca, horroroso parecendo um Viking. Infernus não tira fotos, fala pouco e mascou tabaco o tempo todo. Agora, quem reclamou da capa foi o Fenriz do Darkthone. Saiu uma revista falando do Vulcano e do Darkthrone, e Darkthrone saiu na capa da revista. Fenriz ficou indignado e escreveu para a revista reclamando que quem deveria estar na capa era o Vulcano. Fenriz era fã mesmo, porque, quando lançamos o álbum *Tales From The Black Book*, ele declarou que “Vulcano era a banda mais verdadeira do mundo”. Veja bem, Fenriz é uma das personalidades mais respeitadas do Black Metal mundial!”

Mas quem acha que Zhema é apenas um músico fazendo música para chocar, está muito enganado. Talvez nem mesmo seus músicos saibam os princípios por trás do seu trabalho. Espero que neste livro, pela primeira vez, um pouco da sua personalidade complexa e suas ideias sejam reveladas. Quando enviei para Zhema os primeiros textos escritos relativos a este livro, ele imediatamente procurou redirecionar-me para o “essencial” e não a “aparência”, dizendo:

“Em uma Ordem Iniciativa ou Escola de Mistérios, seu probacionista, neófito, ou iniciado não está interessado na biografia de seus Mestres e, portanto, lá por volta de 1900, mais precisamente 1907 quando a A.:A.: foi fundada por Crowley e Cecil, pode ter certeza que aquelas pessoas estavam ali para receber os “Ensinaamentos” e não saber da vida pessoal de seus Mestres. O que se faz hoje é in-

teressar-se mais pela biografia de Crowley do que pelo que está por trás de seu legado.”

“Acredite, se Crowley fosse a Besta, o 666, o Satanista, adorador do Diabo, ele nunca poderia ser Mestre, sabe por quê? Porque Satã, Diabo, A Besta, simplesmente não existem! Nunca existiram e nunca existirão porque não passam de alegorias criadas pelas religiões Judaica, Cristã e Muçulmana, necessárias para explicar a bondade de um Deus, Cristo ou Alá que se comunicam com os homens... Tudo nesse mundo é “dual”, e duas coisas opostas nunca poderão existir uma sem a outra!”

“Como explicar a existência do “tempo” se não houver o “espaço”? Da “escuridão” sem a “luz”? Do “bem” sem o “mal”? Crowley veio de uma família fundamentalista protestante. Imagina o que esse garoto não aguentou na infância e adolescência! Portanto, não é de causar surpresa que ele odiasse a Igreja e seus simbolismos. O apelido “A Besta” lhe foi dado repetidamente por sua própria mãe em momentos de raiva resultantes das ações indesejadas praticadas pelo menino Alexander. Crowley adorava ser temido e chocar as pessoas e tomou como definitivo esse apelido. Eu sou a Besta! Chocante, não? Ainda mais no início do século passado. Qual seria a resposta da Igreja? Atacá-lo e fazer dele A Besta mesmo... e pronto! Crowley atingiu seu objetivo.”

“Porém Crowley era um estudioso e já sabia em sua juventude o real significado do número 666. É o Número Mágico do Sol, Quadrado Mágico de Sol, lembra? De onde saiu o nome do Vulcano. É fato que encontraremos nos textos de Crowley coisas obscuras e apavorantes, mas são apenas no primeiro contexto. Se você não é um iniciado, não leia, pois só vai causar confusão. Tenha em mente que na Bíblia também encontraremos coisas tão assustadoras e maldosas.”

“Crowley odiava a hipocrisia e a ignorância e isso fez dele um “antirreligioso revelado” e, por consequência, anticristão, antijudaico e antimulçumano. Desse modo, o que ele foi? Anticristo!”

“Acredite-me, Raul Seixas e Paulo Coelho, estes dois sim, foram totalmente influenciados por Aleister Crowley, ou melhor, por seu legado. E sabiam o que estavam fazendo.”

“Deixando a biografia dele de lado, seu maior legado foram os livros: *The Equinox I; The Equinox of the Gods*. Crowley conta que em lua de mel com sua esposa Rose na Cidade do Cairo, entrou em contato com Aiwass, uma inteligência “praeter” humana que anunciou *Equinócio dos Deuses* — o Novo Aeon, e este lhe conferiu um livro — *Liber Al Vel Legis*. Por três dias lhe foi conferido tal livro.”

“Acreditem ou não, cada um deve julgar por si mesmo. Se me perguntares, direi que não acredito! Para mim foi uma alegoria de Crowley para criar para si próprio um ‘momento zero’ dos princípios

da ‘Fraternidade Branca’ e conceber sua própria Ordem Argentum Astrum (A.:A.:) e depois receber o legado da Ordo Templis Orientis (O.T.O.). Lembrando que Crowley pertenceu anteriormente à Golden Dawn e conhecia muito tanto a Ordo Rosae Crux como também a Maçonaria.”

“É grande a diferença entre essas duas organizações.”

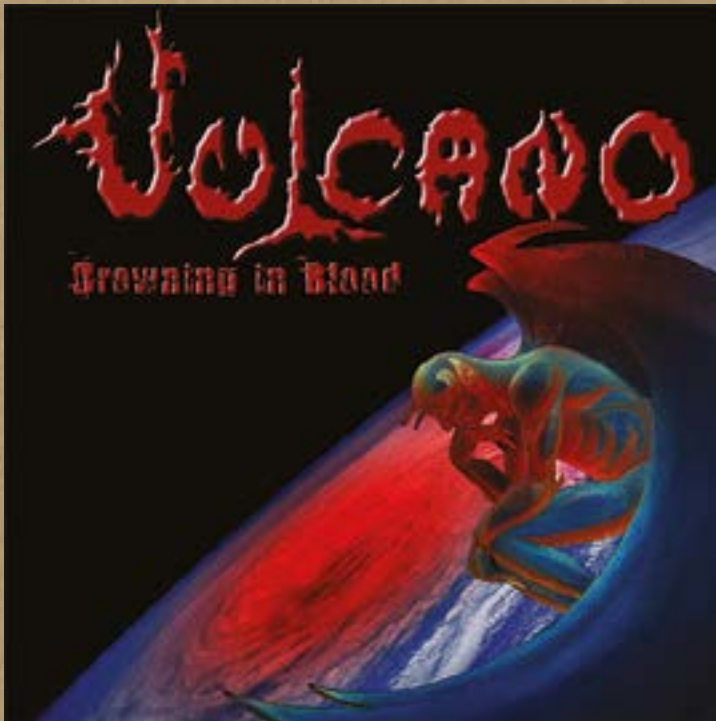
“A A.:A.: não é um sistema de lojas e é inteiramente secreta. O probacionista só conhece seu mestre e geralmente é por ele escolhido. O aprendiz é deixado por si só para realizar seu trabalho e quando se dá conta já é Neófito, assim vai conquistando os Graus sempre que estiver pronto, até que um dia esse iniciado escolha um probacionista e o ciclo recomeça. Não há nenhum tipo de estudo intelectual, somente conhecimento e experimentações. Portanto se alguém lhe disser que ‘estudou Aleister Crowley’, veja com outros olhos. Pode ser que esse sujeito tenha estudado a biografia de Crowley. Ninguém pode revelar a você um Segredo Real, ninguém pode lançar sobre você uma iluminação.”

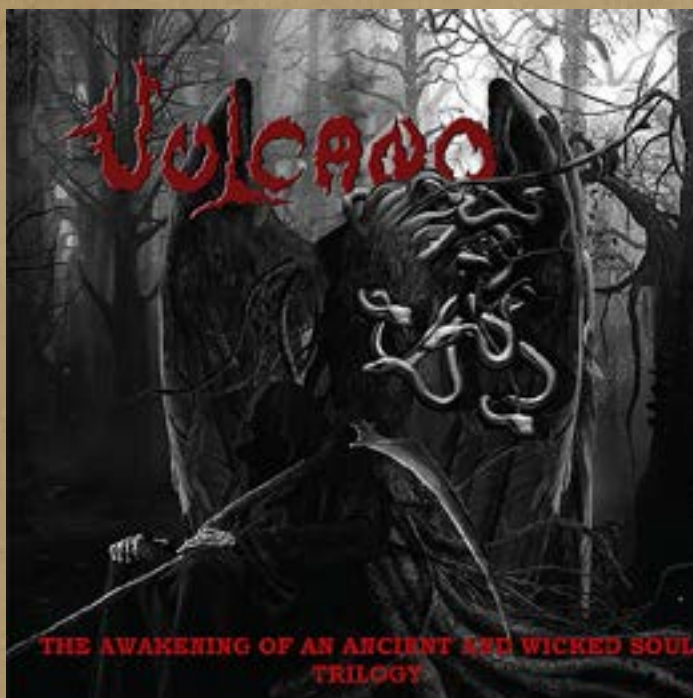
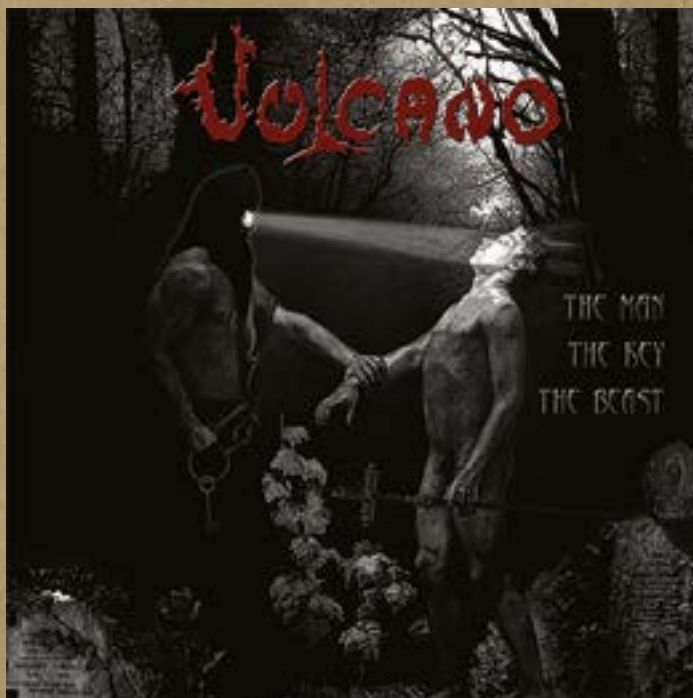
“A O.T.O. é um sistema de Lojas e Graus com Rituais Thelêmicos, existe de forma estruturada em dezenas de países. Teve lá no início muita relação com a Maçonaria, pois seu fundador era maçom. Crowley recebeu o legado da O.T.O. uns 10 anos depois de sua fundação e a reformulou incorporando os rituais de graus conforme Liber Al Vel Legis e a Lei de Thelema. O ritual central da O.T.O. é a “Missa Ecclesia Gnóstica Catholica”. O Liber XV da O.T.O. é o Ritual dessa Missa, escrito por Mestre Therion, ou seja, Aleister Crowley.”

“Por um bom tempo no início dos anos 90 interessei-me pela O.T.O. e por isso tenho um bom material deles. A Missa Gnóstica é maravilhosa! Por fim, faço parte de duas Ordens Iniciáticas com o mote de FR. Zagreus Beta. Às vezes o Mestre de Minha Classe me chama e eu atendo. Talvez exatamente isso que estou fazendo agora seja um chamado dele. Bem, você agora tem uma ideia melhor do que é A.:A.:, O.T.O. e Aleister Crowley. Crowley, antes de tudo, era um gênio, assim como vejo Raul Seixas, mas não podemos esquecer que tinha problemas com heroína e outras drogas, por acreditar que essas não tinham poder de fazer mal a um homem que tem pleno domínio de sua mente, morreu fazendo uso delas, não se livrou.”

Como podem perceber, Zhema conhece muito bem o assunto e, curiosamente, fora a música e sua banda Vulcano, sempre trabalhou em outra atividade. Ele nunca interessou-se por drogas, possui uma família absolutamente normal e já é até avô. Justamente porque trabalhou até aposentar-se, conseguiu manter sempre uma posição econômica estável, até superior à de muitos brasileiros. Entretanto, Zhema sempre teve, vamos dizer, uma tripla identidade. Zhema o trabalhador, Zhema o roqueiro e Zhema o mestre do oculto.

Desde a primeira vez que tive a chance de encontrar-me com ele pessoalmente, quase 30 anos atrás, notei que Zhema era diferente dos outros roqueiros que conhecia. Ele era muito profissional e de poucas palavras. Com o tempo, descobri que Zhema é um tipo sério, introspectivo, que controla Vulcano com mão de ferro e não gosta de compartilhar muito as suas ideias filosóficas. Se alguém quiser saber mesmo o que ele pensa terá que escutar a banda Vulcano.





3 capas de álbuns criadas por Barbieri para a banda Vulcano!

Bom, levou muitos anos para ele começar a revelar os seus segredos. Talvez, a assessoria que dei, aqui em Londres, durante as turnês do Vulcano e meu trabalho na criação das capas dos seus álbuns *Drowning in Blood* e *The Man, The Key, The Beast* provaram que eu tinha o merecimento.

A verdade é que, com todo esse conhecimento, certamente Zhema deveria ter tido um mestre ou participado de alguma seita, grupo, ordem ou escola exotérica. Foi na minha busca para saber mais que o nome de Carli Cooper veio à tona.

Depois de muita insistência foi que descobri que Carli Cooper, cujo nome exotérico é Fr. Gladivs, é um escritor, baixista, violonista e erudito em latim pela USP. Cooper também conhece um pouco de Sânscrito (só parou de estudar porque o curso tornou-se antieconômico uma vez que, na USP, ele era o único aluno da classe). Seu pai foi um importante graduado na Rosacruz e sua mãe foi ritualista na mesma Ordem. Então, Carli Cooper é o seu Mestre, o que Zhema chama de “Mestre de Minha Classe”. Cooper vive sozinho desde que Zhema o conheceu lá pelos idos de 74. No Brasil, em cada época de sua vida Cooper viveu em um lugar diferente. Zhema começou a banda Vulcano junto com Carli Cooper que tinha vindo da banda Sangue Azul. Com Vulcano, fez apenas dois shows ao vivo, e acabou gravando os baixos no single *Om Pushne Namah*.

É o próprio Zhema quem fala: “Escrevemos muitas letras de músicas juntos e escrevemos vários textos importantes também. Ele me mostrou muitas ‘coisas e lugares’ impressionantes. De modo geral posso dizer que ele continuou sendo, e ainda é, um membro do Vulcano. Exceto nos 2 últimos álbuns, *Drowning in Blood* e *The Man, The Key, The Beast*, dividi-mos a autoria de várias letras juntos. Os 3 primeiros álbuns *Live!* e *Bloody Vengeance* e o *Tales From The Black Book* tiveram suas letras ‘brotadas’ de um livro escrito por ele no final dos anos 70 (*LIBER LXXIV*). Muita coisa importante na história do Vulcano deve-se, direta ou indiretamente, ao Carli Cooper, que, como já disse, é o ‘Mestre de Minha Classe’.”



Zhema Rodero

Zhema explica como surgiu o nome Vulcano

“Não sei se é possível a compreensão dos motivos da escolha do nome Vulcano através deste pequeno texto, dada a complexidade do tema sobre o qual irei dissertar.”

“Houve uma época em que estávamos pesquisando o significado alquímico do Quadrado Sator, ou o Quadrado Mágico de Marte. Vínhamos, empurrados pela curiosidade, de outro estudo que fazíamos sobre a Seita dos Pitagóricos e encantados com o significado e a importância dos Números Naturais na regência do Universo, nos deparamos com o número 6. Associamos o ano de meu nascimento 1958 ($1+9+5+8=23$) $2 \times 3 = 6$ com o de Carli Cooper 1960 ($1+9+6+0=16$) $1 \times 6 = 6$, ambos no mesmo mês 10 ($1+0=1$). O produto é igual a 36 ($6 \times 1 \times 6 \times 1$), o Número do Homem. O Valor secreto de 666, Número da Besta! ($1+2+3+...34+35+36$). Além disso, o dia de meu nascimento é 1 (o princípio), o dele 6 (o fim). Tínhamos aprendido que o 6 era a união dos opostos (2 triângulos sobrepostos). ‘O que está em cima é igual ao que está embaixo’.”

“O número 6, pelos Iniciados, é visto como o Número Perfeito, pois seus fatores, 1, 2 e 3, perfazem o número 6 quando somados. Dado que o número 1 sempre esteve ligado à Grande Unidade, o Uno, o Onnipotente; O número 2 com o princípio ‘dual’ das coisas, ligado à vida e morte e o número 3 à Trindade, o grande resultado da Criação; eis por que o número 6 é considerado o Número Perfeito. Nós, então, aprofundamo-nos no tema até deparar-nos com o Quadrado Mágico de Sol, ou o Quadrado Mágico do número 6, ou ainda Devil Square 6x6”.

“Na Alquimia era comum se utilizar de símbolos, alegorias e números dispostos em formas geométricas e a forma de interpretá-los varia com o grau de evolução do Iniciado. O quadrado do número 6 é a disposição de números naturais em uma matriz de 6 colunas e 6 linhas, em que o total da soma é exatamente 666 e o resultado da soma dos algarismos que compõe as colunas e as linhas, quando somados, é 666. A soma das diagonais é sempre 111 ($111 \times 6 = 666$). Se subtrairmos o quadrado contido dentro do quadrado mágico, ou seja, o coração do Quadrado Mágico de Sol, a soma de suas diagonais é 37, bem como a soma dos números que compõem as quatro arestas do quadrado. Também 37. O número do Homem + 1 encerrando-se no Uno. Bem se quiséssemos dissecar o significado desse quadrado mágico, aqui neste pequeno espaço, teríamos que escrever um tratado. Sugiro que pesquise sobre o tema, lembrando-se da seguinte frase:”

“Os Arcanos Menores são aqueles que podem ser divulgados aos Profanos,

já os Arcanos Maiores, aqueles que pertencem à Tradição, de como realizar o sobrenatural, só podem ser revelados por eles mesmos, aos Eleitos”.

“Apesar da pesquisa, só chegamos ao nome da banda quando transpusemos o significado dessa alegoria ao nosso Sistema Solar, dado que o Quadrado Mágico do número 6 é o Quadrado Mágico de Sol. No Sistema Solar a ordem dos astros é Sol (1), Mercúrio (2), Vênus (3), Terra (4), Marte (5), Cinturão de Asteroides (6), Júpiter (7), Saturno (8), Urano (9), Netuno (10), Plutão (11) e a Nuvem de Oort (12). Alguns autores sugerem que o Cinturão de Asteroides pode ter sido um Planeta que explodiu bilhões de anos atrás e dão-lhe o nome de Vulcano, outros autores de Lúcifer. Daí veio o nome!”

“Algum tempo depois, minha banda Vulcano lançou seu primeiro compacto, um “single 7 inch” intitulado Om Pushne Namah. O significado desse nome vem do número 6 e sua correlação com o Sol. Em Sânscrito o Sol tem 12 nomes que são usados como mantras:”

Om Mitraya Namah
 Om Ravayeh Namah
 Om Suryana Namah
 Om Bhrna Veh Namah
 Om Khgaya Namah
 Om Pushne Namah
 Om Hiranya Garbhaya Namah
 Om Marichaye Namah
 Om Adityaya Namah
 Om Savitre Namah
 Om Arkaya Namah
 Om Bahskaraya Namah

“Novamente, nós escolhemos o número 6, a sexta mantra Om Pushne Namah; se vocês observarem mais de perto a capa do compacto poderão ver o símbolo do Sol desenhado na coluna.”



A capa do compacto Om Pushne Namah lançado em 1983

“Esse compacto foi gravado em 1983, em apenas 8 canais, durante 8 horas. Nós o apelidamos de ‘three times eight’ (3 x 8). Não tínhamos um orçamento suficiente para produzir um bom disco, afinal naquela época era um verdadeiro luxo para uma banda ‘underground’ pisar em um estúdio de gravação. Mas acabei conhecendo um cantor de música ‘brega’ que conhecia um estúdio, na época era o Top Tape. Este estúdio possuía uma sala de gravação tipo “classe C”, destinado a músicos com pouco orçamento. Entramos pela manhã e à tarde lá estávamos nós com um máster de 1/4 de polegada, pronto para a prensagem. O conteúdo musical desse compacto é ‘hard ’n’ raw’, e a música *Besta Cibernética* foi o prenúncio de uma transição que viria um ano mais tarde. Eu acho a letra dessa música um tanto quanto visionária, dado que ela versa justamente sobre uma rede de computadores, invisível, poderosa e com vida própria. Seria hoje a Internet? Não sei... *Besta Cibernética* foi a última música que compusemos, tanto que logo em seguida escrevemos *The Signals* (Os Sinais), porém ainda em português.”

“Logo após o lançamento do compacto *Om Pushne Namah* e com a banda trilhando um caminho mais pesado e denso, mais metal, fui obrigado a mudar o time e remontei o Vulcano comigo no baixo, Hansen na guitarra e Renato Pelado na bateria. Com essa formação, produzimos a metade do material que está gravado no álbum *Live!*.”

“Precisávamos urgentemente de um vocalista e certa noite fizemos a audição com um cara magricelo, cabeludo, todo de preto e com dois braceletes enormes nos punhos, e quando ele começou a vociferar! O céu veio abaixo! Acabávamos de achar o vocalista: Angel! Tempos depois Renato sai da banda e entra em seu lugar Hahaas Blower (Laudir Piloni) na bateria. Aí se formava Vulcano, brutal e tosco como vocês conhecem.”

No site Metal Pesado encontrei uma das melhores biografias sobre a banda Vulcano. Então, tomo a liberdade de transcrevê-la abaixo porque, somada ao que já foi dito acima, dará uma visão mais completa desta banda histórica:

Biografia da banda Vulcano

Vulcano surgiu em 1981 na cidade de Osasco (SP) e foi idealizada por Carli Cooper (baixo), Zhema (guitarra) e Paulo Magrão (guitarra). Já em 1982 Vulcano mudaria a sua sede para a cidade de Santos (SP). Começaram abrindo shows da banda paulista Made in Brazil e aos poucos conquistaram seu próprio público. “Abrir para o Made foi minha melhor escola, aprendi tudo sobre palco, equipamentos, divulgação e

principalmente sobre a fidelidade para com o público” — é o próprio Zhema que declara e continua:

“Conheci algumas das maiores expressões do Rock Brasileiro como, por exemplo, Rolando Júnior e a galera do Patrulha do Espaço, os irmãos Vechionne, Pisca, Arnaldo Dias, Raul Seixas, Tico Terpins, Centro da Terra, Aborrai, e muitos outros. Em meio a todas essas estrelas, nós estávamos começando a caminhar.”

Em 1983, com J. Piloni na bateria, o Vulcano arriscou sua primeira produção, o single *Om Pushne Namah*, gravado em oito horas e oito canais.

“Esse single nos rendeu muitos shows como banda principal. Nós tínhamos que produzir nossos próprios shows, não havia empresas de locação de equipamentos como atualmente, tínhamos que fazer tudo sozinhos, de colar cartazes nos postes até montar nosso próprio palco.” — fala Zhema.

Com a saída de Carli Cooper e Paulo Magrão, o Vulcano reformulou com Zhema no baixo, Johnny Hansen nas guitarras e Renato Pelado (atualmente no Charlie Brown Jr.) na bateria. Apesar de apenas seis meses juntos, essa formação revolucionou o rumo musical da banda. Nessa época, conta Zhema:

“Já fazíamos inúmeros shows pelo interior paulista e necessitávamos urgente de uma formação mais estável, uma vez que estava ficando difícil conciliar as datas de shows com a disponibilidade de tempo do Hansen e do Renato.”

Então, Vulcano mudou novamente agora com Zhema no baixo, Soto Júnior na guitarra solo, Zé Flávio nas bases, Laudir Piloni na bateria e Angel nos vocais. Com essa formação a banda trouxe à tona toda a brutalidade musical da época com o primeiro disco de metal pesado ao vivo do país. Zhema comenta:

“Nós não conseguíamos penetrar de modo algum no cenário heavy metal paulistano, não tinha espaço para o Vulcano lá, contudo a banda crescia rapidamente pelo interior paulista, foi quando me veio a ideia de gravar um disco ao vivo. Se São Paulo não podia ver um show do Vulcano, iria pelo menos ouvi-lo. Então eu iria colocar um show no vinil e enfiar lá a todo custo.”

E assim se fez *Vulcano Live!* Energético, ruidoso, tosco e sem truques de mixagem. Todo o show realizado em agosto de 95 na cidade

de Americana (SP) foi colocado na íntegra nesse álbum, com direito a todos os gritos e palavrões proferidos pelo público. Zhema acrescenta:

“Me lembro que nesse dia alguma coisa havia mudado em Americana, com o apoio do Wilton da Heavy Metal Discos montamos aquele concerto e ficamos observando o público. Havia pessoas de todos os lugares, ônibus de excursão estacionados nas ruas ao lado, tinha o trem que a cada chegada trazia mais e mais pessoas com um grito entalado de metal ‘till die!’ na garganta. Então, perguntei para Soto Júnior o que deveria fazer para não deixar essa energia toda fugir do vinil. ‘Não faça a mixagem do play!’ foi a sua resposta. Bom, segui a sua orientação...”

Quem é Carli Cooper?

Carli Cooper é muito mais do que um dos fundadores iniciais da banda Vulcano. Sua figura influenciou profundamente Zhema, o líder da banda. Durante a minha troca com Zhema de vários e-mails, usando as suas próprias palavras consegui editar esta história incrível:

Zhema encontra seu Mestre

“Na verdade a maioria das letras do álbum *Live!* vem de um manuscrito intitulado *Metal Negro* (mais tarde *Líber LXXIV*). Esse manuscrito é dividido em uma Trilogia: *Prisão no Hexágono*, *Alogia* e *Entre Correntes* e demais textos alegóricos.”

“Nesse período, eu já morava em Santos, onde ainda resido, e Carli Cooper passou um bom tempo viajando entre Bauru (SP) e Campo Grande (MS). Foi uma época em que avancei muito nos meus estudos ocultos, mesmo porque só hoje consigo compreender o método de aprendizado que me foi imposto por meu Mestre — Carli Cooper. Esse método passou por uma série de cartas, que as guardo até hoje. Como todo bom Mago, ele foi cuidadoso em me passar os Segredos “acima do abismo” e isso levou muito tempo. Minha preparação demorou anos e anos, mesmo sem eu me dar conta do que estava acontecendo e mesmo assim não sou portador da chave dos Arcanos Maiores.”

Um aviso do Mestre:

“Não corra o risco de mostrar a Fórmula àquele que não esteja preparado, pois correrás o risco de perder um discípulo.”

“Creio que Cooper me escolheu como discípulo por volta de 1975. Mesmo sem eu saber, a minha iniciação começou ali, naquele

momento que o conheci. De qualquer forma o que realmente quero dizer é que esse livro foi a fonte de quase todas as letras dos álbuns *Vulcano Live!* e *Bloody Vengeance*, bem como certamente das letras de muitos álbuns que ainda serão gravados.”

“Conheci Cooper no final de 1974, início de 1975, não me recordo bem. Ele era um músico de uma banda de garagem cujo nome era Sangue Azul. Me recordo muito bem dos ‘covers’ do Black Sabbath, pois eles tocavam tão alto que eu podia ouvir mesmo morando a muitos metros dali.”

“Tempos depois tive o privilégio de conhecer seu ‘templo’. Os pais dele moravam na casa principal e ele em um quarto isolado no quintal, onde, ao entrar, senti pela primeira vez o que se sente quando se adentra ao desconhecido. Além de um móvel muito antigo trancado com chave, muitos objetos, quadros, símbolos alquímicos, instrumentos de radiestesia, livros, livros e mais livros. E, logicamente, lá estava seu contrabaixo Gianinni Strato e seu violino. O Cooper, além de músico e escritor, também pintava, estudou latim e iniciou estudos em sânscrito na USP. Infelizmente como ele era o único aluno o curso tornou-se inviável e ele não conseguiu terminá-lo.”

“Bem, durante alguns bons anos fui assimilando algumas leis práticas da Tradição, porém sem nunca ter me dado conta disso.”

“Somente muito tempo depois, já nos anos 80, conversando com a mãe dele — os pais dele são Iniciados há muito mais tempo —, ela percebeu em mim um símbolo que eu carregava no pescoço e me indagou se eu pertencia a uma determinada Ordem Iniciática. Eu realmente não entendia nada e apenas levava comigo um símbolo que para mim não tinha significado nenhum além de um adorno. A partir desse fato, os pais de Cooper levaram-me até essa Ordem e hoje posso dizer que sou um Iniciado.”

“Além do ‘Metal Negro’, Cooper é autor de outro manuscrito intitulado ‘Arcádes’, o qual, creio, deva estar na forma original desde 1974/1975. Tive o privilégio de ter acesso a esse material em um inverno de 1989, quando nos encontramos por puro acaso, nas mesmas condições em que formamos o Vulcano, ou seja, uma noite muito fria, sem esperar. Acabamos comprando uma garrafa de vinho e indo parar no seu ‘Templo’ (a casa dele).”





Barbieri e o Oculto

*“Aqueles que pedem para que eu coloque a minha mão
sobre o meu coração e cante o hino são os mesmos
que estão tentando controlar meu destino.”*

(A. C. Barbieri)

Enquanto escrevia este livro, um amigo mostrou-se preocupado por eu estar pesquisando o Oculto. Segundo ele, eu poderia estar atraindo energias negativas, prejudiciais à minha pessoa.

Infelizmente, para muitas pessoas, erroneamente, o Oculto é apenas sinônimo do Demônio. Acreditem, realmente não tenho medo e estou convicto de que, se fomos dotados dos cinco sentidos, foi para usá-los na busca da “verdade”.

Entendam como “verdade” conseguir enxergar o que está escrito na entrelinhas, conseguir ver o que está por trás desta realidade física, ser capaz de responder qual é a natureza da vida, de onde viemos, por que estamos aqui e para onde iremos no final de tudo.

Acredito existir um engano no pensamento popular que acha essa busca uma perda de tempo porque, para muitos, aparentemente, nunca conseguiremos responder a essas perguntas tão difíceis. Não faz muito tempo que percebi que o importante não é o resultado final, mas o caminho seguido, a jornada do descobrimento. Acredito sinceramente que o mais importante é manter meu espírito crítico, ser fiel aos meus princípios, ser honesto e justo.

Certamente, pelo meio do caminho, cometi e ainda cometerei muitos enganos. Infelizmente isso é normal, apenas espero ser julgado pela forma como corriji esses enganos. Quando digo “julgado” não me refiro a nenhuma divindade onipotente chantageando-me com a possibilidade de ir para o inferno. Refiro-me à sociedade a que pertenço e principalmente à minha própria consciência. Lamentavelmente cometi vários enganos, alguns são irreversíveis e, portanto, terei que carregá-los, na minha consciência, até o final dos tempos. O importante é que, se eu pudesse, os corrigiria.

Com relação ao paranormal, já tive minhas experiências, mas não saí correndo dando explicações religiosas ou espirituais, pois reconheço que nosso cérebro, em muitos aspectos, ainda é um desconhecido e que só muito recentemente a ciência moderna através da física quântica tem nos revelado caminhos que estão levando-nos a entender as verdades que civilizações muito antigas já tinham há muito tempo. Por outro lado, sabendo da imensidão até incompreensível que é o Universo, temos que encarar seriamente a possibilidade de vida extraterrestre. Quer dizer, creio que no final a resposta será dada pela ciência que, aliás, não é o monstro que alguns pregam. O mal é o uso que parte da humanidade faz dela.

Ao mesmo tempo em que escrevia este livro, meditava sobre o meu passado e como vim parar aqui na frente desta tela de computador. Percebi que, surpreendentemente, sempre estive por perto do mágico. Recordei-me do meu primeiro casamento, feito numa Igreja Católica. Na época, conversando com minha primeira esposa sobre os detalhes da cerimônia, várias vezes fui corrigido por ela por referir-me ao “altar” como “palco”.

Sempre achei a valsa nupcial muito ultrapassada, uma música que refere-se a uma geração passada. Portanto, minha primeira esposa entrou na igreja ao som de uma música da banda Yes tirada do seu sétimo álbum lançado em 1974 chamado *Relayer*. O lado 1 desse vinil contém apenas uma música longa chamada *Gates of Delirium* (Portões do Delírio). Mais tarde, o final dessa música seria lançada num compacto com o nome *Soon* (Logo). Foi esse compacto que comprei e levei para a igreja. A letra diz:

Soon

(Logo)

Yes

Logo, breve a luz

Penetrará e acalmará esta noite sem fim

E esperarei aqui por você

Nossa razão de estar aqui

Logo, breve o tempo (que)

Todos nós nos movemos para ganhar, vai chegar e acalmar

Nosso coração estará aberto

Nossa razão de estar aqui

Há muito tempo, colocou em rima

Logo, breve a luz

Nossa para moldar por todo o tempo, a nossa direita

O sol nos guiará

Nossa razão de estar aqui

Logo, breve a luz

Nossa para moldar por todo o tempo, a nossa direita

O sol nos guiará

Nossa razão de estar aqui

Foi com essa música tocando na Igreja que me casei pela primeira vez. Se pudesse teria soltado fumaça pelo chão (gelo seco) e usado holofotes no “palco”. Para mim, foi um show de rock. “O Sol nos guiará, nossa razão de estar aqui” — meu casamento foi definitivamente pagão. Só que eu não tinha a menor ideia.

Antes disso, em sociedade com meu irmão Jorge, abri uma loja de discos no Bairro do Limão na capital de São Paulo chamada Stocking Music Center. Esse nome pomposo escondia uma pequena loja, num bairro da periferia, que nunca vendeu o suficiente para pagar as suas contas e negou-se a vender qualquer tipo de música que não fosse Rock, isso em 1973!

Tinha feito um curso de teatro na Escola Macunaíma, que ficava no bairro Barra Funda, bem perto de casa. Essa escola era localizada na Rua Lopes Chaves, exatamente na casa onde morou o escritor modernista Mário de Andrade, o autor do livro cujo nome, apropriadamente, foi escolhido por essa escola para representá-la.

Então, na loja de discos, no teto da mesma, instalei holofotes de teatro, montei uma mesa de iluminação, comprei um gravador de rolo Akay modelo 4000 DS (um luxo para a época) e, nos fins de semana, empurrávamos as mobílias para junto das paredes, baixávamos a porta da loja que, então, virava um teatro. Coloquei em prática muitos dos exercícios que aprendi no Macunaíma e acabamos desenvolvendo um trabalho coletivo, uma peça chamada *A Faca*.

A *Faca* foi baseada num tipo de teatro conhecido como “Teatro do Absurdo” bem na linha de Grotowski, e consistia numa série de atos aparentemente desconexos entre si onde, de forma simbólica, sem diálogo, usando apenas música e expressão corporal, discutíamos a comunicação ou, melhor dizendo, a falta dela entre as pessoas. Fazíamos uso intensivo de maquiagem usando pinturas faciais que hoje em dia seriam muito semelhantes à da banda Kiss. Essa peça terminava com a participação de todos os envolvidos num tipo de happening ou missa pagã. Acredito que o nosso trabalho foi muito similar ao teatro desenvolvido pelo grupo Satanic (mencionado no capítulo “O Brasil e o Black Metal”). Para muitos dos jovens que frequentavam essa loja, a Stocking virou o centro de suas vidas, marcando-os profundamente.

Eu suponho que, assim como muita gente nesse período, fui influenciado pela peça *Hair*, o trabalho irreverente do grupo carioca Dzi Croquettes liderado pelo sensacional Lennie Dale, e também pelo filme *Jesus Cristo Superstar*. Para mim, o teatro sempre foi uma coisa muito especial. De qualquer forma, sempre que só com a palavra, música, dança ou representando um personagem mudamos o estado emocional de outra pessoa, sinto como se estivéssemos executando um ritual mágico. Existe algo muito poderoso na arte.

Nenhuma religião e mesmo governos, gostam da arte como forma de expressão livre. Sempre existirão aqueles que tentarão controlá-la e que defenderão que a arte é uma expressão do Demônio. Se pensarmos bem, entenderemos por que a Internet é tão perigosa para o sistema.

O show de rock é, para mim, uma cerimônia tribal pagã. Num show ao vivo estar cercado pelos meus iguais, pela minha tribo, todos balançando a cabeça, com alguns praticando o “mosh”, o som brutal, as luzes, o pano de fundo com o logo “mágico” da banda, os efeitos de palco e os músicos com seu líder bem em evidência, como um Deus controlando a plateia e, no meu caso, com uma dose dupla de vodca circulando no meu sangue, isto é uma experiência que transcende a minha

própria fisicalidade, e leva-me ao começo dos tempos, para o começo do homem na Terra. A minha ligação com o “paganismo” do Rock já vem de longa data e, do Blues ao Rock Extremo, meu respeito pela sua força primal nunca diminuiu.

A minha curiosidade para entender e ver a verdade atrás desses “rituais do dia a dia” levaram-me aos livros. Li de Carlos Castaneda a Lobsang Rampa, passando por vários outros, mas foi na ficção científica que encontrei mais prazer. Foi primeiramente com Júlio Verne (*Viagem ao Centro da Terra*, *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, *20 Mil Léguas Submarinas* e *Da Terra à Lua*), Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*) e mais tarde escritores como Stanislaw Lem (*Solaris* entre outros) e o genial Phillip K. Dick, autor do maravilhoso *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, mais conhecido no Brasil através do filme *Blade Runner*, o *Caçador de Androides*. O falecido Phillip K. Dick foi um “profeta” dos novos tempos. Aliás, para mim, os escritores de ficção científica são todos “profetas” abrindo as janelas do futuro para que nós, pobre mortais, tenhamos uma chance de ver o que está por vir.

Se o universo material que vivemos é criação de nossa mente e se tudo que criamos mentalmente e desejamos com intensidade acontece, ficção científica é o caminho para que este universo material primeiramente apareça, plante a semente da ideia que começará a ganhar forma para depois tornar-se realidade.

Bom, na minha busca participei de tudo um pouco; fui ao centro de Umbanda, templo Hare Krishna, encontros da Fraternidade Rosacruziana São Paulo e por aí vai. Em todos esses lugares, senti-me como sendo um cientista explorando um planeta desconhecido. Respeito todos que pregam a paz e respeitam o próximo, mas nunca deixei-me ser dominado por nenhuma dessas ideias que sinto que são apenas criações de outros homens e nada mais.

No filme *Communion* (Comunhão) lançado em 1989 e dirigido por Philippe Mora, quando o personagem Whitley Strieber (Christopher Walken), que acredita ter sido sequestrado por alienígenas, quase no final do filme consegue retornar à nave e confrontar-se com o “alien” sequestrador, o “alien”, para surpresa e desapontamento de Whitley, aparece na sua frente, na forma humanoide, como um clone do próprio Whitley, mas vestido como um mágico usando luvas brancas, segurando uma cartola e dizendo com um sorriso: “Vejam, não tenho nada nesta mão e nada nesta outra mão!”. Então ele tira da cartola a máscara

de alienígena que era como Whitley o conhecia. Whitley desconsolado desabafa algo mais ou menos assim: “Quer dizer que isto é uma caixa de surpresas, você nunca me revelará quem realmente você é, não é?”. Quando a câmera volta para o alienígena, ele já voltou a mostrar a sua aparência original, como sendo, novamente, um alienígena e telepaticamente informa Whitley que ele não está preparado para saber a verdade e que, ele queira ou não, será observado por toda a sua vida.

Por que contei essa história? É porque é assim que vejo Deus. Um ser acima do Bem e do Mal que não está muito interessado conosco. Quando falo Deus, refiro-me a esta realidade em que vivemos, na qual só temos os nossos sentidos para explorá-la. Realidade esta que é muito inteligente, mutante e que interage conosco reciprocamente, mudando a máscara de propósito sempre que pensamos que estamos chegando perto da verdade.



Antonio Celso Barbieri

Sinto-me como um rato de laboratório onde somos testados sem poder saber o porquê. Acho cruel nascermos e morrermos sem conhecermos a “verdade”.

Recentemente, meu “guru” internauta comentou com minha esposa que “o problema do Barbieri nesta busca é que ele usa o cérebro, mas não usa o coração”.

A meu ver, o grande equívoco do “guru” foi não perceber que, no meu caso, é meu coração quem diz que tenho que usar meu cérebro em primeiro lugar! Penso, logo existo!



A. C. Barbieri gravando em Londres no Abbey Road Studios em 2012.

Penso, Logo Existo! (Cogito Ergo Sum)

Cogito Ergo Sum foi uma frase em latim, escrita na primeira pessoa, que significa literalmente “Eu penso, logo existo”. Esta frase foi uma proposição filosófica criada por René Descartes que, de forma básica, nos diz que “o simples fato de pensarmos sobre a nossa existência” prova que um “eu” tem que existir para ter esse pensamento, ou, como Descartes explica:

“Nós não podemos duvidar da nossa existência enquanto nós duvidamos...”

Essa proposição tornou-se um dos elementos fundamentais da filosofia ocidental e foi entendida como sendo a fundação de todo conhecimento.

Enquanto outros conhecimentos poderiam ser produtos da nossa imaginação, invenções ou erros, o próprio ato de duvidar da sua própria

existência serve como prova da realidade da sua existência ou pelo mesmo desse pensamento.

Estarei dormindo? Será que esta realidade não é uma fantasia ou alucinação? O simples fato de questioná-la já mostra que eu existo!

A frase original de Descartes foi “*je pense, donc je suis*” e apareceu no seu *Discurso do Método* (1637), que foi escrito em francês e não em latim como era costume na época, porque Descartes queria alcançar um público maior. Ele só usaria o termo em latim mais tarde, em 1664, no seu livro *Princípios de Filosofia*.

Durante minha existência, tive várias experiências beirando o paranormal. Portanto, aproveito esta oportunidade para contar-lhes o episódio mais assustador:

Rock Fantasma

Se, no primeiro álbum chamado *A Ferro e Fogo*, a música *Salem* (Cidade das Bruxas) tinha alguma referência ao oculto, foi mesmo no segundo álbum chamado simplesmente 7 que, durante um show que produzi da banda Harppia no Espaço Mambembe, aparentemente o Oculto apareceu para me dar problemas.

Nessa noite, estava com uma dor de cabeça tremenda! Minha cabeça latejava pulsando e dando alfinetadas doloridas a intervalos regulares.

Também pudera; como produtor musical, nunca tinha tido tantos problemas como nessa noite. Tinha sido um show difícil.

Era responsável pelos shows do *Projeto São Power* que aconteciam no Teatro Espaço Mambembe toda segunda-feira. Nessa noite tinha sido a vez da banda Harppia, que fazia um Heavy Metal competente, mostrar seu trabalho.

Tibério, o baterista e líder da banda, querendo impressionar a plateia, trouxe para o palco uma grande aparelhagem. Foram sete cabeçotes Marshall com caixas duplas, mais iluminação para complementar a que o teatro já fornecia, efeitos especiais e até um raio laser. O consumo de energia foi mais do que o sistema elétrico do teatro podia aguentar e, como resultado, por segurança, a chave da caixa de força desligava-se automaticamente a todo momento, cortando a eletricidade e consequentemente deixando o teatro, que estava lotado, no escuro e sem som.

Isto nunca tinha acontecido antes e até parecia algo proposital para prejudicar a banda. Os donos do teatro tensos, os músicos tensos e o público impaciente! Todo mundo olhando para mim como se eu tivesse a solução mágica para os problemas dessa noite. A verdade é que, naquele momento, só existia uma solução: desligar metade do equipamento de palco. Como a banda negava-se a fazê-lo, o problema perdurou quase o show inteiro.

Imaginem a cena: o grande vocalista Percy Weiss, no meio da música *Sete*, conjurando os demônios:

*Eles são sete, sete eles são
No profundo oceano, sete eles são
Estão vivendo entre o céu e a terra
Engendrados nas profundezas do mar
Não são nem machos nem fêmeas
Não tem esposas, nem podem ter filhos
Não conhecem a graça, nem a piedade
Não escutam orações, nem escutam as súplicas
Dos sete, o primeiro é a fúria dos ventos
E o segundo um dragão por sangue sedento
São seres incríveis, demônios eternos
Não conhecem a graça, nem a piedade
O terceiro é um grande leopardo
Que se alimenta de crianças inocentes
O quarto é uma besta furiosa
E o quinto é uma terrível serpente
O sexto é o arauto das pestilências
E o sétimo, uma torpe figura indecente
Sete deuses da força e opressão
Sete no céu, sete na Terra
Deles não sei como defenderei
Da ameaça a Deus e ao Rei.*

Justamente quando Percy acabava de cantar a frase “São seres incríveis, demônios eternos”, como que despertado por alguma palavra mágica, uma entidade maligna presente, um “fantasma da ópera”, com dedos invisíveis, desliga o interruptor geral levando consigo toda a audiência para “as profundezas da escuridão total”.

Perdi a conta de quantas vezes religuei o interruptor geral de força!

Então, para tornar as coisas mais difíceis, num desses “apagões” quando a luz acendeu, um dos microfones do palco, um Shure SM58, estava faltando. O pedestal do microfone estava vazio. Quem teria roubado? Alguém da banda? Um dos auxiliares de palco? Um dos sete demônios em pessoa? Nunca descobri o culpado...

Fiquei desolado, sentia-me um perdedor nadando contra a correnteza. Sabia que, como responsável pelo evento e, tendo em vista que o microfone pertencia ao teatro, era minha responsabilidade repô-lo. O único jeito de pagar seria abatendo a dívida com o dinheiro da minha parte na bilheteria, parte esta que já era muito insignificante. Certamente teria que produzir vários shows sem receber um tostão. No dia seguinte, novamente, teria que vender mais alguns dos meus discos queridos para poder ter um almoço decente.

O público já havia se retirado do teatro e eu ainda estava lá, reunido com os donos no escritório, acertando o pagamento do bendito microfone quando o telefone tocou. Era Verônica buscando por mim.

Verônica

Mais ou menos uns 15 anos atrás tinha tido, em sociedade com meu irmão Jorge, uma loja de discos no Bairro do Limão chamada Stoking Music Center. Este negócio era mais do que uma simples loja e sim um ponto de encontro da juventude do bairro. Verônica tinha apenas uns 12 ou 13 anos e vivia metida na loja.

Perto da loja existia uma escola e, durante a semana, todos os dias no começo da tarde, uma garotinha de uns 6 ou 7 anos, carregando uma lancheira, passava junto com a mãe na frente da loja. Como a garota sempre passava olhando curiosa para dentro da loja, eu sempre lhe mandava um aceno que era retribuído timidamente, ao mesmo tempo que a menina corria desaparecendo por trás de um muro.

Verônica era uma garota do tipo hiperativa e sapeca, uma verdadeira “moleca”. Um dia ela me viu, no meu ritual diário, dando um aceno para a garotinha. A loja naquele dia estava cheia de amigos. Verônica apontou-me o dedo travesso e, com uma carinha diabólica, gritou:

“Você é um papa-anjo! Papa-anjo! Papa-anjo! Papa-anjo!”

No princípio, tentei ignorar, mas foi impossível. Quanto mais pedia para que ela parasse, mais ela intensificava a provocação:

“Papa-anjo! Papa-anjo! Papa-anjo!”

Como conhecia muito bem meus amigos, o risco de ganhar um apelido para a vida toda era muito grande. Além disso, esse apelido era um apelido perigoso com conotações sexuais muito sérias!

Dirigi-me em direção à garota insistindo para que parasse. Ela sorrindo e ignorando a tudo e todos ia afastando-se, repetindo como um gravador a mesma coisa o tempo todo.

Verônica afastou-se até ficar encurralada num canto da loja. Na pick-up, Led Zeppelin rolava a todo volume e o povo presente, em grupos conversando, parecia não prestar atenção. De repente percebi que, com minhas costas tampando toda a visão, Verônica estava totalmente isolada e indefesa. Agora éramos só nós dois.

Quase que numa ação reflexo e impensada, numa fração de segundo, agarrei Verônica e silencieei-a com um beijo bruto. Eu, cabeludo e barbudo, com mais de 20 anos e Verônica com apenas 12 ou 13 anos. Foi um beijo relâmpago. Eu esperava que quando a libertasse daquele abraço apertado a garota sairia correndo como uma louca e não voltaria a pôr os pés dentro da loja nunca mais.

Para minha surpresa, quando a soltei, ela ficou-se imóvel, encostada na parede, como que derretendo-se com uma expressão hipnotizada.

Eu, por minha vez, estava surpreso com minhas próprias ações. De uma forma infeliz, por uma ironia do destino, eu tinha, por alguns segundos, me transformado exatamente naquilo que estava tão intensamente desejando não ser chamado. Felizmente ninguém tinha notado nada e pelo menos a pestinha tinha silenciado. Voltei aos meus afazeres procurando esquecer o que tinha acabado de acontecer. Nem sequer percebi quando a garota se foi.

Bem mais tarde, já estava escurecendo e a loja estava vazia. Comecei a organizar as coisas para terminar o dia. Abaixei-me atrás do balcão para pegar um rolo novo de fita adesiva e quando levantei-me, num susto, deparei-me com Verônica sorridente. Toda faceira ela olhou-me intensamente e disse:

“Por trás desta menina de 12 anos tem uma mulher que pode fazê-lo muito feliz!”. Ela falava tentando mostrar maturidade.

“Por trás desta menina de 12 anos tem a polícia e cadeia! Perdoe-me, eu perdi a cabeça! A minha ideia com o beijo foi só de assustá-la e não de seduzi-la!”, respondi surpreso.

“Qual é o problema? Sou muito feia? Beijo tão mal assim?”, falava com certa rebeldia.

“Não! Você é uma gracinha, mas é muito jovem e eu sou muito mais velho, além do mais já tenho namorada!”

Ela ignorou minha resposta e ficou por ali sem graça, fingindo, por um minuto, que olhava a capa de um disco e se foi sem dizer uma palavra.

No próximo dia, outra vez quase na hora de fechar a loja, Verônica entrou na loja arrastando um sapatão de salto alto, ela quase não conseguia andar direito. Usava um casacão que parecia da mãe dela e estava com o rosto todo rebocado de pintura. Com os lábios vermelhos de batom e as bochechas avermelhadas de ruge ela parecia mais uma bonequinha.

Ela parou na minha frente, olhou-me dentro dos olhos com uma carinha sedutora e ficou esperando uma resposta. Fiz uma cara séria e falei bem alto:

“NÃO!!!”

A garota fez um bico e puxando o casacão como se fosse uma capa deu-me as costas saindo com a cabeça empinada, batendo os pés como se fosse a Rainha da Inglaterra.

Depois disso, Verônica quando passava perto da loja caminhava pelo outro lado da rua. Sempre, de longe, buscando-me dentro da loja com uma expressão de revolta estampada no rosto.

Não demorou muito para Verônica sumir de vez e tornar-se apenas uma lembrança distante.

15 anos depois...

Depois de 7 anos de casado, havia terminado meu matrimônio não fazia muito tempo. Morava com dificuldade e de favor numa casa cheia de cupins no Bairro da Barra Funda que meu pai tinha posto à venda, mas não conseguia vender. Minha mobília consistia em um colchão de solteiro, algumas centenas de livros, meu equipamento de som e meus discos de rock, raridades musicais que definhavam dia a dia, pois na falta de dinheiro eram vendidas como forma de sobrevivência. A situação era tão precária que não tinha nem fogão nem geladeira.

Numa noite de sexta-feira, com um rolo de cartazes do *Projeto São Power* debaixo do braço e um rolo de fita crepe adesiva encaixado

no pulso como se fosse uma pulseira, perambulava pelo Bairro do Bixiga indo de bar em bar pacientemente colando meus cartazes.

Nessa noite, vendo os casais de namorados passeando, o povo jantando nos restaurantes, todo mundo aparentemente feliz e tendo vidas “normais” deixou-me depressivo e revoltado. Não muito longe do Bar Piu-Piu, encostado numa parede, fiquei ali parado observando o movimento das pessoas, subindo e descendo, com uma expressão amargurada no rosto.

Estava ali, encostado, sonhando acordado com dias melhores, quando minha atenção foi despertada por essa mulher jovem que subia a ladeira acompanhada de um rapaz. Para os padrões de hoje, ela pareceria meio gótica, mas, na época, para mim ela era apenas uma punk de boutique, uma burguesinha punk. Cabelos pretos bem curtos e espigados, minissaia preta, meias pretas tipo teia de aranha, botas pretas, olhos pintados, batom, enfim, o serviço completo! Ela fazia um tipo meio rebelde, exatamente do tipo que eu gosto. O rapaz que a acompanhava não tinha nada a ver, não combinava, não era punk, não era rock, não era nada. Um tipo absolutamente comum. A gata caminhava e, já de longe, olhava atentamente para mim.

A princípio fiquei em dúvida. Estaria aquela garota realmente olhando para mim? Olhei dos lados. Não havia dúvida! Então, pensei comigo mesmo:

“Laranja na beira da estrada, ou está bichada ou tem marimbondo por perto. Essas garotas punks são assim mesmo, gostam de provocar quando estão perto dos seus homens que é para ver o pau rolar. Desta vez vai ser diferente, não é uma gangue, será um contra um! Eu estou lá embaixo mesmo, vou chutar o balde e quebrar tudo!”

A gata foi aproximando-se, desencostei-me da parede, fui tomando posição e ficando no caminho dela. Fixei meu olhar nos olhos dela. Dava para perceber o seu parceiro sentindo-se desconfortável. Quando chegou bem perto, ela perguntou-me em inglês:

“What is your name?” (Qual é o seu nome?)

“Celso Barbieri”, respondi, numa mistura de surpresa e curiosidade.

“Você é o irmão do Jorge, filho do Professor Demétrio?” — agora ela falava em português.

“Sim, sou eu, e quem é você?”, repliquei.

“Sou Verônica! Lembra-se de mim?”. Ela sorria enquanto eu olhava seu rosto e reconhecia por trás daquela mulher aquela garotinha de uns 12 anos...

“Você não disse que estava com fome?”, interrompeu o acompanhante, mostrando impaciência.

“Me faça um favor! Entra neste bar aí e compra um cigarro para mim enquanto eu despeço-me aqui do Barbieri!” Não foi um pedido, foi uma ordem! O rapaz correu insatisfeito para dentro do bar.

“Eu moro em New Jersey, USA, desde aquela época, fui morar com a minha tia. Estou aqui em São Paulo só por um mês. Depois te conto tudo. Este é o meu telefone; me liga, por favor.” Seus olhos falavam mais do que sua boca.

Minha situação financeira era péssima, estava totalmente sem dinheiro, ligar para ela naquele fim de semana estava fora de cogitação. Mesmo porque, não queria mostrar que estava muito interessado. Toda vez que tinha mostrado que gostava de alguém, tinha perdido. Desta vez iria dar uma de difícil.

Na terça-feira seguinte, lá estava eu, como de costume, na Devil Discos conversando com Chicão, quando lembrei-me do telefone. Liguei imediatamente, direto da loja, para a gata que respondeu ansiosa:

“Por que você não me ligou antes? Passei o fim de semana sentada do lado do telefone! Onde você está... não saia daí... estou pegando um táxi!”

Meia hora depois nós nos encontrávamos na Galeria do Rock e meia hora mais tarde já estávamos em minha casa, no colchãozinho de solteiro, fazendo amor.

Tudo indicava que Verônica guardava, por muitos anos, esse desejo adolescente e, dessa vez, definitivamente, estava determinada a realizar suas fantasias. Agora, ela era uma mulher. A sua idade não seria um obstáculo!

PT e a Ford

Verônica tinha vindo dos Estados Unidos como secretária de uma professora universitária que estava no Brasil a convite do PT. Essa professora tinha feito um trabalho de pesquisa na Ford de lá, que estava implantando um sistema sofisticado de controle dos trabalhadores baseado num sistema em uso no Japão. Essa técnica, que favorecia o grupo em detrimento do indivíduo, era fria e calculista, destruindo a noção de

“comissões de fábrica”, isolando e excluindo os representantes do sindicato dentro da empresa. Essa professora universitária veio preparar o PT para que pudessem orientar os sindicatos a combater essa nova tentativa de controle dos trabalhadores que seria implantada na Ford brasileira.

A professora juntamente com sua secretária estava hospedada num bom apartamento nos Jardins. Verônica tinha um carro do ano à sua disposição e sua situação financeira comparada com a dos brasileiros estava ótima.

Do dia para a noite, melhorei de vida. Passei a comer em restaurantes caros, dormir numa cama “king size” e com uma gatinha carinhosa do lado. Que mais poderia esperar!

Era algo mágico e impossível. Parecia um sonho, andava nas nuvens. Eu sabia que aquela mordomia ia durar só um mês. Além disso, parecia que existia uma diferença social muito grande entre nós dois. Verônica aos 12 anos perdera a mãe e logo depois o pai, e tinha sido mandada para os Estados Unidos para viver com a tia. Essa infância trágica claramente explicava, na época, a sua rebeldia e carência afetiva. Agora, depois de muitos anos ela voltava para o Brasil e talvez eu fosse a única lembrança boa daquele período intenso da sua vida. A verdade é que nós éramos total estranhos, unidos por circunstâncias do destino. A chance de nós, vivendo tão longe um do outro, depois de 15 anos, nos encontrarmos no Bairro do Bixiga, levaria um matemático a fazer um cálculo probabilístico envolvendo dezenas e dezenas de números. Tão difícil quanto ganhar na loteria.

Verônica não tinha mudado muito em certos aspectos. Continuava hiperativa, só que agora fumava um cigarro atrás do outro. Continuava meio louquinha e fazia coisas inesperadas de surpreender qualquer um. Na primeira segunda-feira depois que fizemos amor, estava, à noite, como de costume, no Teatro Mambembe quando uma perua parou em frente ao teatro e fui presenteado com um buquê de cravos vermelhos. Nunca tinha ganhado flores na minha vida inteira! Na semana seguinte, no mesmo local, à noite, outra perua parou e, desta vez, fui presenteado com um jantar.

O Fantasma

Na terceira semana, nessa segunda-feira, estava, como já foi dito no começo deste conto, acertando com os donos do teatro o pagamento

do microfone roubado. Não tinha tido tempo de jantar, tinha tido um show muito problemático e estava com uma dor de cabeça de arrebentar. Foi quando o telefone tocou:

“Oi, querido, quero que venha direto para cá! Estou com saudades!”, disse no seu tom imperativo.

“Lamento, baby, mas tive um dia péssimo, muitos problemas...”. Não podia falar muito, pois os donos do teatro estavam ali na frente.

De qualquer forma, nem terminei de falar e fui interrompido por ela:

“Não aceito não como resposta! Toma um táxi que eu pago! Venha já!”, insistiu.

“Você tem por aí aspirina?”, perguntei.

Ela respondeu afirmativamente. Desliguei o telefone. Entreguei, com pesar, minha parte da bilheteria para os proprietários do teatro e saí correndo atrás de um táxi. Nem tudo estava perdido! Pelo menos tinha uma garota me esperando!

Quando cheguei ao apartamento que era no nono andar do prédio, encontrei-a com uma expressão preocupada. O computador estava ligado...

Fomos para o sofá da sala. Verônica, enquanto acariciava suavemente meu cabelo, disse:

“Desculpe-me, querido, mas não posso dar atenção para você agora. Depois que te liguei, caí na realidade. Estou aqui a trabalho e se hoje não traduzir pelo menos umas duas ou três páginas deste livro ela me matará...”

Verônica referia-se à professora quando subitamente o trinco da porta do apartamento deu um estalo. Nós dois, ao mesmo tempo, olhamos para a porta que se abriu lentamente com um leve rangido. Ficamos olhando em silêncio, mas ninguém entrou. Não havia ninguém.

Em voz alta, falei como que para mim mesmo:

“Se veio por bem, que seja bem-vindo!”.

Eu não sou do tipo místico. Muito pelo contrário, sou mais do tipo inquisitivo, com uma mente científica, do tipo que duvida de tudo. A fala saiu da minha boca quase sem meu controle. Foi uma dessas

coisas bobas e impensadas que a gente fala quando não encontra nada apropriado para dizer.

“Não diga uma coisa dessas! Dá até arrepio!”, falou assustada, ao mesmo tempo em que levantava para fechar a porta garantindo-se, dessa vez, que a mesma estivesse bem fechada.

Acompanhei-a sem jeito. Perto da porta, desculpei-me assegurando-a de que não existia razão para alarme e insistindo que não tinha tido nenhuma intenção de assustá-la. Examinei o trinco da porta e com um ar profissional dei meu veredicto:

“Abertura acidental!”. Na verdade, como não consegui simular o acontecido novamente, não fiquei tão certo assim!

Enquanto desculpava-me, ela foi para a cozinha que era conjugada com a ampla sala, e de lá retornou com um copo d’água e duas aspirinas.

Trocamos um beijinho reconciliador e fui para a cama. Verônica ficou trabalhando mais um pouco com a promessa de depois juntar-se a mim.

Saí da sala por um pequeno corredor e logo à direita entrei no quarto. Nesse corredor, à esquerda, imediatamente em frente à porta desse quarto, estava convenientemente localizada a porta do banheiro. No fundo do corredor encontravam-se os outros dois quartos.

Dei três passos em direção aos pés daquela cama enorme e, num mergulho, me joguei...

Dor de cabeça, era uma grande conhecida minha. Dor de cabeça ou cefaleia, como também é conhecida, é o resultado da dilatação de minúsculas veias dentro do cérebro. O que bomba o sangue para elas? O coração! Portanto, reduzindo a batida do meu coração, conseguia controlar a minha dor de cabeça.

Durante anos, tinha desenvolvido minha técnica pessoal para dominar essa besta. Duas aspirinas, escuridão, silêncio, exercício respiratório e relaxamento funcionavam sempre.

Deitei-me, olhando para o teto. Descruzei meus braços e pernas e deixei meu corpo afundar-se naquele colchão macio, como se fossem nuvens de algodão. Procurei pontos de tensão no meu corpo e fui ajustando-me na cama para evitá-los. Com a boca fechada, mantive o queixo livre sem deixar que os dentes do maxilar inferior se tocassem nos do

superior. Respirando pelo nariz, enchi bem os pulmões e fui soltando o ar bem devagar. Conforme o ar saía do meu corpo, concentrei-me nos dedos dos meus pés, mandando um comando mental:

“Durma... Durma... Durrmmmmmaaaa... Está ficando quente... formigando... Durma...”

Já fazia esse tipo de relaxamento há alguns anos e meu corpo já conhecia “o caminho a seguir.”

O procedimento era simples, “desligar” meu corpo todo. Era possível “adormecer” até o nariz, a orelha e o couro cabeludo.

Uma sensação gostosa e tranquila tomou conta. Agora totalmente relaxado podia ouvir, a distância, um som abafado das teclas do computador lá na sala:

“Tec, tec, tec te tec.... tec, tec, tec te tec....”

A porta do quarto estava aberta recebendo um pouco da claridade vinda da sala. Uma luz suave cinza azulada penetrava o quarto.

De repente, o som do teclado do computador parou. Com os olhos fechados senti uma mudança na luz e abri os olhos em tempo de ver Verônica discretamente e silenciosamente encostando a porta do quarto, deixando apenas uma fresta de mais ou menos um palmo de abertura. Ela pretendia entrar no banheiro em frente e, como teria que acender a luz, certamente não queria perturbar meu sono. Ela entrou no banheiro e um pouco mais tarde o som amortecido da descarga pôde ser ouvida acompanhada do som da maçaneta da porta do banheiro se abrindo.

Novamente com os olhos fechados, senti a variação da luz e os abri lentamente.

No escuro, numa penumbra cinza azulada, lá na porta estava ela. Apenas um vulto indefinido. Queria ver seu rosto, mas era impossível. Ela avançou na minha direção até meu lado, na cama. Na verdade, ela não andou na minha direção, ela deslizou. Não havia aquele balanço natural de uma pessoa que caminha.

Por alguma razão totalmente inexplicável meu cérebro não funcionou. Sabia que não havia mais ninguém naquele apartamento. Era impossível não ser a Verônica.

Agora “ela” estava a apenas um metro de distância. O corpo era magro. A cabeça era meio alongada. Parecia que estava vendo as costas de alguém que tomou um banho e enrolou uma toalha branca na cabe-

ça. No lugar do rosto, no escuro podia apenas ver variações de tonalidades como se fossem curvas do tecido.

Mesmo assim, meu cérebro não soava o alarme e eu esforçava-me para ver o rosto da Verônica.

Tinha cabeça, tinha ombro, mas eu não conseguia ver os braços. Alguém com um lençol branco, fino e bem molhado caído sobre o corpo seria uma boa descrição.

Algo estava errado, muito errado, e eu estava a um microssegundo de cair na realidade. Toda uma vida de racionalismo estava, dentro de mim, desmoronando-se como um prédio no meio de uma implosão. Meu sistema de autoproteção estava trabalhando como um louco tentando processar aquelas informações contraditórias que chegavam tão inesperadamente.

De forma rapidíssima, aquele vulto subiu, como que flutuando, e foi parar em cima da cama. Sua cabeça chegava ao teto. Quase dois metros de altura. Até que enfim os alarmes soaram dentro da minha cabeça. Um arrepio subiu pela minha nuca levantando todo o seu cabelo no processo. Numa ação reflexa fechei os olhos ao mesmo tempo em que meu corpo se contraiu e explodiu chutando aquela forma que desapareceu no meu piscar de olhos. Não tive tempo para pensar, pois rolei com o meu corpo para a esquerda, caí da cama e saí correndo de quatro até chegar na porta, onde consegui ganhar equilíbrio para ficar em pé e correr para a sala.

Já na sala, Verônica continuava compenetrada, digitando em frente ao computador. Ela olhou para mim e perguntou casualmente:

“Que foi? Você está melhor?”. Ela referia-se à minha dor de cabeça.

Por outras razões, obviamente eu não estava bem! Minha dor de cabeça já não existia, tinha sido substituída por uma mistura de medo e confusão mental.

Nos momentos de tensão ou muita emoção, tinha descoberto ao longo dos anos que falar, repartir meus problemas, abrir o jogo, era uma forma muito benéfico de terapia. Portanto, minha lógica naquele momento fazia fundamental que contasse tudo o que acabava de presenciar.

Esse foi um erro que custou-me caro. Nesse exato momento perdi Verônica.

Depois que contei-lhe o acontecido, Verônica ficou, silenciosamente, olhando-me com uma expressão mista de surpresa e descredi-

to. Descabelado, com um rosto assustado, possivelmente eu parecia um louco.

Imagino que, de repente, ela percebeu que o Barbieri “encantado” que ela conheceu quando ainda era quase uma criança e esse homem “fora de si” ali na sua frente eram pessoas totalmente diferentes. A inocência havia acabado! Esse relacionamento tinha sido um engano da parte dela. Eu era um desconhecido potencialmente perigoso.

Desde esse dia já não fizemos mais amor. A relação esfriou-se e o dia da separação final que se aproximava pareceu para ela mais um alívio.

Ainda tentei, por algum tempo, em vão, reconquistá-la. Dentro da minha cabeça, na minha mente, incessantemente revivia o acontecido e pensava:

“A entidade não parecia maligna. Por que é que não tentei comunicação? Perdi uma oportunidade valiosa para ter umas respostas! Fui um covarde! Será que se acontecesse novamente eu seria forte o suficiente? Como? Se agora tenho até medo de abrir os olhos no escuro do meu quarto. É uma pena que Verônica não veja realmente quem sou eu. Que sou um ser humano que vivi uma situação extraordinária e que depois do ocorrido me questiono o tempo todo tentando entender o que realmente aconteceu. Que duvido até de mim mesmo. Será que eu trouxe algo comigo do teatro? Será que eu estava em um estado de relaxamento especial e, querendo tanto que Verônica entrasse naquele quarto, materializei-a de uma forma incompleta?”.

Essas são perguntas que acho que jamais poderão ser respondidas e que carregarei até o final da minha vida. Foi a primeira vez que tive uma experiência desse tipo e, desde então, nunca mais vi nada similar...

Verônica voltou para New Jersey e nunca mais recebi nenhuma comunicação dela.

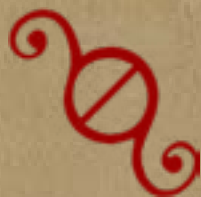
Depois de quase 20 anos, já morando em Londres, fui contatado, via e-mail, pela sua irmã mais velha que vive no sul dos Estados Unidos perto do México. Por ela fiquei sabendo que hoje em dia Verônica é casada e tem dois filhos.

Quanto ao trabalho da Ford, num servicinho de espionagem muito bem intencionado, passei o estudo feito por essa professora para o Partido Comunista Brasileiro.

Quanto à dor de cabeça, só lá pelo ano 2000 que fui diagnosticado como sofrendo de pressão alta e, em 2011, fui obrigado a fazer uma operação muito séria para corrigir um triplo aneurisma da veia aorta. Portanto, minha solução, tomando duas aspirinas e fazendo relaxamento, não foram realmente suficientes e causaram danos irreparáveis ao meu organismo. Portanto, siga meu conselho, se tiver uma dor, não espere até que seja tarde demais para buscar um médico!







O Poder da Palavra

“Deus é um conceito pelo qual nós medimos a nossa dor.”

(John Lennon)

“Você está doente? Nossa, como você está magra (ou magro)!”

Dependendo do nosso estado de espírito, só de encontrarmos um conhecido na rua e sem esperar ouvirmos alguma afirmação desse tipo, poderemos ficar doentes. Dependendo da pessoa que fizer esse tipo de comentário desagradável, no mínimo, isso já será o suficiente para estragar o nosso dia! Não é mesmo?

Bom, já diz a Bíblia que “o mal é aquilo que sai da boca do homem”. Essa frase refere-se obviamente ao poder da palavra. Entretanto, devemos nos perguntar de onde vem a palavra, qual é a sua origem. A palavra tem origem na nossa mente e representa a verbalização de um pensamento. O nosso cérebro envia impulsos elétricos que são ultimamente transformados em comunicação verbal. Então, talvez teria sido mais correto se a Bíblia tivesse dito “o mal é aquilo que sai da mente do homem”. Aliás, esta sociedade em que vivemos também teve seu começo na mente do homem, e o seu estado atual, com todo o seu consumismo, poluição, violência e sofrimento é apenas o resultado da exteriorização dos nossos pensamentos.

Acho que praticamente todo mundo já deve ter tido um pensamento ruim, a vontade de punir alguém, de fazer a justiça com as suas próprias mãos tipo “dente por dente e olho por olho”. Entretanto, possivelmente motivado, dependendo da situação, pela nossa própria

covardia, medo da lei, senso de preservação e sobrevivência e, mais importante ainda, o fato de termos uma formação ética e moral, é que não voltamos à barbárie transformando nossa sociedade em um caos muito maior e generalizado. Quero dizer que há muito tempo é sabido que o “poder da palavra” é reconhecido tanto como grande motivador quanto como um grande destruidor e cabe somente a nós, através da nossa conduta, melhorar este mundo. Sou agradecido pelo fato de minha mente ser só minha e de mais ninguém, porque às vezes ela caminha por lugares obscuros. O que nos diferencia é justamente o fato de que algumas pessoas concretamente executam esses pensamentos ruins transformando-os em realidade. A nossa mente às vezes pode gerar ideias semelhantes às vistas em um filme de guerra, mas isto não quer dizer que temos que sair matando todo mundo!

Na atualidade, vivemos momentos perigosos onde a imprensa mundial, que na verdade nunca foi neutra, busca criar um nível de confusão e pânico onde o cidadão comum não consegue mais saber o que é certo ou o que é errado. Vivemos uma realidade onde grupos, países, raças e religiões são, através da palavra, colocadas umas contra as outras, gerando conflitos por todos os lados e desviando a atenção principal que é a de que os 5% de seres humanos que controlam este planeta duplicaram suas fortunas nestes últimos 10 anos. Não tenham dúvidas de que o poder da palavra quando usado para o mal é mais forte do que qualquer arma! Aliás, indiretamente é o poder da palavra que puxa o gatilho de todas as armas!

O poder da palavra (falada ou escrita) é tão importante que até existe toda uma nova “ciência” chamada neurociência que promete a reconstrução mental do homem, visando consertar seus defeitos e maximizar o seu potencial de sucesso. Se a neurociência é realmente eficaz não tenho elementos para confirmar, mas sei que muitos palestrantes e escritores de livros de autoajuda já ficaram ricos (vide Paulo Coelho). Isso me leva a outro tipo de “palestrante”, os milionários pastores das igrejas evangélicas que através de simples doações financeiras prometem aos seus fiéis a riqueza fácil e a certeza de uma entrada segura no Paraíso. Esses pastores “mestres da palavra” descobriram que a massa humana realmente, como professa a própria Bíblia, é formada por “rebanhos de cordeiros” de fácil manipulação. A ignorância chegou lá e parou!

No entanto, qualquer mestre tibetano lhe informará que o caminho para o Nirvana é duro, cheio de sacrifício e incerto! Não existem atalhos e não há como comprarmos favores.

Numa parábola, conta-se que um homem buscava o Nirvana através da rejeição às coisas materiais. Se alguém lhe pedisse dinheiro ele dava tudo que tinha no bolso. Se lhe pedissem o seu agasalho ou seu próprio sapato ele simplesmente os tirava e dava. Muitos anos se passaram, ele estava bem velho e, de fato, já era quase um santo. Um dia, andando pela rua, um estranho parou na sua frente e ficou olhando atentamente para seu olho direito.

“Gostei muito desse olho! Quero ele para mim!”, foi o que disse, autoritário.

“Tem certeza?”, respondeu o “quase santo”, preocupado.

“Sim, tenho certeza!”. Estendeu a mão aberta formando uma concha e continuou:

“Quero esse olho agora mesmo!”.

Então, com muita dor, o “quase santo” foi enfiando seus dedos pelo canto do olho até entrar por trás dele, extraiu-o e colocou-o na mão do estranho.

Este, por sua vez, trouxe o olho para próximo do seu nariz, cheirou-o, olhou aquele olho atentamente, fez uma careta de desgosto e disse:

“Não era exatamente o que eu esperava!”. Então, jogou o olho do “quase santo” no chão, pisou em cima e foi-se embora.

O “quase santo” ficou tão nervoso e frustrado que naquele momento perdeu toda a santidade que havia conseguido acumular todos aqueles anos. Ele voltou para a estaca zero!

Moral da história: O ato de dar termina quando você dá! Você não pode dar esperando recompensa!

Portanto, todos aqueles que fazem doações nas igrejas esperando garantir sua entrada no Paraíso ou então apagar os seus pecados nunca conseguirão seus objetivos e apenas estarão enriquecendo pastores sem escrúpulos.

Aliás, Aleister Crowley odiava a Igreja Católica (e suas derivações) exatamente por isso. Ele achava que, na verdade, a Igreja era cruel, dominante e controladora, um grande obstáculo para a felicidade e realização do ser humano. Ele dizia que esse Deus que o homem idolatrava

na verdade era o Diabo. Ao mesmo tempo, se aos olhos da Igreja aquele que não acredita em Deus é porque está do lado de Satã, então Aleister Crowley obviamente, dentro da sua revolta e ironia, sempre sendo polêmico usava de blasfêmia e dizia preferir estar do lado do Diabo. Quer dizer, na verdade a postura de Crowley, para mim, parece ser mais semântica do que religiosa, mesmo porque, a lógica diz que se uma pessoa não acredita na existência de Deus obviamente não deve acreditar também na existência do Diabo. Sabendo-se de antemão que Crowley era uma pessoa muito inteligente, fica claro que suas afirmações bombásticas tinham a função única e primordial de balançar as estruturas e fazer o povo pensar.

A religião por séculos e séculos até os dias de hoje sempre foi usada para validar o status quo político vigente. Sua grande estratégia foi, através da palavra, fazer-nos acreditar que temos que aceitar o sofrimento imposto pelo sistema porque “a nós espera o reino dos céus!”.

Recordo-me como se fosse hoje que, lá pelo meio dos anos 70 num prédio próximo ao Planetário existente no Parque do Ibirapuera, por meses, fiz um curso de astronomia (não confunda com astrologia) e uma vez o mestre, com certo ar de deboche e ironia para com aqueles guiados pela fé cega, disse:

“Nós devemos a nossa existência somente ao Sol e nada mais! Sem essa estrela amarela de quinta grandeza para nos esquentar, este planeta nunca poderia ter gerado a vida!”

Isso nos leva à sabedoria pagã. Como já falei no capítulo *Zeitgeist e a desconstrução do Cristianismo*, a própria cruz tão associada à crucificação de Cristo é um símbolo pagão que já era usado à muitos séculos atrás. A cruz divide o espaço em 4 áreas que equivalem às quatro estações do ano: primavera, verão, outono, inverno. Não é à toa que Deus diz: “Eu sou a luz!”. É lógico, ele é na verdade o Sol! Essa dualidade, luz e escuridão, não passa da batalha travada todos os dias pela Terra quando no final do dia a luz do Sol é derrotada pela escuridão da noite só para ser no outro dia, de manhã, derrotada novamente pela luz do Sol. Então, não fica difícil de entendermos o simbolismo de Deus representado pela luz e o Diabo pela escuridão. Da mesma forma a luz também representa a sabedoria e, a escuridão, a ignorância. Na verdade, por analogia também a mente inteligente poderá perceber claramente que Deus (Sol) não existe sem o Diabo (escuridão) e vice-versa, porque os dois fazem parte do mesmo processo.

A descoberta da existência dos opostos bem/mal é usado pela “palavra” extensivamente para enganar e justificar atitudes claramente preconceituosas onde, nos exemplos abaixo, o segundo é sempre considerado inferior: homem/mulher, branco/negro, heterossexual/homossexual, normal/deficiente, rico/pobre etc.

Bom, resumindo, tudo na religião católica, todos os mistérios, desde o nascimento de Jesus até a sua morte e ressurreição podem ser explicados através da astronomia. Não tomem minha palavra por certa, busquem por vocês mesmos e certamente encontrarão estas mesmas respostas.

John Lennon na sua música chamada *God* (Deus) diz:



God

(Deus)

John Lennon

*Deus é um conceito
pelo qual nós medimos nossa dor
Eu direi isto novamente
Deus é um conceito
pelo qual nós medimos nossa dor*

*Eu não acredito em mágica
Eu não acredito no i-ching
Eu não acredito na Bíblia
Eu não acredito no tarô
Eu não acredito no Hitler
Eu não acredito em Jesus
Eu não acredito em Kennedy
Eu não acredito em Budha
Eu não acredito em mantra
Eu não acredito em gita
Eu não acredito em yoga
Eu não acredito em reis
Eu não acredito em Elvis*

Eu não acredito em Zimmerman (Bob Dylan)

Eu não acredito nos Beatles

Eu só acredito em mim

Na Yoko e em mim

E isto é a realidade

O sonho acabou

O que posso dizer?

O sonho acabou

Ontem

Eu fui um criador de sonhos

Mas eu renasci

Eu fui uma morsa (vaca marinha)

Mas agora eu sou o John

E então, caros amigos

Vocês só terão que continuar

O sonho acabou.

John Lennon estava fazendo a terapia do “Grito Primal” com o doutor Arthur Janov, e John perguntou-lhe a respeito de Deus. O doutor respondeu que tinha observado que, quanto mais dor uma pessoa sofre, mais ela busca por Deus, ao que John imediatamente perguntou: “Então Deus é um conceito pelo qual medimos a nossa dor?”.

Já posso até visualizar um monte de católicos correndo com pedras nas mãos, mas, apesar dessa letra ser forte, está claro que John Lennon realmente abriu sua alma para questões fundamentais e não buscava ofender ninguém. Nessa sua poesia ele deixa claro que as respostas para todas as suas perguntas existenciais não estão lá fora com mestres religiosos, cultos ocultos, outros artistas ou personalidades mundiais. Ele deixa claro que tudo depende de nós mesmos e de quem nós amamos e compartilhamos nossa vida. Resumindo, ele diz que para buscarmos as respostas temos que olhar para dentro de nós mesmos! Repare que ele não cita o Diabo, mas sim Hitler, porque, no fundo, quem é realmente mal e diabólico é o próprio homem!

Nós nascemos já programados a nível genético, mas, intelectualmente, ainda uma folha em branco. Então, desde o momento do nosso nascimento, começamos a ser “programados mentalmente” para atender às necessidades de consumo de uma sociedade cada vez mais exi-

gente e eficaz no seu condicionamento. A única arma que temos contra esse condicionamento é a nossa própria razão! É por isso que acho importante repetir a frase de Descartes: “Penso, logo existo!”. Eu prefiro dizer: “Quem não pensa, não existe!”.

Quero terminar este capítulo com um dos maiores e mais perversos exemplos de manipulação e condicionamento.

O sobrinho de Freud, as mulheres e o cigarro

Edward Louis Bernays (22/11/1891 – 09/03/1995) foi um austríaco/norte-americano pioneiro no campo das relações humanas e propaganda, referido no seu obituário como o “pai das relações públicas”. Ele combinou ideias de Gustave Le Bon e Wilfred Trotter sobre psicologia com as ideias psicanalíticas de seu tio, Sigmund Freud. Ele acreditava que a sociedade deveria ser manipulada porque era irracional, perigosa e comportava-se, de acordo com Trotter, como um rebanho.

Bernays sabia que seu tio Sigmund Freud gostava de fumar charutos. Portanto, de tempos em tempos, mandava-lhe uma caixa dos famosos e desejados charutos cubanos. Por sua vez, Freud, talvez como forma de agradecimento, presenteou seu sobrinho com uma cópia do seu livro que ainda não tinha nem sido publicado.

Bernays leu o livro e, como trabalhava ligado à área de publicidade, combinando as ideias de Gustave Le Bon, Wilfred Trotter e Freud, adaptou-as para condicionamento de massa.

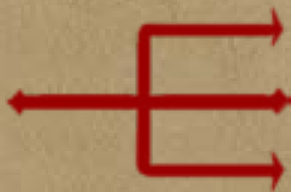
Nesse período as mulheres não tinham o hábito de fumar, pois era uma atividade considerada masculina. As empresas de tabaco, percebendo que o mercado feminino era gigantesco e valia bilhões de dólares, resolveu interferir para mudar os hábitos do mercado. Como convencê-las a acender um cigarro?

Contrataram os serviços de Edward Louis Bernays. Este, sabendo que o dia do Desfile da Independência dos Estados Unidos estava próximo, mandou publicar nos jornais e divulgar para toda a imprensa que, nesse desfile, mulheres estariam desfilando carregando a “Tocha da Independência”. Bom, no desfile passaram uma centena de mulheres marchando orgulhosas, cada uma com um cigarro na boca. Esse foi apenas o começo porque, daí em diante, seguindo seus ensinamentos, não houve um filme de Hollywood que fosse lançado que não aparecesse, além dos homens, também as mulheres fumando e passando a ideia de sofisticação e independência feminina.

Edward Louis Bernays morreu sem reconhecer a sua própria culpa, um velho pretencioso e publicamente desafiante, mas a verdade é que ele foi e é responsável por milhares e milhares de mortes no mundo todo!

Bom, o exemplo acima, infelizmente, é menos do que a ponta do iceberg da manipulação e desinformação que ocorre neste planeta neste exato momento. Fiquem certos de que o “poder da palavra” é poderosíssimo e, como já aconteceu, pode até chegar a eleger um presidente (ou derrubar um!)!





Ⓢ Poder do Ritual

*“Os elementares são como insetos atraídos pela luz, pela cor,
pelo cheiro e infelizmente pelo sacrifício, pela dor.”*

(A. C. Barbieri)

A lenda da origem do café

A mais comum história sobre a origem do café conta que certa noite, entre os anos 600 e 800 depois de Cristo, um pastor chamado Kaldi, enquanto estava com suas cabras aos pés de uma montanha no leste da África, possivelmente onde é hoje a Etiópia, notou que seus animais estavam agindo estranhamente. O pastor foi investigar a causa e descobriu que suas cabras estavam comendo uns caroços avermelhados de uma planta cheia de galhos, bem menor do que uma árvore. Como resultado, as cabras passaram a noite acordadas correndo para lá e para cá o tempo todo. Curioso, o pastor colheu alguns grãos e descobriu que a ingestão dessas frutinhas o deixava revigorado e mais atento.

Foi nesse período que um monge de um mosteiro próximo encontrou-se com o pastor que lhe contou o ocorrido, mostrando-lhe o pé de café. O monge, para fazer uma bebida, moeu alguns grãos de café e acrescentou um pouco de água quente. Essa foi a primeira xícara de café. Só muito mais tarde é que o café seria primeiramente torrado.

Impressionado com os resultados que essa bebida causava, permitindo uma pessoa ficar acordada sem perder a sua capacidade intelectual, o monge levou essa descoberta para o mosteiro. Ele sabia que essa bebida poderia ajudar os monges a ficarem a noite acordados durante as suas longas horas de orações.

Logo, o café espalhou-se de mosteiro para mosteiro, criando uma grande demanda entre os devotos muçulmanos que passaram a acreditar que o café era um presente divino trazido para os fiéis, por um anjo, diretamente do Paraíso. Foi somente séculos depois, que o café foi descoberto pelo mundo ocidental.

Bom, depois dessa introdução, vamos ao ritual:

Acreditava-se que o café tinha propriedades mágicas ou, se preferirem, divinas. Portanto, não é difícil de imaginar um monge todos os dias “conversando” com seu pé de café, rezando para que o seu fruto seja “bendito” e com todas as propriedades esperadas. Certamente, a xícara e os utensílios usados na preparação do café eram tratados com o máximo de respeito. Quer dizer, tomar um café significava plantá-lo, cuidá-lo, colhê-lo, torrâ-lo, moer os grãos e assim por diante, até que ele chegasse à xícara. Tenho certeza que esse café era muito especial e seu efeito poderoso. Infelizmente, com a industrialização e o desconhecimento da importância do ritual na sua preparação, hoje seu efeito deve ser apenas uma pálida lembrança do que era.

O grande problema dos dias de hoje, com o corre-corre e a pressão consumista da sociedade, acabamos de almoçar sem nem prestarmos atenção no sabor dos alimentos, muito menos no “ritual do almoço”, “no ritual do café da manhã”, “no ritual do banho”, “no ritual do preparamos para dormir” etc. Pior ainda, é que esquecemos totalmente da importância do “ritual do encontro familiar” onde dedicamos um tempo de qualidade aos nossos entes queridos.

Como devem ter percebido, a nossa vida diária está cercada de rituais. Imaginem que o simples ato de pôr os pratos na mesa para o almoço seja uma missa onde você será no final coroado com um almoço feito com amor.

Os elementares

Para que velas, flores, música e incenso? Para que o ritual?

Vejam bem, por exemplo, na Igreja Católica, o padre usa todos esses elementos, mas não explica o porquê. Bom, aparentemente, no mundo espiritual, existe por todos os lados uma quantidade infinita de seres primitivos, também chamados elementares. Estes seres, apesar de possuírem certos poderes, são “seres da terra”, algo como as forças da natureza. Eles não são seres intelectuais e funcionam quase como crianças. Eles não conhecem a ética, eles não sabem o que é o bem ou o que

é o mal. Eles apenas buscam a satisfação dos seus “sentidos” e vivem apenas para o prazer.

São como insetos atraídos pela luz, pela cor, pelo cheiro e infelizmente pelo sacrifício, pela dor. Num passado não muito remoto, o sacrifício humano foi usado para controlar os elementares e assim usá-los tanto para o mal como o bem. A Igreja Católica há um bom tempo trocou o sacrifício de animais pelo sacrifício das flores. No Brasil, as religiões trazidas da África lidam muito com os elementares.

Lá pelo final dos anos 70, ainda era bancário e um dia, no final do expediente, usando terno e gravata, visitei as Grandes Galerias, hoje Galeria do Rock. Fui lá, como sempre fazia, caçar umas raridades para a minha coleção de rock. Na saída, a chuva estava forte, abri meu guarda-chuva, atravessei a Avenida São João em direção ao Largo do Paissandu que fica justamente em frente à Galeria do Rock e parei ali mesmo na Avenida São João, no ponto de ônibus do outro lado da rua.

O ponto de ônibus não tinha cobertura e a chuva estava intensa. Como esse ponto nas horas de grande movimento era famoso por ter sempre batedores de carteira por perto, dei uma olhada cautelosa nas pessoas próximas. Foi então que notei, quase ao meu lado, mas um pouco mais atrás de mim, um senhor negro, já bem idoso. O senhor, sem guarda-chuva, sem cabelo algum, sem opção, deixava a água da chuva escorrer livremente sobre o seu rosto.

Não pedi permissão, simplesmente aproximei-me dele e o protegi da chuva. Ele lentamente, com uma expressão séria, olhou para mim e eu respondi com um sorriso. Vários ônibus estavam mais abaixo retidos pelo sinal vermelho e o senhor negro perguntou-me se conseguia enxergar o número do seu ônibus. Olhei, chequei e respondi afirmativamente. Então, quando seu ônibus estava bem próximo do ponto, o negro velho, antes de me abandonar, com uma voz rouca e soturna olhando seriamente nos meus olhos falou:

“Obrigado, meu filho! Se um dia você precisar fazer mal para alguém, eu disse MAL, entre em contato comigo!”.

Ele se foi, deixando na minha mão um pedacinho de papel com seu endereço. Fiquei ali parado, com a boca aberta, surpreendido. Confesso que, naquele minuto, alguns nomes me passaram pela cabeça, mas eu já sabia que a lei do Carma existe para todo mundo, inclusive os meus inimigos. Não devemos nunca desejar o mal para nossos inimigos. Devemos desejar que eles evoluam como Seres Humanos. Nossos desejos

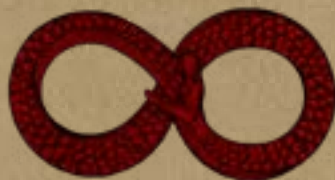
negativos só nos trarão coisas negativas! Certamente esse negro, usando algum tipo de “ritual”, trabalhava com os “elementares”.

Quando falamos em manipular os elementares para utilizá-los a nosso favor, devemos pensar em termos de um remédio com contraindicações. Você pode manipular os elementares para benefício próprio, mas, como disse antes, eles são seres em busca do prazer, e o prazer vicia. Você pratica um ritual forte, extremo e eles gostam e querem mais. Portanto, te seguem até a sua casa, não te deixam dormir e te deixam todo dolorido até que você faça o ritual novamente. É por isso que não devemos brincar com bruxaria e paganismo. É por isso que em tudo quanto é tipo de templo ou espaço esotérico o “astral” do lugar é diferente. Esses lugares estão infestados de elementares trabalhando e ajudando nos rituais. Mesmo quando não há missa ou cerimônia, eles estão por lá porque viciaram-se nas velas, nas flores, na música, no incenso do lugar. Se o lugar é do bem, naturalmente os elementares estarão trabalhando para o bem, mas, infelizmente, o oposto também é verdadeiro.

Acho importantíssimo lembrar que, nessa relação entre o pastor, o padre, o mestre, o político, o rock star etc. e seus discípulos ou seu público, sempre haverá certo vampirismo envolvido onde aquele, comandando o ritual usando os elementares, de forma consciente ou inconsciente extrairá dessa massa humana um pouco da sua energia física e mental. Tanto no templo, na igreja, como no estádio (durante um show de rock), de uma forma inconsciente sempre estaremos dando a nossa “força vital” para aquele que estiver, em destaque, lá na frente. Para aquele que recebe a força vital de milhares de pessoas, o efeito geralmente causa o vício e é justamente por isso que ninguém entrega o poder sem luta, gratuitamente.

Sempre que estou numa situação dessas onde uma multidão está emocionada ou quase hipnotizada por um artista, como um cientista observo não só as técnicas de domínio deste artista, mas também a reação e resposta da plateia. Essa é a minha estratégia, é a forma como me defendo. Nunca deixo-me ser dominado e sempre procuro aprender algo que possa ser, para mim, de bom uso no futuro.





A Seta do Tempo e a Entropia

*“Uma janela quebrada fez-me pensar
Que um dia vai chegar a hora em que meu amor será levado embora
Este pensamento é como a morte que não pode escolher
Isto é chorar antes de ter aquilo que ele teme solto.”*

(William Shakespeare)

Caros leitores, chegamos ao último capítulo e com ele vamos discutir um assunto que elude a ciência por muito tempo, “a seta do tempo”. Poderíamos dizer “o ponteiro do tempo” porque o ponteiro nos leva ao relógio que, como todos já sabem, é um dispositivo criado especificamente para marcar as horas. Entretanto a palavra seta me sugere um conceito mais dinâmico indicando um destino, o futuro e um começo, o passado. Entre esse começo e esse futuro estamos nós aqui neste presente, que é tão volúvel que só de pensarmos nele instantaneamente o mesmo já virou passado.

O poeta Charles Baudelaire no seu livro chamado *As Flores do Mal* fala do relógio e do tempo com a amargura de quem sabe muito bem que “a seta do tempo” aponta principalmente, pateticamente, para a nossa própria morte:



Charles Baudelaire

O Relógio

Charles Baudelaire

Relógio! Sinistro, Deus impassível

Você aterroriza

O seu dedo ameaçador nos diz: “Lembre-se!”

*Logo dores palpitantes serão plantadas
em seu coração como se ele fosse o alvo.*

Vapores de prazer voarão na direção do horizonte
como uma sílfide no fundo do palco;
cada instante corrói uma mordida do prazer
cada homem é dado de acordo com a temporada.

Três mil seiscentas vezes por hora, o segundo
sussurra: “Lembre-se!”, e, com sua voz rápida de inseto,
agora diz: “Eu já estou no passado,
e estou bombeando para fora a sua vida com o meu sifão terrível!”

Souviens-toi! Lembre-se! Pródigo! Esto memor!
(Minha garganta de metal fala todas as línguas)

Minutos, tolos mortais, é a base do mineral
que você não deve deixar ir sem extrair o seu ouro!

Lembre-se que o tempo é um jogador ganancioso
que ganha sem trapaça, sempre! É a lei,
o dia termina; a noite chega; lembre-se!
O abismo está sempre com fome; o relógio de água secou.

Logo a hora soará quando o sorteio divino
ou a virtude sublime, sua esposa ainda virgem,
o próprio arrependimento (Oh! O último refúgio!),
tudo irá dizer-lhe: “Morra, velho covarde! Agora é tarde demais!”

Então, se pararmos para pensar seriamente na morte, na nossa morte que inevitavelmente acontecerá um dia, perceberemos por que o oculto e todas essas milhares de religiões, seitas, cultos, ordens e derivados conseguem sempre arrebanhar um número tão grande de adeptos, capazes muitas vezes até de sacrificar seu bem-estar pessoal, o de suas famílias e, em casos extremos, até suas próprias vidas, na promessa de uma vaguinha no céu.

Quanto mais pensarmos no problema, mais veremos que a mortalidade do homem está intimamente ligada à noção de tempo.

Mas, o que é o tempo?

O tempo é um dos grandes mistérios da existência humana. Durante a história da humanidade, de uma forma ou de outra, todos nós nos debatemos com esse problema e muitos pensadores intensamente buscaram entender esse quebra-cabeças e sua profunda impossibilidade de entendimento. Então, não é de nos surpreendermos que este seja um assunto que, por muitos séculos, tenha cativado poetas, escritores e filósofos.

Mas, curiosamente, parece que a noção de tempo não cativou com a mesma intensidade a ciência contemporânea, em particular a física, onde o papel do tempo parece ser ignorado na ordem das coisas a ponto de ser considerado como uma dimensão esquecida. Digo dimensão porque foi Einstein quem acrescentou mais uma dimensão na sua Teoria da Relatividade: o tempo. A verdade é que no mundo do infinitamente pequeno (atômico) ou do infinitamente grande, das singularidades (Buracos Negros e Big Bang), o tempo não se comporta como esperado.

Quando pensamos no Big Bang, na grande explosão que deu origem ao Universo, encontramos uma complexidade tão grande que mui-

tas vezes até levaram alguns cosmologistas a terem uma visão quase metafísica do universo.

A complexidade destas questões são absurdas, mas o cérebro humano é sempre cheio de surpresas. Então, assim como uma pedra de gelo num copo com água tende a derreter e buscar o equilíbrio, o Universo como um todo, desde o Big Bang, vem fazendo a mesma coisa. A sua temperatura tendeu a baixar e buscar um equilíbrio. Chamamos a isto “entropia”. O nosso Universo é entrópico.

Acontece que, surpreendentemente, a vida não é entrópica, ela vai contra essa lei universal. Se pararmos de nos alimentar ou mesmo de respirar, morreremos. Eu sei que é óbvio! Mas o que é que isso implica? Um corpo vivo se não for alimentado morre, entra em entropia, esfria, entra em decomposição, desintegra-se, volta “a terra”, volta ao seu estado elementar. Então, para mantermos o “equilíbrio da vida” temos que ingerir oxigênio e proteínas. Os vegetais sintetizam as proteínas e os animais comem os vegetais para obterem suas proteínas e nós nos alimentamos dos dois. Estamos no topo da cadeia alimentar, temos o cérebro mais desenvolvido e portanto temos a supremacia sobre o reino animal e vegetal.

O conceito de entropia é, de forma bem básica, a tendência que o Universo tem de buscar um estado de equilíbrio entre dois extremos, o caos e a ordem. Se, como disse, nós paramos de respirar, de beber água e também de ingerir alimentos, o sistema entrópico ganhará a luta, morreremos e continuaremos nos decompondo até voltarmos, depois de milhares ou milhões de anos, a ser simplesmente pó estelar novamente.

Portanto, a vida é uma luta contra a entropia, na qual somos obrigados a consumir a vida vegetal ou animal para continuarmos vivos. Todos os dias temos que “recarregar as baterias” matando plantas e animais para consumir as suas proteínas. Sendo assim, deveríamos ter um respeito muito grande sempre que estivermos na frente de uma refeição. Na mesa, estamos sempre executando um “ritual” envolvendo sacrifício (vegetal/animal). É a magia da preservação da vida! Já faz muitos anos que só ponho no meu prato aquilo que eu vá comer. Comida é coisa séria e não deve ser jogada no lixo, especialmente com tanta miséria neste mundo. Recordo-me que minha mãe sempre beijava o pão duro antes de jogar no lixo (o que acontecia muito raramente!).

Existem dois tempos; um dentro da nossa cabeça e outro lá fora. Como percebemos, o tempo é relativo. O nosso organismo em si só é

um complexo relógio onde o mais óbvio elemento são as batidas do nosso coração. No entanto, vários outros processos orgânicos estão acontecendo a todo instante.

Desde “já é hora de ir para cama” até a regeneração a nível celular, nosso organismo contém vários relógios trabalhando de forma integrada, algo como um relógio dentro do outro e, portanto, a forma como percebemos o tempo varia de uma pessoa para a outra. Além disso, já é de conhecimento geral que as drogas podem causar alterações na forma como percebemos a realidade, incluindo o tempo.

A ciência, por sua vez, vem debatendo com o problema há muitos anos. O físico e matemático inglês Isaac Newton é reconhecido mundialmente como um dos cientistas mais importantes de todos os tempos e uma figura-chave responsável pela revolução científica que vivemos. Seu livro chamado *Princípios Matemáticos de Filosofia Natural* (*Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica*), primeiramente publicado em 1687, criou as fundações da mecânica clássica.

Essa publicação de Newton formulou as leis do movimento e da gravitação universal, que dominou a visão do universo físico dos cientistas pelos próximos três séculos. Ele também demonstrou que o movimento dos objetos na Terra e dos corpos celestes podem ser descritos pelos mesmos princípios. Newton, baseando-se nas leis de Kepler sobre o movimento planetário e também na sua própria descrição matemática da gravidade, pode explicar as trajetórias de cometas e outros fenômenos, removendo as últimas dúvidas sobre a validade do modelo heliocêntrico do cosmo (um modelo planetário tendo o Sol como o centro). Entretanto, nessa visão revolucionária pouco se falou do tempo.

Uma nova revolução científica viria pelas mãos, ou, melhor dizendo, cérebro, de Albert Einstein, um físico teórico alemão. Ele desenvolveu a teoria da relatividade geral, um dos dois pilares da física moderna (ao lado de mecânica quântica). Embora mais conhecido por sua fórmula “ $E = mc^2$ ”, ele recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1921 “por seus serviços à física teórica e, sobretudo, pela sua descoberta da lei do efeito fotoelétrico”; este último foi fundamental no estabelecimento da teoria quântica.

Perto do início de sua carreira, Einstein pensava que a mecânica newtoniana não era mais suficiente para reconciliar as leis da mecânica clássica com as leis do campo eletromagnético. Isto levou-o ao desenvolvimento de sua teoria da relatividade especial. Ele percebeu, porém, que

o princípio da relatividade também poderia ser estendido a campos gravitacionais, e com a sua teoria da gravitação subsequente, em 1916, ele publicou um artigo sobre a teoria da relatividade geral. Ele continuou a lidar com os problemas da mecânica estatística e teoria quântica, o que levou-o a suas explicações sobre a teoria de partículas e do movimento das moléculas. Ele também investigou as propriedades térmicas de luz, que lançou as bases da teoria do fóton de luz. Em 1917, Einstein aplicou a teoria da relatividade geral para modelar a estrutura em larga escala do universo.

A importância de Albert Einstein para a ciência é inestimável, mas aqui para este texto seu uso da velocidade da luz apontou-nos na direção da seta do tempo.

Seguindo os passos de Einstein, outro cientista alemão, Max Planck, um físico teórico, originou a teoria quântica, o que lhe valeu o Prêmio Nobel de Física em 1918. Planck fez muitas contribuições à física teórica, mas sua fama repousa principalmente em seu papel como criador da teoria quântica. Esta teoria revolucionou a compreensão humana de processos atômicos e subatômicos, da mesma forma que a teoria da relatividade de Albert Einstein revolucionou a compreensão do espaço e do tempo. Juntos, eles criaram as teorias fundamentais da física do século 20.

Para irmos à Lua, as leis do movimento e da gravitação universal de Isaac Newton foram suficientes. Agora, para visitarmos um planeta em volta de outra estrela localizada a milhares de anos luz da Terra, teremos que usar a Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Entretanto, para entendermos o que se passa nas vizinhanças de um Buraco Negro, no Horizonte dos Eventos, numa “singularidade”, ou mesmo lá nos processos atômicos e subatômicos das partículas, precisamos da Física Quântica de Max Planck.

Por que estou bombardeando vocês com toda esta complexidade? É porque no meio disso tudo está a “seta do tempo” apontando para uma grande interrogação, e é justamente por isso que até hoje a natureza do tempo ainda desafia o nosso entendimento.

Mas por que estou falando tanto sobre o tempo? É porque acho que a essência da questão na nossa necessidade de entender este fenômeno tempo/morte é o responsável pelo surgimento de todas essas crenças que avassalam o nosso planeta.

A impressão que dá é que o ser humano está a nível genético programado para “crer” no espiritual, na magia ou no oculto.

Dizem que a maior invenção do homem foi a “roda”, mas eu discordo. Acho que nada foi mais importante do que a domesticação do “fogo”.

Imaginem, vivemos milhares e milhares de anos sem o fogo. Todos os dias a chegada da noite era a chegada da morte. Na escuridão total de uma caverna, uma família ou um clã nunca sabia se sobreviveria até o dia seguinte. Os animais, como, por exemplo, o tigre com dentes de sabre ou outro animal pré-histórico, com seu olfato aguçado poderia encontrá-los facilmente. Não tenho dúvidas de que esse terror da escuridão e essa sua associação com o demoníaco deve estar codificado no nosso DNA até hoje. Sem dúvida deve ter sido nesse período que nosso cérebro programou-se para enfrentar e tentar explicar a escuridão, a luz, o fogo, o nascimento e a morte.

Um dos grandes assuntos na ciência é o que refere-se à noção de que vivemos em um Universo “determinista”. O nosso Universo começou com uma grande explosão, sofreu uma expansão e continua até hoje expandindo. Teve um começo e aponta numa direção, e usando as leis da física podemos deduzir para onde estamos indo. Quer dizer, coloquemos na mesma sacola as noções de entropia, tempo e determinismo e temos um Universo previsível...

Bom, não é bem assim, lembrem que lhes disse que o nosso coração é um relógio que contém no nosso organismo incontáveis relógios todos trabalhando interligados? O mau funcionamento de um desses relógios pode muito bem afetar os outros. Quer dizer, existe certo grau de incerteza que só pode ser quantizado a nível estatístico. É, estou falando da Teoria Quântica. Veja o Universo como um organismo e perceberá que dentro dele existem a nível quântico (do muito pequeno e do muito grande) “relógios” funcionando cujos resultados só podem ser apurados estatisticamente. Por outro lado, na formação do Universo muitas formas seguem a “teoria do caos”, arranjando-se matematicamente seguindo fórmulas matemáticas já conhecidas há algum tempo.

Resumindo, todo este falatório é para explicar que o futuro não está assim tão predeterminado como se pensa. Sabemos que a seta do tempo aponta para uma direção, mas o que vai acontecer nesse futuro, dentro de certos parâmetros, está em aberto.

Meu sonho é que um dia seja descoberta a Teoria do Tudo que explique até o mistério da vida, da morte e o que é esta “realidade” engendrada pelo nosso cérebro dentro da nossa mente.

Talvez só então evoluiremos para um grau superior de inteligência, abandonaremos de uma vez por todas essas crenças absurdas e descobriremos que todos nós somos, na verdade, apenas Deuses adormecidos!





Agradecimentos

Muito embora este livro apenas tenha dado uma leve pincelada em muitos assuntos, todos complexos e multifacetados, se não fosse pela participação e ajuda direta e indireta das pessoas abaixo citadas, este livro certamente não teria conseguido expressar minhas ideias de forma adequada. Portanto, aqui deixo os meus mais profundos agradecimentos:

Agradeço ao meu mestre e amigo Zhema Rodero (Vulcano) pelos conselhos e redirecionamentos, verdadeiras aulas sobre o oculto.

Agradeço ao “Guru” Alex Persi que, a seu modo, preocupou-se com a minha “proteção”.

Agradeço a todos os autores das matérias e depoimentos usados neste livro:

Bruno André (*Folha da Tarde*), Carlos Camarez (*Revista POP*), Cristina G. Machado de Oliveira, Daniel Dias Gato, David Cherubim, Enny Parejo, Fabio Headbanger, Jack Santiago, Jasper Lopes Bastos (*Satanic*), Jay Vaquer (*Krig-Ha Bandolo!*), Johnny Hansen, Luís Antônio Silva, Luiz Machado Cabral (*Excalibur*), *metal-rules.com*, Paulo Cesar dos Santos Alves (Paulão Atitude de Bebedouro), Peter Joseph (*Zeitgeist*), Ricardo “Micka” Michaelis (Santuário), Shaun Ley (*HARDtalk/BBC*), Thereza Eugenia, Uruka Angel Vokills, Vagninho Bueno, Dick Siebert & Pompeu (Korzus) e *Wikipedia*.

Tomei grande cuidado para que todos os créditos fossem dados; entretanto, se algum autor deixou de ser mencionado, desde já solicito-lhe que aceite as minhas mais sinceras apologias!

Agradecimentos a Dona Josefa Barbosa de Oliveira, Demetrio Barbieri, Jorge Luiz Barbieri, George Romano, Ana Maria Lemos, Anisio Mello Júnior, Celia Coev, Chicão (Devil Discos), Gastão Moreira, Luiz Carlos Calanca (Baratos Afins), Lidi Keche, Luiz Lennon (Beatles Cavern Club), Marcelo Rossi, Marco Antonio Mallagoli & Mea Mallagoli (Revolution Fã-Clube), Marcos Rossini, Orlanda Géraud, Oswaldo & Celso Vecchione (Made in Brazil), Pazcheco (dopropriobolso.com.br), Ricardo Batalha, Rafael Masini/Nando Machado/Daniel Dystyler (Wikimetal), Rhadas Camponato, Sandro Neres, Tiberio “Luthier” Correa (Harppia), Viper, Wagner Anarca, Walcir Chalas (Woodstock), Zé Brasil (Delinquentes de Saturno) e às milhares de bandas e músicos de rock brasileiros que simplesmente por falta de espaço não são mencionados aqui.

Finalmente, gostaria de agradecer a John Lennon pela sua música, exemplo e inspiração, e também, mais que tudo, a você caro leitor! Desejo de coração que este livro humildemente contribua de alguma forma na sua busca pelo saber.

Antonio Celso Barbieri

barbieri@2bstar.com

www.celsobarbieri.co.uk

www.2bstar.com



**“ROCK HARD,
ROCK HEAVY,
ROCK BRASIL!”**

A. C. BARBIERI